

LEENA LEHTOLAINEN

MEU PRIMEIRO ASSASSINATO

Uma estreia
de tirar
o fôlego para
Maria Kallio...

VERTIGO



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



LEENA LEHTOLAINEN

MEU PRIMEIRO ASSASSINATO

Uma estreia de tirar o fôlego para Maria Kallio...

Traduzido do Inglês por Salma Saad

VERTIGO

*À deriva na maré deslizamos por esta estrada infundável
Tempestades arrebatando arco e quilha
Mas o que é isso, meu camarada ?
Uma impaciente luz no pântano, uma impaciente luz no pântano
Andando e sentindo as pedras sob os pés
Um nascido para o prazer e o outro para a dor
Mas em cada coração o tique-taque de um relógio
Que ao parar era hora de a morte reinar
À deriva na maré deslizamos por esta estrada infundável
Por todo o percurso homem algum, ninguém a conhecerá
Terra, céu e mar – tudo irá se acabar
Como irá a alma se salvar da infelicidade ?
Mas como é bom dizer em sonhos
Que a primavera voltará e que a manhã despontará
Lançados sobre a terra vêm os ventos anunciando o dia
Ou mentiram eles ?
À deriva na maré*

Eino Leino, melodia por Toivo Kuula

Prelúdio

Jyri acordou com uma vontade urgente de ir ao banheiro. Na sua boca havia ainda o gosto de uísque, cerveja, alho e dos cigarros a mais que consumira. Sua esperança, naquele momento, era encontrar em casa um Jaffa vermelho. Quando de ressaca, Jyri preferia fumar um Jaffa, isso quando a situação não era grave o suficiente para que ele não recorresse à cerveja.

A manhã estava divina. Tuulia e Mirja, sentadas na varanda, se ocupavam com o café da manhã. Jyri se divertia ao ouvi-las tagarelar sobre a qualidade dos diferentes tipos de queijo – pois as duas mulheres não se suportavam. Mas como uma delas era considerada a melhor soprano e a outra a melhor contralto da AECLF, a Associação Estudantil dos Cantores do Leste Finlandês, elas tentavam se entender. Mirja era um arquétipo fiel de contralto : cabelos escuros, encorpada e sombria. Ou seja : perfeita para encenar a cigana do *Il trovatore* de Verdi, qual era mesmo o nome dela... ?

Quando o sol resplandecente atingiu-lhe os olhos, sua cabeça quase explodiu. Por via das dúvidas Jyri tomou dois “Buranas Extra Forte”, embora a esta altura ele certamente já estivesse praticamente imune a ibuprofeno.

Ele não achou seu Jaffa vermelho, mas havia suco fresco. O mundo parecia tão cheio de vida que chegava a sufocar : o mar reluzia, gaivotas cantavam no cais, e havia o sinal do mormaço que a tarde iria trazer. Cantar nesse calor não seria fácil.

— Se sentindo um pouco confuso, Jyri ? – perguntou Tuulia, também pálida. Nenhum dos dois havia dormido bem. Mas e daí ? Eles só teriam que trabalhar no dia seguinte.

— Os outros ainda estão dormindo ?

— Piia estava indo nadar. Não vi mais ninguém. Espero que eles se mexam, quem sabe assim talvez a gente consiga aproveitar o dia. – A voz dela comportava certa amargura, pois Tuulia não tinha muita paciência com gente preguiçosa. Achava que a AECLF havia mandado seu melhor quarteto para a vila dos pais de Jukka a fim de que pudessem ensaiar para o próximo concerto, e não para farrear. Então que se levantassem, jogassem um café goela abaixo e começassem a aquecer suas vozes !

Jyri se levantou. Até que nadar não era uma má ideia. A água do mar estava morna, 21 graus centígrados, perfeita. Ele começou vagueando pela doca onde ficavam os barcos. Piia estava na praia, perto da sauna, usando biquíni. Jyri não estava com energia suficiente para se arrastar até lá. Então o melhor era esquecer o baú de trajes de banho, arrancar a roupa e pular na água.

Jukka estava na água também, recostado nas pedras na parte rasa do mar. Pelo buraco em sua cabeça, devia estar sentindo uma baita dor. E ele não parecia estar lá muito animado... De repente, Jyri sentiu um grande enjoo, o que o fez ajoelhar e vomitar sobre o junco.

Depois de dois longos minutos, Jyri conseguiu finalmente se levantar e

caminhar com muita dificuldade de volta para a varanda, onde os outros se achavam. Apesar de possuir uma invejável voz de tenor, Jyri era incapaz de produzir uma palavra que fosse.

— Ora se não é o mandachuva peladão chegando aí ! – disse Tuulia.

— Jukka... está lá na doca. Ai que merda... ele está morto ! Afogado.

— De que diabos você está falando ?

Seguido por Mirja, Antti saiu correndo em disparada até a margem. Momentos depois retornou, indo direto para o telefone, onde também se encontravam os números de emergência. Da varanda todos puderam ouvir a voz grave e ofegante desta contralto chamando primeiro a polícia e somente depois a ambulância.

Quando o telefone tocou, eu estava tomando uma ducha para tirar o sal do corpo. Ouvi minha própria voz na secretária eletrônica seguida pela voz de um amigo me pedindo que ligasse de volta urgentemente. Este meu domingo sem nada para fazer até que tinha durado muito. Por algum motivo, eu havia planejado passar este meu primeiro fim de semana de temperatura amena cultuando o sol, apesar de eu ser uma pessoa que detesta a ociosidade, principalmente a que a praia oferece. Eu ia muito à academia durante o inverno então, pela primeira vez em anos, meu corpo estava mais apresentável em um biquíni, apesar do ritmo da minha bebedeira, mas nunca irei perder meus pneuzinhos. Desliguei a secretária eletrônica e liguei para a delegacia de polícia – a telefonista me conectou com o Rane.

— Oi, Kallio ! Estarei aí em 15 minutos. Está tudo sob controle. Tem um corpo lá em Vuosaari. Os meninos da patrulha ligaram faz meia hora. Você não precisa pegar nada no seu escritório, precisa ? Vejo você em breve !

Enquanto eu procurava por algo decente para vestir, pensei : “Lá vou eu de novo...” Minha saia de uniforme estava em Pasila, então resolvi usar uma calça jeans mesmo. Meu cabelo estava molhado, e o secador só iria embarracá-lo ainda mais. Enquanto fazia uma careta para o meu reflexo no espelho, tentava jogar algo no rosto remotamente parecido com uma maquiagem que pudesse fazer de mim uma policial respeitável. Meus olhos verdes amarelados pareciam os de um gato, e a cor dos cachos dos meus cabelos, bem grossos, se intensificavam com o avermelhado da tintura que eu havia aplicado (Todos irão notar, mas ninguém saberá ao certo de onde vem a diferença...). O que mais provavelmente iria provocar o desdém alheio seria meu narizinho empinado salpicado de sardas geradas pelo sol. Já me disseram que minha boca é sensual, o que em finlandês significa uma boca um pouco mais carnuda.

Será que eu, uma garota vestida às pressas, teria mesmo que me embrenhar em uma das regiões mais afastadas ao leste de Helsinque para defender a lei e restituir a ordem ?

A sirene de Rane podia ser ouvida por uma distância considerável. Assim como metade dos policiais da Finlândia, ele adorava ligá-las. Os mortos não fogem, mas a população não precisa saber disso.

— A turma do laboratório criminal já foi para lá – disse Rane sem rodeios enquanto eu, um pouco desajeitadamente, me sentava ao seu lado em seu Saab. – O corpo achado em Vuosaari é de um sujeito que morreu por afogamento, mas este caso está meio mal explicado. Uma cara de uns trinta anos ; acho que se chama Peltonen. Ele estava passando o final de semana com umas dez pessoas em uma casa de veraneio, um tipo de coral, e hoje de manhã acharam este tal de Peltonen na água.

— Ele foi empurrado ?

— Não sei, não entraram em detalhes. Só sei que são algum tipo de cantores.

Nesse momento Rane virou o carro tão repentinamente para pegar a rodovia que bati com meu cotovelo contra a porta. Foi então que resolvi pôr o raio do cinto, que por sinal estava posicionado mais apropriadamente para um policial homem, e por isso machucava meu pescoço.

— Onde está Kinnunen ? E os outros ? E hoje não era para ser seu dia de folga ?

— Eles estão ocupados com um caso de esfaqueamento que aconteceu ontem. E faz meia hora que estou tentando falar com o Kinnunen, mas você sabe como são os domingos... Ele provavelmente está no terraço de algum bar tentando curar a ressaca.

Rane suspirou e nós preferimos colocar um ponto final nessa conversa. O chefe da nossa seção, o detetive Kalevi Kinnunen, era um alcoólatra, ponto final. Depois dele, quem tomava as decisões era eu, que cuidaria do caso até que Kinnunen se curasse de sua embriaguez ou ressaca, ponto final.

— Escute, Rane, eu acho que conheço esse cara de algum tempo atrás, é uma história meio engraçada...

— Minhas férias vão começar amanhã, e estou disposto a tirá-las. Goste você ou não, este caso é seu e ninguém está perguntando sua opinião.

Pelo seu tom, parecia óbvio que Rane achava que teria sido melhor para mim ter continuado com meus estudos em advocacia, porque sendo assim eu poderia escolher meus próprios casos. Ele sempre gostou de mim, mas com uma certa suspeita, como tantos outros no meu departamento. Eu era uma jovem policial mulher. E além do mais, diferentemente dos outros, estava ali temporariamente substituindo um colega por mais dois meses.

Depois de meu exame final do ensino médio, e para a surpresa de todos a minha volta, eu me candidatei à Academia de Polícia e fui aceita. Na escola, sempre fui do tipo rebelde, uma *punk* vestindo jaqueta de couro, mas que mesmo assim tirava boas notas. A outra *punk* que era mais zoneira, e vivia matando aula, é hoje professora do ensino fundamental. Eu era cheia de noções idealistas sobre justiça social. Imaginava que uma policial seria capaz de ajudar tanto as vítimas quanto os criminosos. Achava que poderia mudar o mundo e queria me especializar na proteção de menores.

Mas a Academia de Polícia tem sido uma decepção. Mesmo assim, e para minha surpresa, eu manejei tudo muito bem, principalmente em comparação aos homens. Há tempos estou acostumada a ser um deles, desde o ensino médio tenho dedilhado meu baixo em uma banda de garagem cheia de testosterona, e também jogava futebol com o “resto dos caras”.

Durante meus estudos eu me acostumei a ser a melhor da turma, e tive que manter isso também na Academia de Polícia. Mas no final das contas, o trabalho de oficial de polícia foi um pouco demais para mim. Dois anos escrevendo relatórios, fazendo revistas em mulheres condenadas ou classificando o histórico social de pessoas responsáveis por pequenos delitos foram o suficiente. Eu estava usando somente uma parte de meu cérebro ; a mais enfadonha e ofensiva. Ninguém estava interessado em minha compaixão e não havia muito uso para

minha inteligência – inteligência que eu sempre gostei de manter em boa forma.

Esses dois anos de trabalho na Academia reacenderam o meu desejo de continuar a estudar e, rapidamente, isso me incentivou a fazer dois cursos de oficial de polícia. Faltavam mulheres e talvez minha promoção tivesse acontecido tão rápido justamente por isso ; o que provavelmente acabou causando certas fofocas entre os meninos. Mas o que parecia causar um ressentimento ainda maior era o fato de eu não estar satisfeita com a minha profissão. No final das contas, acabei entrando para a advocacia pensando estar no caminho certo, e, aos 23 anos de idade, eu julgava saber o que queria da vida, simplesmente por estar interessada na aplicação das leis.

Durante o tempo de faculdade estagiei e fiz alguns bicos com a guarda municipal, e agora, cinco anos depois, eu vim a ser, outra vez, uma guarda municipal. Os estudos me entediaram, e depois de um período de seis meses como substituta no departamento policial de Helsinque, me pareceu ser uma boa ideia, principalmente pelo fato de eu estar me especializando em direito penal. Calculei que esses seis meses me permitiriam uma certa distância de meus trabalhos de classe, enquanto proporcionariam uma nova visão da vida em geral. Até então tal suposição também vinha se mostrando uma grande ilusão. Como investigadora criminal, eu não tinha energia para nada além do trabalho, algumas cervejinhas de vez em quando, e muito pouco tempo para malhar ou caminhar.

E para completar, meu chefe estava fazendo 10 por cento de suas obrigações e nos outros 90 por cento de seu tempo ou estava bebendo ou cuidando da ressaca. Eu não entendo como ele ainda não foi mandado pastar. As obrigações de Kinnunen quase sempre sobravam para alguém, principalmente durante o verão, quando a situação se tornava intolerável. As verbas para efetivar pessoal na mesma função que a minha terminaram em abril, e o período de férias para aqueles que trabalharam em excesso no início do ano estava prestes a chegar.

Eu já não me sentia tão forte como pensava ser quando era mais nova, mas admitir isso seria um grande erro. Meus colegas homens ficavam especialmente de olho no meu estado nervoso, avidamente monitorando minhas reações ao inspecionar casos como o cadáver de algum imbecil que bebeu água com ácido sulfúrico e que agora apodrecia em seu próprio vômito. Não que isso não revirasse o estômago da turma, mas eu tinha menos permissão do que eles para demonstrar minha náusea, simplesmente por ser mulher. Então eu tinha que ser durona e fazer piadinhas tão cruéis na hora do almoço que até mesmo uma garfada de *fricassé* de galinha se transformava em um ato devastador.

Apesar de tudo, não havia nada que pudesse ser feito sobre minha aparência, eu sou completamente feminina. Eu tinha que manter minha juba comprida, porque caso contrário os cachos se descontrolavam. Em comparação aos homens, eu sou simplesmente baixa, minha altura quase que frustrou minha entrada na Academia de Polícia, mas um médico conhecido meu adicionou ao meu certificado os cinco centímetros que faltavam. Meu corpo é uma combinação bizarra de curvas femininas e músculos masculinos. Sou forte para alguém do meu tamanho, e conheço essa força tão bem que situações perigosas não me intimidam. E neste exato momento me dei conta de que estava precisando dessa autoconfiança que costumo exibir quando estou de coque e

usando meu uniforme de policial.

Até então, tanto os meus casos policiais quanto os outros crimes, tinham sempre sido, de alguma forma, impessoais. Mas agora as palavras “coral” e “Peltonen” me provocaram um medo tão afiado quanto uma facada. Se minha intuição não falhara, eu estava prestes a encontrar pessoas pelo menos familiares e que me conheciam de uma época bem diferente.

Durante meu primeiro ano no curso de direito, eu havia morado em um pequeno apartamento estudantil, perto de um shopping no lado leste de Itakeskus. As meninas com quem eu dividia esse lugar discutiam constantemente entre si, porque uma delas, quando ficava em casa, passava metade do tempo cantando. Às vezes tinha um quarteto inteiro harmonizando no quarto de Janna, enquanto o namorado dela tocava baixo. Jukka Peltonen, ou “O Gato”, tinha os olhos de Paul Newman e um constante bronzeado adquirido em viagens de iate. Janna, que passava noites de agonia por causa de Jukka, às vezes me convidava até seu quarto para tomarmos uma garrafa de vinho tinto e conversar sobre o assunto.

Após anos e anos de convivência com garotos do tipo marombeiros, o Jukka era um colírio para os olhos. Para mim os exercícios de voz da Janna nunca foram um grande incômodo, porque ela sempre foi uma boa cantora e caso eu enjoasse de sua música clássica era só colocar meus fones de ouvido e ligar o velho Popeda na maior altura que o problema ficava resolvido.

Mais tarde, quando minha tia-avó morreu, seus herdeiros não quiseram vender o apartamento de Toolo até que o preço do imóvel subisse, então eu me mudei para lá, pois eles só me cobravam o condomínio.

O valor do apartamento subiu, mas meus parentes gananciosos quiseram esperar por uma bolha imobiliária, só que em vez disso veio a recessão e os preços caíram. Assim, acabei morando em um bairro muito melhor do que minhas condições permitiam, rodeada por restaurantes que não podia pagar. De vez em quando eu via Janna na universidade e fiquei sabendo que ela e Jukka tinham terminado. Logo depois Janna se apaixonou pelo filho de uma família que a acolhera durante uma viagem que ela havia feito para a Alemanha, para cantar com o coral, e acabou ficando por lá e virou dona de casa. Eu mantive o típico contato resumido a cartões de Natal com minha antiga companheira de apartamento.

Eu tinha também uma vaga memória dos outros amigos da Janna, de nomes e feições, que agora me voltavam à memória. Além do Jukka havia outros garotos bem interessantes... e eu já bebi uma ou outra garrafa de vinho junto com a turma da AECLF. Eu estava legitimamente receosa de vê-los em Vuosaari porque eu sabia que essa turma tinha uma tendência a deixar a vida passar. Cantores líricos em geral são um caso à parte, uma gangue de masoquistas embarcando numa cantoria de músicas banais junto a pessoas com vozes piores do que a deles, tudo isso regido por um torturador acenando seus braços em movimentos incompreensíveis.

A estrada até a vila se desdobrava através da paisagem verdejante de verão. Rane, apesar de já não ligar mais as sirenes, continuava a correr. Carros de polícia tinham permissão para fazer isso também. Eu era responsável por lhe indicar as direções e nós conseguimos achar a saída principal sem maiores

problemas. Era extremamente vergonhoso quando a polícia se perdia, o que já aconteceu comigo várias vezes, e eu era sempre a culpada. Do outro lado da mata, o mar esboçava um prata cintilante. Uma lebre atravessava a estrada com passos longos e preguiçosos. Uma vespa tentava entrar no carro pela janela.

— Tem alguns casarões de veraneio antigos por aqui que os mais ricos compraram e reformaram — explicou Rane.

Finalmente nós percorremos uma estradinha de terra de uns dez metros de comprimento chegando até uma área isolada. Passamos por um portão arqueado onde uma placa de ferro anunciava o nome do lugar como sendo Villa Maisetta. Uma passagem estreita coberta por plantas levava até o jardim de uma idílica casa de veraneio, um lugar exatamente como eu gostaria de morar. Tinha dois andares, janelas brancas e calhas feitas em um belo trabalho em madeira.

No gramado estavam o carro de patrulha e um Volvo antigo usado pelo laboratório criminal.

— Os caras foram rápidos hoje. O que a gente está fazendo aqui ? — Eu me preparava para uma postura cinica e quase hostil. Nada de lágrimas para cadáveres de antigos namorados bonitinhos de velhas amigas.

Um oficial de patrulha se dirigiu até nós e com ele veio uma garota de cabelos escuros e um ar de melancolia. Nós nos apresentamos e os dois olharam para mim de modo suspeito. Isso me incomodou, mesmo eu tendo me preparado para esse tipo de atitude. A menina de cabelos escuros não me parecia estranha, e o nome Mirja me remeteu aos comentários maldosos de Janna sobre a garota mais chata do coral. Mirja não bebia nem destilados, o que, pelo menos há cinco anos em tais círculos de artistas, era um pecado imperdoável.

Mirja nos levou até a praia onde se encontrava o pessoal do laboratório criminal fotografando um corpo jogado contra as pedras. O médico-legista também estava lá. Suponho que estavam a nossa espera já há algum tempo, pois todo o trabalho já tinha sido feito. Fiquei meio sem graça pelo fato de me aguardarem para poderem retirar o corpo da água ; eu não tinha o menor anseio de ver aquele corpo, ou de reconhecê-lo como o Jukka, e muito menos de ver o que tinham feito com ele.

— E aí ? Alguma conclusão ? — perguntei ao médico-legista, que fumava um pequeno charuto. Ele era um homem de pelo menos 50 quilos acima do peso e que me desprezava quase tanto quanto eu o desprezava. A única diferença é que eu sabia que ele era foda no que fazia, enquanto que ele já não pensava o mesmo de mim.

— Onde está Kinnunen ? — perguntou Mahkonen com um ar de suspeita.

— Onde quer que ele esteja a gente não pode ficar aqui parado esperando que ele apareça — respondi agressivamente. — Vamos, e mãos à obra. O que você acha ter sido a causa da morte ?

— Com base no rosto eu diria que este rapaz morreu afogado, apesar de o buraco na cabeça ser bem intrigante. Eu não sei bem o que pensar, temos que levá-lo para a mesa. — Mahkonen falava olhando para os sapatos de Rane em vez de se dirigir a mim.

— Qual a possibilidade de ele ter sido atingido na cabeça por alguém e depois jogado na água ? — perguntou Rane.

— É bem possível, mas aquele buraco não o afetou muito. De qualquer forma, parece bem estranho. Seria bom saber com que o rapaz foi atingido.

— Talvez por uma pedra ? – Rane olhava em volta, prestando atenção no rochedo da praia, que apresentava algumas pedras que caberiam muito bem na palma da mão.

— É... Fazer os rapazes virar pedra por pedra dessa praia os manterá ocupados – comentou o médico-legista com uma certa ironia.

Eu dei permissão para que o paramédico retirasse o corpo da água e deixei que ele o virasse cuidadosamente. Aquele rosto e seus cabelos louros cobertos de sangue coagulado e de sal me pareciam grotescamente familiar. Nem mesmo o inchaço fora capaz de tirar a expressão de horror daqueles olhos que ainda estavam abertos e que, compostos pelo roxo matizado de sua pele, brilhavam como luzes mornas. Seu casaco branco estava decorado por algas e o jeans grudava em seus pés descalços e pernas amorenadas.

Imagens da versão atraente de um Jukka de alguns anos anteriores passavam dolorosamente pela minha mente. Apesar de Jukka ser alguns poucos anos mais velho do que eu, ainda não devia ter chegado aos trinta. Eu já tinha visto cadáveres de gente nova, mas a diferença é que seus corpos haviam sido destruídos por álcool ou drogas. Contive minhas lágrimas enquanto tentava limpar a garganta. Comecei então a distribuir tarefas para os investigadores do laboratório criminal. De onde surgiu aquele buraco na cabeça de Jukka ? Será que ele escorregou da doca ? E assim por diante. Eu sabia que minhas ideias bizarras me faziam parecer nervosa e apreensiva, mas não havia nada que pudesse fazer para disfarçar. Mesmo tendo visto uma ministra da Defesa chorar em público, isso era o tipo da coisa que eu não me permitia.

— Vamos ver o que sabem as pessoas da casa – falei ao Rane me virando para a bela vila. Foi então que percebi um grupo de pessoas sentadas na varanda da casa, que dava para o mar. Eles devem ter notado meu ataque mal-humorado, mas ninguém estava olhando para nós, como se estivessem tentando negar a presença das autoridades.

Ao prestar atenção, percebi que a vila parecia ser mais uma cópia, talvez de uma casa antiga que ali existira em uma outra época. A tinta devia ter uns vinte anos, mas a casa em si não devia ser muita mais velha que eu.

A varanda estava ensolarada, e mais uma vez praguejei contra minha calça jeans. Alguns membros daquele sexteto sentado na varanda me pareciam familiares.

— Maria ! – gritou confusamente uma voz clara e alta. – Você se tornou uma policial ? Você se lembra de mim ? Sou eu, a Tuulia.

Eu me lembrava muito bem dela. Estava sempre no nosso apartamento e às vezes nós nos encontrávamos na cantina da universidade. Eu gostava da Tuulia, pois tínhamos o mesmo senso de humor. Ela estava mais bonita do que me lembrava, esguia e madura no seu corpo de mulher.

— Lembro – eu disse sem conseguir sorrir – Sim... agora sou a sargento Maria Kallio da Unidade de Crimes Violentos, e este é o oficial Lahtinen. Primeiramente, nos permita apresentarmos e depois nos conte os acontecimentos de ontem à noite. – Eu soava ridícula até para mim mesma e não tinha coragem

de olhar ninguém nos olhos.

Aparentemente Mirja era uma líder nata. Ela falava pausadamente, como se estivesse lendo um documento. Talvez tivesse planejado antecipadamente o que iria dizer.

— Meu nome é Mirja Rasinkangas, e nós somos da Associação Estudantil dos Cantores do Leste Finlandês, a AECLF. A companhia para a qual Jukka Peltonen trabalha está organizando os eventos de verão, e eles queriam incluir um concerto. Prometeram pagar bem, então o Jukka agregou este quarteto duplo para cantar.

O grupo que acompanhava Mirja era composto do quarteto de Jukka e mais quatro cantores que passavam aquele verão na cidade. Os pais de Jukka estavam fora velejando, portanto sua casa de veraneio parecia um lugar ideal para eles ensaiarem.

Os oito cantores haviam se reunido no dia anterior e depois de ensaiarem um pouco partiram para as típicas atividades de verão dos finlandeses : tomar todas e tomar sauna. À meia-noite as pessoas começaram a ir se deitar, mas ninguém sabia bem o que Jukka estava fazendo. A última vez que o viram vivo teria sido às duas da madrugada.

— Eu estranhei não ter visto o Jukka de manhã – disse Mirja. – Mas aí Jyri veio correndo da praia gritando que Jukka havia se afogado, e lá estava ele, na margem... – Sua voz soava trêmula.

— Quando vocês foram até Peltonen, vocês mexeram com o corpo ?

— Eu tentei checar o pulso dele, mas nós o deixamos onde estava – respondeu uma voz grave vinda da varanda. – Eu sou Antti Sarkela, caso não lembre. Como não senti pulso algum, me pareceu óbvio que ele tinha se afogado e que não havia nada que pudessemos fazer.

Eu me lembrava do Antti também. Tive uma queda por ele por quase duas semanas depois que ele sentou ao meu lado no bonde e começou a conversar comigo sobre um livro de Henry Parland que eu estava lendo. Quantos garotos tinham a vaga noção de quem era Henry Parland ? Mas depois resolvi esquecer Antti e cultuar Henry, mas desde aquela nossa conversa passei a achar o Antti tão irritante quanto interessante. Eu o achava bonito. Ele tinha um rosto fino e traços indianos, um nariz longo e media quase dois metros de altura. Eu achava difícil interpretar a expressão de seus olhos, parecia uma combinação de medo e sofrimento. Eu me lembrava também de que Antti e Jukka tinham sido grandes amigos.

— Ok, estou cuidando deste caso agora, o que significa que as próximas entrevistas serão em Pasila. Por motivos de força maior sugiro que vocês deixem a casa imediatamente, pois eu gostaria de começar as entrevistas esta noite mesmo. Posso oferecer uma carona se for preciso. Eu acho que não tem nenhum ônibus que passe por aqui. Mas por enquanto seria bom saber, mesmo que superficialmente, quem é quem, coisas do tipo o que fazem e onde moram. Rane, você está tomando nota ? Quem é você ? – perguntei a um garoto com um porte pequeno que me parecia estar doente.

— Sou Jyri Lasinen – respondeu ele com sua voz de tenor –, tenho 20 anos e estudo Matemática e Ciência da Computação na universidade. – Pelo modo que

falava parecia estar em uma entrevista de trabalho.

— Eu sou Mirja Rasinkangas – repetiu a menina robusta de cabelos escuros –, 26 anos, estudante de História.

— Piia Wahlroos. – Esta voz estava um pouco acima de um sussurrar. Sua dona tinha grandes olhos castanhos, uma aliança de casamento com um brilhante de impressionar, ela era esguia e usava um estiloso vestido de linho... Eu registrava tais detalhes sem arranjá-los na minha cabeça de alguma forma em particular. – Tenho 26 anos e estudo Línguas Nórdicas.

— Sirkku Halonen, 23. Química. Sou Irmã de Piia. Nossos sobrenomes são diferentes porque ela é casada. – Sirkku era uma versão apagada e mais comum de sua bela e esbelta irmã. Ao lado dela, segurando sua mão, estava um homem forte com cabelos ouriçados. Seu namorado, obviamente.

— Sou Timo Huttunen, Ciências Florestais. 25.

— Tuulia Rajala, 29. Ociosa.

— Antti Sarkela. Professor-assistente de Matemática, 29, apesar de eu não entender o que nossa idade tem a ver com tudo isso.

Rane fez uma cara de repugnância ; ele tinha começado a gravar a partir da palavra “apesar” e olhou feio para Antti, como se fosse ele o culpado.

— Ótimo, peguem suas coisas para que possamos ir imediatamente.

Fui até a praia para poder conversar um pouco mais com os peritos. No meio do caminho, me deparei com a maca de Jukka, seu próximo endereço seria o laboratório de patologia. Quando retornei a casa, Mirja estava esvaziando a geladeira.

— A propósito... onde cada um estava dormindo ?

— O quarto de Jukka fica lá em cima, sobre a entrada. Jyri e Antti ficaram no quarto de seu irmão do outro lado do corredor. Timo e Sirkku estavam no final do corredor, na cama dos pais do Jukka e a Piia, Tuulia e eu dormíamos aqui embaixo, no chão da sala.

— Então o Jukka era o único que dormia sozinho.

— Acho que sim. Apesar de eu achar que ninguém passou muito tempo dormindo. Parecia que tinha sempre alguém acordado fazendo alguma coisa. Gente indo ao banheiro, eu até vi o Jyri aqui embaixo, apesar de ter um outro banheiro lá em cima. Quanto aos outros eu não sei, mas dormi muito mal nesta madrugada. Tuulia ronca pavorosamente, e por mais que eu tentasse acordá-la, o ronco não parava.

— Me desculpe se não deixei você dormir. – Tuulia acabara de entrar na cozinha. – Eu imaginei que a consciência de Piia não a teria deixado dormir de qualquer forma... – Ela olhou para a geladeira. – Lá se foi o *bouilla baisse*¹. Vem comer com a gente quando terminarmos com o interrogatório. Um jantar em memória ao Jukka... Até mesmo o molho de tomate tem uma cor apropriada. Pena que a gente só tenha vinho branco.

— Dá um tempo, Tuulia – disse Mirja em tom de desaprovação, sem sequer notar o tremor na voz da companheira.

Eu escapei da discussão e fui até o segundo andar onde Jyri estava dobrando seu saco de dormir defronte a uma bela vista do mar Báltico. Um corredor estreito levava até um quarto espaçoso, que parecia pertencer aos pais de Jukka.

A porta se achava entreaberta e pude ver as pernas de uma mulher na cama sendo acariciadas por mãos masculinas. Sirkku e Timo, concluí.

O quarto de Jukka estava vazio e tinha um ar juvenil, parecia não ter passado por nenhuma mudança nos últimos dez anos. Colcha verde-água, e na parede pôsteres de veleiros, algumas garrafas vazias de Cutty Sark na estante, livros de navegação e um violão. Havia um suéter em cima da cadeira e um par de sapatos jogados embaixo da cama. Na noite de sua morte, Jukka havia saído descalço, talvez por não querer acordar ninguém. A cama estava desfeita, o que indicava que, para onde quer que Jukka tenha ido, ele tinha dormido antes e pretendia voltar.

No último quarto estava Antti Sarkela deitado em uma cama estreita, com as mãos na nuca. Ao me ver, ele deu um pulo, como um recruta perante um sargento.

— Achou alguma pista ? – Sua voz era evidentemente antagonista.

— Talvez. Você estava dormindo neste quarto ?

— Unrum...

— Você conhece... ou melhor, conhecia Jukka muito bem. Teria como você vir comigo até o quarto dele para me dizer se falta algo ?

Antti pareceu grande demais para aquele pequeno quarto.

— Não sei se saberia dizer. – Antti deu uma olhadinha no armário. – São as mesmas roupas de sempre. Jukka sempre tinha essas coisas aqui e acabava trazendo só uma malinha quando vinha para cá. Ali está ela. Provavelmente algumas partituras e meias limpas... É, eu acho que as coisas por aqui estão como antes.

O olhar de Antti se deparou com um livro de partituras para corais mistos que se achava em cima da mesa. Estava aberto na página de “Levado pela corrente”, uma música de Toivo Kuula ² carregada de emoção. Apesar de eu não ser uma grande fã de poesia, sempre gostei da obra de Eino Leino na qual essa música é baseada. Jukka havia feito uma série de anotações nessa página. Antti desviou os olhos, e percebi que ele estava mordendo o lábio.

— Era isso que vocês estavam ensaiando ontem ? – perguntei, mais para quebra do gelo do que por curiosidade.

— Dentre outras coisas, o cliente requisitou músicas finlandesas.

Eu peguei a carteira de Jukka, que se encontrava ao lado do livro de partituras. Algo me dizia que eu não havia notado tudo que aquele quarto tinha para me dizer.

Já era quase hora de partirmos da vila. A área da praia estava fechada para acesso. Os peritos ficaram para procurar algo que pudessem qualificar como a arma do crime, e um policial uniformizado permaneceu na casa para se encontrar com os pais de Jukka, que estavam chegando naquela noite.

Eu olhei para o grupo de pessoas que interrogaria naquela noite e eles me pareceram desorientados. Era plausível que algum passante pudesse ter testemunhado a morte de Jukka, ou que fosse responsável por ela. Era uma possibilidade que não podia ser descartada. Durante o verão, houve vários furtos nos arredores da cidade. Talvez Jukka tivesse se deparado com algum desses ladrões fugindo em um barco. Havia várias cabanas na ilha e quase todas

ficavam vagas a maior parte do tempo.

Entretanto, naquele momento, o resto desse quarteto duplo teria de ser o alvo da investigação. Pelo menos um deles sabia mais do que tinha me dito. Talvez um deles tivesse até matado Jukka. Nesse caso não estávamos lidando com um criminal profissional e desalmado, mas sim com um cidadão comum que em breve seria consumido pela própria culpa, pensei cheia de otimismo.

Antti e Tuulia tinham voltado para a praia e me parecia que eles estavam tentando explicar algo aos policiais.

— O que há ? – indaguei ao me aproximar para chamá-los para partir.

— Meu gato Einstein – explicou Antti. – Faz duas horas que ele sumiu e eu não posso ir sem antes achá-lo.

— Você acha que ele se perdeu ? – perguntou Tuulia preocupada.

— Claro que não, ele nasceu aqui ! Só deve estar em uma de suas expedições.

— Que tal se você vir conosco e voltar outra hora para procurar seu gato ? – sugeri, soando um pouco mais antipática do que era minha intenção.

Eu disse para os policiais que estavam guardando a área para ficarem de olho no gato e para pegá-lo caso o avistassem. Eles me olharam como se eu estivesse fora de mim.

— Ah, quer dizer então que agora estamos perseguindo gatos também – comentou um deles irritado.

O carro de Jukka também ficara para que técnicos pudessem dar uma olhada inicial nele. Mais tarde seria levado para o laboratório ; as chaves estavam na ignição. O BMW de Piia Wahlroos comportava cinco dos membros do coral. Não havia sentido em mandar um policial junto para evitar que eles formulassem algum álibi, pois todos tiveram tempo suficiente para isso antes da chegada da polícia. Eu podia apostar que Mirja Rasinkangas e Antti Sarkela seriam os únicos a aceitar uma carona com a polícia. E se tivesse apostado mesmo, teria ganhado. Empurrei meu assento para a frente assim que senti as longas pernas de Antti cutucarem atrás no meu banco, pois o contato me irritara.

— Então, Maria, o que você faz como policial ? – perguntou Antti enquanto saíamos da pequena estrada de terra para o asfalto. – Da última vez que a vi você estava estudando direito.

— Eu fiz um estágio na Academia de Polícia antes de entrar para o direito, era para ser temporário.

— Você já desvendou muitos desses... assassinos ?

— O suficiente.

— Cara, não subestime a inteligência dessa garota – disse Rane em um tom ácido. Isso me divertiu. O complexo de baixinho de Rane ataca outra vez. Ele também estava pouquíssimo acima da média mínima de altura necessária para entrar na Academia. E eu nem me preocupei em ralar com o Rane por me chamar de garota, afinal de contas ele estava me defendendo. Ai, a velha linha ténue.

— Você morava com a Janna – notou Mirja de repente. – Agora estou lembrando... – Parecia que as lembranças que ela tinha de mim não eram necessariamente das melhores. Deve ser por causa daquela vez em que

bebíamos todas juntas e eu fui abrir meu bico sobre o que achava sobre a importância dos corais.

Eu tinha que ligar para Janna na Alemanha. Ela já havia namorado o Jukka e podia até mesmo me passar alguma informação importante. Janna com certeza conhecia a maioria das pessoas envolvidas no assassinato ; afinal fazia só dois anos desde sua turnê hessiana³.

Passamos o resto da viagem em silêncio, eu precisava organizar internamente tudo que sabia até agora antes que começasse o interrogatório. De acordo com a estimativa do médico perito, Jukka havia recebido um golpe diagonal e frontal contra a cabeça com um instrumento sem corte. O possível assassino devia ser bem mais alto que Jukka, e, no caso, Antti, que estava no carro comigo, era o único candidato. Ou, alternativamente, Jukka estaria sentado ou ajoelhado. Mas não agachado, pois no caso o golpe teria sido realizado por um outro ângulo.

Será que Jukka teria marcado um encontro na doca com alguém que ele queria encontrar a sós ? Ou fora surpreendido enquanto estava no local ?

A única forma de esclarecer os fatos seria por meio de trabalho árduo, questionando e ouvindo pessoas. Os homicídios que tinha resolvido até então eram consideravelmente simples, algum bêbado que esfaqueara um companheiro de copo ou enfiara uma machadinha na cabeça da mulher. Mas foram homicídios casuais, não premeditados. Seria este agora meu primeiro assassinato ?

¹ Prato típico da culinária francesa constituído de uma sopa preparada à base de peixe. (N.T.)

² Compositor e maestro finlandês (1883-1918). (N.T.)

³ Em alusão ao escritor alemão Herman Hesse (1877-1962). (N.T.)

Ainda não havia nenhum sinal de Kinnunen na delegacia. O oficial de serviço relatou que a última vez que fora atrás dele em seu apartamento, havia se deparado com a mais nova namorada do chefe. Ela informara que Kinnunen estaria no Parque da Esplanada, mais especificamente na varanda do café Belle Époque Kappeli, acompanhado de quatro copos de cerveja. Rane e eu decidimos que seria melhor tratar do caso sem ele, pois não poderíamos deixar as pessoas esperando na delegacia a noite toda. E ninguém mais teria tempo de ajudar com as entrevistas. Desta vez nós nem nos preocupamos em praguejar contra Kinnunen. Já havíamos perdido a conta de quantas vezes fomos obrigados a cobrir as tarefas dele porque ele não havia cumprido suas obrigações.

Por não conseguir pensar em nada mais sensato, decidi interrogar os membros do coral em ordem alfabética. Eu faria as perguntas enquanto o Rane tomava notas, simplesmente porque ele não teria muita utilidade neste caso. Ele já estava pronto para uma segunda-feira sem ligar o alarme do carro e com a oportunidade de esquecer todas as mazelas do mundo. Mas por enquanto Rane ouviria tudo que as testemunhas tinham a dizer, e eu pelo menos poderia saber sua opinião antes de ele sair de férias. Nos últimos meses, eu havia descoberto que apesar de seus preconceitos e da sordidez, Rane até que tinha uma certa intuição. Claro que se sentia incomodado pelo fato de uma mulher dez anos mais nova que ele ter chegado aonde eu cheguei simplesmente pulando de curso em curso – ao contrário dele, que se encontrava ali pelo mérito de seu trabalho.

Sirkku Halonen foi a primeira a ser interrogada. Ela estava extremamente agitada, então tentei fazer algumas perguntas rotineiras para acalmá-la. Eu não sou muito maternal, ou seja, não sou muito boa em confortar os feridos. Me saio melhor com os durões do que com menininhas cheias de medo de serem molestadas. Timo Huttunen tentou forçar sua entrada para poder proteger a namorada, mas eu o botei para fora.

Sirkku contou que fazia três anos que ela e Jukka se conheciam. Eles haviam se visto algumas vezes em festas na casa de Piia e de seu marido Peter. Ela e Timo estavam namorando fazia mais ou menos um ano. Ela achava que o Jukka era um cara “muito legal” e não imaginava por que alguém poderia querer matá-lo.

— O final de semana prometia... Eu tenho um emprego de veraneio na área de perfumaria da Sokos do centro, que é a maior pauleira. Mal podia esperar pelo final de semana.

Tive a impressão de que ela estava mais chateada por seu final de semana ter sido arruinado do que pela morte do amigo.

No início achei que não ia conseguir arrancar nada dela. Segundo afirmou, nada de diferente acontecera no sábado. Eles ensaiaram um pouco, e suas vozes

se entrosaram bem. Daí, enquanto Jyri tocava piano, Jukka e Antti foram para a sauna.

— Imagine só ter um piano na sua casa de veraneio ! Timo e eu fomos beber vinho de morango na varanda. Mirja e Tuulia foram fazer o jantar. Estava muito bom, elas fizeram tipo um *ratatouille*⁴. A Tuulia cozinha muito bem, apesar de ter exagerado um pouco no alho. Daí o Timo e eu saímos para remar... e o resto da turma foi para a sauna. Lá pelas 11 nós nos juntamos a eles.

Quando o casalzinho apaixonado voltou da sauna, tinha um pessoal na sala bebendo e ouvindo música em frente à lareira. Tudo muito sereno.

— A que horas você foi dormir ? Você foi para a cama antes ou depois do Jukka ?

— Eu acho que antes, não vi que horas eram. Timo e eu ficamos com o quarto dos pais do Jukka no segundo andar. Eu fui ao banheiro uma vez durante a noite, lá em cima mesmo, e não passei lá fora, nem eu nem o Timo, que dormiu a noite toda.

Eu fiquei pensando como é que Sirkku sabia disso se ela também estava dormindo. Vai ver estavam tão agarradinhos que o menor movimento a teria acordado.

— O Jukka parecia estar normal ontem ?

— Estava, ele estava bem-humorado. Nem brigou com Piia durante o ensaio, mesmo com ela errando o tempo todo. Piia é segundo soprano, e era para ela começar a música fazendo um solo, mas não estava dando muito certo. Mas Jukka tem sempre uma pacienciazinha a mais com a Piia, quer dizer, tinha...

Parecia que Sirkku estava insinuando que Piia tinha sido incluída no coral por razões além de sua habilidade como cantora.

— Honestamente, eu acho que os dois estavam de caso desde que o Peter, marido da Piia, foi para os Estados Unidos participar de uma corrida de iates, seis meses atrás. Seis meses é o maior tempão, não é ? Enfim, o Jukka começou a dar em cima da Piia assim que Peter virou as costas. Talvez eu não devesse estar contando isso... mas a própria Piia fala sobre o assunto abertamente, então não deve ter nada a ver. Eles vão ao cinema juntos e coisas assim. Felizmente o Peter está são e salvo no seu *Marlboro of Finland*, que é como se chama o barco deles, porque ele certamente teria razão suficiente para matar o Jukka. Quer dizer, não, não razão para matá-lo, mas ele era bem ciumento...

— Então quer dizer que o Jukka não tinha problemas com mulheres ? Como é que era o seu relacionamento com ele ? Já rolou alguma coisa ?

Da última vez em que estive com a Janna, se não me engano, ela andava se queixando de o Jukka estar “abaixando o nível” e estar “comendo quem caísse na rede”.

— Ah... bem, só uma paquerinha uma vez na Alemanha, mas nada sério. — Sirkku não chegou a se irritar com a minha pergunta. A conversa com certeza a acalmou, e na sua voz agora havia quase um tom de orgulho. — O Jukka e a Janna já tinham terminado nessa época, mas eu tenho certeza de que o flerte dela com o Franz o deixava puto. Eu e o Jukka nos divertimos juntos, e naquela época eu nem tinha reparado no Timo. Nosso lance não passou dessa viagem, principalmente porque eu estava namorando um cara aqui.

— O Timo tinha ciúmes do Jukka ?

— Por causa do que aconteceu na Alemanha ? Não, e nem tinha por quê, já não tinha mais nada entre a gente e além do mais eu nunca trairia o Timo.

Mas o seu namorado daquela época você trairia, pensei eu, achando graça.

— Na noite passada, quando você foi ao banheiro, ouviu mais alguém pela casa ?

— O banheiro do segundo andar ficava ao lado do nosso quarto, então não tive muito tempo para ver nada, principalmente porque eu estava meio sonolenta e ainda bêbada. Eu voltei direto para a cama. Apesar disso, ouvi os roncoss da Tuulia. Eu não entendo como que a Piia e a Mirja conseguiram dormir com aquele barulhão. A Piia com certeza ia dormir muito melhor se tivesse ido para a cama do Jukka, e por falta de convite é que não foi. — De repente a expressão de Sirkku demonstrou um ar de culpa. — Um pouco depois que a gente voltou da sauna, eu fui lá para cima e os dois estavam discutindo. Ele pedindo para que eles dormissem juntos e ela não querendo. Mas foi só isso.

— O que acordou você no meio da noite ?

— Vontade de ir ao banheiro, é claro ! — disse Sirkku, dessa vez com uma expressão contemplativa. — Ai, sei lá... talvez tenha ouvido um barulho, mas não tenho muita certeza. Eu geralmente tenho que ir ao banheiro durante a noite se fiquei bebendo até mais tarde. — Sirkku deu uma olhada para Rane e suas bochechas ficaram coradas.

Eu particularmente não gosto de flertes infantis, vai ver que é porque não seja bem a minha. Liberei a Sirkku e disse que talvez precisasse dela outra vez depois do final de semana, depois pedi que mandassem o Timo entrar.

— Por que ela está expondo o romance entre o Jukka e a sua irmã ? Será que ela acha que isso tem algo a ver com o que aconteceu ? — perguntei, meio pensando alto e meio para o Rane. — De qualquer forma, nós temos que ver por onde andou o *Marlboro of Finland*. Lembra da confusão que deu esse negócio de publicidade de cigarros ? Enfim, ver se ele está aportado em algum lugar e se, por algum motivo, Peter Wahlroos veio para cá no meio de sua corrida. Eu acho meio impossível. Mas talvez o cara tenha o sangue quente de viking correndo nas veias : se Penélope não está dando conta de mantê-los longe, que Odisseu os ensine a se comportarem.

Eu parei de fazer confusão com minhas figuras míticas quando Huttunen entrou na sala. A ideia de um marido vingativo se escondendo atrás da moita com os sapatos cheios de lama não me pareceu muito convincente. Pelo menos não tanto quanto a sugestão de Sirkku de que o assassino poderia ser algum passante. Imagino que no fundo essa era a esperança de todos.

Timo Huttunen parecia entediado. Seu jeito me fez lembrar de seu xará do romance *Seven Brothers* de Aleksis Kivi : olhos azuis acinzentados, cabelos louros escovados para o lado, e bem encorpado. À primeira vista, ninguém imaginaria que ele faria algo relacionado a arte, ou pelo menos não música clássica. Ele é o tipo do cara que você vê no bar ao lado de uma academia de ginástica bebendo sua terceira cerveja. Sua primeira frase me surpreendeu.

— Espero que nenhum de vocês tenha sido rude com a Sirkku. Ela está completamente arrasada com o que aconteceu. — A imagem do malandro se

desfez perante sua maneira refinada e quase delicada de falar.

Timo contou que estava passando o verão trabalhando em uma concessionária de maquinários para agricultura e que estava com a AECLF havia três anos. Seu relato sobre o que acontecera na noite anterior foi mais ou menos o mesmo de Sirku : bebendo na varanda, namorando na sauna (neste momento ele corou de orgulho e a imagem de malandro ganhou alguns pontos outra vez), e declarações de amor em frente à lareira. Timo havia dormido como uma pedra e não acordou quando Sirku se levantou para ir ao banheiro ; então não sabia dizer quanto tempo ela esteve fora. E Timo tinha sua própria versão dos motivos que levaram Jukka a ser assassinado.

— Pessoalmente, eu não tenho nada contra o Jukka, mas seu jeito de ganharão me incomodava. E não gostava do modo como ele flertava com Piia. Ela é casada, pelo amor de Deus ! Antti também não gostava e já disse isso ao Jukka.

— Como assim ?

— Bem, o Peter... marido da Piia... era um velho amigo do Jukka e do Antti. Deve até ter sido ele quem apresentou a Piia ao Peter. Eu estava levando umas cervejinhas para eles na sauna e não pude evitar ouvir o Antti falando para o Jukka algo do tipo : “Não estrague ainda mais a vida do seu amigo, ele já tem problemas suficientes”. Aí o Jukka disse que pelo menos ela não tinha nada contra. Daí virei e voltei para a casa, porque não estava a fim de ouvir mais nem uma palavra.

— Então quer dizer que nenhum deles falou diretamente que estavam conversando sobre a Piia e o Peter ?

— Não... mas sobre quem mais poderia ser ? – Os olhos azuis de Timo me fitaram com um olhar intrigado. – Jukka era irritante quando se tratava mulheres. Ele tinha que estar sempre dando em cima de alguém. Eu só vim conhecê-lo depois que ele e Janna terminaram o namoro. Você e Janna moraram juntas, certo ? E desde essa época ele estava sempre na caça. Musicalmente ele é, quer dizer era, supercompetente, ele era um ótimo cantor, e sabia disso. Afinal de contas, era o líder do coral.

Havia um certo tom de amargura na voz de Timo. Será que Jukka havia feito algum comentário sobre sua habilidade musical ?

— Ele tinha um bom diploma, acho que tinha acabado de ser promovido no emprego, e suponho que ganhava muito bem. Pelo menos, baseado no que ele vestia, era essa a impressão que eu tinha. É claro que tinha outras coisas na cabeça além de mulheres, mas de uma certa forma me parecia que era com isso que ele se ocupava a maior parte do tempo.

Eu tive a impressão de que Timo se sentia aliviado por Jukka não estar mais aqui para poder seduzir. Por outro lado, Jyri Lasinen parecia genuinamente de luto. Seus olhos estavam tão vermelhos que chegava a ser patético. Jukka tinha sido um de seus melhores amigos. Imaginei como me sentiria se acordasse de ressaca um dia e me deparasse com o cadáver de um grande amigo meu boiando no mar. Jyri tinha entrado para a AECLF fazia um ano, mas já tinha vários anos de experiência em corais em Savolína e no Leste Finlandês.

— Eu nunca tinha estado na casa de verão do Jukka, e cara, que lugar ! Muito

bacana. Nós fomos no carro da Piia e eu dirigi porque estava a fim de saber como é que era dirigir um BMW. O Timo e a Jukka vieram com a gente. O resto da turma estava um pouco na nossa frente no carro do Jukka e eu queria ultrapassá-los, então fiz uma manobra para passar por eles. Aquela estradinha de terra é muito legal para dirigir. – A estranha voz aguda de Jyri era como a de uma criança agitada. Com base em sua respiração, concluí que ele teria se fortificado com algum tipo de estimulante no caminho.

— Jukka dirige bem, mas com certeza a forma como ele ia ultrapassando os carros em zigue-zague me meteu um certo medo... as meninas até gritaram. Quando chegamos na casa, começamos a ensaiar e estávamos indo superbem, eu sabia todas as minhas partes. Até mesmo o Timo, que é um segundo tenor mas não consegue atingir nenhuma nota além do fá, foi legal no ensaio. Daí quando a gente tinha enjoado de cantar, eu fui para o piano, tinha lá uma partitura da “Ária de Lensky”, você conhece? – Jyri assoviou algumas. Eu nunca tinha ouvido falar, mas escondi minha ignorância e vergonha atrás de um sorriso sonso. Rane continuou impassível.

— Depois a Tuulia me pediu que não tocasse músicas tristes e eu comecei a folhear uma edição antiga de “Songs of Hope” que eu tinha achado em cima do banco. Aí eu acho que a gente foi comer e depois fomos para a sauna. Jukka e eu fomos nadar, apostamos uma corrida e eu ganhei. Daí eu comecei a beber. O Jukka tinha uns uísques bem bons, Jack Daniels, sabe?

Eu havia tido o prazer de me apresentar a este “senhor”, talvez um pouco intimamente demais em mais de uma ocasião... foi então que percebi que o hálito de Jyri também era de Jack

— Tuulia e eu dançamos um pouco, mas o CD de Bach que estava tocando não ajudava muito. Então acho que fui dormir e na manhã seguinte acordei meio mal.

Rane digitava copiosamente, e me indaguei se não era uma imitação do modo indiano de falar do Jyri, que sempre parecia em um constante estado de nervos. Apesar de seus olhos avermelhados e da barba malfeita, Jyri era um garoto bem estiloso. Seus cabelos ligeiramente avermelhados – será que era tintura? – tinham um corte moderno e ele parecia ter prestado atenção a cada detalhe do que vestia. As meias combinavam com o violeta da camisa da Burberry e com a armação de seus óculos. Ele era baixo e esguio e aparentava ser bem mais novo do que era, quase um menino.

Fora ele quem tinha achado o corpo. Mirja havia mencionado que ele perambulava pela casa na noite do crime. Quando perguntei sobre isso, suas bochechas coraram como se de culpa.

— É... eu nem me lembrava disso. Eu acho que ainda estava meio bêbado. Foi logo depois da meia-noite. Eu acho que tinha ido para a cama, mas não conseguia dormir, aí me levantei para ver o que a Tuulia estava fazendo. Ela estava deitada de costas, roncando, e a Mirja estava sentada na cama me olhando, mas a Piia... não estava em lugar nenhum.

— Você não a viu lá em cima?

— Ela devia estar lá, com o Jukka... É, bem, quando eu estava tentando dormir eles estavam lá em cima conversando e a Piia estava dizendo que não,

que beijar e transar eram duas coisas bem diferentes, eu acho que você já sabe que eles estavam de caso...

— E depois disso ?

— Nada. Eu acho que a Piia desceu e daí o Antti subiu para dormir, aí eu esperei um pouco e fui atrás da Tuulia, mas ela estava no sétimo sono e roncando. E depois disso eu realmente fui dormir, e nada mais de uísque para afogar minhas tristezas.

— E, finalmente, que horas eram quando você foi dormir ?

— Devia ser tipo três...

— E o Jukka estava no quarto dele ?

— Eu não sei, a porta estava fechada. Não sei se Piia estava lá ou em outro lugar.

— Quando você achou o Jukka na água, havia algo de significativo ?

— Significativo ? Bem, ele estava morto. Acho que isso é bem significativo. Eu não percebi mais nada, e não estava querendo ficar olhando... Aí a ressaca bateu e comecei a vomitar.

— Você voltou à praia depois disso ?

— Não. A Mirja e o Antti que foram, e a Mirja voltou primeiro e depois o Antti, que disse que era melhor não começar a fazer bagunça e ficar indo para lá.

Após a torrente de palavras de Jyri, a gravidade apática de Mirja Rasinkangas souou ainda mais irritante. O que me lembrou ainda mais vividamente da visita de seus pais ao nosso apartamento e seu jeito de me tratar, como se eu fosse inferior porque não escutava “música de verdade”. Música *punk* não contava. Então só para irritar comecei a criticar uma das músicas do repertório da AECLF, um lamento sobre o desejo de voltar a Karelia, tomada pelos russos durante a guerra, que eu as havia ouvido ensaiarem por horas a fio. Na verdade, minha posição sobre música clássica não era tão negativa quanto fiz parecer, e, além do mais, ninguém além da Mirja levou meu comentário a sério.

O que mais estava me irritando era que, com a Mirja, eu ficava sempre com um pé atrás. Um policial justo deveria abordar todas as testemunhas com a mesma neutralidade.

— Nós chegamos lá pelas seis – ela contou. – O Jyri e o Jukka estavam dando uma de babacas e sendo imprudentes quando pegamos a estrada de terra, sorte nossa não ter acabado numa vala. Eu estava passando mal, mas é evidente que a gente tinha que cantar. Nós estávamos lá era para isso, apesar de algumas pessoas parecerem ter se esquecido desse fato. Nós tivemos um ensaio bem eficiente por algumas horas, mas aí as coisas começaram a debandar e o Jyri começou a querer começar a beber e coisa e tal.

— O que mais que vocês ensaiaram além da música de Toivo Kuula ?

— Nós passamos a maior parte do ensaio nisso, ainda mais porque o segundo soprano estava meio devagar, e o Jyri estava levando o maior tempão para decorar as partes dele. Nós também ensaiamos um pouco de *Piae Cantiones* e algumas músicas folclóricas finlandesas.

— Quem é o segundo soprano ?

— A Piia, é claro ! – disse ela de forma arrogante, como se a resposta fosse

óbvia. Eu me lembrava de que Janna também era segundo soprano. Ela se apresentava aos outros como “soprano de segunda classe”, incapaz de cantar agudo o suficiente para ser soprano de verdade ou baixo o suficiente para ser contralto.

— E depois que o ensaio terminou ?

— Tuulia e eu fizemos comida, como sempre enquanto uns trabalham tem gente que fica de boqueira, e depois eu lavei a louça e fui para a sauna. Tudo estava normal. O Jyri estava dando em cima da Tuulia, o que foi meio estranho. No mais tudo ocorreu como qualquer outra noite de ensaio : sauna, bate-papo, bebida. Eu geralmente não bebo mais de duas taças, e também estava meio antissocial, então fui lá para o barco que estava na doca e fiz arremessos com a vara de pescar que encontrei por lá. Eu peguei um lúcio de dois quilos, você acredita ? ! Todo mundo achou que eu estava brincando. – Mirja tem muito orgulho de sua habilidade como pescadora. É difícil imaginá-la usando uma vara, mas já matando é bem mais fácil.

— Depois de limpar o lúcio, eu estava bem cansada, então fui a primeira a ir dormir, devia ser quase meia-noite.

— Mas você acordou mais tarde quando o Jyri foi para a sala, certo ?

— O ronco da Tuulia estava de levantar defunto, então a Piia e eu acordamos. Ela foi ao banheiro, e depois o Jyri apareceu lá embaixo na sala. Eu também fui ao banheiro e depois virei a Tuulia bruços para ela parar de roncar, mas não funcionou. Um tempo depois finalmente adormeci.

— Nesse momento, onde estava a Piia ? Ela voltou do banheiro ? – Eu senti que durante toda a entrevista Mirja esperava que eu fizesse alguma pergunta idiota. Era como se eu estivesse em frente a uma professora muito severa que sabe que a aluna tão honrada a sua frente é no fundo uma rebelde que fuma escondido no banheiro.

— Eu não sei muito bem, acho que ela pode ter ido com o Jyri a algum lugar, melhor você perguntar a ela. Eu fui a primeira a levantar, deviam ser umas oito, e fui fazer café e fiquei apreciando a bela manhã de verão. Lá pelas 10, liguei o som para ver se o resto da turma finalmente levantava, afinal de contas era para a gente já estar ensaiando. Na verdade, achei estranho o Jukka não estar em lugar algum da casa, sendo que ele era o dono. Mas você sabe como são os homens, sempre esperando que as mulheres preparem o café.

Pelo menos uma vez na vida eu e Mirja concordamos em alguma coisa.

— Quando Jyri veio correndo e gritando que o Jukka estava inconsciente nas pedras, você e Antti se apressaram até o local, por quê ?

— Como assim por quê ? Quando uma pessoa aparece gritando que tem alguém morto é claro que você vai lá dar uma olhada. Acho que os demais ficaram sem ação. Em grupos maiores tem sempre alguém que sabe o que fazer.

— Pelo que o Antti disse, vocês olharam o pulso do Jukka e concluíram que ele estava morto, e depois vocês ligaram para a polícia antes de chamar uma ambulância. Vocês tinham certeza de que o Jukka estava morto ?

— Na verdade eu nem cheguei muito perto do Jukka, e o Antti parecia que não queria... que ele queria evitar que eu o visse. Então não cheguei a ver muito bem o Jukka, mas eu confiei no veredicto do Antti, e o telefone da polícia ficava

antes do da ambulância na lista de telefones de emergência da agenda dos pais do Jukka.

— Você voltou ao local depois de ter chamado a polícia ?

— Não, mas o Antti voltou e nós ficamos lá esperando.

Isso queria dizer que Antti Sarkela teve a oportunidade de ficar a sós com o corpo e, caso fosse preciso, de esconder qualquer evidência. Talvez tenha sido um costumeiro crime finlandês : uma briga entre dois bêbados. Por uma garrafa de vodca ? Ou por uma mulher ?

— Você tem ideia de quem poderia ter matado o Jukka, ou por quê ?

— Mais fácil perguntar quem não teria razão para matar o Jukka.

— Então tudo bem, quem não teria ?

— Eu não tinha motivo nenhum para querer vê-lo morto. Nunca houve nada entre nós. E eu também duvido que Antti tenha, porque eles eram grandes amigos. Mas já os outros... Sirkkä teve um lance com o Jukka quando eles estavam na Alemanha e isso arruinou o namoro dela. Vai ver que ela pensou que Jukka e ela tinham algum futuro, ela é imatura o suficiente para achar isso... E o Timo sempre teve ciúmes do Jukka.

Isso me parece um assunto pelo qual a Mirja poderia se empolgar.

— Talvez a Piia tivesse ido um pouco além do que pretendia com Jukka, e talvez o Jukka estivesse ameaçando contar tudo ao Peter para fazê-los terminarem. E também tem a Tuulia e o Jukka. Agora, esse sim, é um relacionamento estranho, às vezes eles são amigos, depois estão juntos. Ninguém sabe muito bem o que ela pensa dele. E depois tem o Jyri, que admira o Jukka um pouco demais. Ele dependia do Jukka de um jeito meio estranho. E o Jyri anda meio apaixonado pela Tuulia e o Jukka estava enchendo o saco dele por causa disso. A Tuulia estava flertando com o coitado descaradamente, mesmo sem a menor intenção de ter algo com ele. Definitivamente a Tuulia é a melhor candidata a assassina, ninguém mais conseguiria esconder uma coisa dessas até agora – concluiu Mirja.

“Ninguém além de você”, pensei eu, e logo em seguida e sem muita gentileza pedi a Mirja que me enviasse a Tuulia. Eu gostaria que meu cérebro tivesse o mesmo sistema de organização que o cérebro da Mirja, mas na verdade ele estava cada vez mais confuso.

Interrogar a Tuulia seria ainda mais difícil do que ter entrevistado a Mirja, pois eu sempre gostei dela. Quando nós nos encontrávamos no café da universidade, gostávamos de trocar piadinhas. A Tuulia tinha questões existenciais, assim como eu. Ela estava fazendo Comunicação e Sociologia, mas sem muito sucesso, e eu sabia que ela havia trocado de curso e feito Teatro, mas que ultimamente estava estudando História Cultural em Turku. Fazia vários bicos por aí e parecia não ter pressa em se formar ou em se estabelecer.

— Ei, a Piia poderia ser entrevistada de uma vez ? É que a gente quer ir lá para casa para comer o que sobrou e fazer uma reunião em memória do Jukka. Mas o Antti não quer ir, então será que ele poderia ser o último ? Você está seguindo em ordem alfabética não é ? – perguntou Tuulia, que obviamente estava se forçando para soar bem-disposta.

— Tudo bem. Os outros continuam esperando lá fora ?

— Continuam, ninguém está a fim de ir a lugar algum sozinho, ou em dois. Quem sabe quem pode ser perigoso ? Ai, tudo parece tão estranho. Faz 20 anos que conheço o Jukka... E o Antti, éramos da mesma turma no colégio.

— E o que você anda fazendo agora ?

— Estou estudando História Cultural em Turku, e neste verão estou fazendo um curso uma vez por semana por aqui mesmo. Nos outros dias eu trabalho de monitora em um parque e no meu tempo livre eu bebo. Então não, ainda não sou uma pessoa respeitável, apesar dos meus quase 30 anos – disse ela com um sorrisinho.

— O que aconteceu ontem ? – Eu não podia sorrir de volta, mesmo querendo.

A história de Tuulia foi a mesma das dos demais. Descansaram, socializaram, cantaram e curtiram a bela noite de verão. Mirja teria sido a primeira a ir dormir e logo depois o Jyri – o que deixou a Tuulia bem satisfeita, sendo que ela não estava a fim de paquera – depois foram o Timo e a Sirkku, seguidos pelo resto da turma.

— Quando eu disse boa-noite ao Jukka devia ser logo depois da uma, e pronto. De manhã, esmurrei a porta do quarto dele para avisar que o café estava pronto, mas ele não respondeu. Eu abri a porta e o quarto estava vazio, acho que pensei que ele tinha ido nadar ou talvez eu não tenha pensado nada.

— Por que você não foi até a praia para ver o que havia acontecido com ele ?

— Eu não tenho o menor interesse em cadáveres, e de um certo modo pensei que o Jyri estava exagerando. O moleque ainda estava bêbado hoje de manhã. É obvio que a Mirja correu até lá só de curiosidade, ela está sempre se metendo em tudo. E quanto ao Antti... Por mim ele não teria visto nada daquilo, ele gostava do Jukka pra caramba. – Tuulia colocou as mãos no rosto, deixando cair seus cabelos loiros sobre a testa. Eu continuei com as minhas perguntas, pois não estava com tempo para ficar vendo ninguém chorar.

— Você conhece o Jukka há muito tempo. Teria ideia de alguém que o odiasse o suficiente para matá-lo ?

— Como que eu vou saber ? Claro que fiquei pensando sobre isso, mas de que adianta ? Mas há de haver uma explicação lógica para o que aconteceu. A única pessoa que posso imaginar fazendo algo tão a sangue-frio é a Mirja, mas não consigo imaginar por que ela faria uma coisa dessas.

— Será que ela estava apaixonada pelo Jukka ? – Eu não conseguia acreditar que as mulheres estavam culpando umas às outras.

— Não era pelo Jukka que ela esta apaixonada ! Ela tem corrido atrás do Antti desde que ele e a Sarianna terminaram uns dois anos atrás. É claro que ela nunca me contou sobre isso, mas é o tipo da coisa que todo mundo já está sabendo. Eu acho que teve uma festa em que ela praticamente se jogou no colo de Jukka só para fazer ciúmes no Antti, o que, claro, não funcionou. Ontem ela apareceu se gabando daquele peixe que pegou, que jeito mais interessante de conquistar um cara, hein ? Foi horrível. Para a Mirja, é claro. O Antti definitivamente precisa de alguém bem mais intenso do que aquele *iceberg*.

— Como era a amizade entre você e o Jukka ?

— Ah, era ótima. Eu o conhecia superbem e nós sempre nos divertíamos muito juntos. Nós nos entendíamos muito bem, transávamos quando tínhamos

vontade, fingíamos que éramos um casal em festas chatas de coquetel, emprestavamos dinheiro quando o outro precisava. Estava tudo indo muito bem até ontem. Como que pode isso acontecer com uma amizade tão legal... – Tuulia estava prestes a chorar de novo, mas obviamente percebeu que um interrogatório policial não era o momento certo para as suas lágrimas e resolveu retornar ao estado de falsa animação.

— Eu espero que você possa arrumar um motivo para aquela idiota da Mirja, eu detestaria se fosse um de nós o responsável – disse Tuulia com um sorrisinho que não funcionou muito bem.

— Por que você e o Jukka continuaram na AECLF ? Não é um coral mais para estudantes ?

— Bem, eu ainda não me formei – disse Tuulia um pouco brava. – Talvez seja coisa de adolescentes, mas eu gosto. Tem sempre alguém com quem sair para beber depois do ensaio. No outono passado, tentei entrar para o Cantiamo, mas todo mundo era tão meia-idade e todos tinham filhos. Um tédio. Eu admito que na AECLF talvez chegue até ser um modo de eu prolongar minha adolescência, saindo com o pessoal de 20 e poucos. Já Jukka só queria ser o tal. Na AECLF ele pegava todos os solos, mas em um coro melhor ele não se destacaria tanto. Antti está sempre tentando sair, mas para nossa sorte a gente sempre dá um jeito de fisgá-lo de volta. – Tuulia se levantou. – Tem mais alguma coisa que você gostaria de saber ou já posso pedir para a Piia entrar ? Vamos combinar de sair um dia desses para tomar um drinque quando tudo isso terminar.

Rane olhou para Tuulia com um ar de reprovação. Em seu mundo o lugar de uma mulher era em casa fazendo filhos, e ele realmente detestava pessoas como a Tuulia. Quando ela saiu, ele me disse secamente que não nos era permitido ser mais camaradas com um do que com os outros . Pelo menos era isso que eles ensinavam na Academia 20 anos atrás.

Fui forçada e engolir minha resposta inadequada porque Piia Wahlroos entrou sem bater. Ela parecia estar mais ansiosa do que triste. Brincava com seus belos cabelos lustrosos e mexia na aliança, que parecia larga demais para seus dedos finos. Sinal de que, inconscientemente, ela gostaria de se livrar tanto de um quanto de outro. Eu havia lido isso em alguma revista, onde testes do mesmo tipo indicavam ser eu uma pessoa maternal e calorosa.

Piia e Peter Wahlroos estavam casados há pouco mais de um ano, mas ele estava em uma viagem de regata fazia seis meses, e a Piia só iria vê-lo dali a três semanas, quando viajaria aos Estados Unidos para encontrá-lo. Independentemente de tudo que os outros disseram e com base em seu tom, me pareceu que ela estava com saudades do marido.

— Eu deixei o Jyri dirigir meu carro para a Villa Maisetta porque eu estava meio ansiosa... É que não estava conseguindo falar com o Peter já há alguns dias, e as tempestades por lá estavam tão severas que nem no jornal havia notícias sobre seu paradeiro.

Me pareceu que ela estava mais preocupada com o marido do que com a morte de Jukka.

— Como era seu relacionamento com Jukka Peltonen ? – Melhor ir direto ao

ponto. Ficar fazendo rodeios não faria bem a ninguém. Piia imediatamente corou e logo depois sua reação foi quase agressiva.

— Ah, então quer dizer que as línguas andaram afiadas ! Eu estava me sentindo tão sozinha com o Peter longe, e nós não temos dinheiro suficiente para que eu o encontre em cada porto da parada. Jukka e Peter são bons amigos e o irmão dele, o Jarmo, também está no *Marlboro*. Claro que o Jukka e eu temos estado muito juntos por causa das mensagens que a gente recebe do barco, e é claro que nós temos saído juntos para comer e para irmos ao cinema, mas é só... apesar de nenhum deles acreditar, não importa quantas vezes eu afirme. Até mesmo a Sirkku mentiu para nossa mãe dizendo que eu tinha ido para a cama com o Jukka, o que com certeza não é verdade !

— Bem, e o Jukka tentou ? Me desculpe, mas isso faz parte do interrogatório, e eu ainda não sei o que pode ou não ser importante eu saber — disse apressadamente, e de imediato me arrependi de estar me desculpando por fazer meu trabalho.

— Sim, ele tentou. A última vez foi ontem, mas eu não quis.

— Você acha que o Jukka queria dar a impressão de que havia algo mais entre vocês do que de fato há ?

— Eu não sei... o Jukka não era um cara tão esclarecido quanto parecia. Às vezes eu quase acreditava quando ele dizia que tinha se apaixonado por mim. Mas como eu já sabia de sua reputação, não dava para levá-lo a sério. Mas ontem foi meio estranho ; ele disse que não queria ficar sozinho, que me queria lá com ele, perto dele. Mas é claro que eu não acreditei, ele já me pediu para estar perto dele antes e tive que expulsá-lo lá de casa quando isso aconteceu. Mas agora... Talvez ele estivesse vivo se eu tivesse aceitado.

Eu a fitava como que hipnotizada enquanto suas lágrimas cinematográficas rolavam pelo rosto. Elas não estragaram sua maquiagem, nem fizeram seu nariz escorrer ou desfiguraram seu rosto ; de alguma forma, simplesmente faziam parte.

— Você se lembra exatamente do que o Jukka lhe disse e quando ?

— Nós estávamos indo dormir. Ninguém mais estava acordado, só nós, o Antti e a Tuulia. O Jukka me pediu para subir, aí você sabe... Como eu tinha bebido além do normal, nós nos beijamos e coisa e tal. Mas o Jukka estava muito mais intenso, então eu dei um fora nele. Só que ele começou a insistir de forma estranha ; ele dizia que não queria ficar sozinho naquela noite porque estava se sentindo nervoso. E eu disse que o Jyri e o Antti estavam do outro lado do corredor.

— E depois ?

— Ele deu uma risadinha e respondeu : “O Jyri e o Antti, ah, agora eu me sinto bem mais seguro !” Daí eu me irritei e descii.

— Você teria alguma ideia de por que o Jukka estaria nervoso ? Ele falou alguma coisa ?

— Não. Eu achei que era uma nova forma de tentar me levar para a cama.

Eu dispensei a Piia e fui ao corredor rapidamente. Todos ainda estavam lá esperando, Timo e Sirkku abraçadinhos, Jyri deitado no colo da Tuulia. Eu pedi a eles que ficassem na cidade na primeira metade da semana, para o caso de

precisar interrogá-los outras vezes, o que gerou comentários do tipo : “Ei, nós ainda não fomos detidos”.

Ainda faltava interrogar Antti Sarkela. Talvez ele tivesse tido tempo suficiente para compreender a situação, porque seu rosto era pálido e enrugado, parecendo ter muito mais de 30 anos. Eu comecei a pensar que ele estava ali disposto a confessar o crime, tão insanas eram suas feições.

Entretanto ele respondeu calmamente às minhas perguntas de rotina. E mesmo assim tive a sensação de estar dedilhando um baixo com afinação errada.

Antti conhecia Jukka basicamente a vida inteira, os dois garotos já brincavam juntos antes do ensino fundamental. Ficavam sempre na mesma turma, foram para o mesmo departamento de Matemática durante o primeiro ano de faculdade. Mas depois o Jukka resolveu mudar para Engenharia. Antti escolheu prestar serviço civil em Rovaniemi em vez de se juntar ao serviço militar. Quando terminou, foi dividir um apartamento com o Jukka na Isso Roobertinkatu no centro. Quando os namoros de cada um dos dois rapazes começaram a ficar sérios, Antti se mudou com Saariana para outro lugar, enquanto Janna passava metade do tempo no apartamento do Jukka, sem nunca querer, eu me lembro muito bem, se mudar para lá de vez. Agora o Antti estava morando em um estúdio em Korso, logo depois do aeroporto, perto de linha de trem.

Antti havia investigado o corpo superficialmente. Ele prestou serviço civil como assistente hospitalar, então estava acostumado com situações de emergência e sabia dizer quando alguém estava morto.

— Pela primeira vez em muito tempo estávamos nos divertindo. Quando a gente pegou a autoestrada leste, eu achei que Jukka estava no maior astral ; fazendo bobagens como às vezes fazia quando éramos crianças. O rádio havia mencionado algo sobre uma apreensão de drogas, daí ele começou a brincar de máfia e a apostar corrida com o Jyri, que fingia ter entrado para a “família”, e a Tuulia também aderiu à brincadeira. Parecia que eu tinha ficado 20 anos mais novo, mais leve. Quando éramos crianças, Jukka adorava brincar de pirata quando íamos velejar. Aí nós fomos ensaiar, e eu achei que tinha ficado muito bom. Foi legal cantar as mesmas partes que Jukka, porque ele era muito preciso. O mais musical de todos do grupo — Antti pareceu hesitar por um momento. — Depois quando fomos para a sauna, percebi que havia algo de errado e achei que fosse por causa da Piia. No final das contas eu não sabia o que ele esperava disso. Nós éramos todos amigos do Peter, e ele é o melhor amigo do irmão mais novo do Jukka. Eu não concordava com o Jukka ter um caso com a Piia, e disse isso para ele. Mas em perspectiva, me parece que essa não era a única coisa que incomodava o Jukka.

— E como que ele expressava essa preocupação ?

— Não sei dizer. Sabe quando você conhece muito bem uma pessoa que dá para sentir quando algo está diferente ? Era muito comum o Jukka começar a vacilar quando estava nervoso. E além do mais, ele estava sendo meio grosseiro durante o ensaio, implicando com o Jyri porque ele não estava sabendo suas partes e falando para a Mirja cantar mais alto.

— Você acha que ele estava mais nervoso do que com medo ?

— Sim. Mas à noite, depois de termos bebido um pouco, tudo parecia ter voltado ao normal. Nós conversamos sobre música e sobre o espetáculo e os outros projetos do coral. Mirja foi pescar e causou uma comoção quando pegou um lúcio e começou a gritar pedindo que alguém trouxesse uma rede. Era um belo peixe, quer ver ? — Antti chutou sua mala. — Ninguém mais quis, então estou levando para o meu gato. Isso se ele estiver preparado para voltar a viver conosco, os humanos.

— Você dormia perto do quarto de Jukka, chegou a ouvir algo durante a noite ?

— Eu acordei quando o Jyri se levantou no meio da noite para ir ao banheiro. Achei que ele tinha ido vomitar, sendo que mais uma vez ele tinha bebido um pouco demais. Depois acordei quando já tinha amanhecido. Um barulho me acordou, e tenho tentado pensar o que poderia ter sido, talvez um tipo de pancada. Nossa janela estava aberta e os passarinhos estavam fazendo o maior estardalhaço. Talvez tenha sido uma porta batendo, não sei.

— Quem matou o Jukka ?

— Eu não sei — disse ele abruptamente —, mas graças a Deus que o Peter está do outro lado do planeta, porque ele seria capaz de matar por ciúmes, ele era muito possessivo.

— Nós vamos procurar por ele. Agora pode ir ver se acha seu gato.

Depois que o Antti saiu, abaixei a cabeça, apoiando-a nas mãos. Rane estava ocupado digitando suas anotações. Eu esperava que o interrogatório fosse me dar uma luz sobre se a morte de Jukka tinha sido um assassinato, um homicídio culposo ou um acidente. Suicídio me pareceu ser a opção menos convincente, mas mesmo isso tinha que ser considerado.

Nós ainda tinhamos que conversar com os pais de Jukka e achar Jarmo Peltonen, seu irmão mais novo. Depois teríamos que tirar uma autorização para entrarmos no apartamento de Jukka e também ir conversar com seus colegas de trabalho. Ninguém do coral mencionara algo sobre Jukka ter uma namorada, mas como era o Jukka, ele poderia ter até mais de uma.

Teríamos que investigar a situação financeira dele. Jukka tinha um carro extraordinariamente caro para um rapaz tão novo, que ainda devia estar pagando seu empréstimo estudantil. Que tipo de salário estaria recebendo ? Talvez a solução para o caso tivesse a ver com o seu trabalho.

Eu não devia focar todas as minhas energias no coro. Alguns deles até que tinham outras obrigações, e o Jukka certamente era um. E também não fazia sentido eu esperar encontrar muitas evidências durante a primeira rodada de entrevistas. Muito menos ser presenteada com uma confissão. Porém, todos estavam surpreendentemente calmos, como se a morte súbita de um amigo fosse algo comum. Talvez um deles fosse um ator extraordinário. Ou será que eram todos inocentes ? Mas por que alguém de fora escolheria uma casa de veraneio cheia de gente como local para um assassinato ? E era improvável que houvesse por ali algum assaltante durante esta época do ano.

— O que você diria se nós assumirmos que um deles matou o Peltonen ? — perguntei a Rane. Ele deu de ombros.

— Ei, eu estou supertranquilo, isso não é problema meu. São todos muito

estranhos, parece que ninguém se permite ficar longe um do outro. Mas a minha favorita é a rechonchuda... Rasinkangas. Ela é a mais fria de todos, igual a minha sogra. E definitivamente teria a coragem de esmagar o cérebro de alguém.

— Mas qual o motivo ?

— Ah, você irá encontrar um. A menina agressiva, Tuulia Rajalas, disse que Rasinkangas já deu em cima do Peltonen uma vez. Talvez isso tenha gerado alguma consequência sobre a qual ninguém sabe, e ela poderia estar tramando uma vingança já há muito tempo.

— É uma pena eu não poder usar sua brilhante imaginação neste caso. Tudo isso me aterroriza. Eu conheci o Jukka, e realmente preferiria não cuidar deste caso ! Não consigo ser objetiva.

— Calma. Use o fato de você ter conhecido o Peltonen e os outros a seu favor. Me pareceu que eles a tratam mais como uma amiga do que como uma policial. Talvez não a levem tão a sério, mas desta vez isso pode ser bom.

Durante o verão o Rane presenciara outras situações em que o meu papel como policial não havia sido levado a sério. E para minha grande admiração, agora ele estava tentando me dar uma força.

— Se eu fosse você falaria com aquela Rasinkangas outra vez. Ela com certeza está sabendo mais do que disse. Me parece que ela é a estranha do ninho e que tem o hábito de se meter na vida dos outros. Eu também daria uma olhada naquele outro, o Lasinen. Talvez ele estivesse tão bêbado que nem se lembra de ter acertado o Peltonen.

— Ok, tio Rane. E boas férias para você.

E depois dessa conversa estimulante eu realmente tinha dito isso de coração.

4 Prato rústico típico da região de Provença. (N.T.)

5 *Os sete irmãos*, considerado por muitos o maior romance finlandês já escrito. (N.T.)

6 Compilação de canções em latim da Idade Média. (N.T.)

3.

Mas o que é isso, meu camarada ?

Uma impaciente luz no pântano, uma impaciente luz no pântano

Na segunda de manhã eu olhei para o meu reflexo no espelho, satisfeita. Minha saia justa de uniforme e a camisa bem passada me faziam parecer firme e eficiente. Os cabelos presos em um coque e a maquiagem escura me envelheceram. Felizmente eu podia utilizar de roupa, cabelo e maquiagem para mudar a impressão que tiveram de mim. Fiquei com um ar mais maduro e competente em minha saia de uniforme, ao contrário de quando uso jeans e tênis, em que dou a impressão de que vou começar a dizer palavrões e sair correndo. Enquanto eu passava o batom, era como se tivesse pintando uma máscara para poder me disfarçar, e isso foi bom. Às dez em ponto eu estaria me encontrando com o pai de Jukka, Heikki Peltonen, que era engenheiro. Antes disso, eu precisava verificar os resultados de laboratório e da autópsia.

Heikki Peltonen havia me ligado no domingo à noite. Tive a sinistra sensação de que o oficial de segurança tinha lhe dado o meu telefone em vez de o do meu chefe. O policial de plantão e também Antti, que havia voltado a Vuosaari para procurar o gato, tinham contado para Peltonen o que acontecera. Maisa, a mãe de Jukka, entrara em estado de choque, mas Heikki Peltonen queria se encontrar comigo, e com o policial que estivesse investigando a morte de seu filho. Ele evitava usar a palavra assassinato e parecia irritado com o fato de termos isolado a doca e a praia e de estarmos à procura de uma possível arma na floresta e nas proximidades do mar. Essa irritação fria devia ser só uma reação ao trauma. Pessoas em luto geralmente se comportam irracionalmente, e Heikki Peltonen faz parte da geração de homens que haviam sido criados para avançar sem lágrimas, independentemente da situação.

O chefe da unidade, o capitão que era o meu superior depois de Kinnunen, ligara imediatamente para Peltonen. Nós teríamos uma reunião logo de manhã. O capitão também informara de passagem que Kinnunen estava com “problemas de estômago”, e que provavelmente não viria trabalhar por alguns dias e que eu seria responsável pela investigação do caso de Jukka.

Achei uma boa ideia usar mergulhadores para investigar embaixo d’água, talvez eles pudessem encontrar o objeto usado para atacar Jukka. Mesmo com a possibilidade de que a água tenha apagado as impressões digitais.

Até então a causa da morte de Jukka não havia sido esclarecida. E eu pensei por que na minha cabeça sempre considerava assassinato, mesmo sem evidências do fato. Talvez Jukka tivesse morrido por homicídio culposo, algo feito em um momento de raiva, e isso nos proporcionaria impressões digitais.

Depois de ter falado com o capitão eu chamei o patologista, Mahkonen, que confirmou que a causa da morte teria sido por afogamento. O golpe na cabeça teria provavelmente resultado em algum tempo de perda de consciência, mas

em si não era o suficiente para matar ninguém. Jukka tinha caído ou sido empurrado na água e por azar encheu o pulmão de água. Mahkonen ainda não tinha certeza se as outras contusões no corpo de Jukka foram causadas por algum tipo de luta ou pelo atrito contra as pedras. Havia muito álcool em seu sangue, então havia também a possibilidade de Jukka ter escorregado, batido a cabeça e caído no mar. Mas o que o havia levado até a doca, e descalço ?

— O golpe na cabeça ocorreu entre três e quatro da madrugada, assumindo que ele caiu no mar logo depois. Não há detritos materiais nas feridas ; pode-se concluir então que o objeto que o atingiu na cabeça era sólido e pesado.

— O que você quer dizer com isso ?

— Bem, não poderia ter sido uma pedra que estivesse esfarelado, por exemplo. Por outro lado o objeto era duro e sem corte, mas, dado a marca da ferida, não necessariamente polido ou liso.

— Quanta força foi usada no golpe ?

— Isso depende do instrumento. Até mesmo uma criança seria capaz de produzir um ferimento desses com algo grande e pesado. Se todos os seus suspeitos forem adultos, eu não descartaria ninguém.

Não houve nada de surpreendente ou particularmente esclarecedor na avaliação de Mahkonen. Cheguei em casa às nove e pouco e não consegui dormir. Fiquei com vontade de beber algo, mas a única coisa que eu tinha em casa era um licor meio enjoativo de kiwi que havia trazido de souvenir da Suécia, uns seis meses antes. Por um momento até considerei dar uma saída para tomar uma cervejinha, mas fiquei com medo de acabar exagerando... E também não estava a fim de confraternizar, pois iria acabar me irritando com qualquer um que tentasse sentar na minha mesa, o que sempre acabava acontecendo no bar da esquina. Por sorte uma velha amiga ligou e eu acabei passando meia hora com ela ao telefone fofocando sobre amigos em comum. Ela parecia uma central de notícias e tinha sempre uma novidade para contar ; e perto de algumas delas até mesmo certos assassinatos pareciam fichinhas.

Eu olhava a vista enquanto organizava meus pensamentos. Os tabloides não haviam saído ainda, mas tinha certeza de que um ou dois já estariam no caso. O verão estava quase acabando e a Finlândia inteira parecia fechada para balanço, então os caçadores de notícias andavam cavando fundo para achar histórias chocantes. Eu não estava nem um pouco a fim de virar manchete. “DETETIVE MULHER CONDUZ INVESTIGAÇÃO : ASSASSINATO NÃO DESVENDADO” e coisa e tal.

A delegacia de polícia de Pasila já se encontrava a todo vapor quando cheguei. Havia na minha mesa uma ordem do capitão para que eu me apresentasse imediatamente para relatar o caso. Eu me arrumei e me conduzi até sua sala, que estava toda enfumaçada de charutos. Não fiz questão de esconder do capitão o fato de eu não suportar fumaça quando sóbria. Ele que fume cinco charutos ao mesmo tempo se quiser, contanto que não me envenene. Talvez ele se julgasse o herói de algum seriado policial norte-americano fumando seu grande charuto atrás de uma grande mesa. Também guardaria uma garrafa na gaveta ?

Com um pouco de otimismo, tentei me livrar do caso contando a ele que

conhecia o morto, o que não deu em nada, porque não havia mais ninguém disponível para o trabalho.

— A turma da Narcóticos ligou pedindo reforço no segundo em que entrei na sala. Parecia que eles estavam desvendando uma rede de distribuição de drogas e que alguns dos caras acabaram fazendo algumas detenções prematuras. E agora estão com um punhado de gente que não tem nenhuma informação importante. Mas nós também não temos quem enviar a eles. Kinnunen ficará fora por uma semana, eu acabei de receber seu atestado médico. E todos os detetives veteranos estão estafados e prontos para tirarem férias... Então se você pudesse cuidar disso...

O capitão franziu a boca que segurava o charuto enquanto me olhava de forma constrangedora. O alcoolismo de Kinnunen parecia ser algo que só podia ser conversado entre os veteranos da delegacia, um assunto tabu para nós mais novos.

— Você já está começando a entender muito bem a rotina por aqui. E como provavelmente a licença médica de Saarinen vai até setembro, nós teremos muito trabalho para você fazer até lá. E se tudo der certo, talvez possamos até pensar em efetivá-la... Especialmente porque não há uma grande abundância de mulheres nesta profissão... — disse o capitão meio a contragosto, como se não quisesse deixar que essas palavras surgissem de seus lábios.

— Bem, a gente vê isso depois. — Eu não queria prometer nada. Na verdade, queria era sair daquele departamento assim que possível, mas também, nesse momento, eu não estava querendo irritar meu chefe além do necessário.

— O pai da vítima da casa de veraneio, Peltonen o nome dele ? Está vindo falar com você hoje, certo ? Seja cautelosa com ele. É uma pessoa de importância, está na comissão de diretores da Neste Oil⁷. E como é o outro filho dele quem está no iate que está dando o que falar, nós poderíamos acabar atraindo publicidade indesejada. — O rosto do capitão parecia estar mais acinzentado que de costume. Geralmente as pessoas coram quando ficam nervosas, mas meu chefe vai ficando cada vez mais cinza, cada vez mais sem cor.

Fiquei pensando em como é que ele já sabia do currículo de Peltonen. Parecia que muito ainda estava por vir. Seria mais fácil conduzir meu trabalho se o meu chefe não tivesse tanto medo de autoridade. Eu já tivera a infelicidade de testemunhar de que modo sua preocupação quanto à segurança de seu emprego influenciou o ritmo de uma investigação de estupro que envolvia um político em ascensão. No final das contas, a vítima retirou a queixa. Eu tinha sido uma das investigadoras principais do caso, pois nessas circunstâncias os casos eram impingidos às oficiais mulheres — o que na verdade foi uma sorte. Eu conhecia bem um dos oficiais que ajudaram na época, o sargento Mannikko, que fez os eventos parecerem mais uma novela. A vítima era uma mulher de meia-idade, que, de acordo com os tabloides, tinha muitos “amigos”. No final das contas, eles conseguiram vender a ideia de que o homem é quem tinha sido vítima de um complô secreto. O jovem político se fez de mártir, afirmando que a mulher havia inventado a história toda para sujar sua reputação, e os jornais escolheram acreditar nele. E agora o capitão estava com mais medo ainda de homens

importantes.

— Karppanen também acabou de sair de férias. E nós estamos com uma séria carência de pessoal, mas o Koivu ficará à disposição se você precisar de um assistente, e você pode dividir o Miettinen com Savukoski. Savukoski está envolvido com aquele caso do assalto seguido de morte, mas vamos tentar resolver isso logo. Além do mais, Virrankoski voltará de férias em breve.

O telefone do capitão tocou e sai de mansinho de sua sala, me despedindo com gestos rápidos. Eu já não estava mais querendo pensar sobre meu cargo temporário. Claro que isso facilitaria meu processo de escolha de uma profissão, mas agora teria com o que me ocupar pelos próximos seis meses.

Meu telefone tocava furiosamente quando voltei a minha sala.

— Aqui é Hiltunen, falando da cena do crime em Vuosaari. — Eu me lembrava do ávido e jovem policial de cabelos louros do dia anterior. Sua voz soava agitada. — Hum... eu acho que achei a arma do crime.

— O quê ! — Até eu me surpreendi com a altura de minha voz. — O que você achou ?

— Bem, é um machado e está sujo de sangue... estava perto da sauna, em um arbusto. Eu devo levá-lo até a delegacia ?

— Não, eu vou mandar um fotógrafo. Tem alguém aí com você ? Ok, deixe-o aí e leve o machado até a delegacia assim que as fotos forem feitas. Mantenha o local onde você o achou o mais inalterado possível, eu vou tentar passar hoje à tarde.

Um machado... isso soava ao mesmo tempo rotineiro e revoltante. Hiltunen parecia estar orgulhoso de si. Nem 20 aninhos, ainda um bebê. Espero que ele não tenha arruinado as outras impressões digitais. Se o sangue fosse de Jukka, aí sim nós poderíamos considerar morte por homicídio. Mas o que um machado estava fazendo perto da praia ? Não era para estar guardado no depósito ?

Heikki Peltonen chegou pontualmente. Com base em nossa conversa ao telefone, eu o imaginava como um senhor grisalho com os cabelos cortados rentes, que fazia passeios dominicais em seu iate. Na verdade, Peltonen aparentava ser jovem o suficiente para ser o irmão de Jukka, talvez na casa dos 40, mesmo que na realidade ele já tivesse passado dos 50. Seu corpo parecia ser flexível, e seu rosto irradiava com uma cor de quem passara anos velejando. Jukka havia claramente herdado a aparência viking de seu pai. Eu suspeitava que sua camisa fosse de seda. Seu aperto de mão e o olhar que me lançou poderia ter-me feito corar em outras circunstâncias, apesar de eu não gostar muito de homens mais velhos. Não tive que me preocupar em como instigar a conversa, pois ele cuidou disso.

— Senhorita, ou devo dizer senhora, Kallio ? Eu realmente espero que possamos esclarecer as circunstâncias envolvendo a morte de meu filho Jukka o mais rápido possível. Esse tipo de acidente já é desagradável o suficiente mesmo quando não somos interrogados pela polícia. E pedir que minha esposa responda qualquer pergunta no estado em que se encontra seria um absurdo. Eu também fiquei sabendo que os amigos do Jukka foram todos trazidos até aqui para serem interrogados.

— O senhor me desculpe, mas é que temos de investigar todas as

possibilidades. É possível que um dos amigos estivesse presente quando o Jukka morreu.

— Você está alegando que meu filho foi assassinado ?

— Eu não estou alegando nada ainda. Mas essa possibilidade deve ser levada em consideração.

— Os amigos de Jukka são jovens honrados e bem-educados. Que razão teriam eles para matar alguém ? Se isso for um caso de homicídio, o que eu não acredito por um minuto que seja, então deve ter sido por algum estranho. Houve uma série de roubos em casas de veraneio durante a primavera, e todo tipo de malandro tem acampado na região.

Parecia improvável que até mesmo um amador tentasse assaltar casas de veraneio durante o final de semana mais quente da estação, mas permiti que Peltonen continuasse falando.

— E o Jukka pode simplesmente ter escorregado... Eu tenho certeza de que eles estavam bebendo um pouco além da conta e a doca estava escorregadia.

— Sim... e onde ele bateu com a cabeça ? A borda da doca está muito acima do nível da água e não fica molhada, então se Jukka tivesse batido a cabeça ali, nós teríamos notado. E a beirada arredondada não teria deixado uma marca tão grande quanto a que encontramos no corpo. Além do mais, também não há pedras perto da doca, nas quais Jukka pudesse ter batido. As pedras mais próximas estão onde o corpo de Jukka foi achado. Essa possibilidade foi testada, e seria impossível ele ter batido contra estas pedras se tivesse caído da doca.

Os caras da perícia deram risada desse teste, que basicamente consistia em andarem se debatendo na água, mas o fizeram de qualquer forma.

Peltonen queria fatos, obviamente. Teorias não o convenceriam nem um pouco. Eu já sabia que diante de homens mais velhos e experientes quem acabaria dando uma de testemunha seria eu. Eu nem me dei ao trabalho de me aborrecer com suas perguntas sobre meu estado civil ou por não ter corrigido o senhorita por sargento. Enfim, estava cansada de tentar mudar as pequenas coisas erradas do mundo. Eu já até usei sacolas plásticas para fazer supermercado e de vez em quando chego a comprar iogurtes individualmente em vez de optar pelas embalagens de litro.

— Além do mais, minha esposa ficou extremamente chateada com o fato de terem tirado suas impressões digitais, como se ela fosse alguma criminosa. Vocês poderiam ao menos ter esperado um pouco.

— Eles fizeram as impressões digitais ontem ? Me desculpe, isso foi claramente um erro.

Alguém do laboratório criminal estava precipitando as coisas, eu havia pedido que tirassem as digitais dos membros do coral por medida de segurança, mas não indiquei que fizessem o mesmo com os pais de Jukka. Tentei esconder o meu embaraço.

— O senhor tem um outro filho, Jarmo Peltonen ? E se eu entendi bem ele está fora do país, em uma competição nos Estados Unidos ?

— Tenho. O Jarmo é o estivador auxiliar em um iate de alta classe chamado *Marlboro of Finland*. Nós não sabemos ao certo se queremos dar uma notícia dessas enquanto ele está no mar ou se esperamos até o final da competição. Essa

corrida é muito importante para ele... e há também um outro conhecido de Jukka no barco, Peter Wahlroos, sua esposa, Piia, se entendi bem, também estava na Villa Maisetta. Espero que tudo isso não venha a arruinar a corrida dos meninos.

Lá vem ele outra vez com aquela reação de se focar em trivialidades, pensei. Não obtive muita informação de Peltonen. Tive a impressão de que ele sabia muito superficialmente sobre a vida de seu filho. Jukka visitava a casa de seus pais em Westend de vez em quando, mas eles se encontravam com frequência na vila. Jukka já tinha seu próprio apartamento e uma vida pessoal fazia tempo.

— Talvez o Jukka tivesse muitas namoradas, e é claro que nossa esperança era que ele se casasse. Mas fora isso, era um menino bem estabelecido. Já tinha seu apartamento e havia se graduado na Universidade de Tecnologia de Helsinki com boas notas. Parecia estar satisfeito com seu trabalho na Companhia de Metais da Finlândia, e música e velejar eram seus maiores *hobbies*. A não ser pelo seu jeito com as mulheres, ele levava uma vida normal e tranquila. Eu não entendo por que alguém o mataria propositalmente.

Eu notei que as rugas por debaixo do bronzado de Peltonen haviam se tornado mais profundas. Era óbvio que ele estava querendo acreditar que a morte de seu filho havia sido um acidente, o que seria mais fácil de suportar. Se a morte dele se comprovasse ter sido um assassinato, isso inevitavelmente provocaria questões dolorosas, que apresentariam respostas ainda mais dolorosas.

— Que outros amigos tinha o Jukka além dos membros do coro ?

— Ele não tinha outros bons amigos, eu acho. Colegas de trabalho e conhecidos de velejo, é claro. Eu não sabia muito bem dos detalhes de sua vida. Talvez o Antti Sarkela possa responder isso.

— Quando foi a última vez que você viu o Jukka ? Ele parecia normal ?

— Ele nos ligou na terça à noite para confirmar se a vila estaria disponível. Já faz algum tempo desde nossa última visita, durante as últimas três semanas eu e minha esposa estávamos velejando pela costa da Suécia e só chegamos na segunda-feira.

Peltonen ficou pensativo, e ao enrugar as sobrancelhas, ficou igualzinho ao Jukka, que tinha esse mesmo hábito.

— Eu não sei se isso vem ao caso, mas há dois meses o Jukka me perguntou quais seriam as possibilidades de forçar um devero a ter responsabilidades legais, no caso de não haver nota promissória. Mas quando perguntei detalhes, ele me respondeu de forma evasiva. Mas a quantia em questão não me pareceu ser muito alta, talvez por volta de dez mil. A impressão que tive é de que alguém estava devendo ao Jukka e não estava querendo pagá-lo.

— Obrigada. Isso pode vir a ser muito importante. E por último, e isso é somente uma pergunta de rotina, onde o senhor estava ancorado na noite de sábado ? Nós checamos todos... — Eu esperava por um ato de indignação, mas ele só expressou resignação.

— Sim, eu entendo. Nós estávamos em uma pequena pousada a oeste de Barosund, e pela manhã tomamos café lá por perto. Nossos amigos Jarl e Brita Sundstrom estavam conosco, então você pode checar nossos... humm... álbis... com eles. Eu posso lhe dar o telefone deles.

Eu decidi levar isso adiante, a despeito de tudo. Havia muito ainda a ser

apurado, mesmo eu não tendo obtido resultado algum até então. Perguntas de rotina, considerar várias possibilidades, e tentar tirar conclusões eram teoricamente um trabalho estimulante. Mas o material com que eu contava para fazer meu trabalho era muito escasso. Também teria que entrevistar Maisa Peltonen, assim que ela estivesse melhor.

Depois de uma nova tentativa, consegui falar na Alemanha. Uma *Frau Schon* atendeu o telefone, e me levei um tempo para perceber que era a Janna.

— Olá, quem fala aqui é Maria Kallio da Finlândia, como está ?

— Maria ! Que bom ouvir sua voz depois de tanto tempo. Você passará por aqui para me visitar ? Eu estou de licença-maternidade com meu pequeno Micheal. Ele tem três meses. Agora veja, eu com um neném ! Às vezes eu simplesmente não sei o que fazer com ele.

— Uau, eu com certeza não saberia o que fazer com um neném. Mas infelizmente não estou indo para a Alemanha. Na verdade, estou ligando por questões profissionais. Estou trabalhando para o departamento de polícia de novo, mas isso é uma longa história. E é por isso que estou ligando : o Jukka, seu antigo namorado, Jukka Peltonen, morreu, e ele provavelmente foi morto.

O choque e o choro de Janna do outro lado da linha me fizeram perceber que talvez eu pudesse ter dado a notícia de forma mais delicada. Mas Janna se acalmou aos poucos e eu pude explicar a ela, de uma forma generalizada, o que havia acontecido.

— Eu realmente não sei por que alguém o mataria. Eu digo, lembra como ele ficava sempre indo atrás de uma mulher diferente a cada minuto ? Foi por isso que terminei com ele. Era exaustivo, e o Jukka ficava com um ar tão irritantemente superior quando acusado de ser infiel ou irresponsável. Ele ria da minha cara e vinha me dizer que só estava “vivendo a vida”. Como se as regras para ele e para mim fossem diferentes. Ele me enchia se eu dançasse muito perto de alguém durante os retiros que a gente fazia com o coral. Às vezes eu achava que ele não ligava nem um pouco para o que os outros sentiam. Mas aí às vezes ele era um cara superamável. E com certeza tinha charme de sobra quando queria, mas estava disposto a correr riscos. Uma vez tínhamos combinado de sair juntos e ele me apareceu com a ex ... só um minuto, o Micheal está chorando, eu vou lá pôr a chupeta na boca dele.

Percebi Janna abaixar o fone. Lá do fundo se ouvia um neném chorando e a voz de Janna o confortando. Era surreal ouvir esse tipo de acalanto de minha antiga companheira de apartamento. Em poucos instantes o choro cessou.

— Eu imagino que o Jukka seduziu outra vez a namorada de alguém – disse Janna suspirando, ao voltar ao telefone –, ele tinha necessidade de fazer com que as mulheres prestassem atenção nele. Às vezes eu tinha a impressão de que qualquer uma estava valendo.

— Você conhecia basicamente todos que estavam na vila, certo ? Saberia se alguém guardava algum rancor dele ?

— É, eu conheço todos, menos o tal do Jyri. Ressentimento contra o Jukka... – Janna hesitou. – Provavelmente a Sirkku Halonen. Depois daquela viagem para cá, ela terminou com o namorado porque ela e o Jukka tiveram um lance. Típico dele. Eu tinha terminado com ele um pouco antes da viagem, daí eu conheci o

Franz... Quando nós voltamos para a Finlândia, o Jukka ficou tentando me ter de volta e não conseguia entender que meu coração tinha ficado em Kassel. Enfim, a Sirkku não conseguia entender bem o que estava acontecendo e ficava enchendo o saco do Jukka e o acusando pelo fim do namoro.

— A Sirkku agora está namorando o Timo Huttunen. Você acha que isso tem alguma significância ?

— Huttunen ? O cara é superpretensioso... e bonitinho. Pelo menos a Sirkku não abaixou seus padrões. Eu não sei o que o Timo sente. Ele se acha o tal. Talvez ele sinta ciúmes de todos os ex da Sirkku.

Antes de desligar Janna mandou um beijo a todos, principalmente para Tuulia. Eu prometi passar o recado e perguntei se lembrava de mais alguma coisa que pudesse ser importante. Depois que nos despedimos, liguei para o setor de passaportes para verificar se Janna ou seu namorado estiveram no país durante o final de semana. Eles não puderam me passar nenhuma informação sobre a Janna por ela ser cidadã finlandesa, mas me garantiram que nenhum cidadão alemão de nome Franz Schon havia entrado no país, pelo menos não pelos aeroportos. Também pedi que verificassem se algum deles havia saído da Alemanha, apesar de me parecer altamente improvável que os Schon fossem culpados.

O *Marlboro of Finland* tinha estado no Atlântico durante a semana anterior. Nenhum dos tripulantes estivera em terra firme, ou seja, como eu tinha presumido, tanto Peter Wahlroos quanto Jarmo Peltonen estavam fora de questão.

Comi rapidamente no refeitório da delegacia. Felizmente os jornais ainda não haviam divulgado nenhuma manchete maluca sobre o caso. Alguns repórteres estavam aparentemente tentando entrar em contato comigo, mas para a minha sorte, as telefonistas tinham sido instruídas a passar as ligações para o capitão, que por sua vez dizia que o caso estava sendo investigado pela sargento Kallio. Eu sabia que os jornais adorariam contar histórias sobre o meu gênero, uma detetive mulher era sempre motivo de notícia. E eu não tinha certeza sobre que postura tomar diante disso. Por outro lado, meu exemplo daria a outras garotas a coragem suficiente para escolher profissões menos comuns, mas ao mesmo tempo eu não estava querendo gerar publicidade por ser uma policial mulher, ainda mais porque eu nem sabia se queria ser uma policial ou não. No momento, as manchetes estavam lotadas de um caso sobre uma prostituta da Estônia : “PROSTITUTA ESTÔNICA ROUBA CLIENTES” bradava o *Iltä-Sanomat* ; e o *Italehti* proclamava “MERETRIZ DE LUXO ROUBA DINHEIRO DOS HOMENS”. Parecia ser este o ponto de troca.

Eu voltei para a minha sala depois de ter comido às pressas meu salmão com parmesão. Ainda no corredor, escutei meu telefone tocar e uma corrinha pelos 50 metros restantes me permitiu atender a tempo.

— Quem fala é Huikkanen, do laboratório. Eu estou com o machado, caso esteja interessada.

— Manda.

— Com base no sal, ele parece ter sido enxaguado pelo mar, mas ainda tem sangue. Dois tipos diferentes de sangue. E um deles ainda não foi identificado,

talvez você esteja interessada em começar a coletar amostras de seus suspeitos, mas o outro definitivamente pertence a Peltonen. Tem até um pequeno pedaço de sua nuca, com fios de cabelos. E terra, de que tipo de floresta esse cara tirou esse machado ?

— Mas foi isso que atingiu o Peltonen ?

— Parece que sim. Com o cabo, felizmente.

— Então o que é esse outro sangue ?

— Não tenho certeza absoluta, mas como também tinha algo parecido com escamas, acredito que provavelmente possa ser de peixe. Mas não sei de que tipo.

Peixe... Mirja pescou um lúcio, será que ela terminou o serviço com o machado ?

— Havia impressões digitais no machado ?

— Várias, parece que o nosso assassino não se preocupou em lavar todo o machado, porque não há sal no outro lado do cabo. Havia duas digitais nele : de Sarkela e de Rasinkangas.

— Nossa ! Em que posições ?

— As impressões de Rasinkangas são bem interessantes. Elas são, na prática, só da mão direita, e em uma posição impossível de golpear ou da forma comum de se segurar um machado, com a lâmina apontando para o chão. Nessa posição pode-se bater com o cabo, mas você teria de torcer seu braço de um jeito meio estranho.

— Então a posição é tipo quando você esta balançando o machado de um lado para o outro ? – Eu peguei uma régua grossa e, exatamente como imaginei a cena, fingi estar manuseando um machado. – Vai ver que ela cobriu a mão uma vez e depois se esqueceu de fazê-lo de novo.

— Pode ser. Tem muitas impressões do Sarkela, e ele o segurou em várias posições diferentes, inclusive a clássica forma de segurar um machado quando se corta madeira. E ele mudou de posição várias vezes, e é isso.

— Ótimo. Eu estava pensando em ir até a cena do crime hoje, mas antes tenho que resolver algumas outras coisas. Eu presumo que vou receber o relatório quando enviá-lo ?

Folheeí meu caderno de notas à procura dos telefones de Mirja e de Antti. Mirja tinha um emprego de verão bem perto do meu local de trabalho, na Corte Judicial municipal. Engraçado.

— Olá, quem fala aqui é a sargento Kallio. Eu gostaria de vê-la assim que possível. Você poderia vir até aqui hoje às duas ?

Mirja não se surpreendeu com meu telefonema e respondeu com uma humildade notável que tentaria fazer um intervalo nesse horário.

Achar o Antti na universidade foi um pouco mais complicado, mas finalmente o achei por meio do telefone da biblioteca do departamento de Matemática.

— Eu determino minha própria agenda, especialmente durante o verão, quando não há aulas. Que tal se eu passasse aí às três ?

Antti também não fez perguntas nem pediu explicações. Eu liguei para o centro de viaturas para reservar um carro, pois tinha a intenção de ir até a doca

para investigar o local onde o machado fora achado. Eu estava cansada e duvidava que fosse possível prender Mirja ou Antti, mas uma honesta confissão vinda deles seria muito bem-vinda.

Mirja foi pontual. Sua saia preta e a blusa branca mais pareciam um traje de luto, apesar de seu comportamento não indicar o mínimo pesar. Tanto faria se ela estivesse em uma delegacia ou em um banco fazendo um considerável saque de sua conta.

— A festa de despedida de ontem a noite foi boa ? – perguntei bruscamente.

Eu queria provocar nela algum sinal de emoção, qualquer que fosse.

— Foi, fez muito bem a todos – ela respondeu sem o mínimo sentimento.

— Em que sentido ?

— Era óbvio que ninguém queria ir para casa sozinho, fora o Antti, mesmo com a gente insistindo para ele vir junto. Conversar e pensar sobre o que aconteceu nos fez bem.

— E a que conclusão vocês chegaram ?

— Que só poderia ter sido um acidente, ou assim esperamos. Pelo menos o Jukka não se matou. Ele se gostava demais para ter feito uma coisa dessas. Mas será que alguém poderia tê-lo matado ? Parece um pouco imaginativo demais, mesmo ele sendo um chato de vez em quando. Mas é claro que entendemos que até que o caso se resolva nós seremos tratados como potenciais culpados. Sirkka era a mais neurótica quanto a isso.

— Vocês estavam culpando uns aos outros ?

— É claro que alguns de nós suspeitávamos do Antti e pensamos que seu jeito estranho teria sido um sinal de culpa, mas nem todos concordaram com isso. Jyri disse que tinha certeza de ter ouvido o Antti ir até o quarto do Jukka, mas ele estava tão bêbado que seria impossível ele ter ouvido qualquer coisa durante a noite... se tem alguém que matou o Jukka eu continuo apostando na Tuulia. Seus ataques de raiva chegavam a ser... chocantes...

— Não sei se ainda é hora de discutir homicídio, mas nós achamos um machado contendo o sangue de Jukka. Ele também continha suas impressões digitais. Como você explica isso ?

A expressão de espanto que surgiu no rosto de Mirja imediatamente se transformou em algum tipo de distração.

— Foi por isso que você me chamou aqui ? É, eu usei o machado algumas vezes. Alguém o havia deixado na varanda da sauna e eu o pus ao lado para que ninguém tropeçasse. Aí mais à noite eu pesquei um grande lúcio. Gritei para que alguém me trouxesse algo que eu pudesse usar para esmagar a cabeça dele. O Antti trouxe o machado que estava na sauna e matou o peixe para mim. Eu acho que, com toda a comoção, a gente acabou esquecendo e deixando o machado na doca – disse Mirja com raiva. – Se eu fosse matar alguém, eu teria o bom senso de usar luvas. Afinal, é isso que é feito em todo romance policial escrito até hoje. De quem eram as outras impressões no machado ? Claro que são do Antti. Ele cortou lenha para a sauna, porque ninguém mais se sujeitou a ajudar. E como dá para perceber pelos seus bíceps, ele gosta de cortar lenha – ela concluiu, enrubescendo.

Eu me lembrei da Tuulia dizendo algo sobre o interesse de Mirja no Antti. O

que de alguma forma a fez parecer mais humana. E de qualquer modo, Mirja tinha bom gosto para homens, pensei, enquanto suspirava um pouco decepcionada. Havia para tudo uma explicação natural. Mas era claro que Mirja não falava toda a verdade. O Antti podia ter usado o machado para outros fins, e ele teria força suficiente para dar um golpe daqueles. Além do mais o golpe veio de cima, e o Antti era o único mais alto que o Jukka, se este estivesse de pé ao ser atingido. Mas se estivesse sentado, a altura não viria ao caso. Foi engraçado ver a necessidade que Mirja sentiu de defender o Antti ; pelo menos ela não tentou disfarçar seus sentimentos.

— Você tem mais alguma pergunta ? Meu intervalo não dura a vida toda, mas estou tão perto que se você quiser, posso passar por aqui todos os dias – disse ela bruscamente, como se estivesse arrependida de sua eloquência anterior.

Depois que Mirja se foi, percebi que poderia ao menos ter-lhe oferecido um cafezinho por ter sacrificado seu intervalo para vir falar comigo, e me senti péssima pela indelicadeza. Mas, por outro lado, fazer uma entrevista desse porte tomando um cafezinho poderia parecer mais um bate-papo sem compromissos. E situações assim são a última coisa que quero ao trabalhar neste caso.

Se Mirja estava calma, Antti parecia de luto. Talvez a camisa e a calça pretas fossem seu modo normal de se vestir, mas o rosto pálido e olhos avermelhados acentuavam o aspecto sombrio. Qual seria o motivo para seus olhos avermelhados ? Insônia, bebedeira ou choradeira ? Ou talvez tudo isso junto ?

— Oi, qual seu posto mesmo ? Sargento ? Vocês já obtiveram algum resultado ? – perguntou com uma voz cansada ao se afundar na cadeira a minha frente.

— Sim, achamos a arma do crime, e nela havia suas impressões digitais – eu disse severamente. A hostilidade de Antti me irritava muito mais do que a de Mirja. E o fato de eu estar irritada me irritava ainda mais. Jukka era um colírio para os olhos, mas o Antti era uma música para os ouvidos, isso naquela época. Antti também era agradável de se olhar, especialmente porque eu sempre achei bocas carnudas e narizes longos muito *sexy*. Uma mistura entre Mick Jagger e Dustin Hoffman seria ideal. Dei uma olhadinha nos tais bíceps mencionados por Mirja enquanto tentava manter uma expressão de indiferença. A camisa preta sem dúvida cobria um belo par de braços.

— O quê ! Você então está me dizendo que o Jukka foi assassinado ? – Antti não conseguia esconder o susto.

— Tudo indica que sim.

— De que arma você está falando ?

— Um machado que alguém tentou esconder embaixo da sauna. Os testes de laboratório confirmam que ele foi usado como arma do crime.

— Ah, aquele machado ! – disse ele com um quase sorriso nos lábios. – Eu cortei no mínimo meia tora de madeira com aquele machado. Os pais de Jukka só têm um machado que presta. O que é típico daquela família, eles devem ter pelo menos quatro raspadores de cascos, mas somente um machado decente. Qualquer um pode confirmar isso, sobre eu ter cortado lenha, e não sobre os raspadores. Se você precisa de alguma evidência, veja as bolhas nas palmas da minha mão. – Antti estendeu suas mãos sobre a mesa, palmas para cima, então

eu tive que olhar e ver as bolhas e seus dedos largos.

— Eu estou ficando meio fora de forma se um trabalhinho desses está me dando tantas bolhas assim. Mas é claro que minhas impressões estão no machado.

— E mais ao anoitecer você o usou para matar ?

— Do que você está falando ?

— Você matou um peixe a sangue-frio... — A expressão tensa de Antti relaxou quando ele começou a rir, o que pareceu lhe fazer bem. Eu também tive vontade de rir, mas mentalmente me dei um tapa para que me segurasse.

— Bem, acho que matei. Mas não havia outra saída para ele, se bem que admito que por mim eu o teria jogado de volta para a água. Claro que deixamos o machado na doca... oh, maldito seja !

— Você achou seu gato ?

— O Einstein ? Ele estava dormindo no telhado da sauna quando cheguei a Vuosaari. Ele sempre fica por lá à tarde quando vamos para a vila, porque o sol por lá é bem quentinho. O Einstein nasceu debaixo daquela sauna, ele é cria da antiga gata dos pais do Jukka.

Falar sobre seu gato parece tê-lo enternecido um pouco, mas eu precisava voltar ao trabalho.

— Quanto que você devia ao Jukka ?

— Dever ao Jukka ? De que diabos você está falando agora ? Como assim ? Eu não devia nada ao Jukka.

— Quem devia ?

— Talvez a Tuulia devesse alguma coisa, mas não muito. As finanças do Jyri sempre foram uma bagunça desde que o conheço, e eu acho que o Jukka deu um empréstimo a ele. Jyri não tem a menor ideia de como gastar dinheiro. Ele fica comprando champanhe em restaurantes para impressionar as garotas. O Jukka sempre se portou como o irmão mais velho do Jyri e deve ter decidido ajudá-lo.

— Tudo bem. Vamos ter que ver isso. Ontem você falou sobre o relacionamento do Jukka com a Tuulia. Como era ?

Antti fez um olhar de irritação.

— Se eu soubesse... geralmente era muito fácil saber o que cada uma das mulheres de Jukka representava para ele. Ele só teve duas namoradas sérias, a Janna e uma garota chamada Minna que namorou durante o colégio. As outras... — Antti abriu suas largas mãos. — Com a Piia era diferente. O Jukka não falava muito nisso, talvez porque soubesse o que eu pensava sobre o assunto. Talvez o Jukka estivesse amando pela primeira vez na vida. Acho que nunca vou saber.

— Talvez não. Aconteceu alguma coisa com você desde a última vez que nos falamos que possa ajudar na investigação ?

— Não. Tudo isso não faz o menor sentido. Eu estou com medo. Passei a noite inteira pensando em velhas amigas como a Piia e a Tuulia e fiquei tentando decidir se uma delas teria sido capaz de ter matado meu melhor amigo. E agora você me confirma que meu amigo foi assassinado. Você entende o que está acontecendo ? Nós vamos começar a vigiar uns aos outros e virar uns contra os outros só para podermos livrar nossa cara. Eu já estou começando a pensar que devo me apressar e lhe arrumar um assassino rapidamente antes que você me

prenda.

Não fiz nenhum comentário e ele prosseguiu.

— E tem o diretor da AECLE... — Antti fez uma pausa. — Nós nos referimos a ele como “O-posto”, Hopponen é o nome dele. Ele me ligou hoje, como era de se esperar. Mirja o havia informado sobre o que aconteceu. O melhor baixo morto, recital cancelado, publicidade negativa e para piorar tudo, um dos membros do coral deve ser um assassino... Apesar de que ele preferiria torcer toda a história para provar que foi o Jukka mesmo quem fez o rombo na própria cabeça.

— Quem você teme ser o culpado ?

— Isso é trabalho seu, miss detetive. O funeral deve ser em duas semanas. Não prenda ninguém até lá para que possamos ter o maior número de pessoas possíveis cantando. — Antti enfiou o rosto entre as mãos se sacudindo, como se para espantar maus pensamentos. — Seria melhor para a Maisa... para a mãe do Jukka, se ele fosse enterrado o quanto antes. Ela não é muito equilibrada mentalmente, e eu temo que tudo isso acabe com ela de vez. Isso é péssimo para ela.

Desde que voltei a ser policial, eu já investiguei aproximadamente uma dúzia de mortes, e todas acabaram por se mostrar homicídios casuais, a maioria crimes passionais. Todos foram péssimos para alguém, não somente para a vítima e o assassino, mas também para a família e os amigos. Eles causam insegurança, autoacusação, medo, dúvidas. Essas emoções também sempre me afetaram, mesmo eu tentando me manter indiferente. Dessa vez foi ainda pior. Eu gostaria que tivesse um circuito em minha cabeça que pudesse desligar todos os meus sentimentos. O que ficaria seria uma inteligência mecânica para resolver crimes.

— De volta ao machado... Como que você o deixou depois de tê-lo usado no peixe ?

— Eu tirei o grosso das espinhas e provavelmente devo tê-lo deixado no lado direito da doca. Ele estaria bem ali para quem quisesse pegá-lo. Se eu tivesse pelo menos...

Alguém pode ter se lembrado de que o machado estava na doca e atraído o Jukka até lá. Mas ao menos que o assassino seja a Mirja ou o Antti, faltava uma série de impressões digitais, obviamente removida pelo assassino. E o perpetrador de um crime premeditado pode inclusive ter planejado uma forma de confundir a polícia.

O início da tarde estava surpreendentemente calmo na rodovia leste. Eu dirigia um Lada russo cinza desbotado que pertencia ao departamento, enquanto no banco de trás os rapazes do Laboratório Criminal trocavam histórias. Eu tinha conseguido que eles largassem o que estavam fazendo para vir comigo, porque achei que provavelmente poderia liberar a área depois da visita.

Tinha um quebra-molas na ponte Vuosaari e eu dirigia bem acima dos 60 quilômetros por hora que me eram permitidos, mas passei calmamente por um guarda com carinha de bebê. Parecia ter transcorrido uma eternidade desde que eu havia trabalhado com trânsito. Como eu era uma pessoa completamente diferente há seis anos !

Estar na Divisão de Crimes Violentos era mais fácil no sentido de que o trabalho não gerava dilemas morais. Havia lógica em perseguir assassinos e estupradores. Quando era guarda de trânsito, eu me sentia como uma chata esperando por alguém que ultrapassasse o limite permitido de velocidade, o que naquela época nem era um problema como hoje em dia, ou prendendo bêbados e multando velhinhas em suas bicicletas sem faróis.

Depois recebi a transferência pela qual eu esperava : para o setor de viciados. Eu imaginava poder salvar o mundo, mas o único sentimento era o de impotência. A força de vontade de uma mulher não podia fazer nada sobre o redemoinho que era o mundo das instituições burocráticas e da dependência de drogas. As prostitutas menores de idade e as crianças brutalizadas eram o pior. Quando eu estava na escola, eu tinha essa autoimagem de ser a Madre Tereza da imposição da lei. Mas no fundo não havia nada sobre nada que eu pudesse fazer. Eu reagia fortemente a tudo que acontecia em minha volta ; e foi com o passar do tempo que vim a entender que eu era nova demais para aguentar o constante caos do mundo do crime no qual eu havia me afundado. Minha saída para poder cursar direito havia sido uma fuga, uma busca desesperada por algum sentido nesse sistema no qual eu estava envolvida.

E agora voltei à estaca zero, como sargento. Lembrei-me do que o capitão havia dito naquela manhã sobre eu poder continuar depois de setembro, se quisesse. A pessoa que ocupava minha posição, o Saarinen, havia tirado uma longa licença médica por problemas de coluna. Rane tinha dito que no fundo o problema dele era psicossomático : o Saarinen estava tão entediado com o emprego e tão cansado de encobrir a bebedeira do Kinnunen, e de remediar os erros dele, que acabava adiando ao máximo sua volta ao trabalho.

Pensando bem, continuar seria uma solução fácil. Eu não tinha interesse em voltar a estudar, e não tinha a energia para mudar mais uma vez de profissão. Minha dívida estudantil já havia se acumulado. É claro que não havia sentido algum em largar um diploma pelo meio, sendo que só me faltava completar a

minha dissertação e fazer algumas provas importantes, mas eu simplesmente não me sentia motivada.

No banco de trás, eles estavam dissecando a última piada do departamento de Narcóticos. Se os policiais impacientes tivessem esperado uma só semana a mais para efetuar as prisões, eles teriam pegado grande parte da organização da mais nova e mais bem organizada rede de distribuição de drogas da capital. No entanto, tudo que eles conseguiram foi prender alguns fornecedores de haxixe que ainda por cima não tinham muita informação sobre a organização.

Eu ria junto com os comentários afiados dos técnicos. Pelo menos eu não queria ser uma policial da Narcóticos. O trabalho deles ficava cada dia mais perigoso. Ultimamente a Unidade de Narcóticos e a de Crimes Violentos vinham atuando juntas frequentemente, pois um grande número de homicídios acabava acontecendo como ajuste de contas entre gangues. Muita coisa mudou desde meus dias na Academia de Polícia, quando tudo que alguém precisava para trabalhar era prender e interrogar algum eventual maconheiro.

O mar despontou ao longe. Um gato pulava atrás de um passarinho em um campo coberto por flores amarelas. Eu abaixei todo o vidro.

A casa de veraneio dos Peltonen estava tão idílica quanto antes. O policial que guardava o lugar se achava sem camisa no gramado, lendo *Helsinginsanomat*, e ficou surpreso ao nos ver. Ficou claramente irritado ao ser informado de que provavelmente eu não iria precisar que ele permanecesse por lá mais tempo.

— Você estava aqui quando os Peltonen voltaram de viagem ?

— Estava... e um pouco antes deles, um dos membros do coral também voltou. Parece que você deu permissão para ele vir procurar o gato. Foi ele que contou aos Peltonen o acontecido. A senhora quase teve um ataque e não parava de gritar até que o senhor lhe enfiou alguns tranquilizantes goela abaixo. Mas por sorte eles foram embora levando o rapaz e o gato com eles. A propósito, você ficou sabendo que o laboratório criminal achou um pouco de sangue no final da doca ? Já mandaram para ser analisado. Vai que é do assassino ou que respingou do machado.

— Sério ? Muito bem. — Eu me virei, pois a imagem do machado pingando sangue e do crânio do Jukka rompido me reviraram o estômago.

Fui até a sauna, perto da água, na esperança de achar algo de novo no local onde o machado havia sido encontrado. O barco dos Peltonen, que estava ancorado perto do salva-vidas, reluzia contra a água. A família com certeza tinha boas condições. Uma vila em Vuosaari e um apartamento no lago oeste. Me lembrei também de eles possuírem uma cabana rústica em Lapland, perto de Ruka ou Pyhatunturi, ou pelo menos a Janna havia ido esquiar com Jukka em algum lugar por lá. Um fragmento de uma conversa desta natureza de alguns anos atrás me veio à mente.

“Às vezes o fato de ele ser um garoto tão mimado me incomoda”, Janna me falava irritada depois de mais uma de suas brigas. “Ele está acostumado a ter tudo o que quer. E eu não suporto isso. Se ele quiser dormir com uma outra pessoa, ele não só consegue, como pouco se importa com como eu me sinto. Se ele quer me levar para Estocolmo para passar o final de semana, o pai dele banca. Mas ao mesmo tempo, ele é tão bacana e tão inteligente e lindo e tudo

mais, que às vezes me dá até medo... Como se houvesse algo de frio dentro dele, que ele tivesse sempre querendo esconder, mas que às vezes aparece sem querer.”

Eu vi as pernas de Janna queimadas de sol de tanto velejar, seus olhos azul-turquesa angustiados, uma garrafa de cerveja, que sempre estava disponível na minha parte da geladeira, em suas mãos.

“Não consigo entender sua lógica. Ele me diz que não sou dona dele, e é claro que não, mas ele tenta ser meu dono. Ele adora ter poder sobre mim. Ele quer ser o dono das pessoas, quer controlar as pessoas. Com sexo, com flertes, emprestando dinheiro ou o que seja. Ele é exatamente o tipo de cara que é um doce até que você o conheça melhor.”

Naquele dia o Jukka havia chegado quase imediatamente após essa conversa para fazerem as pazes, e a Janna cedeu fácil demais. Jukka tinha o *know-how* de como fazer com que as pessoas o perdoassem – às vezes o sacrifício era mandar flores, e às vezes champagne.

Mas desta vez ele tinha fracassado. Deixara alguém tão furioso que a única solução foi a derradeira.

A urze atrás da sauna já estava em flores, e também ainda havia algumas espigas de trigo aqui e acolá entre os arbustos de blueberry. Não havia pegadas embaixo da sauna, somente um espaço vazio para se guardar todo tipo de coisa. Fiquei pensando em como foi que o Hiltunen pensou em olhar lá embaixo onde havia achado o machado, que baseado nas fotos a que tive acesso, fora colocado ali cuidadosamente e não simplesmente jogado. Minha busca ali não esclareceu nada.

Então parecia que alguém deixara a casa, golpeara o Jukka com o machado, saíra da doca e se dera ao trabalho de ir até a sauna para poder esconder a arma do crime. Por quê ? Por que ele ou ela teria lavado o machado em vez de jogá-lo ao mar ? Se o assassino tivesse sido alguém de fora que chegou pela água, seria de se esperar que pelo menos levasse o machado com ele para poder jogá-lo em algum lugar mais distante. O fato de o machado ter sido escondido embaixo da sauna parecia indicar que o Jukka havia realmente sido morto por um dos membros do coral que se encontravam na casa.

Será que o assassino tinha ido até a sauna para poder se lavar ? Mas não era provável que o sangue tivesse respingado da ferida e o atingido. Será que as impressões digitais achadas no machado seriam alguma evidência concreta de quem matou Jukka ? Antti e Mirja apresentaram explicações bem plausíveis. Mas como o assassino manejou o machado ? Não havia fibras de luva alguma no cabo do machado. Luvas certamente indicariam que o ocorrido fora planejado. À procura de luvas, eu rastejei por debaixo da sauna e acabei cortando minha mão em uns cacos de vidros que estavam espalhados por todo canto. Depois tentei outra vez de costas, praguejando por ter de fazê-lo.

Na praia gaivotas guinchavam, e na distância avistava-se um pássaro d'água que parecia ser um mergulhão. Será que essa casa iria continuar a ser um lugar idílico ou o corpo de Jukka permaneceria sempre ali presente, a se erguer do mar em uma noite fria de outono ?

Pensei em meus pais. Se uma de suas amadas filhas tivesse morrido em

nossa cabana de verão, eu duvido que voltariam lá. Minha mãe havia me ligado na noite anterior para saber como eu estava. Parecia preocupada. Ela achava um absurdo meu trabalho consistir em resolver homicídios. Meus pais ficaram profundamente desapontados quando entrei para a Academia de Polícia. Eles achavam que havia melhores usos para meu intelecto como estudar finlandês. Algo que combinasse melhor com uma menina. Mesmo eu sempre tendo sido o “menino” da família (éramos três meninas, o que para os meus pais significava algum tipo de fracasso), eles imaginavam que eu optaria por uma profissão mais “feminina”. Ficaram satisfeitos quando fiz direito, mesmo minha escolha não tendo nada a ver com suas profissões – papai lecionava Química e Matemática, e mamãe era professora de inglês. Uma de minhas irmãs estava estudando alemão e sueco e era casada com um químico, a outra estava estudando inglês e namorando um matemático. Eu era a excêntrica da família, tanto pela minha opção profissional quanto por permanecer solteira. Minha mãe, que achava que estar com qualquer imbecil seria melhor do que não estar com ninguém, parecia cada vez mais preocupada.

Voltei até o quarto de Jukka. Tudo continuava no mesmo lugar, exceto por uma vela já meio gasta que alguém havia colocado em cima de sua escrivaninha, diante de uma foto dele em um deque ao lado de seu veleiro. Ele estava com uma expressão de felicidade.

Um relógio caro, presumivelmente de Jukka, também apareceu na escrivaninha. De onde teria vindo? O relógio soava alto e eu o peguei, admirando seus belos ponteiros. Os ponteiros de horas e de minutos eram levemente curvados e feitos de ouro, e o ponteiro dos segundos era de prata. O alarme era de bronze e estava marcado para as 3h30. Que hora estranha de se acordar, pensei. Quem acordaria às 3h30? A não ser que... A não ser que Jukka quisesse se encontrar a sós com algum membro do coral e houvesse combinado um encontro nesse horário. Ou talvez essa outra pessoa quisesse se encontrar com Jukka, para matá-lo.

Ao voltar para Pasila, refleti que havia reconstruído com sucesso em minha mente como o crime possivelmente ocorreu, mas ainda não era o suficiente. O criminoso continuava sem ter uma identidade.

Quem mais que teria de interrogar? Jukka foi assistente de direção da AECLF, então Hopponen, o diretor do coral, poderia me dizer algo sobre ele. E talvez os outros membros do coral... Será que seria proveitoso eu aparecer lá durante um ensaio?

E agora, qual o meu próximo passo? Talvez eu devesse fazer uma visita a Jyri o quanto antes, porque suas dívidas poderiam ser um motivo. E a imagem de um Jyri bêbado e cheio de medo atacando alguém com um machado me parecia bem plausível.

5.

Um nascido para o prazer e o outro para a dor

Jyri morava em Helsinginkatu. As janelas de seu prédio davam para uma famosa loja de bebidas, e a rua era preenchida pelo som de bondes e por mendigos. Um deles se assustou e parou em frente a um bonde que vinha do leste e foi salvo pelo reflexo rápido do motorista. Mas uma vez dei graças a Deus por não estar uniformizada, senão teria precisado intervir na situação. Eu só segui em frente e deixei que as pessoas se juntassem em volta do pobre coitado e do motorista para assistir à discussão.

Achar a porta certa não foi fácil, os fundos do apartamento de Jyri davam para um muro de tijolos que pertencia a vários prédios. Após algumas tentativas, achei o sobrenome Lasinen em um conjunto residencial e me dispus a subir as escadarias até o quarto andar. Certamente me achava em boa forma, pois os quatro andares não me deixaram ofegante. Toquei a campainha e ao ouvir passos em direção à porta, liguei o gravador que estava em minha bolsa. Gravar nossa conversa era ilegal, mas eu não tinha intenção de usar aquilo como evidência. Nosso encontro não seria um interrogatório oficial, pois nesse caso eu necessitaria que um segundo policial estivesse comigo para servir como testemunha. Eu estava lá para levar um papo extraoficial com o Jyri.

Jyri pareceu surpreso em me ver, mas não nervoso. Nesse dia quase parecia um adulto, com a barba feita e o avermelhado dos olhos suavizado.

O apartamento de Jyri era um lugar típico de um jovem solteirão. A entrada apertada dava para um cômodo espaçoso, com um loft construído acima de uma pequena cozinha. O lugar era confortável e tinha estilo, mas se achava extremamente desordenado. Por todo canto havia cinzeiros e roupas sujas, no chão cascas de laranjas e garrafas de cerveja. Até mesmo eu achei o lugar imundo.

Jyri abriu um espaço para eu me sentar jogando no chão umas camisas da Benetton que estavam sobre uma cadeira de couro preto. Ele se acomodou à minha frente em uma cama que estava por fazer. Acendeu um cigarro e depois de um momento de hesitação me ofereceu um também. Eu não aceitei, só fumo quando estou muito bêbada.

— Desculpe, está meio bagunçado por aqui, não tenho tido tempo para arrumar, pois estou muito ocupado — disse ele suspirando. — E eu tenho que sair daqui a pouco, a gente joga *kyykka* nas segundas durante o verão no campinho da Kaisaniemi, já que não estamos ensaiando.

— *Kyykka*? Que diab... Não, deixa para lá — eu disse, silenciando sua resposta entusiasmada. — Primeiramente vamos cuidar da parte oficial. Ontem, quando vocês estavam jantando juntos, você disse que pensava ter ouvido o Antti no quarto de Jukka sábado à noite. Mas você não me contou isso durante nossa entrevista. Qual a verdade? Você ouviu ou não algo?

— É... eu não tenho muita certeza, sabe ? Não sei se estava sonhando, mas tive a impressão de que alguém estava no quarto de Jukka e eu pensei que fosse o Antti, mas não sei muito bem...

Na verdade, eu não estava tão interessada no que o Jyri ouviu ou deixou de ouvir, mas nas suas finanças. Talvez ele tenha achado um jeito de culpar o Antti quando os outros começaram a desconfiar dele. Será que isso significava que era o culpado ? Eu parei com os rodeios e fui direto ao assunto.

— Quanto você devia ao Jukka ?

A expressão de Jyri passou de relaxada para amedrontada num piscar de olhos.

— Era algo na casa dos cinco mil, certo ? E é claro que você não tinha um tostão para pagá-lo de volta. Ai o Jukka começou a dificultar as coisas para o seu lado quando viu que não iria ser pago. Vocês devem ter tido uma discussão feia, não foi ?

— Foi, mas isso foi na quinta... – gaguejou Jyri, apagando seu cigarro em um cinzeiro lotado enquanto acendia outro. Aparentemente eu adivinhei, mas não sabia como fazer com que o Jyri continuasse a falar.

— Eu tenho seus extratos de banco – afirmei, mentindo um pouco. – Mas seria melhor se você mesmo me contasse sobre suas finanças.

Jyri estava nervoso, tragou o cigarro e depois se levantou para abrir a janela. Um vento tão cheio de poeira e poluição permeou o ambiente que não fez muita diferença para a fumaça de cigarros que tomava conta do apartamento. Finalmente ele se sentou à minha frente com um ar de derrota.

— Bem, na verdade eu devia a ele quase 10 mil – disse –, mas ele prometeu que não diria nada a ninguém. Quem denunciou ? Ou será que você revistou o apartamento dele e achou a nota promissória ? Ele me fez até assinar uma, o cara não podia nem confiar em um amigo...

O mandado de busca para o apartamento de Jukka ainda não havia saído. Se tudo desse certo, eu o teria no dia seguinte, mas Jyri não precisava saber disso, então só fiz que sim com a cabeça.

— Ultimamente eu tenho precisado de dinheiro para uma série de coisas, não dá para viver desses empréstimos estudantis e simplesmente não há empregos. A primeira vez que peguei emprestado com ele foi um pouco antes do Natal, quando eu estava duro, mas aí eu paguei assim que saiu minha parcela do semestre de primavera. Mas depois eu fiquei sem grana de novo. E não dava para pedir lá em casa porque eles iriam começar a encher meu saco e iam ficar falando sobre minhas viagens, e o quanto eu bebo, e por que uso essas roupas esquisitas, e como não existe uma calça jeans normal para eu vestir... Jukka foi bem legal, ele me emprestou o dinheiro e disse que eu não precisava me preocupar com juros. Mas ele quis uma nota promissória... eu estou trabalhando agora como entregador de pizzas, superchato, mas eu quero ir para Nice em agosto...

— Mas na quinta o Jukka exigiu que você o pagasse imediatamente ou ele criaria algum transtorno, certo ?

— É... ele me ligou no trabalho, foi me encontrar lá e nós viemos para cá. Eu não entendi por que a gente não foi para um bar, mas ele disse que queria falar

comigo a sós. Disse que precisava de muito dinheiro porque queria comprar um carro novo, eu não via nada de errado no carro dele. E quando falei que não tinha grana nenhuma, ele me ameaçou dizendo que iria contar para a polícia que... – Jyri engoliu em seco.

— Contar o quê ?

— Bom, que eu devia dinheiro a ele ! Eu não imaginaria que ele seria tão injusto ! – disse Jyri, esbofeteando seu travesseiro.

— Seria 10 mil o suficiente para matar um amigo ? – Ao ouvir isso Jyri ficou horrorizado e pulou da cama.

— Eu não matei meu amigo ! Ele estava completamente normal na sexta e não deu um pio sobre o assunto ; fiquei achando que talvez aquele episódio só foi um pânico que tinha batido nele de repente ou coisa assim. Mas quando a gente começou a apostar corrida me bateu um medo porque parecia que ele estava querendo me fazer sair da pista... talvez estivesse tentando me ameaçar. Mas eu não matei o Jukka, Maria, eu não sou assim. Você precisa acreditar em mim ! – Ele olhou para mim do mesmo jeito que faz uma criaturinha ao ser atacada por um animal muito maior e mais poderoso. Mas eu não podia ceder.

— Mas a morte de Jukka acabou sendo bem conveniente para você – disse eu cruelmente.

Eu não conseguia ser agradável com Jyri, pois ele me lembrava demais o Pete. Os mesmos olhos de cachorrinho arrependido, a mesma negligência com dinheiro. Pete era um dos meus ex-namorados. Eu nunca nem me preocupei em anotar todo o dinheiro que havia lhe emprestado, mas ele provavelmente gastou seis meses do meu salário de policial nos bares deste mesmo bairro. Depois ele foi prestar serviço civil, em vez de ir para o Exército, e acabou decidindo que não poderia namorar uma policial porque eu representava o sistema governamental e a ordem social. Chorei por umas semanas e depois só senti mesmo foi falta do meu dinheiro.

Jyri foi até a janela outra vez, como se estivesse tentando fugir. A possibilidade de ele ser o culpado ainda me parecia plausível ; mas o motivo era muito fraco.

— Você nem se lembra do que aconteceu no sábado à noite ?

— Ah, então você quer dizer que eu matei o Jukka e não me lembro ? Não me faça rir. Você vai me prender ?

A voz de Jyri se elevou a uma falseta, a mão que segurava o cigarro tremia descontroladamente. Sua tentativa em dar uma de homem vivido e experiente desmoronou.

— Se eu tivesse qualquer evidência, você já estaria atrás das grades em Pasila, mas deixe como está, por enquanto – disse com maldade. – Me conte, quem mais devia dinheiro ao Jukka ?

Jyri foi até a cozinha e abriu um dos armários que parecia conter somente garrafas.

— Suponho que posso tomar uma dose de uísque – disse ele para si mesmo. – Você quer um ou está de serviço ?

— Só um pouquinho – eu disse, mesmo sabendo que não devia. No entanto achei que bebendo juntos talvez ele se sentisse mais à vontade para se entregar.

Aparentemente, nesse apartamento as doses eram servidas em copos para água.

— Na verdade eu não sei muito bem se alguém mais devia dinheiro ao Jukka... apesar de ele ter mais dinheiro que o resto da turma. Ele já tinha se formado e tinha um bom emprego. Eu acho que talvez todos nós já pegamos dinheiro emprestado com ele uma vez ou outra ; como em um bar quando o nosso dinheiro acabava, aí o Jukka pagava no Visa dele. A Tuulia falou algo sobre quanto devia ao Jukka, mas parecia mais uma dívida de favores do que de dinheiro. Parece que o Jukka a ajudou a arrumar um emprego ou coisa assim. E eu acho que ele e Timo tinham algumas transações...

— De que tipo ?

— Não sei ao certo. Pergunte você a ele.

Alguma coisa em seu olhar me dizia que Jyri sabia mais do que me contara.

— Se quer saber, eu acho que a assassina é a Mirja – disse ele se servindo de mais uísque.

Eu não tinha passado do primeiro gole apesar do Ballantines estar uma delícia.

— Com base em quê ?

— Bom, em o resto da turma estar hipernervosa enquanto que ela parece estar calma demais. Como se soubesse de alguma coisa. Mas eu não sei por que ela mataria o Jukka. É do Antti que ela gosta.

A mesma pista mais uma vez : a tola paixão de Mirja por Antti. E a possibilidade de entrevistá-los sobre suas respectivas vidas amorosas me parecia quase insuportável.

— Esse uísque todo não vai afetar seu jogo ?

— A gente sempre leva cerveja. E isso não influencia em nada. Parece que você não conhece bem o jogo. Duvido que a gente vá jogar muito, vamos acabar usando o encontro para planejar o funeral do Jukka. E no próximo sábado, você sabia ?

— Sabia... – O laboratório criminal e os patologistas terminaram a autópsia e o corpo fora enviado para a família de Jukka. Eu ainda não havia recebido a análise das fibras encontradas no machado.

— Eu não seria capaz de cantar no funeral de um amigo – comentei.

— Eu também acho isso horrível, tudo bem, vamos ver o que acontece. Você poderia ir ao funeral, aí prende quem não chorar. Que nesse caso seria a Mirja, com certeza.

Jyri relaxou ao perceber que afinal, eu não tinha a intenção de arrastá-lo até Pasila. Dei uma golada em meu uísque, achando boa a sensação de relaxamento que isso me causava. Até então não havia notado o quanto estava tensa. Tinha passado o dia terrivelmente tensa e nervosa.

Jyri começou a se arrumar para sair e me pediu que esperasse por ele para irmos juntos. Ele já tinha notado que eu não tinha vindo no carro da polícia. Seu terceiro uísque acabou por descontraí-lo por completo, e ele começou a me contar fofocas já conhecidas sobre o coral. Enquanto se gabava da própria habilidade, censurava os demais, principalmente os outros tenores. Eu me lembrava de que quando eu morava com a Janna, os cantores ficavam sempre criticando uns aos outros avidamente. E ao escutar o Jyri, comecei a perceber

como a AECLF era um verdadeiro antro para a inveja. Mas é difícil de acreditar que alguém mataria alguém simplesmente por estar sempre desafinando. Foi o que pensei enquanto Jyri reclamava de Timo.

Durante a viagem de bonde, Jyri sugeriu que eu fosse me familiarizar um pouco mais com as sutilezas do *kyykka*, mas eu não quis. Jyri saltou do bonde na parada de Kaisaniemi e eu fui até Eira e continuei a pé pela praia. Não havia muito o que exaltar sobre as praias de Helsinque, mas o mar é sempre o mar. Eu nasci no interior, mas por algum motivo sempre gostei de estar perto do mar. Por um momento, me peguei desejando não estar ali sozinha, que houvesse alguém com quem eu pudesse rir dos corvos que grasnavam irritantemente e com quem eu pudesse admirar uma nuvenzinha em forma de elefante, mas esse desejo não durou muito.

Um veleiro que balançava no horizonte me remeteu ao Jukka – minha conversa com Piia Wahlroos deveria ser em breve ; talvez ela tivesse conhecimento sobre a vida amorosa de Jukka. Eu não sabia muito bem o que pensar de Piia, mas intuitivamente ela estava entre os primeiros colocados no meu *ranking* de possíveis assassinos. Assim como o Jyri, independentemente de ele me garantir sua inocência. Quanto a Timo e a Sirkku, eu só conseguia colocá-los no final dessa lista, porque um lance romântico de anos atrás não me parecia ser motivo suficiente para matar alguém. Além do mais, era difícil de imaginar a Sirkku golpeando alguém com um machado. Talvez eu devesse me concentrar no método usado para matar, pois isso parecia ser um fato importante.

O assassino queria se livrar o mais rápido possível de Jukka. Parece que estava com medo ou enraivecido. Quem seria capaz de perder completamente a cabeça ? Talvez o Antti ou também o Timo. Das mulheres, Sirkku seria do tipo que se irritava facilmente, mas eu a imaginava chorando como uma “mulherzinha” ao bater em Jukka no peito com suas unhas impecáveis.

E a Mirja ? Eu já havia conhecido muita gente que demorava a perder a calma mas que, em compensação, quando perdia, era como se o mundo estivesse acabando. Como o Jukka teria deixado Mirja tão furiosa ? Tuulia seria outra capaz de arrancar a cabeça de alguém, mas por algum motivo era difícil imaginar ela batendo em alguém. Tuulia com certeza usaria veneno.

E se o Jukka tivesse agredido a Piia ? Se ele tivesse partido para cima dela enquanto estava bêbado e ela não tivesse achado outra alternativa para se livrar dele a não ser pegando um machado e o atacando de volta ? Ah, se esse caso acabasse sendo simplesmente uma questão de autodefesa ! Eu de repente me senti péssima por ter que mandar alguém para a prisão, mesmo que isso fosse possivelmente definir o sucesso de minha carreira.

Voltar ao serviço policial fora uma das ideias mais idiotas que eu já tive. Eu ficava me lembrando do anúncio na revista *Policeman* (embora eu sempre tenha tido vontade de boicotar essa revista por conta desse nome irritante) sobre um cargo temporário, o qual eu vim a preencher. Suponho ter conseguido a vaga por ser mulher. Não havia muitas mulheres na polícia, e ninguém facilitava para o nosso lado, pelo menos não para o meu. Às vezes eu desejava ser 10 anos mais velha e mãe de família. Alguns dos meninos me convidavam para sair, assim como fizeram durante meu treinamento na Academia, e o fato de eu nunca

aceitar causava, como era de se esperar, todo tipo de ideias. “Ela é bonitinha, e nem namorado tem. Ela deve ser lésbica, afinal por qual outro motivo ela iria querer fazer um trabalho tão masculino como este ?” E eu já tinha ouvido essa mesma ladainha mais de mil vezes.

E por que eu deveria alguma explicação sobre minha vida amorosa aos meus colegas de trabalho ? Não que eu não tivesse uma, mas muitos deles davam o fora ao saber que eu era uma policial. Ultimamente eu andava tão ocupada que não tinha tempo nem para lembrar que sexo existia. Eu queria fazer meu trabalho benfeito, e havia muito o que aprender na Unidade de Vícios e Crimes. Quando eu e o Pete terminamos, achei que nunca mais me apaixonaria por alguém. Um ano depois o Harry, um ávido botânico e ornitólogo, apareceu na minha vida, mas infelizmente a coisa mais interessante sobre ele era que conhecia tudo sobre plantas e pássaros e que também poderia me ensinar um pouco sobre o assunto. Fora isso, não era páreo para mim. Ele era muito bonzinho, gentil e compreensivo, e eu sempre acabava tratando-o mal. Para minha sorte, um dia ele acabou se cansando de ser tratado como capacho.

Não, eu não queria depender de ninguém. Eu estava me acostumando tanto com a minha rotina que não me imaginava dividindo isso com mais ninguém. Eu queria poder tomar meu café da manhã sem alguém falando comigo antes que eu terminasse a refeição ou roubando meu jornal. Eu queria assistir a comédias românticas na TV sem ninguém comentando como são bobas ou surpreso ao me ver chorar por causa de um final feliz. Eu queria tomar um longo banho de banheira às duas da manhã comendo chocolate e bebendo uísque, se me desse vontade. Às vezes, eu queria alguém para escutar meus monólogos obscuros, então até já pensei em adotar um gato. Um gato que não incomodasse muito. Talvez adotar um gato seja possível, apesar das minhas longas jornadas de trabalho. Fazer amor seria bom, mas eu estava muito bem sozinha já fazia um tempo. Vai ver que minha libido não era muito forte.

Perdida em meus pensamentos, cheguei a Ratakatu, e fui trazida de volta à realidade por um cumprimento em alto e bom som de um amigo que trabalhava para o Serviço de Inteligência finlandês. Percebi que estava pensando mais em mim mesma do que em Jukka, e isso me irritou. Seria possível que a resposta para a morte de Jukka estivesse em seu apartamento ? Se tudo desse certo o mandado de busca seria liberado no outro dia. Primeiramente, abrir o corpo, avaliar seu estado interno, inspecionar o que ele havia comido por último. Depois fazer uma busca minuciosa do resto de sua vida : relacionamentos, finanças, amigos. Uma invasão da vida privada da vítima e dos suspeitos. Eu também estava dando uma espiada em suas vidas, mas só conseguia interpretar alguns dos sinais que me eram oferecidos.

8 Jogo típico da Finlândia, uma espécie de boliche jogado com times. (N.T.)

9 Os empréstimos estudantis são desembolsados em três parcelas, no outono, no inverno e na primavera. (N.T.)

Quando fui trabalhar na terça pela manhã, o mandado de busca estava em minha mesa. Ao lado havia também uma confirmação de que nem Janna nem Franz Schon haviam entrado no país durante a última semana. Koivu ligou para os telefones cujos números haviam sido providenciados por Heikki Peltonen e confirmou a rota do *Maisetta* com os companheiros de bordo dos pais de Jukka. O proprietário do posto de conveniência de Barosund também se lembrou muito bem deles, pois Peltonen havia requerido a devolução de seu dinheiro por umas salsichas que julgava estarem estragadas. Durante a noite eu não conseguia pensar em nenhuma razão que levasse os Peltonen a matarem o próprio filho, então agora eles provavelmente estavam fora do jogo. Talvez ainda descobrissemos um ou mais suspeitos, mas por enquanto os únicos que nos restavam eram os membros do coral. Se fosse para eu desvendar a verdade seria por meio dessas sete pessoas.

Quando liguei para o laboratório para perguntar dos resultados do exame de sangue, o analista químico quase teve um ataque.

— Ah, ei queridinha, foi bom você ter ligado tão cedo. Eu acho que este sangue encontrado na doca vai ser muito importante para a sua investigação.

— Ah, como assim ? – perguntei toda animada.

— É um sangue muito estranho. Se não tivesse aquele machado, eu estaria completamente perdido. O que eu quero dizer é que é o mesmo sangue do lúcio – esclareceu ele secamente.

— Então não é o sangue do Peltonen ? – perguntei.

Mas o que eu queria mesmo era ter desligado o telefone na cara do imbecil. Ele reclamou mais um minuto sobre seu tempo desperdiçado antes que eu pudesse me livrar dele.

Se o sangue do Jukka não estava na doca, ele devia ter caído diretamente na água após ter levado o golpe. Isso parecia frio e calculista, talvez o assassino nem tivesse se dado ao trabalho de esperar para ver o que aconteceria com o Jukka. Isso tudo me deu vontade de vomitar. Naquele momento, e para minha sorte, o capitão colocou a cabeça para dentro de minha sala enquanto fumava mais um de seus charutos. Antes que eu pudesse abrir a boca, ele entrou sem me pedir licença, esfumaçando todo o ambiente. Eu pude sentir o pulsar das veias em minha testa.

— Bem, você já resolveu o caso Peltonen ? – perguntou ele enquanto fitava meus seios por debaixo da blusa que estava um pouco apertada demais.

Era a única blusa limpa e relativamente desamassada que eu tinha encontrado, então precisei usá-la, mesmo sabendo que o terceiro botão poderia saltar a qualquer momento.

— O papai Peltonen ligou para contar com seu apoio ? – perguntei sem nem

mesmo considerar o que estava falando.

O capitão se irritou e a fumaça de seu charuto se espalhou sobre minha mesa bagunçada. Eu continuei.

— Estou de saída com Koivu para investigar o apartamento de Jukka Peltonen. Talvez nós encontremos alguma coisa. E você poderia, por favor, não fumar na minha sala ? Eu não suporto fumaça de charuto. – Eu tinha que desabafar minha indignação em alguém.

Dessa vez foi a veia da testa do capitão que começou a pulsar, mas mesmo assim ele se pôs a se retirar de minha sala com seu charuto, mas antes virou-se para mim :

— Quando vocês, mulheres, conseguem a chance de realizar trabalhos mais exigentes, também têm de provar que são capazes de não se incomodarem com detalhes insignificantes. – E bateu a porta ao sair.

No entanto, quase que imediatamente, a porta se abriu de novo, e Koivu entrou.

— O que o velho disse ? – perguntou ele de olhos arregalados. – Eu ouvi direito ?

— Ouviu... O merdinha ficou puto quando eu pedi para ele não fumar em minha sala.

— Não ! – E o Koivu começou a rir.

— Sim !

— Adivinha quantos de nós não queríamos ter dito a mesma coisa para ele ? Será que vou ter coragem de sair com você irritada desse jeito ? Ele pediu que eu lhe falasse que Mustikkamaa Número Dois pode esperar até que este caso seja resolvido.

Antes do assassinato do Jukka eu estava trabalhando em um caso de dois esfaqueamentos que ocorreram durante as festas de verão da ilha Mustikkamaa. Um deles já estava quase resolvido. Naquela mesma noite nós apreendemos uns dos amigos de copo da vítima, que, depois de ter-se recuperado de uma terrível intoxicação, se lembrou, apavorado, de que havia matado seu amigo ao final de uma briga por uma garrafa de vodka.

Nós provavelmente nunca chegaríamos a solucionar o segundo caso, porque a festa onde havia acontecido a briga tinha sido na casa do famoso Mr. I. Dunno. Todas as testemunhas estavam tão bêbadas que suas descrições do culpado variavam consideravelmente. A vítima do caso que viemos a batizar de “Mustikkamaa Número Dois” sobreviveu, mas perdeu um dos rins durante a rixa. E depois que o assassinato de Jukka fosse resolvido, meu chefe inevitavelmente acharia algo de mais importante para nos ocuparmos. Acertos de contas entre bêbados era o que mais havia em nossa unidade de trabalho.

Eu estava feliz de poder trabalhar com o Koivu. Ele era o melhor piadista de nossa seção e o mais inteligente. Invadir a casa de Jukka me fez sentir muito mal, mas eu não precisava explicar a minha reação ao Koivu.

— Bacana o lugar – comentou Koivu ao entrar na sala do apartamento de um quarto.

Situado no final da Isso Roobertinkau, o prédio proporcionava vistas incríveis para o Parque Sinebrychoff. A sala tinha uma decoração simples, mas

sofisticada, com um sofá confortável, um piano, e vários livros e CDs. No quarto havia uma espaçosa cama de casal e um abajur de sete pontas localizado na mesinha de cabeceira. Fazer amor com essa luz seria com certeza muito romântico. Eu fiquei pensando se o abajur já existia quando a Janna frequentava este lugar.

Havia um telefone na pequena mesinha de entrada e uma luz vermelha piscava, indicando haver mensagens na secretaria eletrônica. Meu coração pulou ; poderia haver alguma pista na fita. Para minha sorte, eu sabia como utilizá-la.

Havia duas mensagens. A primeira tinha obviamente sido feita de um telefone público, pois o barulho de fichas caindo interrompia a mensagem periodicamente. “É a Tiina. Agora o nosso plano está arruinado. Você é muito pão-duro, cara, não dá para confiar em você. Passa aqui em casa no domingo.” Cara pão-duro ?, pensei meio confusa. A segunda mensagem era ainda mais estranha. “Aqui é o M. Domingo à noite. Amanhã eu estou de folga. Me ligue agora.” Quem falava era um homem, sua voz era rouca e fraca. Eu tirei a fita da secretária para levá-la comigo. O Jukka não iria precisar mais dela.

O bloquinho de notas ao lado do telefone era do tipo de arrancar as folhinhas, então nele só havia uma mensagem : “Tuulia segunda-feira cancelado !” Além do ponto de exclamação, a mensagem estava sublinhada. Tinha de me lembrar de perguntar a Tuulia o que isso significava. Provavelmente algo trivial como uma partida de *squash* sendo cancelada.

Koivu havia começado a inspecionar as prateleiras de música.

— Quase tudo música clássica – disse ele desapontado. – Tem um pouco de Beatles e de Queen, mais um tanto de um cara chamado Bach. Isso não é nome de vinho branco ? O som também é muito bom, deve valer mais de três mil euros. A TV e o vídeo parecem ser novos. O que esse cara fazia ?

— Era engenheiro geológico. Amanhã nós vamos dar um pulinho no escritório dele.

— Onde quer que seja que trabalhava, parece que eles pagavam muito bem. Me parece também que ele não era só um técnico, ele tinha muitos livros.

— É... e bons – disse eu enquanto dava uma olhada na sua coleção.

Em vez de *best-sellers*, as prateleiras estavam cheias de clássicos ingleses e franceses : Joyce, Proust, T. S. Elliot, Baudelaire. Era difícil imaginar o Jukka lendo a *Odisseia*, mas vai ver ele era uma pessoa mais interessante do que eu julgava.

A cozinha de Jukka era decorada em cores neutras e *clean*. Na geladeira havia leite, queijo e algumas Beck's Dark e em cima da mesa frutas e um pão velho. Temperos e utensílios de cozinha estavam em falta. Dentro do armário havia muita louça dos tipos Arábia e *Iittala*, muito comum nas casas finlandesas. Mas foi o que eu achei nos armários debaixo da pia que me intrigou : várias garrafas cheias de um líquido transparente e sem rótulos. Cada uma contendo ao fundo um raminho de erva. Eu abri uma das garrafas, primeiramente cheirando-a e depois provando para tentar reconhecer o que poderia ser. Uma bebida alcoólica feita com anis.

— Koivu, venha aqui, eu tenho uma tarefa oficial para você. – Entreguei a

garrafa e Koivu tomou um gole bem maior que o meu e depois sorriu meio perplexo.

— Bebidas caseiras, contrabando ? E de um gosto meio estranho, parece com anis. Forte pra caramba. Tem muito disso aí ?

— Deve ter no mínimo trinta litros. Esse prédio tem algum tipo de porão ou um sótão ? Você poderia ligar para o porteiro e perguntar ? Talvez a gente ache algum tipo de barril.

Koivu foi interfonar o porteiro e eu fui ver o que havia na escrivaninha de Jukka. Na gaveta de cima havia uma pilha de talões de cheques, extratos, certificados de títulos e ações, e outra papelada de finanças. Decidi levar tudo para a delegacia. Na próxima gaveta havia algumas cartas e umas agendas de bolso. Eu as levaria também. E na última gaveta havia a dissertação de mestrado em Geologia de Jukka e mais algumas cartas.

— O prédio não tem porão, mas tem um sótão. Eu vou dar uma olhada para ver se uma das chaves de Jukka abre a fechadura – disse Koivu que certamente estava ansioso por achar os equipamentos de destilação.

Abri um dos álbuns de fotos aleatoriamente e a primeira foto que vi foi de Janna na nossa antiga cozinha segurando uma cenoura e fazendo careta para a câmera. Dei uma folhada no álbum que continha muitas fotos de família : Jukka criança em um bote, Jukka pescando naquela mesma doca onde morrera, Jukka e seu irmão numa casa de árvore, fotos de colégio. Nas fotos de turma de Jukka eu reconheci também o Antti e a Tuulia, os três pareciam ter tido sempre a mesma expressão : Jukka cômico, Tuulia sorrindo para a câmera sensualmente e Antti magro e triste. Uma foto com a turma de crisma em uma excursão a Lapland e fotos de formatura, com Jukka de capelo na cabeça e segurando um buquê de rosas. Os mesmos tipos de fotos que todos nós tínhamos. No álbum mais recente havia fotos do coral e algumas de casamento de amigos. Parecia que Jukka não era muito fã de tirar fotos, ou talvez ele usasse mais slides do que fotos impressas. Mas na prateleira não havia nenhuma caixa de slides. De repente Koivu chegou apressado, quase sem fôlego.

— Adivinha o que eu achei no sótão ? Lá deve ter mais uns cem litros dessa bebida. E não achei nenhum equipamento de destilação, então ele fabricava isso em outro lugar. Mas com certeza Peltonen estava operando uma fábrica ilegal de bebidas !

— Uau ! Acho melhor nós trancarmos esse lugar. Você se importaria de dar uma olhada no quarto para ver se acha alguma coisa interessante ?

— Nós poderíamos confiscar algumas garrafas para a gente tomar, ninguém vai notar – disse Koivu dando uma piscadinha. – Ainda bem que o Kinnunen não está aqui, ele iria pirar. – Após suas observações, ele foi atacar o armário de roupas de Jukka. – Tem umas camisas bem bacanas aqui, eu não me importaria de ter algumas delas. Mas elas me parecem um pouco pequenas. – Koivu checou os bolsos com um entusiasmo fascinante.

O que ele estaria procurando ali ? Armas ? Drogas ? Eu pensava em onde o Jukka poderia estar fabricando a bebida e por quê, e em quem seriam Tiina e M.

— Não há nada de interessante aqui a não ser uma bela coleção de revistas pornográficas. – Koivu surgiu do quarto segurando uma *Playboy* aberta na página

principal. – Por que mulheres assim não se interessam por mim ? Por que sempre descolo só as boas meninas de cabelos castanhos ?

— Porque você é loiro e parece ser um bom menino. Se você tentasse parecer mais com um tigre e menos com um ursinho de pelúcia, aí quem sabe ? Será que nós devemos confiscar essas revistas ? Acho que não seria legal para a mãe do Jukka vê-las por aqui.

Com qualquer outro colega, ficar olhando juntos para esse tipo de revista daria chance para algum tipo de assédio sexual, mas com o Koivu era diferente, ele sempre me tratou como uma irmã mais velha. Alguém com quem ele realmente podia ponderar sobre os fatos da vida.

Eu tentei achar algum esconderijo, bati nas paredes, e nos móveis. Me senti ridícula. Fora os documentos financeiros, as cartas e agendas, e, claro, a bebida contrabandeada, nós não achamos mais nada de interessante.

No caminho de volta Koivu comprou uma cópia do *Ilta-Sanomat*. O jornal local continha uma breve menção a uma morte em Vuosaari, mas eles a tratavam como acidente, declarando que a polícia continuava a investigar o caso. Talvez a diretoria da empresa de Peltonen tivesse pedido ao capitão que mantivesse discrição. Por mim, tudo bem.

Fizemos uma parada na Carrols para comer um hambúrguer, e para me animar também comprei um *milk-shake* de chocolate, o que fez Koivu me olhar com uma expressão como de quem dissesse “coisas de mulher”. Ele planejava ir até Kaarela para trabalhar em um caso de assalto que ele e Savukoski haviam começado a investigar juntos. Eu ficaria no escritório para poder examinar a papelada que achei na casa de Jukka, para ver se encontrava alguma pista. Não sabia muito bem o que fazer com o contrabando. Será que teria sido esse o motivo de discórdia que o levava à morte ? Eu já estava vendo as manchetes : “CONTRABANDISTA ABATIDO EM VILA EM VUOSAARI”.

Na minha mesa encontrei uma pilha de recados a serem retornados, e depois de dar uma olhada neles, mergulhei no material colhido no apartamento do Jukka. Minha sala ainda fedia a charuto. Abri a janela e por um momento fiquei olhando a parede de cimento do prédio ao lado. Cansada, não estava a fim de fazer mais nada. Mas mesmo assim sentei em minha cadeira, coloquei os pés sobre a mesa e me imaginei ser Philip Marlowe¹⁰.

Os cartões-postais que Jukka tinha guardado eram mensagens inocentes de amigos e familiares. Muitos deles vindos de Jarmo e Peter em suas viagens a bordo do veleiro, o mais recente era de duas semanas atrás. Fiquei pensando por que seria que Jukka havia escolhido guardar esses cartões em particular ; eu geralmente jogava todos os que recebia no lixo.

Ler suas cartas parecia *voyeurismo*. Ele tinha guardado só algumas. Jarmo e Peter haviam descrito passagens maravilhosas de sua volta ao mundo uns dois anos antes. Ao lê-las, eu me esqueci por um momento de onde estava. As cartas de Tuulia também eram diários de bordo de uma viagem que havia feito aos Estados Unidos alguns anos antes. Eram calorosas, engraçadas, pessoais... Eu cheguei a rir alto ao ler as confusões de Tuulia durante a viagem e desejei que alguém me escrevesse cartas assim. Jukka e Tuulia sem dúvidas gozavam de uma confiança mútua.

Antti havia escrito de Lapland durante os verões que passara por lá com sua ex-namorada Sarianna. Nas cartas, ele contava que estava fazendo um estágio em veterinária enquanto realizava trabalhos florestais (seus bíceps me vieram à mente mais uma vez) e que nos momentos de folga se dedicava a sua dissertação. Fazia descrições meticolosas da natureza a sua volta, dos livros que estava lendo e sobre suas ideias para a dissertação, da qual nada entendi, teorias categóricas nunca foram o meu forte.

Na verdade só duas das cartas me pareceram interessantes. Uma delas era de Piia e datava de dois meses antes.

“Jukka”, a carta começava simples. “Como você nunca acredita no que eu digo verbalmente, talvez acredite em minhas palavras escritas. Eu já lhe disse mil vezes que não quero ser nada além de sua amiga. Eu não te amo, eu amo o Peter.” Com base na carta, tive a impressão de que Jukka havia realmente se apaixonado por Piia e que tentava envolvê-la, mas ela não queria trair o Peter. Mas parecia que alguma coisa aconteceu entre eles, pois ela continuava : “Eu sei que você sabe como dizer a verdade de uma forma que ela pareça feia. E acredito que você contaria tudo ao Peter se achar que isso realmente o beneficiará”.

Chantagens ? Interessante. Eu teria que questionar Piia a fundo sobre o conteúdo dessa carta. Talvez sua irmã fofoqueira pudesse adicionar algo de importante ao caso.

Quase vomitei ao ler a última carta de Antti. Por que diabos fui escolher uma profissão que exigia de mim que me intrometesse na vida alheia ? Bom, era isso que eu queria quando criança, interceder na vida alheia e ajudar os outros. Até mesmo aqueles que não queriam propriamente a minha ajuda.

“Jukka, às vezes eu tenho que escrever meus pensamentos para poder entendê-los. E eu tenho que formulá-los de tal forma que os outros também venham a entendê-los. Tem vezes que eu tenho a impressão de que você me conhece melhor que eu mesmo. E é por isso que eu tento escrever para você.”

A carta de Antti era um pedido de ajuda ou de conselhos, seu tom era deprimido e pessoal. A data era de aproximadamente um ano atrás, que foi quando Antti e Sarianna haviam terminado e quando ele começara a ter dificuldades com sua dissertação. Ele me passou a impressão de ser um cara calmo e pacífico, mas no momento em que escrevera essa carta estava claramente desesperado.

Havia uma passagem bem interessante pelo ponto de vista de minha investigação. “Você me perguntou por que não vou nessa e trepo com a Mirja, sendo que isso seria tão fácil. Mas para mim não seria nada fácil. Eu achei que foi errado você ter feito isso com ela, mesmo com ela sabendo com quem estava se metendo. A Mirja não é nada burra e, quanto a você, nunca entendi sua relação com as mulheres. Às vezes eu gostaria de ser tão frívolo quanto você, e conseguir tratar as mulheres como coisas. Talvez assim tudo fosse mais fácil. Faça o que quiser, mas pelo amor de Deus não magoe a Tuulia.”

Eu já estava ficando zozza. Então afinal não havia acontecido nada de mais sério entre Jukka e Piia... e me parecia impossível que a Tuulia, que era do tipo realista, fosse de uma hora para outra se apaixonar por Jukka, a quem ela

conhecia tão bem. Eu já não tinha certeza se conhecia ou não as pessoas, mas até então eu achava mesmo que tinha este dom.

Piia, Tuulia... e a Mirja. Jukka se divertindo com a Mirja ? E ela permitindo ? Obviamente as minhas concepções anteriores sobre essas pessoas não tinham fundamento algum. Naquele momento, eu queria mesmo era que tivesse uma garrafa em minha gaveta para poder refrescar a mente, igual o Marlowe fazia. Talvez eu achasse alguma coisa no armário de Kinnunen. Mas em vez de ir lá procurar, comprei um chocolate quente da maquininha que ficava no corredor. Nem mesmo eu tinha a coragem de beber o café que era vendido ali.

Jukka parecia estar envolvido amorosamente com todas as mulheres suspeitas de seu assassinato. Sirkku na Alemanha, Piia na primavera, Tuulia um ano atrás e antes disso a Mirja... Ainda bem que o coral inteiro não estava ensaiando em Vuosaari.

Dei uma olhada nos outros papéis de Jukka. Por cima havia um envelope contendo os extratos financeiros e a auditoria da AECLF. Aparentemente o Jukka havia sido um dos auditores. Jyri era o tesoureiro do coral, Timo o presidente e Sirkku a secretária. Claro. Eles eram exatamente o tipo de se tornarem presidentes e secretárias.

Jukka havia concluído o pagamento de sua hipoteca em maio, o que eu achei impressionante. Durante os últimos anos ele vinha realizando pagamentos mensais bem elevados, e assim quitara o valor principal com rapidez. Talvez ele houvesse recebido algum adiantamento sobre sua herança. Eu escrevi um lembrete para ligar para Heikki Peltonen e perguntar-lhe sobre as finanças de seu filho. Aproveitaria também para indagar o dia e a hora do funeral.

Jukka havia guardado com muito cuidado todos os seus extratos financeiros, assim como suas declarações para o imposto de renda. Ele tinha até mesmo os recibos pertinentes a sua declaração de renda do ano anterior. Ah, se eu fosse assim tão meticulosa com minhas finanças ! Me perguntei como esse cara estava se virando, uma vez que para todos os efeitos seu salário era todo usado para pagar o apartamento. O salário dele era o dobro do meu, mas mesmo assim, ter conseguido pagar de volta um empréstimo de 250 mil *markkaa* em somente três anos era um feito e tanto. E aquele carro ; não havia menção alguma de um empréstimo para um veículo, nem mesmo um acordo de arrendamento. Eu achei uma cópia do seguro de seu automóvel, que o avaliava em mais de 100 mil.

Comecei a suar ao investigar os extratos da conta de banco de Jukka. Seu salário entrava regularmente. Mas, além disso, havia depósitos pessoais altíssimos. Um certificado de um depósito de 50 mil havia ocorrido no Natal anterior.

Eu fui ao banheiro, lavei meu rosto e peguei outro copo de chocolate quente. O telefone me interrompera algumas vezes, mas quando finalmente terminei meu trabalho árduo, estava tão confusa quanto satisfeita.

Depois da análise dessa papelada, era óbvio que, além do salário, o Jukka tinha recebido somas generosas de dinheiro de uma fonte desconhecida. Eu duvidava que ele tivesse ganhado todo esse dinheiro só com o contrabando de bebidas. A não ser que estivesse produzindo em grande escala. Dinheiro, bebidas

e mulheres. Essas eram as manchas deixadas pela vida de Jukka. A combinação me parecia familiar. De uma música de Popeda. “Pê na tábua, sargento Kallio”, pensei, esboçando um sorrisinho.

As contas pagas com o cartão de débito indicavam que Jukka gastava muito também em restaurantes. Ele com frequência pagava contas no bar frequentado pela turma da AECLF, mas ele também frequentava lugares de pegação, como a boate Hesperia, com uma regularidade surpreendente. Eu imaginaria que o Jukka não precisasse comprar companhia, mas quem sou eu para julgar ? Talvez ele gostasse disso.

— Avante ! – gritou Koivu de minha porta, me acordando de meus pensamentos.

— Oh, ei. Como foi lá em Kaarela ?

— Um tédio. E agora eu tenho que ir para Malmi para encontrar uns caras ciganos que foram esfaqueados. Eles chamaram você lá também ?

Koivu pulou na cadeira em minha frente, encheu a boca com três pedaços de chicletes com xilitol e depois me passou o resto do pacote.

— Obrigada. Não, eu não recebi nenhum convite específico para essa festa. Talvez tenham chamado o Miettinen.

— Tem algo de interessante na papelada do Peltonen ?

— Um monte. Koivu, você já esteve naquele antro de paquera em Hesperia ?

— Não, eu não tenho essa grana toda.

— Bem, essa noite você vai para lá, levando a foto do Jukka. Ou você tem algum programa mais interessante ? Eu falo com o rei das horas extras. Pergunte às garotas de programa que ficam por lá se elas conheciam o Jukka e enfatize que é sobre um caso de assassinato. Você sabe, que nem eles fazem na TV.

Koivu pareceu empolgado com a ideia. Seria um daqueles dias de que ele poderia se gabar depois para seus colegas de futebol.

— É melhor que você vá em vez de mim – eu disse.

— É, sendo que provavelmente você nem saiba o que sejam meia fina e salto alto.

— A propósito, eu acho que aquelas revistas pornográficas estão com você.

— Eu tenho que ir para Malmi – disse ele de repente, já se dirigindo à porta. – Na volta eu passo aqui, aí a gente combina sobre hoje à noite.

Seria Koivu o homem certo para ir ao Hesperia ? O coitado podia acabar gastando todo o seu dinheiro com uma das veteranas por lá. Me surpreendi com o sentimento maternal pelo Koivu, mas então meu telefone tocou e também fui convocada para ir a Malmi.

10 Personagem de ficção do autor norte-americano Raymond Chandler, protagonista de uma história de detetive. (N.T.)

Na manhã de quarta uma forte ventania vinda do norte fez com que esse dia de agosto mais parecesse um de outubro. Por mim não sairia da cama. A noite anterior em Malmi havia sido um caos completo. Duas famílias Roma estavam ajustando contas com *puukkos*,¹¹ consequentemente produzindo um morto e três feridos. E eu fiquei de lá para cá entre as clínicas de Malmi e de Meilahti, tentando descobrir quem havia esfaqueado quem.

Depois das nove, tinha liberado o Koivu, que estava exausto. Eu havia chegado à conclusão de que seria melhor deixar a visita à boate para depois que houvesse investigado o escritório de Jukka. Talvez aquelas contas pudessem ter sido de eventos corporativos. Mas se fosse isso, Jukka pagaria com seu próprio cartão ?

Ao chegar ao trabalho, reporte-i ao capitão, por telefone, os eventos da noite anterior em Malmi. Às 10, Koivu e eu fomos até Niitykumpu, em Espoo. Eu havia feito minha maquiagem com um cuidado maior que o usual e, além de minha saia de uniforme, havia vestido uma camisa apropriadamente mais larga. Mesmo preferindo me jogar na cama com Lord Peter Wimsey, eu heroicamente havia lavado minha roupa na noite anterior. Desejei ter meu próprio Bunter¹² para cuidar de minha roupa.

Koivu dirigiu o calhambeque Black Maria, que a frota de veículos havia nos dado ; os outros carros patrulhas que não estavam sendo usados estavam em manutenção. Enquanto conversávamos sobre o evento em Malmi, o rádio do carro retransmitia mensagens intermitentes de má qualidade. Às vezes nesse trabalho a gente se sentia meio esquizofrênico : vários casos para serem resolvidos ao mesmo tempo e uma falta de tempo para poder fazer um serviço benfeito.

Eu havia marcado uma entrevista com o chefe do Jukka por intermédio de sua secretária. Ela havia se referido o tempo todo ao “Dr. Marja Maki”. Aparentemente eu não sou uma feminista iluminada o suficiente, porque automaticamente assumi que a pessoa responsável por um projeto internacional de mineração fosse um homem. Só fui me tocar que era uma mulher quando ela se levantou de trás de sua mesa para me cumprimentar, *Doutora* de Engenharia Geológica Marja Maki.

— Sargento Kallio e policial Koivu da Unidade de Crimes Violentos de Helsinque. Como vai ? — eu disse da porta, usando a minha voz mais oficial.

A Dra. Maki era uma profissional que parecia ter surgido de uma capa de revista : vestia uma saia de terninho preta e uma blusa de seda cinza, sapatilhas de alta qualidade completavam o seu visual esbelto. Usando maquiagem e joias discretas que combinavam muito bem com a roupa, ela transmitia uma bela impressão. Sua voz era educada e baixa, quase masculina. Senti que não havia

passado minha camisa bem o suficiente e me lembrei de que não havia polido meus sapatos.

Maki pediu que sua secretária nos trouxesse café. Ela preferiu beber chá e nem ousou tocar nos bolinhos que a secretária havia posto diante de nós. Já eu consegui esfarelar tudo em minha saia.

— O Peltonen conhecia bem sua área de atuação e era um bom colega de trabalho – começou Maki. – Ele estava com a gente há quatro anos, e começou enquanto ainda trabalhava em sua dissertação. Nós ficamos tão satisfeitos com o trabalho dele que lhe oferecemos uma posição permanente. Ele tinha uma habilidade linguística excepcional, além do inglês também dominava o francês, o russo, o estônio e o alemão.

— Com quem mais ele trabalhava ?

— Ele geralmente lidava com empreendimentos que ocorriam entre a Finlândia e parceiros internacionais. Era quase um negócio à parte. Eu obviamente era sua chefe e ele dividia uma secretária com o Roivas, um de nossos economistas. Ultimamente Peltonen estava dedicando a maior parte de seu tempo a um projeto fino-estoniano. Nós estávamos tentando desenvolver uma tecnologia sustentável para uma mina de xisto na Estônia – explicou Maki, como se por um momento achasse que estava falando com uma repórter.

— Na sua opinião, que tipo de pessoa era ele ?

— Um rapaz muito agradável – disse ela. – Encantador. Engraçado. – De repente sua voz falhou, e sua aparência controlada se desfez por um instante.

Ela enterrou o rosto nas mãos, e nós pudemos ouvir um choro contido. Sem graça, Koivu e eu nos entreolhamos. A Dra. Marja não parecia ser o tipo de pessoa que você pudesse consolar. Quando ela finalmente levantou o rosto, vi que o rimel de seus olhos havia escorrido, criando sulcos em seu rosto.

— Me desculpe – disse ela. – Isso tem sido um grande choque para todos nós. Jukka... Tudo parece tão vazio aqui sem ele. – Ela irrompeu em lágrimas de novo e dessa vez nem se preocupou em escondê-las.

— E se nós fôssemos até a sala de Jukka para averiguar as coisas dele ? – propus rapidamente.

Ainda chorando, Maki chamou a secretária, que nos levou até a sala de Jukka e nos prometeu enviar a antiga secretária dele para vir falar conosco.

A sala de Jukka era surpreendentemente moderada na decoração. Os móveis se limitavam a uma mesa conectada a uma estação de computador, uma estante de livros e um sofá, que não parecia muito confortável.

Parecia que Jukka também cuidava de negociações entre várias pessoas em outros lugares do mundo. A parede era decorada com um grande mapa-múndi, que continha alfinetes marcando vários locais em diferentes países.

— Ela com certeza estava arrasada – comentou Koivu enquanto olhava para o mapa.

— Já estava na hora de alguém ficar triste pela morte de Jukka. A calma da turma do coral me surpreendeu. O que significam esses alfinetes espalhados pelo mapa ?

— Empreendimentos conjuntos, dia 13 de junho – leu ele na margem do mapa. – Eu fico pensando se cuidar de negócios na Estônia não o incomodava,

uma vez que eles também têm minas na China e na América do Sul.

As pastas e os livros na estante eram todos ligados a trabalho. As gavetas de sua mesa estavam quase vazias, e uma delas se achava trancada.

— Koivu, você ainda tem uma daquelas chaves ? Vamos ver se uma delas se encaixa nessa gaveta.

Enquanto Koivu procurava as chaves em sua mochila, fui ver se achava algo no armário acoplado à mesa.

— Olha só ! Eu já vi esta garrafa antes !

Eu pus a garrafa com o líquido transparente em cima da mesa. Ela estava pela metade, eu a cheirei cuidadosamente.

— Mesma bebida ?

Passei a garrafa para Koivu, que deu um gole seguido por uma careta. Será que Jukka guardava essa garrafa em seu armário para poder dar uma relaxada quando tinha que fazer hora extra ? No armário também havia dois copos, um deles sujo de batom, uma camisa branca dentro de um embrulho, e meias pretas, que com certeza estavam ali para alguma emergência.

Koivu achou as chaves e uma delas abriu a gaveta. Para nossa decepção, ela continha papéis de trabalho : cartas, recibos e contas. Eu decidi levá-los comigo para dar uma olhada melhor mais tarde. Enquanto guardava os papéis em minha bolsa, uma foto caiu no chão. Era de Piia, sorrindo no convés de uma regata.

Uma mulher frágil de uns 50 anos bateu na porta e entrou na sala. Ela se apresentou como a secretária de Jukka, Dona Laakkonen. Também se mostrava profundamente chocada com a morte de Jukka, e não pareceu se importar com as lágrimas que periodicamente rolavam por seu rosto enquanto respondia ao nosso interrogatório.

Jukka era uma pessoa agradável de se trabalhar. Exigente e preciso, mas agradável. Sim, o trabalho dele incluía recepcionar os clientes, levando-os para jantares e boates. Para isso ele tinha acesso a vários cartões de crédito da empresa. Ele mantinha seus documentos impecavelmente organizados e todos os recibos com certeza estavam arquivados e em dia.

— Você organizava a agenda de Peltonen, por exemplo, marcando seus compromissos pessoais e com amigos ?

D. Laakkonen sorriu.

— Em teoria isso não fazia parte de meu trabalho. Mas suponho que algumas das pessoas que ele me pedia para agendar estavam mais para amigos do que para parceiros de trabalho. Mas isso acontecia raramente – disse ela com uma certa urgência, como quem não se sentia à vontade para falar mal de quem já partiu.

— Você se lembra de algum nome ? E por favor, não hesite em dizer o que sabe, qualquer detalhe é muito importante em uma investigação de assassinato.

A palavra assassinato provocou mais uma torrente de lágrimas e eu amaldiçoei minha ignorância.

— Tuulia Rajala... e alguém pelo nome de Sra. Wahlgren.

— Wahlroos ? Piia Wahlroos ?

— Isso, suponho que seja Wahlroos. E ele também ligava para uma Tiina com muita frequência, e havia outras mulheres que também não tinham nada a

ver com trabalho.

— Você tem o telefone dessa Tiina ? – perguntei, lembrando da mensagem que ela havia deixado na secretária de Jukka.

— Acho que não. Além do mais, é compreensível que garotas ligassem para o Jukka. Ele era um rapaz tão bonito...

Laakkonen não tinha nenhuma informação sobre algum envolvimento de Jukka com colegas de trabalho fora do ambiente de serviço. Koivu e eu entrevistamos mais alguns desses colegas e também a recepcionista do prédio. As pessoas que interroguei estavam em choque. Não consegui obter nenhuma informação que fosse relevante.

Por outro lado, Koivu encontrou um economista bem falante.

— Esse Jantunen fez todo tipo de insinuações. Ele disse que Peltonen e Maki estavam se envolvendo e que quando Peltonen viajava para a Estônia ficava sempre atrás de um rabo de saia.

— Maki e Jukka ? Uau ! Mas é claro. Eu já devia ter desconfiado assim que vi que a chefe de Jukka era uma mulher. E ele tinha alguém mais em Tallin ?

Pedi que colocassem Jantunen no interfone, mas ele não queria mais falar. Vai ver que sua disposição para falar com Koivu tivesse sido uma certa cumplicidade masculina. Ou talvez Jantunen simplesmente estivesse com receio de espalhar boatos sobre sua chefe.

No final das contas, nós voltamos para conversar mais uma vez com a Dra. Maki, que já havia se acalmado. Ela tinha limpado o rimel escorrido e retocado o batom. A cor era curiosamente parecida com a que achei no copo encontrado no armário de Jukka. A insinuação de Jantunen seria verdadeira ? Jukka teria tido um caso também com sua chefe ? E como eu iria obter a verdade ?

— Você e Jukka trabalhavam muito juntos, certo ? Será que pode me falar algo sobre a vida pessoal dele ?

— Bem, o *hobby* dele era o coral. Ele não estava lá ensaiando quando... quando ele... ? Pelo que sei, ele passava muito tempo com a turma do coral.

Eu me lembrei de que a AECLF estava ensaiando especialmente para a festa de verão da empresa de Jukka. E se Marja Maki sabia do ensaio e tivesse ido até lá por ciúmes para ver com quem Jukka estava passando o final de semana ?

— Onde você estava na noite de sábado passado ?

Marja arregalou os olhos, e ao me encarar, pude ver o medo se espalhar de seus olhos para o resto do rosto.

— Como assim ? Eu estava em Paris.

— Sozinha ? Com seu marido ?

— Com a minha filha mais velha. Meu marido ficou em casa... em Vuosaari. – Nesse momento Maki derramou-se em lágrimas mais uma vez.

No entanto eu continuei a bombardeá-la com perguntas que ela respondia com clareza.

Maki e Peltonen tiveram um caso, que na maioria das vezes acontecia no sofá da sala de Jukka, durante as longas noites de serão ou em quarto de hotéis durante suas viagens a trabalho.

— Não pense você que nós estávamos apaixonados – disse ela soluçando. – Nosso relacionamento era mais um acordo mútuo. A gente se dava muito bem.

— E esse acordo mútuo era baseado em quê ? Você talvez o pagasse para estarem juntos ?

Maki enrubesceu de ódio.

— Escute aqui, mocinha – disse ela brava –, mesmo que para você eu pareça ser uma coroa, ainda não preciso pagar por um brinquedinho. Jukka queria sexo e eu também. E ninguém estava pagando ninguém por isso.

Maki achava que seu marido não sabia do caso, mas vira que se enganara. Ela voltara de Paris na segunda-feira de manhã. Um pouco antes de sua chegada, seu marido havia recebido um telefonema do escritório, e esperava por ela para lhe dar a notícia.

— A primeira coisa que o Martti falou quando cheguei em casa foi : “Aquele seu gigolozinho está morto”. E isso na frente das crianças, que também estavam na sala.

Parece que Martti Maki já sabia sobre o caso de sua mulher fazia algum tempo. E Marja Maki temia que seu marido fosse responsável pela morte de Jukka. Ele afirmara que havia ficado sozinho em casa no sábado à noite. A filha mais nova deles estava na colônia de férias.

— Você entende, é claro, que vamos ter que interrogar seu marido. Onde posso encontrá-lo ?

— Acho que vai ser difícil, ele foi passar uma semana em Portugal para jogar golfe.

Eu estava ainda mais confusa no caminho de volta para Pasila. Ao meu lado Koivu assobiava pensativamente.

— Esse cara não perdia tempo – observou Koivu. – Ele já se envolveu com todas as mulheres com quem conversamos até agora. Menos com a secretária.

— Pode apostar que já teve algo com ela também. Que droga ! Eu queria tanto que Martti Maki não estivesse fora do país. Se ele for o assassino, aí que não volta mesmo. Mas como ele sabia que o Jukka também estava em Vuosaari ? Com as provas que temos vai ser impossível conseguirmos um mandado de prisão internacional. Estou com fome. Vamos comer um vegetariano lá no Aurinkotuuli ? Talvez um pouco de alface me ajude a pensar melhor.

Já passava das oito quando cheguei em casa. Eu havia verificado por onde andava Martti Maki e deixei uma mensagem para que ele me ligasse de volta. Afinal de contas, eu não tinha nada a perder.

O que mais me intrigou foi a Dra. Maki ter contado com tanta facilidade sobre seu relacionamento com o Jukka e de suas suspeitas contra o marido. Apesar de seu sofrimento, ela me parecera ser o tipo de mulher que gostava de se manter sob controle. Será que no fundo desejava que seu marido tivesse matado o Jukka ? E o que ela pretendia ao nos contar isso ? Parecia que a morte de Jukka estava sendo usada como uma peça em um jogo de xadrez no qual eu não tinha a mínima intenção de me envolver.

Passei quase todo o resto do dia organizando a papelada do Jukka. Ele mantinha os negócios bem separados de sua vida pessoal, o que me surpreendeu. O nome Tiina apareceu algumas vezes, mas com a mesma frequência que os nomes de outras mulheres. Outros nomes que se repetiram foram Helvi e Merike. Jukka estaria dando uma de garotão de aluguel com outras riquinhas

também ? Seria por isso que ele frequentava aquela boate ? O calendário estava cheio de anotações estranhas tipo “T. 10 :00 A”. Eu fiquei pensando se o T era de Tuulia e se o A era de apartamento, ou qual a relação entre as duas coisas.

Achei incrível não ter encontrado nenhum tipo de agenda de telefones nas coisas do Jukka, nem na mala na vila, onde pegamos a agenda de compromissos, nem em seu apartamento. Na mesinha do telefone também não havia nada, nenhum tipo de lista. Também não achamos nada desse tipo em seu escritório. E não dava para acreditar que ele sabia de cor os telefones de todas essas mulheres. Teria uma delas ido até sua casa de veraneio e o matado por ciúmes ? Mas como o Jukka iria saber como encontrá-la ? E ela teria vindo de barco ? De repente, comecei a sentir uma dor de cabeça tão profunda que parecia furar meu crânio. Fazia meia hora que eu estava curvada, perdida em meus pensamentos.

Decidi que sair para dar uma boa corrida seria muito melhor que tomar um Super Burana. Enquanto desenterrava minhas calças de corrida do cesto de roupa sujas (ah, elas aguentariam mais uma corridinha), a campainha tocou. Apostava que era uma Testemunha de Jeová querendo me converter ou o cara da TV. Seria fácil me livrar das testemunhas, mas se fosse o cara da TV, aí já seria mais difícil. Eu havia comprado uma antiga TV em preto e branco, com uma tela do tamanho de uma folha de papel uns anos atrás em um leilão da polícia, mas nunca me dei ao trabalho de tirar uma licença para usá-la. Mas é claro que eu sabia que eu não tinha obrigação alguma de deixar o fiscal entrar em casa.

Ao olhar pelo olho mágico, como se fosse uma vovozinha, me surpreendi ao ver que era a Tuulia lá fora.

— E aí, senhora detetive. Eu estava por perto visitando minha prima e tive a ideia de passar por aqui para ver como estão indo as investigações.

— Entre – eu disse genuinamente feliz por ela estar ali e sem pensar se sua história era ou não verdadeira. Talvez eu nem precisasse daquela corridinha.

— Jyri estava furioso segunda-feira, dizendo que você quase o prendeu. Ele é o número um da lista ? – perguntou ela ao pendurar sua jaqueta jeans.

— Bem, não. Só que eu tinha que esclarecer algumas coisas com ele. Meus *rankings* estão em fluxo no momento, mas esse não é o tipo da coisa que eu poderia estar falando com você. Eu interoguei mais gente além do Jyri, ou os comentários não chegaram até você ?

— É, chegaram sim. O Antti e a Mirja também estavam na brincadeira. Nós fomos até a Associação dos Estudantes para ensaiar as músicas do funeral. Foi péssimo, o “O-posto”, quer dizer, o Hopponen, o diretor do coral, estava arrasado. Era como se nós, os que fomos para a vila, e o resto da turma fôssemos dois grupos completamente diferentes. No final, a Sirkku surtou e começou a gritar dizendo que era para parar de olhá-la porque ela não tinha matado ninguém.

— Interessante.

— O pior de tudo foi que todo mundo acabou surtando também quando o Hopponen disse para a gente que a mãe do Jukka quer ouvir “Música do meu coração”, de Sibelius. Todo mundo começou a chorar e não saiu uma nota. Todo mundo, menos a Mirja, que soltou a voz como se nada tivesse acontecido. É

óbvio que no funeral do nosso amigo a gente quer cantar o que a família preferir... Mas, puxa, até o Hopponen desabou.

— Todos que estavam na vila vão cantar ?

— Se alguém não aparecesse no ensaio, nós iríamos achar que foi quem matou o Jukka. Puxa vida, a Mirja me deixa fula da vida ! Nem cantar ela canta, ela só grita. Sabe o que minha prima me perguntou depois do concerto de primavera ? Quem que era a solista ! Ela tinha realmente achado que a Mirja era a solista porque a voz dela se destacava do resto do grupo o tempo todo. Dava vontade de matar... figurativamente é claro – acrescentou ela sem graça.

Eu não queria falar de trabalho e mudei um pouco de assunto antes de perguntar a ela sobre o que eu havia visto no bloco de anotações.

— Você teria um encontro com o Jukka antes de ontem se ele ainda estivesse vivo ? – indaguei repentinamente.

Talvez fosse melhor resolver alguns detalhes para que a gente pudesse partir para uma conversa mais relaxada.

— Como assim ?

— O Jukka escreveu “Tuulia segunda-feira cancelado !” com letras maiúsculas em um bloquinho que ficava ao lado do telefone.

Tuulia pareceu se concentrar para poder se lembrar de algo relevante.

— Não... isso foi que... nós tínhamos combinado de ir ao “Teatro no parque”, mas aí eu decidi que não queria ir mais porque todo mundo que assistiu detonou o espetáculo, e eu pedi ao Jukka para cancelar os ingressos. Já tinha até me esquecido disso.

— De acordo com a agenda do Jukka, vocês tinham vários encontros. Vocês jogavam *squash* ou algo do tipo ? – Eu peguei a agenda e a Tuulia a arrancou de minha mão com uma avidez surpreendente e começou a folheá-la antes que eu pudesse fazer alguma coisa.

— Ah... você quer dizer esses T's ? Eles não têm nada a ver comigo. O que isso pode significar ? O Jukka sempre usou um sistema de códigos estranhos. No colégio, um quadrado preto significava que tinha saído para beber naquele dia e um coração, que ele tinha... E pode ter certeza de que ele espalhava muito mais desses símbolos na agenda do que era verdade. Às vezes ele era até meio infantil. Isso deve ser alguma mulher.

— Você sabe quem são estas outras pessoas ? Quem é Tiina ? Ou Merike ? – Eu tirei a agenda das mãos de Tuulia e comecei a ler os nomes para ela. Tuulia me explicou sobre vários. Membros do coral, familiares, colegas de trabalho. Mas havia algumas mulheres mencionadas na agenda que ela desconhecia.

— Você sabia sobre a fonte de renda secundária do Jukka ?

A Tuulia se espantou, ela não tinha ideia de nenhuma transação paralela, mas depois de pensar um pouco lembrou-se de algo.

— Ele tinha uns tramos temporários. Às vezes ele mencionava uns trabalhos de consultoria. E também parecia saber pra caramba sobre algumas leis específicas. Vai ver que ele estava sonegando imposto ou algo do tipo.

Eu disse que o Jukka frequentemente recebia uma renda adicional.

— Você sabe se ele tinha algum tipo de fundo fiduciário ?

— Ah ! Só pode ser isso ! – disse ela animadamente. – Os Peltonen estão

envolvidos com transações financeiras complexas, então vai ver que passaram a herança em vida para poder evitar impostos. Os pais de Jukka têm tanto dinheiro que não sabem nem o que fazer. Mas duvido que o Heikki admita isso se você perguntar a ele. Agora o Jarmo vai nadar em dinheiro. Por sorte ele está nos Estados Unidos ; geralmente as pessoas não matam por dinheiro ? – Ela olhou em volta. – Ei, seu apartamento é bem legal, mas tem cerveja aqui ? Eu tive uma partida de *squash* bem intensa hoje de manhã e agora estou começando a sentir que está na hora de tomar uma cervejinha.

Na minha geladeira havia os restos mortais de um iogurte, queijo processado, meia garrafa de licor de kiwi e algumas maçãs ressecadas. Ultimamente minhas idas ao mercado tinham sido raras.

— Sério ? Nada ? Então vamos ao Elite. Ou será que tem algum tipo de código profissional dizendo que você não pode ?

Eu pensei na minha corridinha e me lembrei do que tinham falado na Academia sobre neutralidade. Mas talvez umas cervejinhas pudessem servir para relaxar os ombros, tanto quanto uma corridinha.

— Tá, tudo bem, mas com uma condição.

— Ok, qual ?

— A gente não pode conversar sobre esse caso. A gente pode falar sobre qualquer outra coisa : música, política, livros e até mesmo sobre rebanhos de renas, tudo, menos meu trabalho. Eu vou ficar é ainda mais confusa se passar o tempo inteiro pensando nisso.

— Você está confusa ? Coitadinha – disse ela maliciosamente. – Ei, eu também. Pensar em coisas que não sejam o Jukka por um tempo vai fazer bem para as duas.

Eu tirei minha maquiagem de trabalho e fiz uma nova, soltei os cabelos e tive uma sede repentina. Sede por cerveja, por risadas e amizade. Eu não tinha nem a energia nem a vontade de pensar em ética profissional. Talvez sair para beber com a Tuulia não fosse a melhor coisa para meu lado policial, mas, com certeza, faria muito bem ao meu lado pessoal.

E foi ótimo. A Tuulia saiu de seu jeito habitual e me contou sobre suas aventuras e percalços. Seu jeito anarquista e animado de ver a vida me fez sentir que já estava morta e enterrada. Suas histórias sobre as viagens de carona, trepadas com garotos virgens de 16 anos em festivais de rock, e a vez em que ela havia nadado na fonte Tapiola no centro da cidade de Espoo me deram inveja. Alguns poderiam até dizer que a Tuulia não queria crescer, mas eu já achava que ela não queria esquecer a essência da vida.

— Eu não estou interessada em seguir um plano : me formar, comprar apartamento, pagar hipoteca, arranjar um marido, fazer nenéns. Ser respeitável. Eu quero ser irresponsável e fazer exatamente o que eu quero pelo resto da minha vida – ela explicou e depois virou uma caneca de cerveja, deixando escorrer metade pelo pescoço.

Ela achou graça e limpou com as mãos. Sua blusa ressaltava-lhe a clavícula de onde se erguia um pescoço firme e esguio. Nas orelhas, meias-luas em ouro que combinavam com o anel, que também continham pedras que brilhavam. Muito exagerado.

— Em que você está pensando, Maria ?

— Como é bom conversar com uma mulher sensata. Tem homem demais no meu trabalho. Mas por algum motivo me parece que as únicas mulheres que eu realmente consigo entender são as errantes, quer dizer o tipo de mulher que não se estabeleceu em nenhum tipo de função tradicional.

— Você me parece um pouco só. A Janna me dizia que você era meio eremita.

— Eu só não consigo me jogar. As pessoas são legais, inclusive os homens, mas só de pensar em ficar à procura de alguém eu passo mal.

— Tem alguém de especial na sua vida, quer dizer, um cara ?

— Não, eu tive alguns namorados. O Pete bebeu todo o meu dinheiro. O segundo, o cara dos pássaros, era um deficiente emocional, e também teve um cara com quem eu estudava na faculdade de direito que não suportava o fato de as minhas notas serem melhores do que as dele. Basicamente é isso. E eu não sou o tipo de pessoa que tem de estar acompanhada só porque alguém diz que é assim. Eu me preocupo muito com o meu conforto pessoal para mudar. Não acho que todos os homens sejam idiotas, mas não encontrei muitos caras interessantes no meu caminho. E você, tem alguém ?

— Não, já faz um tempo. O Jukka era... — Tuulia mordeu o lábio, e de repente eu me lembrei do pedido do Antti em sua carta, para que ele não magoasse Tuulia. — Me desculpe tocar no assunto, mas o Jukka era... De uma certa forma, especial. Uma alma gêmea. E que às vezes me dava tanta raiva. Garçom ! Outra rodada ! Você também quer mais, não é, Maria ?

— É, eu acho que bebo uma terceira.

Percebi que a Tuulia estava engolindo suas lágrimas e comecei a falar sobre o último filme de Aki Kaurismäki a que eu tinha assistido na semana anterior. Enveredamos em um papo sobre os papéis dos homens e mulheres, criticamos o governo, e rimos como loucas. Uns caras presunçosos tentaram sentar com a gente, mas a Tuulia colocou seus braços sob meus ombros dizendo que a nossa própria companhia nos bastava. Nós rimos muito da forma como suas expressões mudaram quando ela disse isso.

Enquanto a gente esperava pelo bonde número três, eu percebi que estava bêbada. A Tuulia disse que não aguentava andar até a estação para pegar o ônibus e prometi que esperaria o bonde com ela. A noite tinha esfriado, e Tuulia puxou as mangas de seu suéter sobre as mãos.

— Eu tenho uma péssima circulação, minhas mãos estão sempre frias.

— Você se lembra de ficar batendo palmas para se esquentar durante o recreio, quando era criança ? Vamos tentar ?

Nós começamos a bater palmas. Primeiro devagar e tensamente, mas aí a velha habilidade voltou e nós começamos a bater palmas cada vez mais rápido enquanto ignorávamos os olhares de repreensão de quem estava a nossa volta. Nós ríamos como se tivéssemos 10 anos de idade.

— Suas mãos são quentinhas — disse Tuulia. — Mãos quentes, coração frio. É verdade ?

— De acordo com essa lógica, seu coração é quente. É verdade ? — mandei de volta.

Nós nos abraçamos e o bonde levou a Tuulia embora. Enquanto eu andava para casa, fiquei pensando em quando foi a última vez que toquei assim em alguém, e isso de alguma forma me fez bem.

11 Pequena faca de bolso finlandesa. (N.T.)

12 Lord Peter Wimsey e Bunter são detetives, personagens de ficção da autora Dorothy L. Sayers. (N.T.)

*À deriva na maré deslizamos por esta estrada infundável
Por todo o percurso homem algum, ninguém a conhece*

Os esfaqueamentos de Malmi me ocuparam pelo resto da semana. Houve mais uma vítima na sexta-feira quando o filho mais novo da família Roma esfaqueou o primo de outra família. Eu tentava entender então a visão que eles tinham do mundo, mas para isso precisaria entender melhor sua cultura, e eu não tinha tempo para me aprofundar nisso.

Tentei entrar em contato com Hopponen, o diretor do coral, várias vezes, mas só na segunda consegui falar com ele.

— Eu ainda estou de férias e só vou à cidade para ensaiar para o funeral. E estou meio com pressa, porque tenho muito que fazer até hoje à noite – explicou Hopponen.

— Isso é uma investigação de assassinato – eu disse, tentando impor autoridade em minha voz.

— Sim, é claro que eu quero ajudar. Será que você poderia vir até o ensaio hoje à noite ? Poderíamos conversar durante o intervalo ? Por volta das sete e meia ?

Para mim seria ótimo, pois eu teria a oportunidade de me encontrar com os outros membros do coral que não estavam na vila e perguntar a eles sobre o Jukka.

Martti Maki tinha me ligado na quinta. Após hesitar um pouco, ele me contara que não estava em casa na noite do assassinato. Quando perguntei se alguém teria como comprovar isso, ele ficou atordoado.

— Olha... eu não sei o nome da mulher.

Ela era uma conhecida do Clube Kaivohuone e Maki havia passado a noite inteira com ela no Hotel Vaakuna. Consegui marcar um encontro para imediatamente após seu retorno à Finlândia, na terça. Talvez tenha sido ingenuidade de minha parte ter acreditado nele, mas eu não tinha outra opção. Por que Maki teria escondido o machado embaixo da sauna ? Enquanto Koivu estivesse fazendo suas rondas nas boates do centro, ele poderia também ir com uma foto de Maki até o Clube Kaivohuone. Talvez encontrasse essa tal conhecida, ou talvez alguém no clube se lembrasse dele.

Saí do trabalho antes das sete. Eu tinha ficado até meia-noite na noite anterior interrogando um dos atacantes envolvidos no esfaqueamento. Estava cansada e minha cabeça parecia vazia. Minha vontade era que alguém estivesse me esperando em casa com um banho quente e uma cerveja gelada. Ou podia ser até mesmo um gato manhoso. Gostaria que a minha visita ao ensaio não demorasse. Eu precisava dar um jeito na casa, lavar minhas roupas e dormir por mais de seis horas.

Peguei o bonde número sete até o centro, e fiquei pensando na descrição que

Koivu me dera das boates daquela região. Um *barman* se lembrara na hora de Jukka, mas em seguida afirmou que não tinha tempo para ficar vendo o que ele fazia ou deixava de fazer. Koivu disse que tentar conversar com as mulheres tinha sido mais difícil, ninguém queria admitir conhecer o Jukka, mesmo sendo óbvio que elas o conheciam, dado o brilho em seus olhares ao ver a foto dele. Talvez o Koivu tenha sido muito bonzinho.

A Associação Estudantil dos Cantores do Leste Finlandês ensaiava em um espaço que eles tinham em Liisankatu. Dava para ouvir o canto a alguns quarteirões. Reconheci a música “À deriva na maré”, de Kuula. Era a mesma que eles haviam ensaiado em Vuosaari. Será que a AECLF estava planejando cantar essa música no funeral do Jukka ?

O elevador estava fora de serviço, então tive que ir de escada até o quinto andar. O canto soava ainda mais alto no corredor, às vezes parava e começava outra vez. E os vizinhos ? Não se incomodavam ?

A porta estava fechada, então eu toquei a campainha, e, depois de uma longa espera, a Mirja abriu a porta. Ela me viu e deu um segundo olhar como se para confirmar que era eu mesma quem estava ali na sua frente.

— Oi, eu vim falar com o diretor do seu coral – expliquei.

— Nosso intervalo é em 10 minutos – replicou Mirja ao se dirigir de volta à sala de ensaio.

Eu estava um pouco adiantada, e o Hopponen não parecia ter pressa alguma para começar o intervalo, então tive a oportunidade de assistir ao coral por quase meia hora. De onde eu me encontrava, perto da porta lateral da sala, tinha uma excelente visão não só de todo o coral como também do maestro, que suava ao fazer seu trabalho.

O semestre de outono do coral não havia começado ainda, então nem todos estavam presentes. Com certeza havia muito menos homens do que mulheres, e somente um outro tenor além de Jyri e Timo. Mesmo com um número menor de pessoas, o *hall* parecia lotado e apesar de a janela estar aberta, o lugar estava sufocante.

Hopponen, que eles chamavam de O-posto, liderava o coro em cima de uma plataforma de uns 60 centímetros. Ele era um homem baixo e gordo, com alguns fios de cabelo ao lado e atrás da cabeça, e um cavanhaque longo que balançava quando ele se mexia. A forma como conduzia a batuta era no mínimo estranha. Pelo menos para meus olhos leigos era impossível dizer até mesmo em que tempo estava a música. Enquanto conduzia, ele acompanhava vários trechos cantarolando com os lábios fechados, como um Glenn Gould. Sua camisa, que era curta demais, ficava constantemente saindo para fora da calça jeans, e ele ficava tentando colocá-la para dentro com uma mão só. Aparentemente as garotas do coral tinham o hábito de checar se o cabelo de Hopponen estava penteado, se o seu diapasão se encontrava no bolso e se o zíper permanecia fechado antes das apresentações. Talvez ele criasse essa imagem de distraído para se definir como artista.

— Parem, tenores ! – gritou Hopponen. – Vocês não sabem ler música ? Agora é o solo do baixo !

Eu vi Timo corar de vergonha. Ao lado dele Jyri ria maliciosamente.

— Vamos pegar do começo, está tudo muito confuso. Sopranos e contraltos, eu quero uma pausa entre as oitavas e o terceto da segunda página. E baixos, não fiquem para trás ! Do começo ! Segundo soprano, pode me dar um ré maior ?

Hopponen recebeu no mínimo duas versões da nota pedida. E as outras vozes suspiraram, irritadas. Com certeza essa cena já havia se repetido várias vezes.

— A versão mais alta é que está certa – observou ele secamente e depois indicou para que o segundo soprano começasse.

No início não se ouvia um pio. Depois alguém que estava na última fila começou discretamente, e depois aumentou a voz, para acompanhar os sopranos, o que resultou em caos.

— Cale a boca, Mirja, você só está atrapalhando ! – gritou Piia com severidade.

— Exatamente o que é tão difícil neste começo ? – perguntou Hopponen ao coçar a careca.

— Não dá para começar enquanto alguém fica salivando esperando que a gente erre – explicou a cheinha ruiva de cabelos longos que estava ao lado de Piia.

— Eu posso cantar com eles até que comece o segundo contralto – sugeriu Mirja, que recebeu objeções furiosas. Hopponen levou um tempo para reinstaurar a ordem.

— Fica ridículo se você cantar com os segundos sopranos aí da última fileira. Tuulia, você poderia cantar a primeira parte com eles ? – sugeriu Hopponen finalmente.

Essa solução pareceu dar certo e a música engatou, quanto mais eu ouvia mais a achava emocionante, como se tivesse sido escrita especialmente para ser cantada no funeral de Jukka : “À deriva na maré deslizamos por esta estrada infundável, por todo o percurso homem algum, ninguém a conhecerá”.

O coral soava bem. Eu estava mais perto dos altos, e a voz de Mirja se sobressaía com frequência. O solo de Tuulia era provavelmente mais do que simples malícia. Mirja ultrapassava seus limites rompendo em um inabalável *forte*. Eu pensei com meus botões se a pessoa ao lado de Mirja não era surda de um ouvido. Mais no meio da fila do alto, Sirkku oscilava ao cantar, o que a fazia parecer tola.

Os tenores ficavam atrás dos contraltos. Timo cantava com o nariz na partitura, sem nem olhar para Hopponen, a expressão de Jyri era de concentração. Ao cantar, ele parecia menos imaturo que usual. Meus olhos foram atraídos para a última fileira, chegando até Antti, que se expressava em um baixo quase deprimido. Por um momento eu achei ter visto lágrimas em seus olhos.

— Obrigado ! – gritou Hopponen no meio da música. – Obrigado significa fechem o bico ! – continuou ele enquanto o grupo continuava a cantar. – “Tudo irá se acabar”, página três, terceira linha. Tem dois Fs aqui, o que significa isso ?

Eu pude ver várias expressões de irritação. Essa cena também parecia ter-se repetido várias vezes.

— *Fortíssimo* – falaram alguns ao mesmo tempo.

— E se vocês sabem o significado disso, por que tem gente além dos

contraltos fazendo essa parte ?

— Mas eles sempre cantam *fortissimo*. — Eu ouvi Tuulia bufando de raiva.

Logo depois ela sorriu para mim, e não pude evitar sorrir-lhe de volta. O sorriso me acalantou, me fazendo esquecer aquela atmosfera claustrofóbica.

— E, tenores, estão desafinando no sol agudo. Todos vocês tem que conseguir alcançá-lo.

Percebi o Jyri olhando para o Timo outra vez.

— Sopranos, eu quero vocês mais ousados o tempo todo, e, baixos, vocês estão um pouco atrás. Acelerem ! Página três. Baixos, sua primeira entrada, por favor.

Eu continuei a olhar para Tuulia. Seu sorriso rapidamente sumiu. O canto de Tuulia estava lindo, soava natural. Janna dizia que a voz da Tuulia era um soprano bastante agudo, ela não tinha o menor problema em alcançar o casual si acima dos outros.

Piia pareceu ter dificuldades durante a música inteira. Ela parou de cantar, e eu pude ver que ela estava chorando. A ruiva cheinha ofereceu-lhe um lenço.

O coro cantou a música mais uma vez, sem interrupção. Eles começaram a soar especialmente melodiosos. Nesse momento, Hopponen declarou que o intervalo tinha começado e eu acenei para ele. Em um segundo ele sumiu, indo para a sala dos fundos. Eu deixei cair as partituras de alguém. Ao apanhá-las, percebi que seu dono havia feito mudanças no poema de Leino. “Um nasceu para tesouros e o outro nada tem, mas a cada batida cronometrada do coração. Que ao parar me causa dor.”

Na parte que diz “Por todo o percurso homem algum, ninguém a conhecerá”, ele havia desenhado algo vulgar. E ao lado de “A manhã despostrará” tinha um sol soltando pum. E olha que esse nem era o coral dos estudantes de engenharia.

Eu topei com o Antti, que estava comendo couve-flor crua.

— Oi, Maria, quer ? — Ele me ofereceu o molho de couve-flor para que eu pegasse um pedaço.

— Não, obrigada. Para onde o Hopponen foi ?

Antti apontou para a sala dos fundos, onde o Hopponen explicava algo para Timo. Eu os interrompi com um “oi” em alto e bom som.

— Oi... — replicou Hopponen vagamente. — Você está interessada em entrar para o coral ?

— Não. Sargento Maria Kallio da Unidade de Crimes Violentos da Polícia de Helsinque.

Hopponen me fitou com um olhar confuso e estendeu a mão para me cumprimentar, desconcertado pelos meus jeans mais uma vez. Talvez eu devesse aderir à minha saia de uniforme e ao coque de uma vez por todas.

— Ah, claro, quase me esqueci de você. — Hopponen dispensou Timo e fechou a porta.

— O que exatamente você gostaria de saber ? — perguntou ele enquanto brincava com seu longo cavanhaque.

— Jukka Peltonen era assistente de direção do coro, certo ? Quais eram suas responsabilidades ?

— Assistente de direção não faz muita coisa. Às vezes dividimos o coro em

dois, e o Jukka ensaiava com uma metade enquanto eu ensaiava com a outra. Em teoria, o assistente de direção lidera o coral quando o diretor não está disponível, mas eu tento nunca faltar a ensaios e apresentações.

— O Jukka sempre foi assistente de direção ?

— Eu não lembro esse tipo de coisa, você não pode esperar que eu me lembre em que ano cada um entrou para o coral. Mas Jukka tem estado com a gente faz um bom tempo, uns dez anos talvez.

— Este não era para ser um coral estudantil ? O Jukka já se formou e de qualquer forma era um pouco mais velho, não ?

— Coral estudantil é um conceito flexível. Nós ficamos felizes em manter bons cantores até mesmo depois que eles se formam. E o Jukka parecia estar contente em se envolver com o coral... – Hopponen riu de forma brincalhona. – Eu tenho certeza de que ele não se importava com o fato de novas garotas entrarem para o coral todo ano.

— Então o Jukka fazia sucesso com as garotas do coral ? – perguntei como quem não soubesse de nada.

— Ah, sim, o Jukka tinha mulheres de sobra. – Seu sorriso apareceu de novo e depois diminuiu. Talvez Hopponen achasse de mau gosto falar assim dos mortos.

— De sobra ? O que você quer dizer com isso ?

Hopponen arranjou a camisa para dentro da calça, ele estava meio envergonhado e não quis esticar essa conversa. Quando perguntei se poderia interrogar alguns dos membros do coral, ele se mostrou irritado.

— Este é nosso último ensaio antes do funeral, e estão todos em ritmo de verão.

Tive que explicar a ele que isso era uma investigação de assassinato. Então ele olhou no relógio, percebendo que o intervalo já tinha durado tempo demais.

Os membros do coral tinham se dividido em pequenos grupos e se espalharam pelas diferentes salas da Associação. Me pareceu que os outros estavam chateados com os que estiveram em Vuosaari quando o Jukka foi morto. Só o Jyri estava fumando com uma das contraltos. Sirkkä, que estava grudada em Timo, me fitava com um ar de medo do sofá em que sentara.

Quando Hopponen disse que o intervalo tinha acabado, Timo subiu na plataforma. Esperou, sem muito sucesso, que o grupo se organizasse e finalmente, frustrado, ele gritou.

— Escutem aqui ! Nós precisamos determinar a programação de sábado. O funeral vai ser na igreja Temppeliaukio, às duas horas. Nós vamos nos encontrar à uma para aquecer e correr a programação uma última vez.

— Quais os hinos que eles vão cantar ? – perguntou Mirja.

— Eles ainda não sabem – interrompeu Hopponen. – O Sr. Peltonen prometeu me notificar amanhã, assim que souber eu vou ligar para o Timo, para que ele passe para vocês. Seria bom todo mundo dar uma olhada antes.

— Depois do funeral vamos nos encontrar no restaurante Laulumiehet – continuou Timo. – Eles pediram que a gente cantasse uma ou duas músicas, o “Coral 62” da *Paixão de São Mateus* e “Terra da Paz”, de Genetz, e é isso que nós vamos ensaiar o resto do tempo. Alguma pergunta ?

— O que a gente vai vestir ? – perguntou Piia.

— Nada de uniforme de coral, é para usar roupas dominicais – respondeu Timo.

— O mesmo tipo de roupa que usariam no funeral de um amigo – adicionou Hopponen. – Ternos escuros para os homens.

— E nada de vestidos floridos e maquiagem para as mulheres – disse Mirja séria.

— Você gostaria de dizer alguma coisa ? – me perguntou Timo enquanto descia da plataforma, como se fosse para me ceder seu lugar.

Eu dei um pulo e por um momento tive vontade de acenar os braços como Hopponen. Mas com um certo esforço eu me controlei.

— Boa noite, sou a sargento Maria Kallio da Unidade de Crimes Violentos da Polícia de Helsinque. Estou investigando a morte de Jukka Peltonen e espero que se algum de vocês saiba de algo que possa me ajudar, que se manifeste agora. Estarei na sala dos fumantes e gostaria que cada um de vocês fosse falar comigo.

— E os que já falaram com você ? – perguntou Mirja antagonicamente.

— Se eu não pedir para falar com você em especial, não há necessidade, a não ser que você tenha algo de novo para dizer. Aqui no quadro está meu telefone caso você se lembre de algo importante mais tarde.

Desci da plataforma e indiquei que a contralto baixinha que estava ao lado de Mirja viesse comigo. Me deu vontade de perguntar a ela se ainda conseguia ouvir normalmente com o ouvido esquerdo.

Infelizmente os outros membros nada mencionaram que valesse a pena repetir. Parece que Antti, Tuulia, Jyri e Piia eram quem conheciam melhor o Jukka. Algumas garotas deram a entender que tinha havido algo entre elas e o Jukka, mas parecia que fora há tempos.

Anu, a gordinha ruiva, segundo soprano, foi a primeira a ter algo de interessante para falar.

— A última vez que eu vi o Jukka nós estávamos jogando *kyykka* e depois fomos tomar uma cerveja no Três Lisas. O banheiro de lá é bem pequeno, então a gente tinha que esperar do lado de fora. O telefone público ficava do lado, e o Jukka estava tendo uma briga no telefone com alguém.

— Sobre o quê ?

— Dinheiro, eu acho. Ele disse : “Um quinto agora, e isso é tudo”. Aí ele me viu e disse “Olhe, Emma, eu não posso falar agora”, e desligou o telefone. E depois me disse algo do tipo por que eu estava ouvindo a conversa dele. Eu acho que devia ser importante.

— Então o Jukka estava falando com uma mulher ?

— Essa é minha impressão.

— E o nome Emma significa alguma coisa para você ? Talvez alguma antiga pessoa do coral ou alguém de quem o Jukka já falou ?

— Não, não consigo me lembrar de ninguém com esse nome.

Também não havia nenhuma menção de uma Emma na agenda do Jukka.

— Quem de vocês estava jogando *kyykka* e quem foi para o bar ?

O olhar de Asly mudou, como se ela entendesse onde eu estava querendo chegar.

— Os de sempre. Se eu não estiver me recordando errado, tinha os que

estavam na casa de veraneio também. Ah, não, o Antti não foi. Foi por isso que a Mirja estava tão desapontada. Ela foi para casa depois do jogo e não veio para o Três Lisas. Mas ela mora longe e não tinha nem como ela chegar em casa a tempo de falar no telefone com o Jukka.

Ninguém mais teve nada de esclarecedor a dizer. Eu quis falar com a Tuulia só por falar, mas não consegui pensar em uma boa desculpa para chamá-la. Talvez eu estivesse meio acanhada, achando que tinha revelado coisa demais quando saímos para beber.

Pude sentir o efeito do interrogatório da noite anterior nas têmporas e nas pernas. Fiquei um pouco mais para ouvi-los enquanto eles ensaiavam Bach e até acompanhei os sopranos um pouco.

Onde o Jukka ficava ? Ele era um primeiro baixo, então seria no meio da fileira de trás. Com o Jukka, a turma do baixo soaria diferente ?

Jukka tinha falado de dinheiro com uma mulher. Será que ele devia para alguém ? Seria esse o segredo por trás dos carros de luxo e equipamentos caros ? Seria por causa dessa mulher que ele estava cobrando o dinheiro emprestado para o Jyri ?

— Você acha que alguém mais está correndo risco de morte e que seria melhor a polícia acompanhar os ensaios ? — disse Jyri a caminho do telefone.

Com base na conversa de alguns minutos atrás, eu assumi que ele estava indo ligar para os pais de Jukka. Mostrei a língua para ele assim que se afastou e bati a porta ao sair.

Que cara mais chato, pensei ao descer as escadas. Primeiro me oferecia couve-flor, depois me provocava. Eram todos malucos. As pessoas acham que cantar é um bom *hobby*, mas eu pensava, com base no ensaio a que acabara de assistir, que isso só acentuava o lado implicante das pessoas. Sem dúvida todos eles quiseram esganar Hopponen ou um outro colega em algum momento. Vai ver que alguém simplesmente tinha se cansado das críticas de Jukka durante os ensaios...

Enquanto passava pelo Parque Kaisaniemi a caminho de casa, encontrei alguns amigos da faculdade que iam jantar no Asema da estação de trem. Depois de muita insistência, concordei em ir junto. Afinal, eu poderia deixar a limpeza para amanhã, e haveria tempo de sobra para eu dormir depois de me aposentar.

O ritmo durante o resto da semana continuou caótico. Parecia que naqueles dias a cidade inteira tinha resolvido abusar de seus familiares. Depois de negociar cinco casos de violência doméstica em três dias : a morte de uma mãe já de idade, o espancamento de duas esposas, um marido bêbado empurrado da sacada de sua casa e um menininho que atirou no pé do irmão caçula com o rifle do pai, eu estava pronta para jurar que nunca iria me casar ou ter filhos. Mas ocasionalmente tive tempo para pensar no caso do Jukka, e de dar uma lida em seus papéis, o que levantou algumas questões.

Apesar de não ser imperativo para a investigação, eu queria estar presente no funeral de Jukka, que aconteceria na Igreja Temppeliaukio. O pai dele havia me convidado quando liguei para perguntar sobre as finanças do filho. Heikki Peltonen negou qualquer adiantamento ilegal de herança ao filho, mas não acreditei nele. O médico da família tinha proibido que a mãe de Jukka fosse interrogada. Eu sabia que se precisasse poderia conseguir uma autorização para falar com ela, mas não queria pressioná-la.

Os técnicos do laboratório criminal não acharam nada de interessante no carro do Jukka. Ele estava coberto de impressões digitais de outras pessoas, algumas não identificadas, mas nenhuma que tenha batido com nosso banco de dados. Não havia manchas de sangue, e nada escondido. Por mim o carro poderia ser liberado imediatamente aos pais de Jukka.

Eu fui andando de casa até a Igreja Temppeliaukio. Meu velho vestido preto estava apertado nos ombros. Meus pais o haviam me dado de presente para a minha formatura do colégio, e naquela época eu não fazia musculação. Uma meia-calça preta cobria minhas pernas, que não estavam raspadas. Não levei flores, primeiro porque o Jukka não precisava delas e segundo porque os vivos poderiam achar estranho ver uma policial com flores na mão. Além do mais, eu queria me concentrar nas outras pessoas que levassem flores, talvez eu pudesse identificar entre eles quem poderia ser Tiina, Merike, Emma ou a tal de M. Não tinha a menor intenção de comparecer à celebração que ocorreria após o funeral.

O dia estava nublado e parecia que a qualquer momento iria chover. Um tempo perfeito para um funeral. Não havia sinal de trovões, apenas o prenúncio de uma chuva. Pelo menos as plantas que cresciam ao pé da igreja pareciam sedentas, após tantas semanas de seca.

Entrei discretamente e fui até o andar de cima. Fiquei pensando quando teria sido a última vez em que pisei em uma igreja e me lembrei do casamento de minha amiga Annika, no inverno anterior. Igrejas não eram lugares muito comuns para mim. Não sabia muito bem como me comportar. Sempre me senti desajeitada e barulhenta e os sermões nunca me afetaram. Religião era o tipo da

coisa na qual eu pensava muito pouco, e geralmente contra minha vontade. Naquele momento, eu pensava muito mais em como realmente teria acontecido a morte de Jukka.

Na delegacia contavam que um dos melhores investigadores há algumas décadas tinha o hábito de consultar espíritos para desvendar crimes de homicídios. Parece que funcionava muito bem. Eu não acreditava muito nesse tipo de coisa, mas quem sou eu ? Tudo era possível. Talvez o Jukka estivesse naquele lugar em que os fiéis chamavam de céu, ou será que o lugar dele era no inferno ?

Vai ver o céu de cada um é diferente, pensei. Eu podia até ver o Jukka brincando com anjas rechonchudas. Um pensamento um tanto quanto inapropriado para uma igreja, mas ninguém me viu sorrindo, ou será que viu ? Talvez o Jukka simplesmente tivesse cessado de existir. Completamente. Eu me lembrei do tom sombrio da carta de Antti. Ele acreditava que o Jukka já não existia mais, em nenhuma forma. A única coisa após a morte seria um vazio irrevogável.

Olhei para baixo e vi que a igreja não estava muito cheia. O coral havia tomado seu lugar à frente dos convidados. Um caixão simples de carvalho, que em breve seria cremado, ocupava o altar. Heikki Peltonen estava no banco da frente e a mulher ao seu lado usando um véu de luto era obviamente a mãe de Jukka. Quantos tranquilizantes haveriam dado a ela antes do funeral ?

Todos os meus suspeitos estavam cantando, com Piia e Tuulia no lado direito da fileira dos sopranos. Piia, que já estava com olhos vermelhos, vestia um belo vestido preto, cujo tecido parecia ser chique demais para um funeral. A Tuulia usava um vestidinho preto de tricô que deixava seu rosto e seus cabelos ainda mais claros. Sirkka estava sentada, cabisbaixa, segurando a mão de Timo, que se encontrava atrás dela. Por outro lado, Mirja observava atenta os convidados e, ao me ver, me fitou com hostilidade.

Os homens sentaram na última fileira, e o pequeno Jyri quase não aparecia por trás dos altos. No canto, a cabeça de Antti se destacava acima das dos outros ; sua calça estava um pouco curta para as pernas longas, revelando canelas finas acima das meias pretas. Antti usava um rabo de cavalo amarrado com um elástico de pano.

Hopponen estava ao órgão. Eu via que suas mãos tremiam e de repente senti medo pelo que iria acontecer com os membros do coral, com a mãe de Jukka, comigo. Tive medo de começar a chorar descontroladamente, e de que a música se transformasse em lágrimas e prantos. Eu tive medo de alguém questionar aos céus “quem ?” e “por quê ?”, perguntas que eu ainda não sabia responder. Provavelmente o Jukka é que estava bem. Tudo havia acabado para ele.

Hopponen tocou os primeiros acordes do hino de abertura. Sempre gostei de cantar, então peguei o livro e comecei a acompanhar. “Hino 613”, primeiro e segundo versos. No começo do primeiro verso, comecei a questionar a escolha, e as palavras do segundo verso eram ainda mais apropriadas para a situação : “Nem magnificência ou majestade, nem juventude ou habilidade salvará quando a sepultura se abrir. O momento de partida chegará, e todos encontrarão sua recompensa. Mas como e quando somente Deus saberá”. Senti minha voz

tremer, talvez porque fazia muito tempo que eu não cantava.

Após o hino de congregação veio a vez do coral. Eu reconheci “Lacrimosa”, do *Réquiem* de Mozart. Suas cordas eram cruéis e provocantes, e nas palavras também não havia luz, só uma sensação de perigo : “*Lacrimosa dies illa, qua resurget ex favilla, judicandus homo reus. Huic ergo parce, Deus*”. “Lágrimas quando o homem se ergue de sua culpa para ser julgado...” Era o Jukka uma má pessoa ? Tudo bem, ele brincava com as pessoas, mas mau ? Será que Deus, se ele existir, iria perdoá-lo ? Eu não conseguia parar de olhar para o coral. Consequia distinguir o flautado tenor de Jyri e o sombrio mas esplêndido agudo de Mirja. Talvez a coisa mais bonita nela fosse sua voz. Os baixos cantavam cada vez mais e os sopranos trovejavam em harmonia. O rosto de Tuulia corava enquanto ela cantava.

Não prestei muita atenção nas preces ou nas passagens que foram lidas da Bíblia. O padre, um jovem com seu jeito apropriadamente solene, dirigia suas palavras aos pais de Jukka. Piia tirou um lenço da bolsa. Eu precisava interrogá-la assim que possível. Sirkku segurava a mão de Timo outra vez. Eu não conseguia pensar em motivo algum para que eles matassem o Jukka. Talvez o Timo tivesse atacado o Jukka em um momento de raiva, por ele ter brincado com a Sirkku. Timo parecia ser o tipo do cara que se sentia na obrigação de defender sua mulher. Ninguém nunca me defendeu dessa forma, não que eu quisesse. Muito pelo contrário, eu lembrava de ter dado um soco em um imbecil na fila do cachorro-quente que ficava falando que o Harry, o cara SOS pássaros, era um veado cabeludo.

Mas será que o Jukka e o Timo teriam algum motivo para se encontrarem no meio da noite ? E se a letra T na agenda de Jukka fosse de Timo ? E se nós achássemos o equipamento de destilação no apartamento de um dos dois... O padre parou de falar. Hopponen saiu de trás do órgão e se pôs em frente ao coral, e os homens levantaram-se para cantar “Bosque” de Tuoni, “Bosque da noite ! Lá sua cama de areia é leve, eu guio meu filho a sorrir...” Parece que eles decidiram apresentar só a versão do coral masculino, porque as mulheres simplesmente não conseguiam cantá-la. Eram apenas seis homens, sendo que Jyri e Antti pareciam estar sós, um em cada extremo da extensão vocal.

De repente um surto de choro que começou com a mãe de Jukka contagiou toda a igreja, afetando primeiramente os bancos até o fundo da igreja e voltando até chegar no coral. A Tuulia nem tentou segurar suas lágrimas. Eu adoraria poder acalmá-la. Piia se escondia por trás de seus cabelos escuros, e uma garota que eu não conhecia assoava o nariz com tanta força que dava para ouvir no segundo andar da igreja. Hopponen continuava a conduzir com mãos trêmulas, enquanto sua barbicha acompanhava os movimentos. Somente Mirja sentava-se calma e sem expressão, como se tudo que acontecia a sua volta não tivesse o menor efeito sobre ela. Imaginei se ela fingia estar serena. Ou será que Mirja odiava tanto o Jukka a ponto de estar satisfeita com a morte dele ? Por quê ?

Eu admirava o autocontrole dos meninos. Nossa cultura não admite que os homens expressem sua tristeza. Nem sei como eles conseguiram cantar apesar de toda a comoção e com a mãe de Jukka, que ficou praticamente histérica durante a música. O primeiro tenor de Jyri era leve e belo. Quando ele cantava,

sua voz aguda se tornava etérea, como um instrumento divino. Havia uma certa aspereza nas vozes intermediárias, e as bochechas trêmulas do primeiro baixo indicavam um choro contido. Antti cantava sua parte olhando direto para a mãe de Jukka, como se quisesse dizer para ela que as palavras de Aleksis Kivi eram verdadeiras. “Longe de ódio, longe de conflito...” Depois que acabou a música, pude sentir em minha boca o gosto de sangue. Eu havia mordido meus lábios secos de sol.

Por sorte o sermão me trouxe de volta à realidade, o que me deixou nervosa. O padre ignorou completamente as condições na qual Jukka tinha morrido. Era um assunto muito delicado, pois não apenas ainda estava por ser desvendado, como o assassino possivelmente se encontrava ali, naquela igreja. De acordo com o padre, Deus em toda a sua sabedoria havia permitido que “Jukka nos deixasse”. Eu detestava linguagens eufemísticas sobre a morte. Com certeza o padre não teria se expressado daquela forma se tivesse visto o corpo de Jukka. Pois esse era o tipo da coisa que não deixava ninguém dormir.

Mais uma vez o coral se levantou para cantar “À deriva na maré”. As vozes dos sopranos estavam trêmulas, e a Piia se mostrava visivelmente angustiada. Era esta a música que eles tinham ensaiado tão despreocupadamente na vila. Desta vez a canção devia soar completamente diferente. “Tudo irá se acabar”, trojevavam os baixos. “Que a primavera voltará e a manhã despontará”, diziam todos momentos depois. “Ou mentiram eles?”, perguntavam os baixos cheios de dúvida. A primavera nunca voltará para o Jukka.

Depois as coroas de flores foram postas sobre o caixão. E eu tentava aliviar minha indignação ao pensar que todas aquelas belas flores não poderiam trazer alegria alguma para a pessoa dentro daquele caixão. A mãe de Jukka não tinha energia para se levantar e teve que ser ajudada pelo marido. Em seguida vieram os familiares, depois os colegas de trabalho de Jukka, com a secretária dele carregando a coroa e Marja Maki lendo uma breve mensagem em voz baixa.

Por último Hopponen e o baixo das bochechas trêmulas puseram a coroa do coral em cima do caixão. Interessante como que nenhum dos amigos de Jukka, Jyri, Antti ou Tuulia ou até mesmo Timo, se dispôs a fazê-lo.

Pelo que pude ver, quase todos os presentes na igreja foram até o caixão, mas nenhum homem ou mulher com nome começado por M levou flores. Heikki Peltonen havia dito que queria um funeral discreto e, portanto, nada tinha sido publicado no jornal.

Eu provavelmente tinha ido até a igreja à toa.

E provavelmente fora muita ingenuidade de minha parte achar que o assassino de Jukka fosse se manifestar durante o funeral. Minha irritação ficou ainda pior ao ver que cada um de meus suspeitos parecia tão digno ao cantar “A Prece de Deus”. “Seja feita a vossa vontade”, será que o assassino realmente pensava assim? A ética cristã dizia que o assassino seria pego. Olho por olho, dente por dente, ai meu Deus como eu queria pegar o assassino do Jukka! Será que eu queria revanche? Sucesso? Ou justiça?

Mas será que eu teria a coragem de atirar a primeira pedra?

No início da minha carreira policial, eu me envolvia emocionalmente em todos os casos que investigava. Sentia empatia pela vítima, mas também queria

entender o criminoso. Será que tinha voltado a me envolver da mesma forma neste caso ? Eu não queria que isso voltasse a acontecer. Não queria começar a projetar meu próprio sistema de valores nos meus casos, avaliando culpa e punição. Passar a decidir punições em vez de prender as pessoas talvez não fosse o melhor caminho para eu exercer a justiça. O trabalho de um policial se limitava a prender imbecis que pixavam muros ou o estudante universitário que experimentava maconha, mas só um juiz poderia decidir qual seria a punição mais justa. Será que eu tinha condições de assumir uma responsabilidade dessas ?

Hopponen voltou ao órgão e começou a tocar “Largo”, de Hendel. As pessoas esperavam os familiares saírem primeiro. O pai de Jukka levantou sua esposa cuidadosamente pelo braço. Maisa Peltonen se pôs de pé, apesar das pernas trêmulas, e de repente começou a gritar, sua voz se confundindo com o órgão.

— Seu monstro ! Você matou meu filho, quem quer que você seja ! Como ousa estar aqui nesta igreja ! Como você se atreve a cantar sobre o caixão do Jukka ! Como... — Sua voz se transformou em choro, e o pai de Jukka abraçou-a e a fez recostar a face em seu peito, como se quisesse fazê-la calar-se.

Hopponen dedilhou o resto de “Largo” enquanto os convidados, sem graça, fitavam o teto ou o chão. Os membros do coral olhavam para qualquer lugar menos uns para os outros. Timo estava completamente vermelho e apertava a mão de Sirkku. Sua outra mão cobria a boca, como quem quisesse conter o choro. Piia enterrou o rosto nas mãos. Jyri tremia. Somente Mirja mantinha a calma.

O resto dos convidados só se retirou depois que os pais de Jukka haviam saído da igreja. A celebração estaria repleta de pessoas. O caixão florido permaneceu no altar para que quietamente fosse cremado depois.

Tentei escapar dali sem ser percebida, mas Antti foi mais rápido que eu. Eu o ouvi vindo atrás de mim, e senti quando me segurou pelos braços.

— Caramba, você tem que fazer alguma coisa, e rápido ! — disse ele com seus olhos de gato pronto para dar o pulo. — Maisa já não aguenta mais. Ela está jurando revanche, quer matar todos nós. Ela não vai se aguentar por muito mais tempo.

— Então confesse ! — disse eu para minha surpresa e com a mesma raiva na voz.

Antti soltou meu braço e me olhou horrorizado.

— Olhe aqui, você está completamente errada ! É claro que você não conseguiu nada até agora sobre mim !

— Você poderia ao menos colaborar um pouco.

— Quer dizer que tudo depende da minha cooperação ?

Os outros membros do coral começaram se juntar a nossa volta. Uma velha brincadeira de criança me veio à mente : uma pessoa de olhos vendados era rodopiada no meio de uma roda e ao parar tinha que adivinhar para quem estava apontando. Será que essa técnica poderia me ajudar a desvendar este caso ?

— Antti, vamos passar as músicas rapidinho antes da celebração — disse Hopponen.

Algumas gotas de chuva caíram sobre minha cabeça. As nuvens haviam se acumulado enquanto estávamos na igreja.

— Eu já disse que não vou. Esta agora foi minha última vez de cantar com a AECLF. Além do mais, estou no meio de uma conversa com a Srta. Marple¹³ aqui.

— Antti, nós precisamos de você – disse Mirja em um tom autoritário.

— Vamos, deixem o Antti ! – Tuulia começou a juntar os outros.

Momentos depois eu me vi sozinha com o Antti nos degraus da igreja. Somente Mirja olhou para trás.

— Eu não estou interessado em café e bolinhos ou em ficar lembrando a infância do Jukka – disse Antti como que tentando se justificar, e depois ele se foi. Apressei-me atrás dele.

— Por que você acha que fui eu que matei o Jukka ? – perguntou, quando eu o alcancei.

— Aquilo foi só um teste.

— Você já tentou essa técnica com os outros ? E se deu mal, né ?

— Não, não tentei. Mas procure entender que eu quero muito descobrir quem foi o assassino e tenho feito tudo que posso, o tempo todo. Mas não sou nenhuma Mulher Maravilha que fica desvendando assassinatos tipo, snap ! Eu preciso de ajuda, não de gritos. Ainda não sei mesmo quem é o culpado, mas eu tenho alguns suspeitos. Nós temos que verificar muita coisa, e isso demora. Se você não quiser confiar em mim, então não confie. Mas eu preciso acreditar que sou capaz.

Antti chutou uma lata de cerveja vazia com seus sapatos gastos e falou visivelmente envergonhado.

— Me desculpe. Eu só fiquei meio nervoso durante o funeral... Concordo com a Maise : alguém ali é um grande hipócrita. Se eu... Se eu soubesse o que é ou não importante...

— Seria melhor você me contar tudo que sabe e deixar que eu decida isso. Não me venha dar uma de detetive. Pelo menos não saia por aí dizendo para a pessoa de quem suspeita que você, e mais ninguém, sabe de algo que possa incriminá-la. Logo, logo você acabaria fazendo companhia ao Jukka, onde quer que ele esteja.

Eu compartilhei com ele minha ideia de céu onde o Jukka estaria, rodeado de modelos da *Playboy*. Pela segunda vez desde a morte do Jukka, vi o Antti rir. A tensão que tomava sua face se desfez por um momento, e as marcas em suas bochechas fundas se misturaram com o riso.

— Seria mais fácil para você ver as coisas desse jeito. É uma ideia bacana, mas não consigo acreditar que exista algum tipo de céu. Para mim o Jukka simplesmente deixou de existir. Mas não por completo, ainda não. Apesar de tudo, ele era meu melhor amigo.

— Apesar de quê ?

— Bom, talvez nesses últimos anos nossos valores, e nosso estilo de vida, tivessem ficado um pouco diferentes. Eu nunca entendia as aventuras dele. Como se ele tivesse que viver cada dia como se fosse o último. – Antti falou, desdenhando. – Vai ver ele sabia que não iria viver por muito tempo. Ele sempre falava que iria morrer de Aids ou de câncer de fígado. Mas como o hino dizia : “Somente Deus sabe como iremos partir”.

Eu pensei no que o Antti diria se soubesse que li sua carta. Minha tentativa de tratar as pessoas com profissionalismo também não estava dando certo com o Antti. Nós chegamos na rua que dava para o meu apartamento. A chuva começou a aumentar, e eu não gostava de me molhar.

— Quer ir ao Elite esperar a chuva parar ? – perguntou Antti.

— Na verdade eu moro naquele prédio verde ali. Se você não estiver com pressa, posso passar um cafezinho para a gente. Mas não tenho bolinhos.

— Bom, eu até que comeria um bolo agora – disse ele sorrindo. – Eu acho que posso contar a você algo sobre o Jukka que talvez possa ajudá-la de alguma forma.

Nós subimos até o terceiro andar. Eu me desculpei pela bagunça, mesmo meu apartamento estando muito bem-arrumado, e me irritei com o fato de imediatamente começar a me comportar muito mais como uma mulher do que como uma policial. Fiz um café e coloquei uns pães na mesa. Eu finalmente tinha arrumado tempo para ir ao mercado na noite anterior. Enquanto isso, Antti inspecionou meus livros e dedilhou meu baixo que estava encostado no canto da sala.

— Você me disse no domingo que conheceu o Jukka sua vida inteira.

— Desde o primário, assim como a Tuulia. Eles eram bem corajosos quando éramos crianças. Eu sempre fui o menos interessante e o mais cuidadoso, mas lia todos os livros de aventuras e tinha ótimas ideias para jogos e brincadeiras. Jukka era um líder nato e sempre foi muito bem organizado. E estava o tempo inteiro querendo se mostrar. Ele usava as pessoas para conseguir o que queria, mas era possível se dar bem com ele se a gente não cedesse a seus caprichos.

Antti queria muito se lembrar de Jukka, como se isso fosse ajudar a dor passar. Deixei-o falar sem interrompê-lo muito. Enquanto ele contava, eu construía mentalmente a imagem que fazia de Jukka : gastador, um conquistador e controlador de mulheres, ganancioso por poder, aventureiro. Alegre e egoísta. Antti relembrava o coral, viagens ao mar com o irmão do Jukka e com Peter Wahlroos, e incidentes que aconteceram quando moraram juntos.

— Vocês discordavam sobre o modo como ele tratava as mulheres ? Ele alguma vez tentou se meter entre você e a Sarianna ?

— Sim, ele tentou dar em cima dela também, mas ela deixou bem claro que não adiantaria. E não – continuou ele como se estivesse lendo meus pensamentos –, nós não terminamos por causa dele. Nós só não tínhamos mais nada em comum. Lá se foi meu motivo... Foi isso que você pensou, não foi ?

Eu tentei controlar minha vergonha. Apesar da atmosfera tranquila, a nossa conversa tinha um quê de interrogatório. De certa forma, o fato de ele me ver somente como uma policial, e de sua confiança em mim não ser nenhum sinal de amizade, me incomodava.

— E quanto às outras mulheres, como a chefe de Jukka ?

Antti deu um sorrisinho e colocou um pedaço de pão na boca.

— Ah, então você já sabe disso também. Era impossível o Jukka não se envolver com uma mulher classuda como aquela. Ela também era louca por ele. A minha impressão é que eles entendiam muito bem o que esperavam um do outro.

— E você acha que o Jukka era justo com a Piia ?

— Eu acho que o Jukka era mais apaixonado por ela do que ele mesmo admitia. Tenho a impressão que era pelo fato de ele não poder tê-la. Era muito raro para o Jukka não conseguir com facilidade o que queria. Isso em si era um desafio.

— Aconteceu algo entre eles que Jukka pudesse usar para chantagear a Piia depois ?

— Chantagear ? – Antti pareceu chocado com a pergunta.

— Ultimamente, tinha muito dinheiro sobrando na conta de Jukka. Quanto disso veio dos Wahlroos ?

— Ah, por favor. Ele não era chegado em extorsão... ou... Sei lá ! ?

Antti fitava o fundo de sua xícara de café pensativamente. Eu servi os últimos pingos de café e ele fez seu terceiro sanduíche de queijo.

— Eu imagino que ele tinha alguma forma de conseguir dinheiro... Ilegalmente ?

— Como vou saber ? Estou começando a me sentir contra a parede.

— Você pode ir se quiser – eu disse friamente.

— Me desculpe, mas afinal de contas você é uma policial.

— Com certeza, e eu quero lhe fazer algumas perguntas. O Timo e o Jukka eram amigos ? Ou o Jukka e a Sirkka ?

— Bem, o Jukka e a Sirkka tiveram um lance durante uma viagem a Alemanha, muito tempo atrás... eles não eram amigos, mas se davam bem. Já o Timo era meio durão, eu acho que ele não gostava muito do jeito do Jukka.

— E o Jukka e a Mirja ?

— Uma vez.

Tentei esconder o interesse que essa informação provocou.

— Em uma das tentativas dela em me fazer ciúmes – continuou ele. – Eu não detesto a Mirja que nem a Tuulia, mas esse negócio de ela ficar babando por mim enche o saco. Eu só não me interesso por ela como ela se interessa por mim.

— Nunca houve nada entre vocês dois ? – Essa pergunta não tinha nada a ver com a morte de Jukka, mas mesmo que eu odiasse minha curiosidade, eu queria saber.

— Bom, não. Eu não tenho o hábito de ir para a cama com mulheres por pena. Então esse não seria um motivo. Eu não tinha ciúmes da Mirja, só ficava puto com o Jukka por causa das suas táticas.

— Que táticas ?

— Você pode perguntar isso a Mirja, eu já falei dela demais.

Antti olhou pela janela e deve ter notado que a chuva tinha passado. Eu pude ver muito bem suas olheiras e o movimento em sua boca, como se quisesse dizer alguma coisa, mas se calou. O fato de só ter conseguido arrancar algumas poucas pistas dele me irritava. Talvez eu pudesse prendê-lo por ocultar evidências, mas não queria que ele me odiasse. Eu tinha um grande dilema, queria resolver esse assassinato, mas não queria que nenhum dos meus suspeitos fosse o assassino.

— Você era um dos auditores da AECLF. Chegou a ver as contas do ano

passado ?

— Era o Jukka que cuidava disso e ele disse que tudo estava em ordem. Eu só assinei meu nome no relatório e pronto.

— Olhe aqui. — Eu lhe mostrei as contas que precisavam ser conferidas e os recibos referentes a elas. Levou um minuto para um matemático como ele reconhecer as irregularidades.

— Você quer dizer que o Jyri...

— Parece que sim. Ah, maldito seja aquele idiota ! Olhe, eu tenho que ir. Meus pais estão passando lá em casa hoje para pegar o Einstein, vão levá-lo para o campo. Fica meio chato para ele no meu apartamento e meus pais têm uma cabana em Inkoo. Lá ele pode caçar ratos.

Já na porta, ele se virou para mim e disse :

— Você pediu para eu não bancar o detetive, então não me venha transformar isso em um jogo. É muito difícil para a gente tratar você como uma policial, e nem todos esperam que você descubra alguma coisa. Então cuidado você também.

E saiu antes que eu pudesse dizer qualquer coisa. Momentos depois eu vi a sombra de alguém descendo a rua com as mãos no bolso.

Eu me senti péssima e inquieta. Um dia antes havia detonado meus músculos levantando peso, então recorrer a exercício rigoroso não era a resposta naquele momento. Vinho só iria piorar a situação. A única alternativa era trabalhar. Eu tinha muitas perguntas, mas antes de tudo queria ver a Mirja, talvez ela já estivesse em casa.

Troquei minhas roupas de enterro por uma calça jeans e um tênis. Levei comigo um gravador e os papéis do Jukka. Mesmo com Lintuvaara estando um pouco longe, eu não quis ligar para ver se ela estava em casa. Surpresa era a melhor estratégia. Comecei a andar até o ponto de ônibus em Mannerheimintie ; pensando se o Antti tentara me avisar algo sobre ele mesmo.

13 Personagem de ficção da escritora de mistérios Agatha Christie. (N.T.)

Mirja estava em casa. Aparentemente ela tinha acabado de chegar e não tivera tempo de se trocar e vestir algo mais confortável. Ela segurava uma maçã.

— Eu tenho que deixar você entrar ?

— Não, a gente pode ir até a delegacia, se você quiser.

Sem dizer nada, Mirja me deu espaço para que eu passasse pelo corredor estreito de seu apartamento. Eu tirei minha jaqueta e a pendurei no cabideiro. O apartamento estava quieto, as outras moradoras deviam ter saído, afinal era sábado à noite. Na mesa do telefone havia uma lista das tarefas de limpeza de cada uma delas. Com certeza a Mirja fazia questão de checar se tudo estava sendo feito conforme o combinado.

— Vamos até meu quarto.

Eu subi as escadas até o segundo andar, onde havia uma cozinha, que parecia ser confortável, e dois quartos. Um piano dominava o quarto de Mirja. Na cama uma colcha branca de crochê e as prateleiras estavam ocupadas por livros de História. Sobre a poltrona, um suéter de tricô vermelho que ela estava por terminar. Fiquei pensando se era para ela mesma. Até então eu só a tinha visto usando roupas escuras. Assim como as outras gordinhas, ela provavelmente achava que isso a fazia parecer mais magra. Talvez estivesse pretendendo mudar de estilo. Mirja tirou o suéter da poltrona e acenou para que eu me sentasse. Depois ela se acomodou em sua cama e começou a tricotar calmamente.

— É um interrogatório oficial ?

— Oficialmente não oficial – eu disse, ligando o gravador que estava em minha bolsa. Se Mirja me dissesse algo de interessante, eu teria como repassar tudo ao voltar a Pasila. Eu me preocuparia com isso depois.

— Nós já conversamos duas vezes, mas em nenhum momento você me falou sobre o fato mais importante sobre seu relacionamento com o Jukka. Ele pagou pelo seu aborto na Clínica de Mulheres na primavera passada. Aparentemente ele era o pai da criança. Estou errada ?

Eu havia ficado meio confusa com a conta da Clínica de Mulheres que encontrei em meio à documentação fiscal do Jukka. Não havia nome de paciente, mas estava datado da primavera do ano anterior. A agenda de Jukka tinha uma anotação que dizia “M WC 18-19” um dia antes do dia de pagamento. Anotações na mesma página incluíam o número de telefone do departamento de aborto. O fato de o Antti ter mencionado em sua carta que era para o Jukka parar de “brincar” com a Mirja se encaixava em minha teoria.

Os olhos de Mirja queimaram de ódio. Eu tinha acertado na mosca.

— Claro que você tinha que desenterrar isso ! Quantas pessoas até agora já lhe contaram ? Eu achava que os hospitais fossem confidenciais.

— Havia uma cópia da conta nos papéis do Jukka.

— O fato de o Jukka ter pagado pelo aborto não significa que ele era o pai.

— Então que dizer que vocês eram tão amigos, que você o contou de seu aborto e pediu que ele lhe emprestasse dinheiro, sendo que você não contou para mais ninguém ?

Mirja agarrou seu suéter e o jogou para o lado. Suas mãos tremiam. Ao lado da cabeceira da cama havia uma grande foto de algum show da AECLF : Mirja, Jukka, Antti, Tuulia e outros trajando a terrível capa azul que eles usavam para se apresentar. Talvez Mirja gostasse de olhar para o Antti toda noite antes de dormir. Como pude pensar que trabalhar fosse aliviar meu estresse ?

— Quer ouvir minha teoria sobre como tudo aconteceu ? Uma noite estavam todos juntos e você se entediou porque achou que o Antti nunca prestava atenção em você – Nesse momento a coragem quase que me faltou, pois aquilo não era da minha conta –, e o Jukka estava sozinho. Aparentemente você queria mostrar para o Antti o que ele estava perdendo, e para variar, você começou a flertar com o Jukka. Mas o jogo foi um pouco mais longe do que o previsto. Claro que o Jukka entendia muito bem o motivo de você se interessar por ele repentinamente. A sua queda pelo Antti nunca foi segredo. Talvez o Jukka também quisesse provocar o Antti para mostrar para ele como era fácil ter você. Mas o que não entendendo é como vocês foram tão burros a ponto de você engravidar.

Mirja começou a rir de forma estranha e convulsiva, uma mistura entre risadas e soluços. O choro foi diminuindo, até que ela disse, soluçando.

— Foi uma clássica tragicomédia ! A camisinha do grande amante furou. Adivinha por que ele não quis contar nada para ninguém ? Porque sua reputação iria por água abaixo se as mulheres descobrissem que não sabia usar uma camisinha ! – Mirja sorriu amargamente, e as risadas-choro cessaram. – Você parece saber mais da minha vida do que eu mesma. Era o aniversário do Antti em fevereiro, ele comemorou no seu apartamento em Korso. Eu usei rímel pela primeira vez na vida e não tinha percebido como o ponche estava forte. Dancei com o Antti... naquela época ele ainda me tirava para dançar... mas mesmo assim ele estava a 100 quilômetros de mim. Aí o Jukka me tirou do Antti e começou a me beijar, e eu simplesmente deixei. Eu terminei a noite na casa dele.

— E você ficou grávida ?

— De primeira. Como nos filmes antigos em que a mocinha inocente vem da roça para trabalhar como doméstica e acaba se deixando seduzir. Talvez eu deva esquecer a escola, casar e começar a fazer nenéns.

— Foi isso que o Jukka propôs ?

— De jeito nenhum. Primeiro eu considerei não falar nada para ele, mas... a criança era dele. E a culpa foi dele, então eu pensei que era no mínimo justo que ele pagasse pelo menos a metade.

— E o que ele disse ?

Eu presumi que Mirja nunca tenha falado do aborto com ninguém. A única pessoa que sabia sobre aquilo estava morta. Nós estávamos usando uma à outra, eu abusando da sua necessidade de falar sobre o assunto e ela tirando vantagem da minha posição oficial. Uma oficial de polícia é como um padre. Tem que ter discrição. Mirja sabia que eu nunca contaria nada a ninguém, a não ser que isso

fosse pertinente à investigação.

— É claro que ele ficou chocado, talvez mais chocado do que eu. Ele tentou fazer piadinhas dizendo que nunca havia sido papai antes. “Nem vai ser agora”, eu disse, e também disse que estava querendo fazer um aborto. Ele ficou aliviado e afirmou que pagaria por tudo porque tinha muito mais dinheiro que eu. E por que não ? Mas ele não podia pagar pela vergonha que eu estava sentindo. Ele não teve que fazer os exames médicos que eu fiz, ou contar a história de vida dele para a assistente social. Ele não teve que abrir as pernas em cima de uma mesa e ter o útero raspado ou de ouvir as enfermeiras gritando com ele quando a anestesia não funcionou. É, às vezes eu queria revanche... De qualquer forma, ele fez de mim uma assassina.

Mirja reagiu à minha expressão de espanto.

— Eu não matei o Jukka. Meus pais são cristãos, e eles me educaram me fazendo acreditar que aborto é um tipo de assassinato. Se eles soubessem o que eu fiz provavelmente me deserdariam. Mesmo assim não me arrependo. O que seria dessa criança ? Jukka e eu não podíamos nos casar, nós nos odiávamos ! As duas semanas antes do aborto foram as piores semanas da minha vida. Eu me senti ligada ao Jukka porque dentro de mim tinha algo crescendo que era parte dele. Eu estava vomitando o tempo todo e meu corpo estava tentando expelir essa criatura, mas ela não saía. Você já teve um aborto ? Nem sei se tenho o direito de lhe perguntar isso.

— Não, quer dizer, não, eu nunca tive um aborto. Eu tenho me envenenado com pilulas há anos.

Mirja não tinha o direito de perguntar, e eu não tinha a obrigação de responder, mas por algum motivo eu queria.

— O Jukka ameaçou contar para seus pais ? Ou para o Antti ? Talvez ele tenha ficado tirando onda da sua cara por causa do Antti, dizendo que iria contar cada detalhe sórdido sobre o que vocês fizeram juntos, e ainda tirando sarro por você ser apaixonada por ele. E é por isso que você detestava o Jukka.

— Eu não o odiava, era mais um desprezo que sentia por ele. Ele me provocava por causa do Antti, e provocava o Antti também, por ele ser meio desajeitado, e o Antti tinha vergonha de ser assim. O Jukka não contaria sobre mim para ninguém, mas que direito tinha ele de tirar sarro do meu... do meu amor. Isso não é da conta de ninguém. Você acha que eu gosto de todo mundo saber que sou completamente apaixonada pelo Antti ? Apaixonada ! Você é a primeira pessoa para quem eu admito isso.

Mirja começou a rir daquele mesmo jeito estranho, e continuou.

— “Pobre Mirja, tão feia e tão séria, como pode achar que falaria alguém como o Antti ?” É isso o que todos eles pensam, inclusive você. E o Antti é tão legal comigo, ele poderia pelo menos ser um sacana. Assim seria mais fácil não ligar. Às vezes eu me odeio, odeio toda essa humilhação. O amor é muito mais destrutivo que o ódio. Se o Jukka tivesse feito algum mal para o Antti, aí sim eu poderia tê-lo matado... — A voz de Mirja se transformou em um choro horrível, ela estava ofegante e seu rosto ficou todo vermelho e inchado. Ela tentou esconder, cobrindo a face com as mãos.

Eu tentei consolá-la pondo a mão em seu ombro, mas ela me enxotou como

um inseto.

— Me deixe em paz – resmungou. – Vá perguntar para a Tuulia por que eu não a ouvi roncar às cinco da manhã quando levantei para tomar água. Ou vá perguntar para o Timo quanto custa uma garrafa de contrabando. – Sua voz se transformou em um choro histérico. – Vá à merda !

Eu fui embora. Peguei minha jaqueta jeans do cabideiro e comecei a andar na chuva até o ponto de ônibus. O que poderia ter dito para a Mirja ? Ela não queria meu consolo, não havia nada a ser feito. Nem pela Mirja nem por ninguém.

Tentei seguir a sugestão de Mirja de ir procurar o Timo. Sirkku morava em Haaga, talvez eles estivessem lá, além do mais a casa dela ficava mais ou menos no caminho. O ônibus estava quase chegando no ponto e eu corri para alcançá-lo. Pelo menos tive a satisfação de ter adivinhado certo quem era o responsável pelo contrabando.

No apartamento da Sirkku só encontrei uma amiga que morava com ela, e a moça disse que a Sirkku não aparecia em casa fazia dias. Fui até a casa do Timo em Kruununhaka no centro, mas também não achei ninguém. Fiquei na entrada admirando as belas pinturas *art nouveau* enquanto pensava em qual seria meu próximo passo.

Eu tinha certeza de que o Jyri não estaria em casa em um sábado à noite, então fui até a estação Kaisaniemi e peguei o trem 16 até a ilha Lauttasaari. Não custava nada tentar falar com a Piia também.

A casa dos Wahlroos foi fácil de encontrar, e mesmo eu não tendo nada a reclamar do meu apartamento, ela me provocou uma certa inveja. As janelas do lado oeste davam para a baía, pontuada por iates e lanchas.

Talvez um dos barcos fosse deles. Eles praticamente tinham acesso ao mar do quintal da casa. Eu nunca velejei, mas parecia ser divertido. Janna já tinha ido velejar com o Jukka algumas vezes, e sempre voltava dizendo que tudo que ela tinha feito durante o passeio fora tentar não vomitar.

Havia uma luz na janela do lado da casa, toquei a campainha e depois de alguns momentos a voz de Piia apareceu de algum lugar. “Quem é ?”. Fiquei confusa, pois só havia visto interfones em prédios e não em casas.

— Maria Kallio, da polícia.

— Só um momento que eu vou abrir a porta.

O momento durou alguns minutos, e então Piia apareceu em um robe creme e com uma toalha da mesma cor na cabeça. Ela cheirava a um desses hidratantes caros, o qual eu não tinha a menor condição de comprar nem o requinte para apreciar.

— Eu estava na banheira – disse ela bruscamente.

— Me desculpe interromper, mas tenho algumas perguntas para você.

— A uma hora dessas, em pleno sábado ?

— Isto é uma investigação de assassinato. Mas eu posso voltar outra hora. – Piia pareceu pensar um pouco e depois me chamou para entrar.

— Então você não prendeu o Antti ? – perguntou ela enquanto eu tirava meus tênis cheios de lama. Minhas roupas de loja de departamento não chegava nem aos pés do luxo dos Wahlroos.

— Eu não tive motivos. Como foi a celebração ?

— A mãe do Jukka não foi, se é isso que você está perguntando. O clima estava meio tenso. Nós cantamos algumas músicas e depois fomos embora porque parecia que todo mundo estava olhando para a Sirkka. E eu ficava pensando que tudo finalmente ia terminar se você tivesse prendido o Antti. Não que eu deseje qualquer mal a ele ou a qualquer outra pessoa, mas esta história já está começando a me irritar... e eu tenho que ir para San Francisco daqui a duas semanas, que é quando o Peter termina a corrida. Eu vou poder ir, não vou ?

Eu nem parei para pensar se algum de meus suspeitos poderia sair do país. Será que eu deveria confiscar todos os passaportes ?

— Talvez até lá o caso já esteja encerrado. Eu também estou interessada em achar uma solução o mais rápido possível. — Por algum motivo a Piia me deixava mais tensa que o normal.

— Você aceita um chá ? Eu sempre tomo uma xícara de chá de camomila depois do meu banho de banheira, me relaxa.

Eu lembrei que não havia comido nada além do pão com queijo com Antti, desde o café da manhã. Um chá parecia uma boa ideia. Piia me levou até a sala e depois foi para a cozinha.

Comparada ao apartamento estudantil de Mirja e com meus próprios móveis usados, a sala de Piia parecia um luxo. A vista para o mar era de impressionar. Os móveis eram azul e bege, criando um espaço convidativo para se ler um livro ou ouvir uma música. Pequenos objetos interessantes, que com certeza eram souvenirs adquiridos pelo mundo afora, enfeitavam as mesas e prateleiras. A única coisa que me incomodava era a perfeição de tudo limpo e no lugar. Nada de livros ou revistas esparramados, o lugar parecia ter acabado de ser organizado por um decorador.

As xícaras de cerâmica eram da mesma cor do sofá, e a bebida veio acompanhada por biscoitos doces que provavelmente haviam acabado de sair do micro-ondas. Eu estava com tanta fome que peguei um antes mesmo que Piia me oferecesse. Se isso fosse um filme, Piia seria a assassina e os biscoitos estariam envenenados. Enquanto o veneno me paralisava, ela admitiria o crime e me empurraria no mar. Se isso fosse um filme, o herói apareceria na hora H e me salvaria. Mas isso era realidade e eu sabia muito bem como me cuidar.

— Muito bom — eu disse com a boca cheia de farelos.

— Foi o Peter que fez, eles estavam congelados. Ele é um ótimo cozinheiro. Ele também cozinha no *Marlboro*.

— Você conheceu o Peter por intermédio do Jukka ? — Eu liguei o gravador que estava no meu bolso.

— Mais ou menos. Eu já tinha ouvido falar muito dele, ele estava saindo muito nos jornais naquela época por causa da última corrida de *maxiboat*.

— E você e o Jukka já tinham ficado juntos antes disso ?

— Não ! Ele estava namorando a Janna. No começo a gente passava muito tempo com os meninos e as namoradas deles, e o Antti e a Sarianna. O Jarmo e o Peter têm um barco juntos, aquele ali, ó. — A Piia apontou para o barco mais bonito da baía. — Ele acomoda oito pessoas tranquilamente.

— Como vocês têm dinheiro para tudo isso ? — perguntei sem pensar.

Por um momento Piia pareceu surpresa, mas depois ela respondeu com um certo ar de zombaria.

— Eu não tenho, quem tem é o Peter. Dinheiro herdado, ações. Você já ouviu falar da Madeira Kymi ? O avô do Peter a vendeu há cinco anos enquanto os negócios iam muito bem, e o Peter é seu único neto.

— E em que o Peter trabalha ?

— Ele é economista e trabalha para o banco Kansallis-Osake-Pankki, investimentos, mas não tem trabalhado este último ano. Agora ele é um velejador profissional.

— Ele deve velejar muito. Você não se sente só ? — Eu estava tentando dar uma de amiguinha para conseguir mais informações, mas a Piia percebeu.

— Sinto, ele viajou muito neste ano. Passou metade do verão nessa corrida, e eu não quero ficar indo de um porto para outro para encontrar com ele. Viajar sozinha é um tédio, e depois a gente tem que ficar lidando com mudanças de horário o tempo todo. Eu prefiro ficar em casa trabalhando na minha dissertação. Mas é horrível. O Peter tem que viajar muito por causa de patrocínio.

— Então o Jukka devia ser uma boa companhia. Como era o seu relacionamento com ele ? Muita gente fica dando a entender que era muito mais que uma simples amizade.

— Mas era só isso mesmo, pelo menos da minha parte ! — Piia fez um gesto brusco com o braço e derramou todo o chá em seu robe impecável. — Eu gostava da companhia do Jukka. E não entendo por que de repente ele começou a pegar tanto no meu pé. Depois do Natal, durante o retiro que o coral faz junto, ele ficava querendo só dançar comigo e ficava falando que já estava de saco cheio de ficar dando uma de babá com as “crianças” do coral. Durante toda a primavera ele se comportou como se estivesse a fim de mim. Toda vez que a gente ia para um bar após os ensaios, ele vinha e sentava do meu lado. E ficava me convidando para ir ao cinema, shows e restaurantes quando o Peter viajava. Você deve entender muito bem como é horrível ficar saindo sozinha ou só com as outras meninas.

Agora foi a vez da Piia de me olhar com uma falsa intimidade. O seu sofrimento não me tocava porque toda semana eu, por escolha própria, ia para o bar da esquina para poder beber sozinha. Além do mais eu preferia ir ao cinema sozinha também, em vez de ter alguém do meu lado fazendo comentários idiotas e comendo pipoca. Mas de que adiantaria dizer isso para ela ?

— Às vezes o Peter pode ser muito autoritário... ele sabe o que quer, e foi isso que fez eu me apaixonar por ele. Ele é um homem do mundo. O Jukka era... diferente, ele me deixava decidir o que a gente ia fazer juntos.

Mais uma novidade sobre o Jukka, pensei. Eu tinha a impressão de que ele também era bem autoritário.

— Se ele não tivesse começado a ficar todo apaixonado, nós teríamos aproveitado muito mais nosso tempo juntos. E além do mais, o Peter não se importava de eu sair com o Jukka. Com certeza ele também conhece muita mulher bonita em suas viagens, faz parte. Não tem problema nenhum ter amigos homens — disse ela, na defensiva.

— Mas o Jukka não queria ser só seu amigo ?

— Ele ficava falando que estava apaixonando por mim !

Eu notei quando a Piia começou a ficar agitada, de repente seu sotaque nortekareliano pontuava o modo urbano de falar que ela tinha cultivado por tanto tempo.

— No começo eu nem acreditei, todo mundo sabe como ele é, mas aos poucos comecei a sentir que era verdadeiro. E é claro que isso mexeu comigo. — Piia sorriu, jogando seus cabelos castanhos para trás. — Havia outros também. É bom saber que os homens acham a gente interessante, mesmo eu sendo casada. E eu achei bom ele poder sentir na pele um pouco do próprio veneno. — Piia sorriu maliciosamente, e por um segundo eu quase gostei dela. — Mas às vezes era irritante.

— Como assim ?

— Sabe, era como se ele não pudesse acreditar que eu não queria trair o Peter com ele ! Ele ficava insinuando coisas, e uma vez veio até aqui no meio da noite porque estava se sentindo só... e a situação foi tão patética que não tive coragem de dizer não, mas então pensei... que eu não queria... — Piia corou com tanta modéstia que foi até divertido.

— Ele ameaçou contar para o Peter que vocês transaram ?

— Não... mas um dia ele falou : “O que seu *Marlboro Man* diria se soubesse que eu dormi com você na cama dele ?” Mas não aconteceu na minha cama, foi no sofá do quarto de hóspedes — disse ela rapidamente.

— O Jukka queria que você terminasse seu casamento ? Ou você acha que ele estava apaixonado por você só porque você não estava apaixonada por ele ?

— Talvez. Isso era bem do tipo dele, ele queria tudo, principalmente as coisas mais difíceis. E às vezes parecia que ele tinha inveja do Peter. Eu acho que gostaria de ser um velejador tão bom quanto o Peter e o Jarmo. Mas nem ele poderia ser o melhor em tudo. Talvez ele me quisesse por eu ser do Peter. Mas não sou tão tola quanto a Sirkku. Eu nunca permitiria que minha vida dependesse do Jukka.

— O Jukka alguma vez chantageou você por dinheiro ?

Talvez o dinheiro na conta de Jukka tivesse vindo dos Wahlroos ? Mas a expressão de Piia não mudou, ela me serviu mais chá e respondeu com um meneio de cabeça.

— Não, mas insinuou. Mas eu acho que no fundo ele sabia que não havia nada que Peter não soubesse. E ele não conseguiria acabar com o nosso casamento. Eu amo o Peter. Nós queremos as mesmas coisas da vida. Estou me formando no outono, e depois disso nós queremos ter filhos. Se eu não quiser trabalhar, não trabalho. E eu não quero dar aula de sueco em alguma escola primária. O Peter quer exatamente o tipo de esposa que sou. E eu não teria arruinado minha vida por causa do Jukka.

A minha primeira impressão de Piia era que ela fosse tão frágil como uma boneca de porcelana. Parecia que eu estava errada. Ela estava me dando exatamente as informações que queria dar. Não tinha razão de esconder o fato de que dinheiro era muito importante para ela. Estaria disposta a matar para manter seu estilo de vida. Mas será que Jukka era uma ameaça para ela ?

— Havia todo tipo de histórias rondando o coral, e a Sirkku era a mais

foqueira de todos. Você estava no ensaio na segunda e deve ter percebido que não sou a maior cantora do mundo, mas o Jukka me fazia acreditar que eu era capaz de fazer algo de especial, se eu me acalmasse. Ele disse que minha voz era linda... – Por um momento a boca de Piia tremeu e parecia que ela estava tentando engolir o choro.

— Você falou que não era tão tola quanto sua irmã Sirkku. E eu já ouvi versões variadas das tolices dela. Ela disse que eles tiveram um caso passageiro durante uma viagem para a Alemanha, mas alguém me contou que a Sirkku queria algo mais. O que você acha ?

Piia mexia com seus anéis outra vez. As pequenas pedras brilhantes com certeza eram diamantes. Eu acho que esses anéis custavam o suficiente para pagar toda a minha dívida estudantil.

— A Sirkku era muito imatura naquela época. Ela namorava um cara chamado Jari desde o colégio, mas eles já não estavam indo muito bem. Jari ainda morava em Joensuu, que é de onde nós somos. Eu acho que ele já não era mais refinado o suficiente para a Sirkku. Eu lembro uma vez na Alemanha, nós estávamos no banheiro de um bar, Sirkku e eu, e estávamos retocando a maquiagem e alguém disse que éramos idênticas. A Sirkku me olhou com um ar de mágoa e disse : “Piia sempre foi a belada da família”. E que se seu romance com o Jukka fosse para frente, eu poderia parar de me gabar por ter um namorado tão sofisticado. Coitada da Sirkku, ela não sacou que tudo que o Jukka queria com ela era provar para a Janna que ele não estava nem aí para o romance dela com o Franz. Quando nós voltamos para a Finlândia, a Sirkku terminou com o Jari. Nossos pais ficaram superdecepcionados, eles gostavam muito do possível genro. Ele era engenheiro na mesma firma em que meu pai é carpinteiro. Nossa mãe é assistente de enfermagem. Para eles um engenheiro é quase um nobre. Nós fomos as primeiras de toda a família a cursar faculdade.

— Então quer dizer que o Jukka humilhou pra caramba a Sirkku ? Ela provavelmente deve ter razões suficientes para estar com raiva dele.

— Sei lá, eu acho que sua paixão tola passou bem rápido. E por que razão a Sirkku continuaria chateada com ele ? Está tudo indo muito bem para ela, está namorando o Timo e antes dele teve um outro cara na faculdade.

A chuva caía contra a grande janela que dava para o mar. Apesar do sol da meia-noite, estava escuro lá fora, e os barcos se debatiam contra a doca como se fosse outono. O mundo descrito por Piia me dava calafrios.

— E como começou o romance entre Sirkku e Timo ?

— Naquele retiro que o coral fez, o retiro em que o Jukka começou a me atazanar. Eu tenho a impressão de que o Timo já estava a fim da Sirkku fazia tempo. Às vezes parece que ele a venera, e ela gosta...

— O que ela vê nele ?

— Talvez a mansão Muuriala.

— Muuri... o quê ?

— Mansão Muuriala. Você sabe das verduras Muuriala que se veem nos supermercados, não sabe ? Apesar de seu sobrenome comum, o Timo é o futuro herdeiro da família Muuriala, ele ainda não está nadando em dinheiro porque o pai dele acredita que um rapaz tem que aprender a se sustentar sozinho. E por

isso que, apesar de ter emprego suficiente para ele na Muuriala, está vendendo tratores agora.

Isso explicava o apartamento de luxo do Timo. Ele pode ser um durão, mas o fato de ser folheado a ouro fazia dele um belo partido. Eu também já vi o Peter uma vez. Ele não dava a impressão de ser o tipo de cara folheado a ouro, apesar de ser um pouco convencido demais para o meu gosto.

— Se o Timo venera tanto assim a Sirkka, não teria motivo suficiente para ter ciúmes do Jukka ?

— É, ele ficava vermelho de raiva toda vez que via alguma foto da Sirkka e do Jukka juntos na Alemanha. E independentemente disso, ele não ia muito com a cara do Jukka. Mas se você quer dizer que ele mataria o Jukka por causa disso, eu não acredito.

Eu também não acreditava. Mas talvez ele tivesse outros motivos.

— Eu liguei para o barco hoje... o *Marlboro of Finland*. Os Peltonen já tinham ligado para o Jarmo e contado para ele do Jukka. Espero que isso não estrague a corrida, eles continuam os primeiros em sua categoria.

Parecia que a Piia não queria que eu fosse embora. Eu já tinha acabado com minhas perguntas, mas ela continuava puxando papo. Talvez fosse meio triste ficar sozinha naquela casa. E eu fiquei pensando se ela e a Mirja tinham outros amigos além do pessoal do coral.

Eu passei no McDonald's, e já eram 10 horas quando cheguei em casa. A comida engordurada pesou em meu estômago e me deixou sem forças. Eu desmaiei em minha cama no meio de um programa de mistério a que assistia na TV e sonhei sonhos intrigantes.

11.

Mas como é bom dizer em sonhos

Minha esperança de passar um domingo preguiçoso e de tomar meu café sem preocupações enquanto lia o jornal foi por água abaixo. O telefone tocou antes das seis. Fui chamada para interrogar um estuprador e entrevistar sua vítima. Bebi meu café correndo, engoli meio iogurte e uma laranja e depois passei um rimel às pressas, borrando meu nariz. Dai passei uma eternidade tentando limpá-lo. Às vezes eu gostaria de ter uma esposa compreensiva que me esperasse com minhas camisas passadas e meu almoço pronto. Na verdade eu tive que usar minha camisa apertada mais uma vez, desta vez com manchas de suor também. Talvez eu tivesse tempo de comprar um sanduíche desses de maquininhas ou quem sabe uma pizza de micro-ondas.

Koivu, que a este ponto já havia virado a noite, me explicou o caso. Ele ficara na boate Keivohuone até as quatro da manhã e depois viera direto para a delegacia. “Eu consegui uma informação muito importante que precisava anotar naquele instante”, explicou. E então tinha sido fígado para investigar esse caso de estupro.

Àquela altura da manhã Koivu parecia ter perdido seu ar juvenil e seu frescor, mas em compensação estava muito satisfeito com seu trabalho. Apesar de ainda não estar completamente acordada, fiquei curiosa. Koivu disse que já tinha preparado o relatório e posto em minha mesa. A vítima de estupro já tinha acabado de voltar do médico e esperava por mim no corredor, então mandei o Koivu para casa para que ele pudesse descansar. Ele prometeu que me ligaria à tarde.

Marianna, a garota, não devia ter nem completado seus 18 anos.

— Já posso ir para casa ? – perguntou ela prestes a chorar.

Sua meia-calça estava toda rasgada e a minissaia suja de barro ; no rosto ainda havia um resto de maquiagem que ela tentou limpar. Hematomas marcavam-lhe a bochecha e o canto dos olhos. E ela parecia estar com frio. Lembrei que ela também ainda não havia dormido. Como não havia ninguém que pudesse anotar nossa conversa, liguei o gravador, alguém transcreveria tudo depois.

— Olá, meu nome é sargento Kallio. Eu vou tentar fazer isso o mais rápido possível para que você possa ir para casa dormir. Eu tenho comigo seu relato inicial, aí você foi mandada para ser examinada... Você gostaria de um sanduíche e de um café ?

— Você teria um chá ? – perguntou ela em um tom que mal dava para escutá-la.

Será que o policial que a examinou tinha tido o bom senso de lhe dar algum sedativo ?

Eu pedi para o guarda de plantão para trazer um chá e alguns sanduíches.

Coletei sua informação pessoal enquanto esperávamos pela comida, e ao mesmo tempo tentava fazer com que ela confiasse em mim. Marianna era de Kouvola. Ela estava no último ano do colégio e passava o verão trabalhando no cemitério de Hietaniemi. Tinha saído na noite anterior e voltado para seu apartamento de verão em Vallilano no último ônibus. Comprara um hambúrguer no carrinho de sanduíches que ficava no ponto onde tinha saltado.

— Tinha esse cara na minha frente na fila... talvez tenha pego o mesmo ônibus que eu. Ele ficou tentando puxar papo enquanto esperava pelo cachorro-quente, mas eu estava cansada e só queria ir dormir... daí ele apertou minha bunda e fez algum comentário sobre minha saia. Eu disse que tirasse as mãos de mim, e fui embora. Comecei a andar pelo parque enquanto comia meu hambúrguer e nem estava pensando mais nele. De repente ele apareceu atrás de um dos arbustos e perguntou se poderia me levar até em casa. Eu disse para ele dar o fora, mas ele começou a me acompanhar e me xingar de tudo quanto era nome... disse que eu era uma puta porque estava usando brincos e uma minissaia. Daí ele me segurou e disse que iria me matar se eu não deixasse... você sabe.

Nesse momento a garota engoliu o choro e olhou assustada para o policial grande e encorpado que pôs um sanduíche de mortadela na sua frente e que desajeitadamente lhe entregou o chá, deixando cair um pouco.

— Ponha muito açúcar – sugeri enquanto tomava um gole do meu.

A garota obedientemente colocou quatro colheres de açúcar no seu chá, fazendo uma careta ao prová-lo. Depois continuou.

— Ele me encostou contra uma árvore e começou a levantar minha saia e a tirar a calcinha. Foi aí que me dei conta do que realmente estava acontecendo e comecei a gritar. Tinha gente no carrinho de sanduíche, mas ninguém fez nada. Ele tentou me estrangular enquanto... você sabe... dentro de mim, ele ficava me segurando para que eu não me mexesse, eu acho que mordeu o queixo dele. Aí ele acabou o que estava fazendo enquanto eu gritava e tentava me defender, e então ouvi uma sirene... Acho que foi o cara do carrinho de sanduíches que ligou. Eles conseguiram pegá-lo. Ele tentou subir em uma árvore, mas o sapato dele caiu no chão...

A garota começou a rir histericamente. Estava tremendo de frio, e eu emprestei minha jaqueta para ela.

— É, parece que ele está em uma das celas.

No meio da papelada em cima da minha mesa estava a ficha do cara. Ele já tinha sido condenado pelo mesmo crime duas vezes. Da primeira, pagara uma multa, e da segunda sua sentença tinha sido suspensa.

— O seu caso é simples, você não precisa nem identificá-lo. O laudo médico deve ficar pronto em breve. Você é quem decide se quer ou não apresentar uma queixa contra ele, aí sim nós poderemos tomar mais providências. Mas você não precisa decidir isso agora – falei ao ver os olhos de pavor que me fitavam. – Você provavelmente só quer esquecer de tudo o mais rápido possível, mas sugiro que apresente uma queixa, sim, assim que tiver energias para poder pensar nisso outra vez. Você não é a primeira vítima dele, quem sabe desta vez ele não vá preso ?

— Mas eu teria que pagar um advogado e processá-lo ?

Expliquei como o julgamento funcionaria mesmo sem saber se ela estava em condições de prestar atenção no que eu falava. Ela estava com medo, cansada, e era muito nova. Pensei em mim com meus 18 anos. Será que eu sobreviveria a um estupro sem depois perder a cabeça ?

— Eu... eu não quero que meus pais fiquem sabendo disso... porque eles iriam encher o saco e ficar falando o que ando fazendo em bares ou por que me visto assim...

A garota enxugou uma lágrima que caía sobre seu rosto machucado e reagiu à dor do toque.

— Marianna, olhe aqui. A vítima do meu último caso de estupro era uma senhora de sessenta anos que voltava de uma missa no Templo Pentecostal Salem em Hakaniemi. Esses imbecis não olham para sua roupa. Ninguém tem o direito de estuprar você, nem se você estivesse andando nua pela rua, e bêbada. — Eu comecei a me exaltar ao vê-la assim. Me forcei a me acalmar. — Você pode ligar para alguém ficar com você hoje ? Alguma amiga, talvez. Se houver um veículo disponível, posso levar você para casa.

— Bem, tem minha irmã mais velha... mas ela provavelmente vai ficar me dando o maior sermão.

Eu deixei Marianna usar o telefone e depois a levei para casa no Lada mais detonado do departamento.

— Você foi muito corajosa em tentar resistir e ainda por cima vir fazer o exame médico e dar uma declaração. — Eu estava querendo animá-la um pouco, mas de repente ela começou a chorar histericamente.

— E se ele tiver Aids ? E se eu ficar grávida ? O médico que me atendeu era um brutamontes e eu fiquei com medo de perguntar qualquer coisa para ele. Ele me deu uma pílula do dia seguinte e falou para eu tomar mais algumas depois.

— Eles fizeram todos os exames necessários em você e nele também. Eu ligo para você assim que os resultados chegarem. O médico foi grosso com você ?

— O exame... doeu... e ele ficou me fazendo mil perguntas. Tipo quando foi a última vez que transei. E eu nunca tinha... ele provavelmente também achou que a culpa era minha...

Eu conhecia mais ou menos o médico da polícia, Pekka Nieminen, e pensei com meus botões que um exame ginecológico feito por ele teria sido quase como um segundo estupro. Quando investigava aquele último caso, o linguajar do Nieminen me deixara furiosa. Tentei explicar para a Marianna que o que acontecera não tinha sido culpa dela. Passei-lhe o telefone da Aliança de Vítimas de Abuso e da Associação Feminista Finlandesa, e quando ela me olhou com um ar de insegurança, também lhe dei meu próprio número e disse que ela poderia ligar para qualquer um daqueles telefones caso precisasse falar com alguém. Eu me senti péssima por deixá-la em casa sozinha, mas ela disse que a irmã estava a caminho. A amiga com quem dividia o apartamento não estava em casa.

— Eu só quero tomar um banho e ir dormir — disse ela de forma apática.

Rezei para que sua irmã fosse uma pessoa sensata. Então a campanha tocou, e eu reconheci a mulher diante de mim antes mesmo que ela dissesse seu nome. Era Sarianna Palola, a ex-namorada do Antti. Eu tinha visto várias fotos dela no

álbum de fotos do Jukka. Mas ela não me reconheceu.

Depois que Marianna entrou para o banho, expliquei a situação para a irmã. Sarianna ficou chocada e ao mesmo tempo com raiva pelo que tinham feito com sua irmã. Ela me pareceu ser uma pessoa tranquila, com quem eu podia deixar a Marianna sem me preocupar.

Quando voltei para a delegacia, interroguei Pasi Arhela, o estuprador da Marianna. Ele tentou dar uma de galã e negou tudo. Mesmo tendo sido quase pego no flagra. Ele era um engenheiro, assim como o Jukka ; e tentou de toda forma se desviar de minhas acusações. Ai sim, eu entendi como que um cara com a lábia que ele tinha conseguira se safar das duas últimas condenações. Tudo de que ele precisava era de bons advogados. Quando viu que não acreditei no seu papo de que a Marianna tinha dado em cima dele na carrocinha de sanduíches, ele começou a perder a compostura. Era a palavra dele contra a de Marianna. Talvez o cara da carrocinha convencesse o juiz. Além do mais, Arhela não teria como negar as amostras de esperma e de DNA. Ele ficou ainda mais nervoso por eu não deixá-lo fumar durante o interrogatório. Também não tinha dormido, mas dele não senti a menor pena.

— Essas putinhas ficam provocando – disse ele finalmente. – Essa daí ficava andando com a saia lá em cima, toda maquiada, como se fosse uma garota de programa. Deviam era colocar todas elas em uma jaula. Quem que não ficaria de pau duro ?

Arhela deu uma piscadinha para o Virrankoski, que estava gravando a entrevista, e para quem Arhela dirigia a maioria do seus comentários machistas. Virrankoski não tentou esconder um sorrisinho, o que me irritou profundamente.

— Então você admite tê-la estuprado ?

Eu queria me livrar de Arhela o mais rápido possível.

— Que estupro que nada, eu só dei uma rapidinha. Ela devia é estar feliz, isso sim.

— Você admite que forçou Marianna Palola a ter relação sexual com você ?

— É, foi isso mesmo. E quando foi a última vez que você deu uminha, hein, *baby* ? Você não encheria tanto o saco se desse com mais frequência. Ou será que você é uma lesbicazinha ? Já que você tem que dar uma de macho para tentar defender qualquer putinha que aparece.

Eu geralmente não faço uso de violência em meu trabalho, só tive que usar minha arma uma vez. As pessoas geralmente ficam mais calmas quando estão sendo detidas por uma mulher. Foram poucas as vezes em que precisei bater em alguém. Mas agora a vontade que tinha era de esmagar o saco de Pasi Arhela. Se a outra pessoa na sala tivesse sido o Koivu em vez de Virrankoski, então sim, acho que teria acabado com ele. Fiquei imaginando como seria bom enfiar a mão na cara dele e ouvir a cartilagem do seu nariz quebrando ou dar um chute bem dado em seus testículos e esperar que eles inchassem como um balão. Percebi que estava tremendo.

— Leve-o para fumar um cigarro e depois o encaminhe para a cela – disse eu a Virrankoski antes de subir para o banheiro feminino.

Minha vontade era de vomitar, por mim Arhela ficaria em sua cela até o último segundo permitido por lei.

Por que esse cara tinha me deixado tão furiosa ? Tentei justificar o fato com alguma razão nobre, dizendo a mim mesma que era por causa de Marianna e todas as outras vítimas dele. Mas eu também estava zangada pelo modo como ele me fazia sentir, por mim mesma. Como ele se atrevia a me humilhar só por eu ser uma mulher que escolhera ser policial ?

E se eu mudasse de profissão e me tornasse uma advogada pública, que era justamente meu objetivo para depois que me formasse ? O que eu faria se de repente tivesse que defender caras como o Pasi Arhela ?

Virrankoski e Arhela estavam no corredor quando voltei para minha sala. Tentei não demonstrar emoção alguma.

— Esse cara me falou que conhecia o tal Peltonen que foi assassinado na semana passada. Não é você que está cuidando desse caso ? Às vezes arranjava umas mulheres para ele — explicou Virrankoski.

— Arhela arrumava umas mulheres para o Peltonen ? — repeti sem olhar para o estuprador.

— Não, era o Peltonen que arrumava para mim — disse Arhela. — A gente se conheceu durante o serviço militar. Às vezes a gente se trombava no centro da cidade e de vez em quando ele me arrumava umas putas estonianas muito lindas. Elas eram ótimas, mas caras.

A única coisa que eu podia fazer naquele momento era interrogar Arhela outra vez. Assim que começamos a conversar, ele tentou me convencer a livrar a cara dele da acusação de estupro se colaborasse com o caso do Jukka. Como não concordei com a sugestão, ele começou a me agredir verbalmente mais uma vez. Fiz de tudo para manter a calma e quando estava para mandá-lo de volta para a cela, ele começou a falar. Era óbvio que era do tipo que adorava se sentir importante.

Segundo Arhela, o Jukka era um intermediário entre as estonianas e os empresários, não necessariamente um cafetão, mas ele às vezes recebia comissão das garotas.

— E elas não eram que nem as putas baratas que a gente encontra na estação de trem. Eram superlimpas e saudáveis.

— Eram muitas ?

— Conheci só duas e trepei com uma delas algumas vezes.

— Nomes ?

O Arhela disse que não lembrava porque estava sempre muito bêbado. Mas que havia encontrado as garotas com o Jukka na Hesperia. Eu o mandei de volta à cela para ver se de repente ele se lembraria de alguma coisa, mesmo achando que já havia tirado dele tudo que tinha para falar sobre o caso. Mas isso não significava que eu não poderia refrescar-lhe a memória mandando-o até Hesperia com Koivu e Virrankoski.

O relatório de Koivu sobre o Clube Kaivohuone só fez confirmar o envolvimento de Jukka com as prostitutas. Ele tinha conseguido conversar com umas garotas que eram obviamente da profissão e, ao ver a foto de Jukka, elas se lembraram de vê-lo sentado no bar no final da noite de vez em quando. Uma delas disse que era óbvio que era um cafetão e que ele tinha inclusive tentado incluí-la no esquema, mas que ela recusara porque não fazia isso por dinheiro.

Mas é claro que isso era o que ela dizia para a polícia. Não que haja algo de errado com uma mulher que escolhe cada noite sair com um cara diferente. Até então as garotas da estação de trem estavam indo muito bem trabalhando independentemente, mas a situação das prostitutas poderia piorar muito se a máfia do leste começasse a fechar o cerco. Isso poderia ser o fim do trabalho casual de estudantes universitárias.

Janne, um conhecido meu, bissexual, preferia trabalhar por conta própria a ter um emprego normal. Tanto homens quanto mulheres de idade pagavam muito bem. Talvez fosse bom perguntar para ele se conhecia o Jukka ; apesar de que o Janne tinha mais cuidado com o que falava comigo ultimamente por saber que voltei a ser policial.

Bebidas e prostitutas estonianas, o Jukka tinha sido um baita empreendedor. Qual seria a próxima novidade ? Seu envolvimento com prostituição mudou toda a perspectiva do assassinato. Será que fora coisa da máfia russa ? Considerando que o crime nesta cidade tem ficado cada vez mais internacionalizado nestes últimos anos, essa não seria uma opção inviável. Além do mais, o Jukka estava trabalhando em um projeto conjunto entre a Finlândia e a Estônia... e se no final das contas o assassino não fosse alguém do coral ?

No final do relatório o Koivu escreveu a mão : “Elas conhecem Mertti Maki, ele se encontra com um garotão chamado Tomppa. Mas eles não têm aparecido por lá”.

Eu liguei para a casa dos Maki imediatamente, mas ninguém atendeu. Essa informação criou uma imagem ainda mais interessante do casamento deles. Será que Marja Maki tinha noção das tendências sexuais do marido ?

A fome começou a bater e a falta de cafeína no sangue me causava uma leve dor de cabeça. Fui até a lanchonete, que pelo menos servia um café um pouco melhor do que o da maquininha. O menu estava horrível, caçarola de fígado ou sopa de vegetais feita no leite. Então acabei comendo um bolinho careliano¹⁴.

Enquanto pagava, vi um antigo amigo da Academia de Polícia, Tapsa Helminen, sentado perto da janela. Ele havia se candidatado para trabalhar na Narcóticos assim que surgira uma vaga e agora estava lá. No início, quando estudávamos juntos, ele vivia enchendo meu saco, mas um dia eu quase quebrei seu braço durante uma aula de autodefesa e isso fez com que as piadinhas parassem. Eu havia feito de propósito, mas só de pensar nisso agora me dava vergonha. Eu também tirava o maior sarro dele. Ele tinha um nariz consideravelmente grande, e eu ficava falando para ele que depois que entrasse para a Narcóticos não iam mais precisar de cachorros porque ele sozinho daria conta do serviço de farejamento. Até que era um cara legal, mas um pouco rígido demais. Para ele não havia diferença entre um baseado e 100 gramas de metanfetamina.

— Eu fiquei sabendo que está a maior confusão no departamento de Drogas – eu disse enquanto sentava em sua mesa. – Eles pediram nosso apoio mas não temos ninguém disponível.

— Fazer o quê – suspirou Helminen. Suas olheiras indicavam que ele andava dormindo muito pouco. – É uma pena. Essas redes de tráfico surgindo por aí e

tudo que nós conseguimos fazer é colocar em cana uns “aviões”. Pelo menos a gente sabe que tem droga entrando no país pela fronteira do leste, ou melhor do sul, já que a Estônia ficou independente. Nós nos precipitamos prendendo aqueles coitados. Se tivéssemos esperado mais um pouquinho, aí sim, teríamos pego os tubarões. Os “aviões” simplesmente dizem que não sabem de onde vem a droga, e o fornecedor não ousa dar um pio. Mas parece que o esquema é grande.

— É, parece que é coisa de gente graúda.

— E essa confusão está ficando cada vez mais séria. A gente não está mais falando de estudantes viajando com maconha no trem ; o negócio agora é outro. Nós precisamos de mais homens, quer dizer... é... policiais em nossa divisão, mas parece que não temos dinheiro. Como é que está lá na Unidade de Crimes Violentos ?

— Estamos passando pelo mesmo problema. O orçamento para horas extras vive no vermelho. Vem cá, você entende alguma coisa sobre agentes de garotas russas ?

— Bem, isso é coisa do departamento de Vício, mas acho que esses caras mexem com drogas também. E ninguém os pega. Esse negócio está parecendo com um caso para Crockett e Tubbs¹⁵. Eles até se comunicam por codinomes, X e M e etc.

De repente me lembrei da agenda do Jukka.

— M, como assim ?

— Esse foi um cara que ligou para a secretária eletrônica do fornecedor perguntando onde poderiam se encontrar para fazer o negócio. Por quê ?

— É que eu estou trabalhando nesse assassinato e tem um M que também aparece na secretária eletrônica da minha vítima. Tem como a gente comparar fitas ?

— A minha foi para o laboratório, mas deve estar aqui amanhã, assim que chegar eu aviso. Você tem ideia de quem possa ser esse tal de M ?

Aí caiu a ficha.

— Espere aí, o que você disse ? M ! Mas é claro. M de Emma. Tapsa, você me dá licença, mas acabei de atinar para o segredo de outro telefonema.

Apesar de eu não ter conseguido entrar em contato com a Anu do coral, o café e a informação que o Tapsa me passara tornaram meu dia um pouco mais suportável. Parecia que agora aquela frase da música do Popeda estava completa : “Dinheiro, bebida, mulheres e drogas...” Talvez fosse a hora de voltar a este último assunto.

Jyri não se encontrava em casa, então liguei para o seu trabalho e me passaram o telefone do carro dele.

“Maria Kallio falando. Venha até a delegacia assim que acabar com essa rodada de entregas. E, sim, seu chefe já sabe. E é melhor você vir se não quiser que eu o detenha.”

Jyri chegou na minha sala um pouco mais de meia hora depois. As pessoas aparentemente curtem pizza de anchova e *mettwurst*¹⁶ para se animarem nos domingos pela manhã, porque esses eram exatamente os cheiros que senti nele. Ou quem sabe eu é que estava animada. A fome bateu outra vez.

— Você não teria uma pizza sobrando no seu carro, teria ? – perguntei esperançosa.

Jyri balançou a cabeça. Ele parecia estar cansado e de ressaca.

— O funeral foi até tarde ?

Acenei para que ele sentasse na minha frente, e ele notou que os livros de contabilidade da AECLF se achavam em cima da mesa. Por sorte eu tivera o bom senso de trazê-los comigo apesar de toda a confusão da manhã.

— Eu e Tuulia ficamos no Roba até as duas da madrugada – explicou ele em voz baixa.

Será que ele estava em condições de dirigir ? Seria irresponsabilidade da minha parte não fazer um teste do bafômetro com ele ? Eu peguei o livro e expliquei :

— Tenho verificado este livro minuciosamente e comparado recibos e faturas bancárias. Você não me disse toda a verdade sobre sua dívida com o Jukka, e eu poderia processá-lo por peculato e fraude. O Jukka foi conferir os livros e descobriu o que você tinha feito, não é ? E prometeu que lhe emprestaria o dinheiro para cobrir o rombo e evitar que o Antti e o outro auditor descobrissem qualquer coisa. Por que ele faria isso ?

O rosto inchado de Jyri se inflamou.

— Ele era meu amigo... e ele sabia que eu não queria ficar com o dinheiro, foi só uma emergência. Mas aí a reunião de final de ano estava chegando e nós tínhamos que organizar as contas, eu estava completamente duro... ele me prometeu um empréstimo. Só isso.

— E se sujeitou a ser seu cúmplice quando você resolveu fazer uma auditoria falsa ? Por que ele faria isso ? E por que ele estava querendo o dinheiro de volta justo agora ?

— Parece que ele estava indo para algum lugar – disse ele aflito. – Quase tudo que falei a você na quinta era verdade. Mas ele ameaçou contar para a polícia que eu estava escoando dinheiro do coral. E disse também que eu poderia pegar liberdade condicional por causa disso, que ele conhecia gente que pegou por muito menos...

— Quando você teria que devolver o dinheiro a ele ?

— Ele tinha me dado até segunda.

— E como você iria arranjar esse dinheiro ?

— Eu ia penhorar tudo que eu tinha ; meu som, minha TV, até mesmo minha jaqueta de couro... – Ele parecia deprimido.

— Mas o Jukka morreu no sábado e você se livrou de ter que pagá-lo. Se deu uma porrada nele porque você estava bêbado e puto da vida, é melhor que confesse neste minuto. Vai ser mais fácil para você se confessar.

Jyri pôs o rosto entre as mãos. Eu quase tive pena dele. Sendo ou não o assassino, eu provavelmente deveria entregar os livros para a divisão de Crimes de Colarinho-Branco. Talvez passar um pouco de vergonha ensinaria alguma coisa de útil ao Jyri. Alguns 1.000 não eram nada em comparação ao que andava acontecendo nos bancos ultimamente. Mas a coisa funcionava assim : você poderia perder bilhões, e até mesmo ser pego, e o máximo que lhe aconteceria seria você perder seu emprego e receber sua aposentadoria, mas se você der um

sumiço em uma mixaria, aí sim, você poderia pegar uma sentença de prisão condicional. E além do mais, o coitado do Antti tinha, na maior inocência, colocado seu nome no relatório manipulado pelo Jukka. Ou seja, ele também tomava parte da fraude. Será que eu tinha mesmo que colocar os caras na cola do Jyri ? Mas eu teria o direito de deixar isso quieto ?

— Eu não matei o Jukka – disse ele quase chorando. – Eu só fiquei meio desapontado quando ele começou a pressionar de repente. Mas eu estava pronto para penhorar tudo que eu tinha na segunda-feira. Eu teria conseguido o dinheiro de alguma forma... e a Tuulia prometeu que me emprestaria um pouco também.

— A Tuulia também sabia disso ?

— Eu só contei para ela que o Jukka queria o dinheiro dele de volta.

— Jyri, presta atenção, o oficial em serviço tem um bafômetro, vamos fazer um teste e se der positivo você liga para o trabalho e diz que vai tirar o resto do dia de folga. Aí você liga para o Antti e vê se vocês resolvem isso. Ele já sabe. Você e a AECLF podem resolver o que fazer. Mas pela última vez, se você matou o Jukka, é melhor admitir de uma vez. Você ainda tem a chance de ser julgado por homicídio não premeditado. Mais cedo ou mais tarde a verdade virá à tona. Fraude seguida por assassinato é uma péssima combinação.

Eu sabia que minhas palavras nada significavam.

O bafômetro deu zero, e o Jyri voltou para o trabalho.

Eu decidi ligar para os Maki outra vez. Martti Maki estava em casa, contei-lhe da nossa descoberta e ele não tentou me desmentir.

— Nós passamos aquela noite no Hotel Vaakuna. Eu acredito que você pode confirmar isso no registro do hotel.

— Seria mais fácil você me passar o nome completo e o endereço desse tal de Tomppa para que possamos verificar seu álibi.

— Sinceramente, isso é mesmo necessário ? O Tomppa é um ótimo menino e eu não gostaria que ele se complicasse por causa disso.

— Ele não fez nada que o incriminasse – eu disse secamente.

Eu não estava interessada em saber se o Maki tinha pago Tomppa. Ele me passou as informações sobre o garoto.

— É... você não tem que contar nada para a minha esposa sobre isso, tem ? – perguntou ele antes de desligar.

— Você que resolva seus problemas conjugais – eu disse com mais raiva do que o necessário e desliguei o telefone.

Eu imaginava que os Maki estavam se esbaldando.

Tentei entrar em contato com a Sirkku e o Timo, mas sem muito sucesso, então resolvi trabalhar na declaração do estuprador e terminar com alguns papéis que estavam na minha mesa. Na verdade eu me achava livre para fazer o que quisesse, pois só estava de plantão. Mas como tinha tempo, resolvi adiantar umas coisinhas. Meu próximo compromisso só seria naquela noite.

Saí do trabalho um pouco depois das três. Andei pelo parque em meio à neblina e passei pela baía de Toolo, dali fui para casa. Eu precisara ir dar uma olhada em uma mulher de meia-idade que tinha se enforcado na varanda ; e isso tomara o tempo que eu tinha reservado para dar um jeito na papelada. Quando deixara a delegacia, finalmente, sentia que precisava de um pouco de ar fresco.

No caminho parei em uma barraca e comprei um sorvete.

Quando cheguei em casa, mudei de roupa e fui até a academia de ginástica para mulheres da qual eu era sócia. Levantar peso geralmente me levantava o astral, e meus músculos tinham tido tempo de se recuperar da última vez em que eu estivera ali. A corrida foi um ótimo aquecimento, e alonguei os braços por alguns minutos antes de começar a malhar. Domingo era um dia geralmente calmo na academia. Trabalhei mais os braços e a parte posterior, porque na sexta eu já tinha torturado minhas pernas e o abdômen.

Enquanto eu malhava, pensava no Jukka. Charmoso, talentoso, generoso... egoísta, ambicioso, narcisista. Criminoso ? Contrabandista ? Traficante ? Teria ele insinuado que o Jyri estivesse se vendendo para algum gay para poder pagar suas dívidas, daí o Jyri ficara enlouquecido e acabara matando-o ? Ou será que tinha sido a Piia, com medo de que ele fizesse alguma revelação desagradável ? E em qual das mutretas do Jukka a Tuulia estaria envolvida ? Era difícil imaginar que ela se deixasse ser explorada ou que venderia seu belo corpo. Nunca que ela se faria de prostituta. E a Sirkku ? Ou será que o Antti ficara tão injuriado com o abuso de sua boa imagem que acabara golpeando o Jukka em um ato de fúria ? Isso, e além do mais ele era o resumo de um personagem doidão de desenho animado : escolhera prestar serviço civil em vez de militar, usava rabo de cavalo, e tudo mais. Talvez o Antti tivesse algum vínculo com o tráfico de drogas ? E também havia a Mirja, que não podia ser descartada.

Comecei a trabalhar meus braços. Atingir o Jukka com certeza requeria o uso de força, isso excluía a Piia, a Sirkku e talvez até o próprio Jyri. Eu com certeza acabaria com o Jyri numa briga, ele devia pesar uns cinco quilos a menos que eu. O Timo pelo menos tinha a força necessária, mas será que poderia ter saído do quarto sem que a Sirkku notasse ?

Meus bíceps estavam queimando, então fui para o banco de peso. “*Who wants to live forever*¹⁷”, perguntava o fantasma do Freddie Mercury através das caixas de som presas ao teto. O Jukka não tivera a opção de escolher. “*And we can love forever*¹⁸.” Será que Tuulia estava apaixonada pelo Jukka ? Ela não confiava o suficiente em mim para poder me contar ? Isso me deixou mal. A barra estava pesada, eu tinha colocado cinco quilos a mais. Isso estava sempre acontecendo comigo, superestimando minha força.

Corri até em casa, tomei um banho e comecei a limpar meu apartamento. Eu já tinha terminado meu trabalho e malhado, mas por algum motivo continuava com a impressão de que o mais difícil daquele domingo estava por vir. Era para eu encontrar com meus pais na estação de trem e acomodá-los aquela noite lá em casa. Eles estavam a caminho de suas férias na Grécia. Fora isso, quase nunca me visitavam. Apesar de terem estudado em Helsinque, a cidade era grande e violenta demais na opinião deles, e eles não sabiam vir da estação até Toolo sem ajuda.

— Eu gosto de ser escoltado pela polícia – disse meu pai com um sorrisinho enquanto entrávamos no bonde.

— Você tem tido tempo para estudar ? – perguntou minha mãe preocupada.

Eu tentei persuadi-los a aprovarem essa minha fase na Unidade de Crimes

Violentos alegando que eu poderia fazer minhas provas mesmo estando lá.

— Estou me preparando para uma de minhas provas.

Isso não era necessariamente uma mentira, eu tinha pegado uns livros na biblioteca para estudar para minha prova final de Justiça Criminal. E é claro que meus pais escolheram acreditar no que era melhor para eles. O tio Pena não era um alcoólatra, ele só bebia um pouco demais de vez em quando. Seus alunos não eram maldosos por querer, eles só estavam com problemas em casa. Eu voltaria para a faculdade, obteria um bom emprego e fismaria um bom marido. Meus pais não estavam interessados em mim exatamente, mas sim nas aparências.

Meu apartamento recém-faxinado se mantinha quente, apertado e empoeirado. Eu tinha preparado um quiche de presunto com cebola e salada para o jantar, e fui fazer um chá. A última vez em que vira meus pais fora no Natal, que obedientemente passei na casa deles. Durante esse meio ano, várias novas rugas surgiram na testa de minha mãe e os ombros de meu pai tinham caído consideravelmente. Ainda levariam alguns anos antes que eles se aposentassem. A cada ano que passava, o semestre de outono ficava cada vez mais desagradável para eles.

Meus pais fizeram questão de relatar tudo que estava acontecendo em casa, e nada do que eles tinham para dizer me interessava. Fazia dez anos que eu estava longe de lá e a essa altura já não encontrava mais por acaso ninguém da minha cidade. Depois eles perguntaram educadamente sobre meu trabalho, e respondi também muito educada e vagamente, apelando para a discrição profissional. Eles me falaram sobre os programas que estavam pensando em fazer durante a viagem e me mostraram uma revista do hotel em que iam ficar. Nós assistimos ao jornal e a um pouco de esporte na TV e bebemos o resto do licor de kiwi, mas nem isso relaxou o ambiente. Todos ficaram aliviados quando depois do jornal papai sugeriu que estava ficando tarde e que era bom irmos dormir. O voo deles sairia às sete, então nós teríamos que levantar antes das cinco.

Apesar de a noite ter sido curta, não consegui dormir. Dava para ouvir os eventuais choramingos da minha mãe e os rncos do meu pai, que dormiam no sofá-cama que ficava na sala. Eu não gostava de dormir no mesmo quarto com outras pessoas. Eu estava triste. Em todo formulário que preenchia, colocava minha mãe como contato familiar, mas parece que agora nós não passávamos de duas estranhas. O que eu sabia sobre meus pais, e o que eles sabiam sobre mim? Se eu morresse de repente como o Jukka, será que eles me reconheceriam ao guardar minhas coisas?

A culpa era minha. Eu só ia para casa duas vezes por ano, e, quando estava lá, me resguardava, mantendo certa distância. Há anos que nós não conversávamos sobre o que pensávamos ou sentíamos. Era sempre por intermédio das minhas irmãs que eu ficava sabendo das reações dos meus pais aos acontecimentos da minha vida.

Nunca cheguei a perdô-los por não terem me querido, eles desejavam um menino. Já tinham até escolhido o nome. Mamãe tinha certeza de que a pessoa que crescia em seu ventre seria um Markku, pois essa pessoa a chutava com grande entusiasmo. Eu tentei ser o garoto que eles tanto queriam, porque tudo que veio depois foram duas meninas. E escolhi inclusive o emprego dos sonhos de

todo garotinho.

Faz muito pouco tempo que finalmente entendi que meus pais não eram os culpados de tudo que aconteceu de errado na minha vida. E eu até tentei ficar mais próxima deles, mas já era tarde demais. O fato de eu ser uma policial nos dividia e isso dificilmente mudaria. Às vezes, quando eu ouvia minha mãe e minhas irmãs fofocando na maior animação, eu, por alguma razão, me sentia excluída de um jogo divertido.

14 Carélia é uma região localizada na Europa setentrional, dividida entre a Finlândia e a Federação Russa. (N.T.)

15 Personagens da série norte-americana *Miami Vice*. Crockett e Tubbs eram detetives especializados em desvendar casos ligados às drogas. (N.T.)

16 Salsicha romena. (N.T.)

17 “Quem quer viver para sempre.” (N.T.)

18 “E nós podemos amar para sempre.” (N.T.)

Às 05h15 da manhã coloquei meus pais em um ônibus que os levaria até o aeroporto e depois voltei para a cama para poder dormir por mais algumas horas. Em meus sonhos, me vi usando uma vara de pescar para retirar do mar um corpo que havia sido espancado a ponto de não ser reconhecido. Era minha mãe. Quando finalmente retirei minha mãe da água, ela se transformou na Tuulia, a quem eu tentava reviver com beijos.

Fui a Pasila de bicicleta. A neblina começou a subir e a roda-gigante desmontou enquanto eu passava pelo parque de diversões Linnanmaki. Eu esperava por algo de simbólico naquela manhã. A corrente da minha bicicleta soltou em um dos semáforos em que tive que parar. Enquanto tentava arrumá-la, sujei a minha calça jeans preferida de graxa. Quando cheguei à delegacia já eram 08h10, no caminho a corrente havia soltado mais uma vez. Ao passar pelo corredor, dei uma olhada na sala do Kinnunen, mas não tinha ninguém. Ele ainda estaria de licença-bebedeira ? Quando cheguei na minha sala, um recado de Heikki Peltonen e um pedido para eu me apresentar ao capitão esperavam por mim.

Primeiro liguei para o Peltonen, que queria saber onde estavam as chaves do carro do Jukka. Ele tinha achado que nós havíamos pegado as cópias.

— Eu só sei das chaves que estavam na ignição. Não achamos nada aí na vila nem no apartamento dele.

— Que estranho, eu tenho certeza de que ele tinha pelo menos mais duas cópias em algum lugar. Eu estava querendo vender o carro assim que o inventário estivesse pronto, mas agora vou ter que mudar a tranca.

Eu me lembrei de uma mensagem de telefone do tal M, em que ele pedia o carro do Jukka emprestado. As chaves que faltavam estariam com ele ? Para quê ele teria usado o carro ? Tentei assegurar a Peltonen que as investigações caminhavam muito bem, mas não entrei em detalhes sobre o que estávamos descobrindo de seu filho, o que seria bem desagradável.

Tapsa ainda não havia recebido suas fitas de volta, então eu me arrastei até a sala do capitão para poder reportar os meus casos. Ele baforava fumaça de charuto nos meus olhos e olhava para mim incrédulo ao ouvir minhas teorias sobre o envolvimento do Jukka com vários tipos de tráfico.

— Ah sei. Você tem evidências para sustentar suas teorias ou tudo isso não passa de ideias da sua cabeça ? Talvez você prefira que eu chame de intuição feminina ?

Falei para ele sobre a ida de Koivu ao centro, sobre o estuprador e sobre as garrafas que eu tinha achado no apartamento do Jukka, que estavam sendo analisadas. Os resultados chegariam naquela tarde.

— Então quer dizer que o assassino pode ser alguém de fora ?

— Não necessariamente. Eu acho que um dos meus suspeitos atuais estava metido pelo menos com o contrabando de bebidas.

— Teorias são ótimas, mas nós precisamos de resultados ! – Outra baforada nos meus olhos. – Você tem até sexta. Prenda alguém até lá, está difícil manter os jornais longe disso.

— Então quer dizer que eu continuo comandando este caso. E o tenente Kinnunen ?

O capitão me olhou um pouco sem graça.

— Bom, o Kalevi... – começou ele em voz baixa, mas rapidamente mudou de tom, dizendo : – Pois bem. Tudo que acontece na sua seção está sob a responsabilidade de Kinnunen, é claro. Mas acontece que nós decidimos hoje de manhã que seria bom tentar delegar mais responsabilidade para os oficiais em início de carreira. Você já chegou bem longe neste caso. É claro que vai ter que se apresentar ao Kinnunen, mas continue fazendo seu trabalho de forma independente.

Então quer dizer que o Kinnunen estava de volta. Mas o clima parecia tenso, talvez fosse melhor eu ir falar com ele pessoalmente.

Acabei minha conversa com o capitão falando sobre os outros casos em que estava trabalhando e aproveitei para pedir permissão para usar o Koivu como meu assistente principal. Ele concordou.

Então ele falou :

— O final de setembro daqui a pouco já está aí... Saarinen ligou na semana passada para dizer que sua licença médica provavelmente se estenderia como incapacidade permanente. A coluna dele está péssima, e ele vai continuar longe do trabalho pelo menos até o final do ano. Você já pensou sobre o que vai fazer ?

— Não, ainda não tive tempo – eu disse de forma evasiva.

— Seria bom para a Unidade ter pelo menos uma mulher, nem que seja para melhorar nossa imagem. E além do mais, você parece dar conta do recado como um homem – disse ele, sem notar que tinha escolhido todas as palavras erradas.

Para a minha sorte, nesse exato momento sua secretária lhe passou uma ligação de urgência de algum manda chuva, e eu pude escapar.

Enquanto estivera fora, um pacote redondo vindo do laboratório fora entregue na minha sala. Antes que eu pudesse abri-lo, o telefone tocou. Era a Anu, o segundo soprano do coral, que retornava minha ligação.

— Você me disse que tinha ouvido o Jukka falando alguma coisa tipo “Olhe aqui, Emma, não posso falar agora”. Será que ele poderia ter sido “Olhe aqui, M”, em vez de Emma ?

Anu pensou por um momento.

— É, pode ter sido isso mesmo.

— Ok e esse M queria alguma coisa do Jukka que ele não estava preparado para dar ?

— Me pareceu que foi isso.

Eu disse para a Anu que eu precisava que ela viesse até a delegacia para prestar um depoimento oficial. Ela pareceu aliviada.

Então eu ataquei o pacote em cima da minha mesa. Nele havia uma das

garrafas achadas no apartamento do Jukka, uma outra garrafa, os resultados do laboratório e algumas fotos. Eu dei uma olhada nelas enquanto assobiava. Aquilo estava começando a ficar interessante. Coloquei a garrafa na gaveta para que os meninos do departamento não ficassem tentados a provar da bebida, especialmente o Kinnunen. Agora eu tinha uma garrafa em minha sala.

Reservei um carro para mim e Koivu, ele estava novinho em folha e de bom humor. Eu o parabeneizei pelo seu trabalho no sábado e ele riu satisfeito.

— É, o lugar estava cheio de carne fresca à venda. Meninos e meninas para quem pudesse pagar – explicou ele. – Você está lembrada daquela mulher estoniana que foi presa por ter roubado um cliente ? Foi uns dias antes do assassinato do Peltonen, ela pode saber de alguma coisa.

— Muito bem, Koivu ! Daria para você ver se ela ainda está presa ? E se for o caso, obter uma permissão para falar com ela ? Mas antes disso vamos cuidar dessas outras entrevistas – eu disse.

Koivu pegou o telefone do carro imediatamente para obter informações sobre a estoniana, e descobriu que ela ainda se encontrava em Pasila.

Primeiro nós fomos até Koskela procurar por Tomi Rissanen, “Tomppa”. Um belo garoto com cabelo de anjo abriu a porta depois de vários toques na campainha. Ele esfregava os olhos como se tivesse acabado de acordar e usava um fio dental branco, o que deixava à vista seu belo corpo bronzeado de sol.

— Koivu e Kallio, departamento de polícia de Helsinque. – eu disse ao mostrar meu distintivo. – Nós temos algumas perguntas sobre um de seus... amigos.

Tomppa parecia estar mais confuso do que com medo. Maki o teria avisado da nossa visita ? Olhando bem, ele parecia mais um adolescente, que não tinha nada que estar se metendo em lugares como o Clube Kaivohuone. Mas o fato de ele ter pretendentes não me surpreendia. Como devia ser bom ficar olhando e acariciando aquele rostinho. Baseado no que eu tinha ali na minha frente, dava para perceber que os Maki, a chefe de Jukka e seu marido, tinham o mesmo gosto em matéria de homem. Tomppa poderia passar por irmão mais novo de Jukka.

Tomppa confirmou ter passado a noite toda com Maki no Hotel Vaakuna. O registro do hotel também confirmava o fato, então Maki estava fora da lista de suspeitos.

— Você foi bem legal com o garoto – disse Koivu com um sorrisinho quando voltamos para o carro.

— Não dava para ser dura com aquela gracinha – falei sorrindo de volta. – Mas falando sério, já vi muitos desses rapazes na Unidade de Vício. Quando eles resolvem escutar nossos conselhos, já é tarde demais.

Peguei a Tuusulantie até o Ring três, tudo sem a ajuda de Koivu. Achei a loja de equipamentos agrícolas onde Timo trabalhava. Tratores e debulhadoras ocupavam parte do terreno, e me lembravam da minha época de criança, quando eu ajudava meu tio Pena a empilhar feno. Eu me gabava por dar conta de levantar mais feno que meu primo, que era mais velho do que eu. Eu andava a cavalo e dirigia o trator. Minhas irmãs se contentavam com ajudar minha mãe a fazer o almoço. Mamãe nunca gostou dos verões no campo, pois ela sempre tinha que ficar enfiada na cozinha (tio Pena não era casado), fazendo comida

para todo mundo que trabalhava na colheita do feno. Ela provavelmente teria preferido ficar estirada no gramado lendo Agatha Christie. Eu achava que era ela quem tinha escolhido exercer essa função, naquela época ainda acreditava que os adultos só faziam o que queriam.

Quando chegamos, o Timo estava movendo um carregamento de fertilizantes com o trator para a área de produtos em promoção. Ele ficou claramente confuso quando pedi que viesse com a gente. Expliquei para seu chefe que era um caso de urgência e que estávamos precisando de sua ajuda na investigação. Eu não queria pôr em risco a reputação dele, mas ao mesmo tempo não sei por que fiz questão de ser tão cuidadosa.

— Queria ter entrevistado você e a Sirkku ontem à noite, mas vocês tinham viajado — eu disse para ele no banco de trás. — Eu não tinha pedido para me informar caso você saísse da cidade ?

— Nós estávamos em Muuriala, quer dizer, na casa de meus pais... — explicou ele assustado. — E além do mais não imaginávamos que você iria precisar da gente durante o final de semana.

Dirigi até o centro da cidade. Estacionei o carro ilegalmente no passeio e fui até o balcão de cosméticos da loja de departamentos onde a Sirkku trabalhava. Sua maquiagem estava bem vistosa, o que era adequado para seu local de trabalho, mas não muito bonita. Ela havia exagerado em tudo, e achei que seu batom rosa não combinava com ela. A luz artificial da loja a fazia parecer uma boneca gigante. De repente deparei com meu reflexo em um espelho e logo virei a cara.

— Oi, Sirkku. Parece que você tem que vir a Pasila para mais uma entrevista. Onde está sua chefe ? Pode deixar que eu explico para ela.

A Sirkku se escondeu no balcão de tal forma que o mostruário de perfume foi parar todo no chão, fazendo a maior bagunça. Ela olhou a sua volta com tanto medo que a cópia de Krystle, do seriado *Dynasty*, que estava observando tudo de longe, veio ver o que estava acontecendo. Ela era a gerente do departamento.

— Eu preciso da ajuda da Srta. Halonen em uma investigação. Eu a trago de volta em uma hora.

Sirkku foi pegar sua jaqueta e bater o cartão. Eles iriam descontar de seu pagamento o tempo em que estivesse fora ? Que bobagem minha pensar assim. Eu a levei até o carro, e quando ela viu Timo, ficou tão pálida que pareceu que iria passar mal. Eu pedi que Koivu sentasse no banco de trás com Timo, e Sirkku sentou-se ao meu lado. Suas mãos, com unhas cor-de-rosa, tremiam descontroladamente. Eu nem tinha que perguntar mais nada, a reação de Sirkku já dizia tudo.

Ela se acalmou quando chegaram a minha sala e ela e Timo puderam ficar de mãos dadas. Koivu trouxe um café para eles e um chá para mim. Ele tomava uma coca. Eu tirei a garrafa que estava na minha gaveta e Koivu se animou de repente. Eu olhei para ele como quem o mandava se comportar. Se bem que um pouco disso no meu chá de repente caíria muito bem.

— Vocês conhecem esta garrafa ou será necessário provar o que ela contém primeiro ?

Timo e Sirkku se entreolharam e Timo disse sem forças :

— Reconheço. – Sua face também empalideceu.

— Bem, por que você a reconhece ? Seria por saber o que ela contém ?

— Bebida contrabandeada – Timo se esforçou para falar.

— E quem teria produzido essa bebida ? Nós achamos essa e mais dezenas de outras garrafas no apartamento do Jukka, mas não achamos nenhum equipamento de destilação nem lá nem na vila em Vuosaari. Se precisar eu posso conseguir uma ordem de revista para o apartamento de vocês.

— Mas não é... – começou Sirkku e se calou quando Timo apertou sua mão.

— O que não é o quê ? Nós achamos as impressões digitais dos dois na garrafa testada – menti.

As impressões de Sirkku provavelmente seriam achadas nas garrafas no sótão de Jukka. Mas meu simples blefe deu certo e Sirkku reagiu com medo.

— É impossível que elas contenham minhas digitais ! Foi o Timo que engarrafou tudo !

— Idiota – suspirou Timo, soltando suas mãos trêmulas das de Sirkku.

Eu cheguei a morder o lábio para não rir. Eles se comportavam igualzinho a um casal de desclassificados de comédia finlandesa. A maquiagem exagerada de Sirkku ficava ainda mais grotesca sob a luz do dia, e a expressão de Timo era idêntica a de um fazendeiro que acabou de ser pego pelo xerife por produzir bebidas ilegais.

— Onde vocês produziam a bebida ?

Eu direcionei minhas palavras à Sirkku, mas Timo achou melhor pegar as rédeas. Ele começou a falar devagar e com clareza, como quem estivesse medindo cada palavra que saía de sua boca.

— Em Muuriala, nós produzimos contrabando há décadas. Meu avô deve ter começado durante a época em que estava proibido consumir bebidas na Finlândia, mas aí nós demos continuidade e virou tradição. Às vezes eu levava algumas garrafas para os ensaios da AECLF e no verão passado o Jukka perguntou se poderia ficar com algumas a mais, se me pagasse. Eu perguntei para o meu pai, que é quem tem feito a bebida nos últimos anos, mas ele foi totalmente contra. Nós nunca vendemos a bebida feita em Muuriala, a gente sempre usou para consumo próprio. Eu fiquei aborrecido, é claro, porque o Jukka achava que nós poderíamos conseguir um lucro de mais de 200 por cento, sendo que os grãos vinham de Muuriala e não nos custavam basicamente nada. Ele queria vender para seus colegas de trabalho. Aí eu pensei que poderia começar meu próprio projeto de destilação na cidade, mas seria muito complicado e deixei para lá. Só que então comecei a namorar a Sirkku e o Jukka tocou no assunto de novo durante uma festa.

— O Jukka estava sempre convencendo alguém a fazer alguma coisa – disse Sirkku com raiva.

Timo retomou sua mão.

— É, e o Jukka ficava tentando convencer a Sirkku também. Em todo caso, a Sirkku prometeu nos ajudar a montar o material de destilação, afinal de contas ela é química, e nós fizemos os nossos primeiros 50 litros de contrabando. Nós demos metade para o Jukka e ficamos com a outra metade. Fica bem bom com caca – disse Timo com um certo orgulho profissional para o Koivu.

— E aí ? – perguntei, irritada por estar sendo colocada mais uma vez fora da conversa entre os caras.

— Ai nós fizemos mais um lote para a festa de primavera do coral, e terminamos o terceiro lote há algumas semanas. Essa última leva rendeu o dobro porque a gente tinha comprado mais equipamento.

— Onde vocês arrumavam as garrafas ? Todas parecem iguais.

— Algumas são de Muuriala, e o Jukka arrumou as outras de algum lugar.

— Quem teve a ideia de usar erva-doce ?

— Foi o Jukka, eu tinha dito a ele que uma das coisas que a gente cultivava em Muuriala era erva-doce, aí o Jukka achou que ela daria um gosto mais refrescante à bebida... tipo anis.

— E você vendeu um pouco da bebida para o Jukka ?

— Foi, mesmo que... – Timo parecia confuso. – Era meio estranho, porque ele ficava pedindo mais e mais. Eu não queria que a bebida se espalhasse muito por aí. Eu não acho que seja um crime produzir bebida para consumo próprio – ele se defendeu. – Na minha cidade, todo mundo produz. Mas o Jukka estava pedindo muitas, e ele não falava para quem andava vendendo.

— Ele pagava adiantado ?

— Pagava, menos desta vez... – Timo se fechou de repente e Sirkku o fitou com medo.

— Continue – eu disse tentando impor autoridade em minha voz.

O Timo não parecia ser do leste finlandês, porque seu jeito arrastado e desajeitado de falar parecia mais o de alguém da região central de Hame.

— O Jukka ligou para a gente na quinta à noite – disse Sirkku irritada. – Ele disse que precisava de toda a bebida que tivéssemos, imediatamente. Ele não tinha como pagar a gente até sábado em Vuosaari, depois que tivesse vendido a bebida. Ele veio na quinta mesmo pegar as garrafas e disse que ia vender tudo naquela noite.

— Mas depois da morte de Jukka as garrafas ainda estavam na casa dele e ele não pagou vocês no sábado – eu disse. – Vocês brigaram por causa do dinheiro ?

Timo e Sirkku olharam um para o outro como se não pudessem decidir quem iria falar primeiro. Aí o Timo começou.

— Bom, brigamos. Naquela noite na sauna, nós ficamos pensando no que fazer. A gente não sabia como fazer para ele pagar a gente... era tipo dois mil, o que para nós é uma boa grana... O Jukka estava superestranho a noite toda. Ele estava evitando a gente, com certeza.

— Depois que todo mundo foi dormir nós tentamos ir falar com ele no quarto dele, mas a porta estava trancada ! – disse Sirkku indignada.

— Aí nós decidimos tentar no dia seguinte – continuou Timo –, mas então a Sirkku levantou no meio da noite para ir ao banheiro e... melhor você mesma falar para ela – disse Timo para Sirkku, que mais uma vez parecia estar com medo.

— É... eu fui no banheiro de cima e o cheiro estava horrível... provavelmente o Jyri tinha acabado de vomitar lá. Eu abri a janela e vi que o Jukka estava lá fora na doca. Eu não tinha tempo de acordar o Timo, decidi que ia descer para falar com ele e exigir o dinheiro. – Sirkku respirou fundo e tomou um gole do café que

já estava frio e que pela cara que ela fez parecia horrível. Ou será que a careta era provocada pelas próprias lembranças ?

— Mas o Jukka não lhe prometeu dinheiro algum – eu disse, apertando-a. – Ele falou que ainda não tinha vendido a bebida ?

— Não, ele só riu da minha cara e disse que não era para eu ser tão ingênua. Aí eu perdi a paciência e parti para cima dele.

— Partiu para cima dele ? – perguntei, surpreendida. – Com o quê ?

— Minha mão, ou com o punho, não me lembro bem. Atingi ele no rosto, e a cara dele inchou, aí eu saí correndo. Eu não quis ficar para ver se o havia machucado. Mas então, de manhã... Ele não pode ter morrido do soco que eu dei nele, pode ? – perguntou ela freneticamente.

— Não se preocupe. Ele foi atingido na cabeça por um machado antes de morrer – eu disse, tentando consolá-la.

— Mas a Sirkku e eu pensamos que talvez o Jukka tenha caído em cima do machado, batido a cabeça e depois caído na água – disse Timo, arrasado.

Eu me lembrei dos relatórios feitos pelo laboratório e pelo patologista. Seria possível ? Eu não acreditava que a Sirkku pudesse atingir alguém a ponto de fazê-lo cair. Mas quem sou eu para julgar ? Eu mesma era muito mais forte do que parecia. E isso, é claro, explicaria a falta de digitais no machado. O Mahkonen tinha dito que uma das marcas tinha sido provocada antes do acidente. Isso pelo menos confirmava a hipótese de que o soco da Sirkku não levara o Jukka a perder a consciência. Mas será que ele estava bêbado ? Então quer dizer que era bem simples, a Sirkku matara o Jukka por acidente ? Será que deveria prendê-la de uma vez ? Eu estava com muita pena da pobre coitada.

— Venha aqui – eu disse, levantando.

Sirkku me obedeceu submissamente. Eu levantei minha mão como se estivesse fazendo um juramento, e tencionei os músculos do braço.

— Me dê um soco. Me dê um soco igual você deu no Jukka, o mais forte possível.

A Sirkku deu um soco na minha mão. O golpe não tinha força nenhuma. Meu braço nem mexeu. Mas a Sirkku poderia estar fingindo.

— Sente-se. Eu não acredito que você possa ter atingido o Jukka com força suficiente para fazê-lo desmaiar. Mas temos que verificar se esse tipo de morte é possível. Você viu o machado na doca ?

— Vi... Ele estava lá com a lâmina fincada na madeira.

Claro que a Sirkku poderia estar mentindo, ela podia ter usado o machado e ter tido a presença de espírito de esconder a arma e limpar suas impressões digitais. Mas isso limparia as outras impressões também. Não, o assassino do Jukka estava usando luvas.

— O Jukka te falou o que ele estava fazendo lá fora ?

— Ele não teve tempo porque eu já cheguei dando a maior bronca.

Eu tirei o resto do conteúdo do pacote que havia chegado do laboratório e coloquei tudo sobre minha mesa.

— Você tem certeza de que você me falou tudo que sabia sobre o contrabando ? O Jukka disse a vocês que estava vendendo para amigos ?

O rosto dos dois chegou a brilhar quando eles confirmaram a minha pergunta.

— Quando a bebida foi testada pelo laboratório, os químicos descobriram que o mesmo produto, feito com erva-doce, tem aparecido por aí.

Tirei a outra garrafa do pacote. A garrafa em si era idêntica à que fora achada no apartamento do Jukka, mas tinha uma rolha e um rótulo russo indicando ser uma vodca de anis siberiana com 94 por cento de álcool.

— Vocês têm alguma ideia de onde vêm estes rótulos ?

Os dois estavam estupefatos. Mas Timo se recompôs com uma rapidez surpreendente e perguntou :

— Alguém está vendendo isso por aí ? Quem ?

— Um comerciante estoniano. E ele jurou que tinha comprado tudo da Rússia. Ele tinha várias garrafas.

— E por quanto ele vendia ?

— 70 por meio litro.

— Puta que pariu ! O Jukka estava me pagando 20 por meio litro. Então quer dizer que ele estava faturando alto sem eu saber. Ele simplesmente disse que tinha tanta vodca russa no mercado que acabara barateando geral.

Eu estava começando a acreditar que Timo e Sirkku não tinham ideia do destino da sua bebida. Fiz mais algumas perguntas e depois pedi ao Koivu que os levassem de volta ao trabalho. E depois deixei bem claro que não era para eles saírem da cidade sem me avisar.

— Nós vamos ser processados por isso ? – perguntou Timo nervosamente ao sair. – É que eu não quero meu pai e Muuriala envolvidos nisso.

Eu pensei sobre o que podia ter sido feito com o equipamento. Se a Sirkku e o Timo tivessem o mínimo senso, eles teriam acabado com tudo assim que souberam da morte de Jukka. Nós teríamos que interrogar o fornecedor mais uma vez para verificar sua conexão com o Jukka. Só então poderia ser decidido o que deveria ser feito com o casal.

— Talvez vocês acabem pagando uma multa e só – eu disse tentando encorajá-los. – Pode até ser que a gente nem se mexa com isso, mas não posso prometer nada.

Meu telefone tocou enquanto Koivu estava de saída com os dois apaixonados. Eu pensei que fosse Tapsa para falar das fitas, mas a voz do outro lado da linha era de Tuulia.

— Oi, Maria, será que você poderia me passar o endereço da Janna ? Estou querendo dar uma volta pela Europa no outono e pensei em passar na Alemanha para vê-la.

— Tenho sim, deixe eu achar.

Desenterrei minha agenda de telefones da montanha de papéis que estava se formando sobre a minha mesa. Eu tinha certeza de que havia algo para perguntar a Tuulia, mas não estava conseguindo me lembrar do que era. E passei o endereço da Janna para ela.

— E aí, tudo bem ? A reunião do funeral deve ter sido horrível – eu disse, tentando ser simpática.

— Ainda bem que já acabou. Até o funeral, não tinha caído a ficha que o Jukka estava morto. – Tuulia engoliu em seco. – Alguma novidade com a investigação ?

— Está caminhando, mas devagar. — Por mais que eu quisesse deixar a Tuulia tranquila, preferi não entrar em detalhes.

— Vamos tomar outra cervejinha em breve, ok? — com um tom esperançoso, desligando o telefone antes que eu pudesse concordar.

Em breve. Em breve quando o caso estivesse resolvido. Em breve, quando os suspeitos tivessem permissão para voltar a viver uma vida normal.

Tapsa não atendeu ao meu telefonema. Eu escutei a fita da secretária eletrônica do Jukka mais uma vez. “É a Tiina. Agora o nosso plano está arruinado. Você é muito pão-duro, cara, não dá para confiar em você. Passe aqui em casa no domingo.” “Aqui é o M. Domingo à noite. Amanhã estou de folga. Me ligue agora.”

Finalmente eu me lembrei de que a palavra que eu estava interpretando como “pão-duro” queria dizer “perverso” em estoniano. É... parecia que a misteriosa Tiina era uma das garotas estonianas do Jukka.

A prisão das pessoas envolvidas na rede de drogas e da prostituta estoniana aconteceram uns dias antes da morte de Jukka. Quanto será que essas três coisas tinham em comum? A Sirkku estava acordada naquela madrugada, então com certeza ela teria ouvido se alguém houvesse aparecido de barco ou de carro em Vuosaari. E até aquele momento não haviam sido achados vestígios de alguém na doca que não estivesse hospedado na casa. Isso podia até ser um desperdício da nossa caríssima análise de fibras, mas a possibilidade de um assassino que tivesse vindo de fora teria que ser reconsiderada.

Ou talvez... Eu já tinha descoberto vários fatos surpreendentes sobre meus suspeitos que estavam ali ocultos sob a superfície. Se o Jukka estava envolvido com tráfico de drogas e agindo como cafetão, então por que um de seus amigos não poderia estar também?

Tapsa Helminen bateu na minha porta no meio do meu pensamento, em suas mãos ele trazia um envelope que chegou fresquinho do laboratório contendo a fita da secretária eletrônica de Jukka.

Nós escutamos as mensagens sucessivamente, primeiramente a mensagem que era para o Jukka: “Aqui é o M. Domingo à noite. Amanhã estou de folga. Me ligue agora.” A voz na fita do Tapsa era a mesma, com certeza: “Aqui é o M. Vou ter mais um carro cheio de mercadoria na quinta. Só dizer o lugar.” A entonação no início da mensagem era igualzinha, mas o telefone e a gravação mudaram a voz um pouco.

— Você acha que M é de Matador? — perguntou Tapsa animado.

— Não necessariamente, mas isso nos diz algo de importante. No mínimo eu vou querer o carro de Jukka inspecionado mais uma vez. Da última vez eles deram só uma olhadinha. Agora eu quero o trabalho completo.

Contei para o Tapsa que o Koivu havia interrogado a prostituta estoniana e o Jukka poderia ser a conexão entre esses dois mundos.

— Tente descobrir dos seus traficantes qual que é a ligação do Jukka com tudo isso. Esta é a foto dele. E eu quero saber quem é M. Aperte-os, se for preciso. Descobrir a identidade dele vai ajudar muito, tanto a mim quanto a você.

Eu me dei conta que estava dando ordens ao Tapsa, mesmo não tendo autoridade para fazer isso. Por um momento ele também pareceu um pouco

confuso. Eu tinha visto a esposa do Tapsa uma vez e duvido que ela fosse do tipo de ficar pedindo para o marido fazer qualquer coisa a não ser tirar a roupa da máquina de secar que ficava no sótão do prédio. Mas o Tapsa me conhecia há muito tempo, e ele sabia que não valia a pena transformar aquilo em uma disputa pelo poder.

Combinamos de nos encontrar naquela noite. Fiz os telefonemas necessários para que o carro de Jukka voltasse à inspeção. A desculpa que inventei para o pai do Jukka foi patética ; e dei continuidade à papelada do dia anterior. Para minha surpresa, o final de semana tinha sido mais tranquilo que o normal, só uns dois assaltos de praxe além do estupro e do caso de suicídio. O telefone tocou enquanto eu estava organizando a papelada. Meu estimado chefe Kalevi Kinnunen, duas salas abaixo, requisitava uma audiência.

Deu para perceber que o Kinnunen estava sóbrio há pelos menos um dia. Ainda havia um tremor evidente em suas mãos, e seus olhos pareciam dois morangos maduros. Vasos sanguíneos da cor de uma beterraba se espalhavam pelo seu rosto inchado. O fedor do pós-barba da Boss¹⁹ que ele exalava mascarava o cheiro de álcool que emanava de seu corpo envenenado por anos de bebedeira.

Relatei minhas atividades da semana anterior. Kinnunen não estava interessado no caso de Peltonen, da mesma forma que não se interessava pelas demais ocorrências. E eu digo : nem um pouco interessado. Então pode ter sido a palavra álcool que o animou por um breve instante. Eu fiquei pensando em como seria ficar sabendo que os subordinados faziam um trabalho melhor quando o chefe não se encontrava por perto.

Fui até a loja de conveniência comprar um pão de centeio e uma salada de repolho, que comi sentada no banco do parque enquanto curtia o sol. Depois passei numa carrocinha de sorvete e comprei uma casquinha de chocolate duplo e tomava o sorvete com grande satisfação quando encontrei a Mirja por acaso. Nós nos cumprimentamos com um pouco de constrangimento. A Mirja nunca me perdoaria por saber coisas sobre a sua vida que ela mesma não queria saber. Vê-la me fez lembrar do que queria perguntar a Tuulia.

— Ah, que bom que encontrei você – eu disse com uma certa falsidade. – Você se lembra do Jukka ter recebido alguma ligação lá na vila ? Ou de ele ter feito algum telefonema ?

— Telefonemas ? – Mirja levantou as sobrancelhas. – Tudo que eu me lembro foi dos pais do Jukka ligando quando a gente estava na sauna. O Jukka escutou o aparelho que os pais tinham instalado do lado de fora da sauna e foi até a casa para atender.

— Quem mais estava com você na sauna ? Teve alguém que poderia ter escutado a conversa do Jukka ?

Fiquei um pouco surpresa de os meninos e as meninas terem usado a sauna juntos, mas acho que no fundo uma sauna cheia de gente seria um lugar extremamente casto. Eu pensava que na verdade os homens ficavam ridículos com seus membros flácidos de um lado para outro como se fossem cogumelos no meio do musgo²⁰. Na minha opinião, sauna mista nunca proporcionou a mínima tentação. Agora, duas pessoas sozinhas na sauna já era uma outra

história...

— O Antti estava com o Jukka quando ele voltou. O Timo e a Sirkku só chegaram depois que todo mundo já estava lá.

— Então o Timo, a Sirkku e o Antti poderiam ter escutado o telefonema do Jukka ?

Percebi que o sorvete estava pingando na minha blusa e me apressei em acabá-lo.

— Eu não tenho certeza quanto ao Timo e a Sirkku porque eles saíram para remar. Eu acho que o Antti estava na casa quando o telefone tocou.

Eu fiz um bilhete mental escrito “ligar para o Antti” e fui embora. Meu sorvete estava derretendo, então coloquei o que restava dele todo na boca de uma vez. Eu estava ótima, calças manchadas de graxa e blusa suja de sorvete. De volta a minha sala, disquei o número do Antti na universidade enquanto pensava se devia desenterrar minha saia de uniforme do armário. Nesse momento chegou o Koivu animado como um cachorro louco sedento. Dava para ver no seu rosto que ele tinha feito outra descoberta importante. Eu desliguei o telefone, o Antti podia esperar.

— Bem ?

— Sim – disse Koivu sorrindo. – A estoniana conhecia o Peltonen. O nome dela é Tiina Valbe, nenhum parentesco com a Jelena, a esquiadora *cross-country* – explicou Koivu ao ver minha cara de confusa. – Inclusive ela até já trabalhou para ele, para Peltonen, algumas vezes. Teve uma noite no Clube Kaivohuone que ele a envolveu em uma brincadeira com uns convidados franceses dele, e depois disso ele chamou Valbe para a sauna da firma dele algumas vezes para ajudar com... é... o banho. De vez em quando o Peltonen arrumava uns trabalhos inusitados para ela, aparentemente para clientes da firma dele, mas ela não tinha certeza.

— Quando isso aconteceu ?

— Tudo começou no verão do ano passado. O último serviço dela foi em maio.

— Mas o Jukka não era o “empresário” dela ?

— Não, era mais como um intermediário. Ele arrumava coisas para ela fazer, mas não cobrava nada.

— Que forma mais estranha de fazer caridade – comentei.

Não fazia muito o estilo do Jukka. Mas por outro lado, no começo ele só estava ajudando o Jyri como amigo, e também ajudara a Sirkku e o Timo a fazer um dinheiro com o contrabando. E o Jukka pagara pelo aborto da Mirja sem reclamar. Será que Jukka era mais ou menos um “bom menino” ?

— Essa tal de Tiina achava que uma de suas colegas, de nome Tiina, trabalhava para o Jukka regularmente. Não tinha uma Tiina na caixa postal dele ? Tiina alegou que a Tiina também tinha algo a ver com o tráfico de drogas.

— Então onde que a gente acha essa Tiina ? Você tem um endereço ?

— Não, mas parece que nas segundas à noite ela fica lá no Little Parliament. Ela me passou uma descrição.

— Você pode fazer hora extra outra vez ? Tente encontrar essa Tiina.

— Quer dizer que ela é a assassina ?

— Eu duvido. Mas ela pode ter a chave para esse caso. Me ligue em casa assim que encontrá-la, e se for preciso pode prendê-la. Eu virei até a delegacia para falar com ela. De qualquer forma, me ligue assim que o bar fechar. Eu acho que a gente pode começar a usar as horas extras que o chefe tem prometido nesse caso.

Depois que o Koivu se foi, tentei ligar para o Antti na universidade outra vez, mas caiu na secretária eletrônica do departamento de Matemática. Eu liguei para sua linha pessoal, ninguém atendeu, e para a biblioteca, um cara sonolento atendeu e disse que achava que o Antti não tinha estado lá o dia todo. Apesar de o que eu ter que falar para ele não ser muito importante, o fato de eu não conseguir encontrá-lo era muito irritante. Talvez os pesquisadores da universidade pudessem ir para a praia em dias lindos como aquele. Talvez o Antti tivesse ido para a cabana de seus pais com o Einstein. Sem me avisar, é claro.

Tapsa voltou para a delegacia mais rápido do que eu esperava, seu nariz longo palpitando de exaltação.

— Acabei de emitir uma ordem de prisão para Mauri Mattinen, conhecido como M em alguns círculos. Ele não tem estado em casa faz algum tempo, e está de férias do trabalho.

— Então você descobriu quem ele é ? Qual o nome ? Mattinen ! Muito bom. Esse mesmo nome aparece nas contas de consultoria do Jukka. Ele tem antecedentes ?

Eu já estava digitando enquanto falava.

— Mattinen Mauri. Nascido em 1949. Pegou seis meses por posse de maconha.

Liguei para o laboratório e pedi que eles procurassem especificamente pelas impressões de Mattinen no carro de Jukka.

Depois liguei para Marja Maki, que depois de pensar um pouco disse que tinha a impressão de que a firma de Mattinen estava pesquisando uma subempregada de transporte na Estônia.

— Então que dizer que meu marido está livre de qualquer suspeita ? – perguntou Maki.

— Sim, o álibi dele foi confirmado por várias pessoas diferentes.

— Então onde é que ele estava ?

— Ele mesmo pode contar isso a você – eu disse tentando terminar com a conversa, mas Marja Maki não desistiu com facilidade.

— Ele estava com algum garoto, certo ? – Sua voz estava tomada por uma raiva incontrolável. – Qual era a idade dele desta vez ?

Eu estava chocada. Por que os Maki me envolviam nos problemas deles ? De repente entendi.

— Olhe aqui, Dra. Maki ! Você nunca suspeitou que seu marido tivesse matado o Jukka Peltonen, certo ? Você só queria usar a polícia para descobrir por onde andava seu marido. Da próxima vez contrate um detetive particular !

E bati o telefone na cara dela. Ótimo. Vai ver que o Jukka tenha sido usado como uma peça de xadrez para Marja dar o troco no marido. Eu não teria que assistir a *The Bold and the Beautiful*²¹ por um bom tempo – a vida real já era dramática o suficiente.

Peguei a minha papelada e levei até a sala do Tapsa, e imediatamente nós começamos a tentar alinhar os fatos. Um outro policial da Narcóticos veio trabalhar com a gente. Um senhor de uns 60 anos, Makkonen era seu nome. A pressa dele era que tinha sido o motivo para as prisões antes da hora. O Koivu também ajudava, ele tinha tido tempo de ir para casa para se vestir de acordo com a noite que o esperava. Em sua camisa azul-clara e calça branca, com certeza poderia atrair a atenção de mulheres que não fossem as boas garotas de cabelos castanhos de quem ele já estava cheio.

— Devemos informar o Kinnunen ? – perguntou Makkonen cheio de escrúpulos.

— Ele foi para Haaga com Virrankoski algumas horas atrás – eu disse rapidamente.

Eu não poderia negar que estava com ciúmes do meu caso. Esse era o primeiro assassinato sob minha responsabilidade, e eu não queria um chefe alcoólatra estragando tudo.

Depois de alguns copos de café e meio maço de cigarros no corredor para Makkonen, nós conseguimos juntar as peças. Tapsa tinha acabado de ligar para o laboratório confirmando que eles haviam conseguido identificar as impressões digitais de Mattinen na porta do motorista e perto da tranca do maleiro do carro de Jukka. Koivu estava começando a ler o sumário de nossas conclusões quando o telefone tocou.

— É para você, Maria. Uma Sra. Sarkela.

— Quem fala é Marjatta Sarkela, como vai ? – disse a voz de meia-idade em um sutil tom alarmista. – Você é a policial que está investigando o assassinato de Jukka Peltonen, certo ?

— Sim, e você deve ser a mãe de Antti Sarkela.

— Sim, não sei se estou reagindo precipitadamente, mas meu filho desapareceu.

— Ele não está em sua casa em Inkoo ?

— Não, ele disse que viria para cá ?

A mãe de Antti informou que eles haviam pegado o Einstein no apartamento do Antti no sábado à noite para levá-lo para Inkoo. Ela tinha tentado ligar para o Antti no domingo para contar que o gato tinha levado para a cama deles um peixe, acordando-os às seis da manhã. O amigo que morava com o Antti dissera que ele tinha saído no sábado e que ainda não tinha voltado. Já era segunda, e ninguém tinha notícias dele.

— Não tem como eu não me preocupar, dado o que aconteceu com o coitadinho do Jukka... e o Antti e o Jukka eram tão amigos. E se quem matou o Jukka fez algum mal ao Antti ?

Apesar da minha própria preocupação, tentei acalmar a Sra. Sarkela. Eu me lembrei das palavras que Antti tinha dito no sábado : “Se eu... se eu soubesse o que era ou não importante”. E depois : “Quem quer que tenha matado o Jukka pode ser imprevisível. Tome cuidado você também”. Será que o Antti tinha sido descuidado ou ele estaria fugindo ?

19 Referente ao perfume Hugo Boss e provavelmente um trocadilho, pois *boss* em inglês significa chefe. (N.T.)

20 É muito comum as pessoas nórdicas tomarem sauna nuas em vez de usarem roupa de banho. (N.T.)

21 Telenovela norte-americana. (N.T.)

— O que foi ? — perguntou Tapsa com curiosidade quando desliguei o telefone.

— Puxa vida. Parece que um dos meus principais suspeitos está desaparecido.

Lembrei que às segundas jogavam *kyykka* no campinho Kaisaniemi. Talvez o Antti estivesse lá também, ou quem sabe alguém poderia me dizer onde encontrá-lo. Era melhor eu fazer uma visitinha.

Não tinha nenhum carro disponível, então pulei na minha bicicleta, rezando para que ela não me deixasse na mão. Em 15 minutos eu estava lá. A noite estava superquente ; eu gostaria de estar usando shorts em vez de meu jeans sujo de graxa. No caminho percebi que meu pescoço estava completamente duro e que minha cabeça ia a mil por hora, com tanta informação.

O fornecedor de Tapsa tinha finalmente concordado em entregar os pontos e contar a identidade de M : Mauri Mattinen, com uma acusação por posse de maconha e multas pela importação de hormônio de crescimento humano através da fronteira da Rússia. No momento ele era o acionista principal da Consultora Mattinen. E estava desaparecido, assim como o Antti.

Mattinen entregava a mercadoria para o fornecedor e exigia pagamento em dinheiro. E segundo o informante, Mattinen também tinha um lote grande de cocaína, que vendia aos poucos para poder manter o preço o mais alto possível. Para sorte dele, não havia muita cocaína no mercado interno. Era coisa de primeira e parecia ter vindo do Oriente Médio, trazido até a Finlândia “em um barco de Tallin”, dissera ele.

Depois de escutar essa informação, eu liguei para Heikki Peltonen. Quantos telefonemas eu já havia feito naquele dia ? Não, o Jukka não usara o *Maisetta* para ir a Tallin. Fiquei desapontada quanto minha teoriazinha perfeita se desfez. Mas então Peltonen se lembrou de que o Jukka havia ido para lá no começo do verão, com o Jarmo e o Peter Wahlroos, enquanto testavam o *Marlboro of Finland*. O Jarmo e o Peter queriam sentir o barco, como sempre fazem as tripulações antes de toda grande competição. Peltonen não sabia quem mais teria ido, mas sugeriu que talvez a Piia e o Antti.

O *Marlboro of Finland* com certeza teria sido um bom esconderijo para a cocaína. E devia ser bem conhecido do outro lado da fronteira também, porque o nome do barco tinha dado o que falar durante toda a primavera. E com certeza a alfândega tinha feito uma inspeção superficial. Jukka e suas possíveis testemunhas se arriscaram muito, mas por um tempo o risco valera a pena.

De acordo com o fornecedor, Mattinen levava a cocaína para ele no mesmo Opel Vectra que aparecia nas fotos que a equipe de investigadores de Makkonen tinha tirado antes de prender os fornecedores e os “aviões”. O departamento de

Veículos não conseguira identificar as placas que apareciam nas fotos, o que significa que provavelmente eram falsas. O carro de Jukka era exatamente da mesma cor, marca e modelo.

Fiquei me perguntando por que Mattinen escolhera usar o carro de Jukka. Talvez o dele fosse fácil de ser reconhecido, pelo menos fora essa a teoria do Makkonen. De qualquer modo, havia um mandado de prisão para Mattinen e o laboratório criminal iria fazer uma avaliação minuciosa no carro de Jukka. Fiquei irritada por tê-los deixado fazer um trabalho anterior tão medíocre.

Encontrei o pessoal do coral no gramado, ao lado das quadras de tênis. Estavam ali umas 20 pessoas, inclusive o Hopponen e todos os meus suspeitos, menos o Antti.

Kyykka não era um jogo muito ágil, e os jogadores, com suas garrafas de cerveja, não pareciam muito esportivos. Aquilo parecia ser uma versão finlandesa de *pétanque*²². Depois de passar um tempo assistindo, percebi que um time tentava usar um pedaço de madeira para derrubar o pedaço de madeira do outro time para fora da área. Aí veio a vez de Tuulia. Seus cabelos, que eram cortados na altura dos ombros, mexiam com o vento. Ela mandou três oponentes para fora da área com precisão, e foi ovacionada. Havia uma elegância fascinante em seus movimentos ao mesmo tempo masculinos e femininos. Eu desviei os meus olhos dela. Enquanto Jyri torcia para Tuulia, ele notou minha presença.

— Oi, Maria – disse ele sem graça. – Você veio assistir ao jogo ?

— Você viu o Antti ? – perguntei.

Jyri ficou alarmado.

— É, estou tentando ligar para ele, mas não está nem em casa nem no trabalho. Pensei que ele fosse estar aqui.

Jyri pensou que eu estava perguntado do Antti por sua causa. Mas onde tinha se metido o Antti ? Eu fiz sinal para a Piia – que nos observava com curiosidade – para que viesse falar comigo no canto da quadra.

— Você estava no *Marlboro* em Tallin na primavera passada, certo ?

— Estava, no começo de maio, acho que foi no feriado do Dia das Mães. Estava muito frio. Por quê ?

— Quem mais foi ?

— O Peter e eu. O pai do Peter e a namorada dele. Niklas Berman, que também está na competição. A Sirkku quis ir também e é claro que ela levou o Timo. E o Antti e a Tuulia.

— Dez pessoas ?

— Foi... Naquela noite nós fomos assistir a um concerto da Orquestra Filarmônica da Estônia que o Jukka estava doido para ouvir.

— Você se lembra de como foi a inspeção do barco quando voltaram para cá ?

— Alfândega ? Nós não precisamos parar na alfândega porque geralmente eles não inspecionam barcos de corrida.

Parece que usar o *Marlboro* para o contrabando de drogas não teria sido uma má ideia. Eu pedi aos membros do coral que falassem para o Antti me ligar assim que aparecesse. Ninguém achou estranho ele não estar lá e ninguém

parecia nervoso ou com algum sentimento de culpa.

Antti tinha encontrado seus pais após sair da minha casa no sábado à noite. Depois disso, ninguém mais o vira. No sábado, em seguida do funeral, Mirja e Piia se achavam em casa, eu mesma podia confirmar isso. Sirkku e Timo estavam indo, ou já estavam em Muuriala e o Jyri e a Tuulia estavam juntos em um bar. Será que algum deles teria visto o Antti ?

Eu peguei minha bicicleta e voltei para a delegacia, eram quase oito da noite. Tapsa tinha ido com Koivu até o Little Parliament . Na minha mesa havia um recado lacônico ; “Fomos caçar Tiina. Mattinen foi para Londres na segunda retrasada. Droga. Interpol nele. Koivu & Helminen.”

Mattinen saíra do país depois da morte de Jukka. E se ele fosse realmente o assassino ? Se ele estivesse em Londres na segunda retrasada, achá-lo agora seria quase impossível. Mesmo com a ajuda da Interpol. Que chato. Um minuto atrás eu estava elétrica por ter descoberto todas aquelas conexões, mas agora parecia que isso não iria dar em nada.

O cara que dividia o apartamento com o Antti atendeu o telefone. Ele não tinha visto o Antti no sábado. Ele estava em seu quarto dormindo porque teria um turno no hospital. Sonolento, tinha ouvido Antti dar o gato para seus pais e sair um pouco depois. Depois disso nenhum de seus amigos que moravam com ele o haviam visto.

— Ninguém veio apanhá-lo ?

O amigo não tinha certeza de nada, a não ser de que a campainha não tinha tocado.

— Geralmente ela me acorda, que nem o telefone, e ele também não tocou – explicou ele.

— O Antti ligou para alguém ?

Ele não sabia. Nada tinha sumido das coisas de Antti, exceto seus tênis e sua jaqueta, mas o amigo disse que não conhecia muito bem as coisas dele.

Eu liguei para a cabana dos Sarkela. Os pais de Antti estavam muito preocupados e queriam colocar um anúncio sobre o desaparecimento no jornal e no rádio. Eles acreditavam que a mesma pessoa que matara Jukka tinha atacado Antti.

— Mas o Antti não está morto – disse Marjatta Sarkela antes de desligar. – Os animais sabem dessas coisas. O Einstein não é nenhum gênio, mas ele teria sentido se algo tivesse acontecido com o Antti. E ele está supernormal, está sentado aos meus pés rosnando esperançosamente, pois é hora do jantar dele.

Eu esperava que o gato estivesse certo, mesmo que isso pudesse indicar que seu dono era um assassino que estava fugindo da polícia. Coitado do Einstein, suas opções não eram muito boas.

Eram quase nove. Os meninos iriam voltar do Little Parliament por volta da meia-noite. Talvez a melhor coisa a fazer fosse ir para casa dormir. Nós tínhamos combinado que eles me ligariam quando chegassem.

Fui para casa de bicicleta, sentindo a cabeça queimar. Mudei de roupa e fui dar uma corrida. Para variar, o primeiro quilômetro foi difícil, mas depois entrei no ritmo. O ar fresco limpou meus pulmões e meus ombros rígidos relaxaram. Suor descia pelo meu rosto e meus passos foram ficando cada vez mais leves. Fui

até a ponte do museu ao ar livre da Ilha Seurasaari, uns bons três quilômetros, antes de me forçar a voltar. Eu tinha que dormir mais cedo ou mais tarde.

Quando acordei, o sol já estava alto no céu, eram oito e meia da manhã. Eu tinha dormido quase dez horas. Os meninos não tinham ligado, o que teria acontecido ?

Então me dei conta de que meu telefone estava mudo. Eu o havia desligado da tomada na manhã anterior, para o caso de minha mãe me ligar às seis horas da manhã só para me dizer que tinha esquecido a escova de dentes na beirada da pia. Xinguei todos os palavrões, pus o café para coar e liguei para a delegacia.

— Nem sinal do Koivu ou do Helminen — disse a recepcionista friamente.

O policial de plantão da minha unidade, por outro lado, tinha uma mensagem para mim do Koivu. “Nós achamos a Tiina e escutamos todo tipo de histórias interessantes. Não houve motivo para prendê-la. E você continua na caça do Sarkela ? Chego às oito.”

Engoli meu café e o resto do quiche de presunto e cebola às pressas. Minha calça jeans favorita ainda estava suja de graxa. Então usei minha outra calça que estava desbotada e tinha um remendo entre as pernas. Não quis arriscar sujá-las também, então peguei os bondes três e sete até o trabalho. Eu tinha dormido demais, estava atrasada, com fome e curiosa.

Para completar o drama, Koivu se encontrava com Kinnunen em Jakomaki, resolvendo um caso de roubo, e o Tapsa providenciava um mandado de busca que eu esperava ser para o apartamento do Mattinen. E ainda por cima, em meio a tudo que estava fazendo, recebi uma ligação para ir até a Enseada da Cólera, no porto, para verificar uma vítima de afogamento. Só consegui voltar a Pasila à tarde. Koivu tinha retornado e já saído para seu próximo compromisso, mas Tapsa se encontrava lá. Nós combinamos de almoçarmos juntos em meia hora.

O laboratório foi rápido mais uma vez. Além das digitais de Mattinen, eles também encontraram traços de cocaína no kit de primeiros socorros. Parecia que pequenas quantidades foram guardadas ali entre as gazeas. A maioria das impressões digitais estava na placa do carro que, julgando pelas marcas, tinha sido alterada inúmeras vezes.

Eu percebi que estava começando a passar mal de fome e de tensão. O gosto de cebola me veio à boca enquanto eu descia as escadas correndo até a lanchonete. Ainda não havia nem sinal do Tapsa. Enquanto esperava por ele, me forcei a engolir um pouco de salada e legumes. Então avistei o Helminen na fila do almoço, ele tinha feito a barba e usava uma camisa fresca. Ele depositou sua bandeja cheia de comida na minha frente : cinco batatas com hambúrguer e molho, dois copos de leite e três pedaços de pão. Aparentemente nosso encontro iria durar um bom tempo.

— Acabei de chegar do apartamento do Mattinen. Você estava procurando por isso ? — Tapsa tirou do bolso um pequeno saco plástico contendo umas chaves. Eu pude reconhecer as letras através do plástico : Opel Vectra. Eu podia apostar um bom dinheiro que eram as chaves do carro do Julka que haviam sumido.

— A caminho do laboratório, nós encontramos o carro do próprio Mattinen no estacionamento. É um Volkswagen meio detonado que não comportaria nem as novas placas que achamos no apartamento, as mesmas placas das fotos do

Makkonen.

— Então o Mattinen estava usando o carro do Jukka para transportar mercadoria e nos confundir.

Eu tinha falado para Tapsa, quando ligara para ele, da minha teoria sobre o *Marlboro of Finland* ter sido usado para contrabandear a cocaína e ele achara minha hipótese bem plausível. Nós tínhamos de traçar os passos do Mattinen. Ele poderia ter estado em Tallin na mesma época que o *Marlboro* e entregado a cocaína para o Jukka no barco.

— E como foi ontem à noite ? Eu suponho que vocês não tenham efetuado nenhuma prisão.

— Nós conseguimos o que precisávamos sem precisar disso. Eu cheguei com seu garoto Koivu, e como um antigo colega meu de escola trabalha como porteiro do Little Parliament, eu achei que ele pudesse me informar quem era a tal de Tiina. Eu não tenho ido muito a bares ultimamente.

Tapsa tinha uma esposa e duas crianças pequenas, se não me engano uma delas de seis meses. Deveria haver dias em que o Tapsa nem chegasse a ver seus filhos, pois ele saía antes que acordassem e voltava depois que eles dormiam. Às vezes eu pensava em como deveria ser casar com um policial, as esposas deviam se sentir praticamente mães solteiras.

— Lá pelas 10 o Masa, o porteiro, veio me avisar que a Tiina tinha acabado de chegar. E com certeza ela estava à procura de companhia.

— Como que você sabe disso ? – Eu só estava curiosa. Da próxima vez que chegasse em bar sozinha, eu faria o contrário.

— Bem, ela estava sozinha, super bem-vestida, olhando em volta e sorrindo. Você sabe como é. Koivu foi bater um papo com ela. Depois de alguns minutos, eles combinaram de ir para um hotel, mas o Koivu disse que precisava de algo para levantar o astral. Ele é um cara bacana – disse Tapsa com toda a condescendência, por ser 10 anos mais velho que Koivu.

— E a Tiina sabia onde arrumar ?

— Ela disse que o mercado não andava muito bem, e que tudo que ela tinha era um pouco de maconha, aí o Koivu a trouxe para nossa mesa. Ela ficou meio surpresa ao ver dois homens. Eu mostrei a foto do Mattinen e perguntei se ela não conseguiria algo mais forte com ele. A essa altura ela desconfiou do que se tratava. Nós chegamos ao acordo de que se ela colaborasse, não iríamos arrastá-la para a delegacia por posse de droga.

Admirei a facilidade que Tapsa tinha para negociar. As investigações da Narcóticos eram constantemente baseadas em saber negociar com os peixes pequenos para poder chegar aos tubarões. Talvez eu estivesse errada em minha opinião sobre ele, até mesmo Tapsa não se estressava mais por conta de algumas gramas de fumo.

— Primeiro ela xingou Koivu por um tempo, mas depois começou a colaborar. Koivu não é de se jogar fora, talvez ele tivesse sido um bom cliente... – De repente o rosto de Tapsa ficou completamente sem expressão.

Talvez ele tenha se lembrado do tratamento que dei no cotovelo dele. Eu nunca tive com Tapsa a mesma intimidade que tinha com Koivu, quando o caso eram piadas. Ele provavelmente me via como algum tipo medonho de feminista

briguenta.

— Como eu ia dizendo, ela reconheceu Mattinen e Peltonen, inclusive foi ela quem apresentou os dois. Parece que no outono passado o Mattinen estava à procura de alguém que pudesse trazer cocaína da Estônia para a Finlândia e o Peltonen concordou. Durante o inverno, Peltonen trouxe pequenas quantidades durante suas viagens a negócio, que passaram pela alfândega. Seria interessante descobrir como – disse Tapsa de forma ameaçadora. – Pelo que a Tiina entendeu, o Mattinen vendeu um pouco e o Jukka ficou com o restante. A Tiina suspeitava que o Jukka trapaceava de vez em quando, porque houve uma vez que ele tinha um bagulho para vender do qual Mattinen não fazia a menor ideia. Em maio o Jukka trouxe um lote maior. O Mattinen tinha estado em Tallin na mesma época, então provavelmente foi ele quem esquematizou tudo.

Tapsa achava que eles provavelmente guardavam a mercadoria no apartamento do Jukka.

— Seria bom levar os cachorros até lá. E você provavelmente vai se interessar em saber que o Peltonen já levou umas mercadorias para a casa da Tiina usando o próprio carro. A Tiina foi jogar as chaves da casa dela pela janela e viu que tinha alguém no carro com ele. Ela ficou irada com o Jukka por ter sido tão irresponsável, mas o Peltonen disse para ela que a pessoa já sabia do esquema e que também tinha participado da viagem para Tallin.

— A Tiina soube dizer como era essa pessoa ? Se era um homem ou uma mulher ?

— Alto e magro. Eu acho que ela estava se referindo a um homem o tempo todo, um amigo. Ela disse que tinha visto um homem.

— Algumas mulheres podem se passar por homens às vezes, pelo menos a distância. Ela viu qual era a cor do cabelo ?

— Não. Outra coisa que deve interessar a você também é que o Peltonen tinha prometido um serviço para a Tiina na sexta à noite. O cliente veio, e ela fez o serviço, mas nunca recebeu o dinheiro de Peltonen.

— E foi por isso que ela ligou para o Jukka ?

— Parece que sim. Vai que ela ficou tão puta que foi lá e deu uma machadada na cabeça do Peltonen ?

— Duvido. Eu ainda tenho quase certeza de que o assassino estava na casa. Não é nem a Tiina nem o Mattinen. Certamente é alguém do coral. E um dos meus suspeitos está desaparecido. Nosso culpado ou é ele ou algum de seus amigos. – Eu suspirei, exausta.

E mesmo que fosse frustrante o fato do Mattinen estar foragido, eu ainda tinha esperanças de que ele pudesse ser o assassino do Jukka.

Eu subi para a minha sala com um copão de café e comecei a verificar todos os documentos e as informações que reunira durante a investigação.

E o Jukka vendia álcool, drogas e mulheres. Ele tinha feito uma bebida finlandesa de fundo de quintal se passar por vodka russa, enganando tanto seus clientes como o Timo e a Sirkkä. Provavelmente conseguira os rótulos durante alguma viagem à Rússia. Hoje em dia pode-se comprar qualquer coisa. O Jukka devia tê-los visto em alguma barraca em um mercado popular, se lembrado da bebida feita em Muuriala e conectado uma coisa com a outra. Depois teria

vendido a ideia para seus amigos como uma forma inocente de fazer uma grana à parte, enquanto seus planos eram muito mais sofisticados.

O Jukka estava intermediando prostitutas e lucrando com isso, com certeza ele não fazia por caridade. A Tiina provavelmente precisava de dinheiro para comprar drogas e as outras garotas para outras coisas. O Jukka queria controlar suas mulheres, sua vida sexual e emocional tinha sempre sido confusa, ele queria ser dono de suas mulheres. Talvez, por ser casada, a Piia tenha sido um desafio para ele. Se a Piia tivesse concordado em manter um relacionamento sério, ele teria perdido o interesse. Será que a mesma coisa tinha acontecido com a Tuulia ? A amizade colorida deles tinha se transformado em algo mais para a Tuulia ? Será que ela tinha se apaixonado e se transformado em um estorvo para Jukka ?

O Jukka estava intermediando drogas. Aqueles jogos de pirata da sua infância tinham se tornado bizarramente reais. O exame de corpo de delito não identificara traços de droga em seu organismo, então no máximo ele fumava uma maconha de vez em quando. Era bem improvável que o Jukka estivesse sendo honesto com seus sócios. Ele com certeza estava tirando vantagem e enganando o Mattinen.

No seu último dia de vida o Jukka estava precisando urgentemente de dinheiro. E ele estava com medo. As notícias sobre a rede de drogas e a prisão da prostituta estoniana o deixaram assustado. O Jukka estava tentando arrumar dinheiro. Com certeza planejava fugir do país. Bem, ainda não estava completamente em pânico, pois senão teria simplesmente fugido. Mas ele ficara e tentara juntar o máximo de dinheiro possível antes de partir.

Talvez eu nunca viesse a descobrir todos os esquemas do Jukka, ou por que ele fez o que fez. O que ele queria com tudo aquilo ? Aventura, poder ? Vendo de fora, Jukka era a imagem de um rapaz bem-sucedido, boa-pinta e rico. Tinha um diploma e um emprego interessante ; e cultivava “bons” *hobbies* : música e velejar. Mas isso não foi o suficiente para ele, que ainda arrastou mais alguém para seu mundo perturbado.

O Jyri e a Mirja não tinham ido na viagem para Tallin. Mas o Timo poderia ser considerado magro, e não tinha como confundir a Sirku com um homem, nem mesmo no escuro. Até onde eu podia confiar no testemunho da prostituta Tiina ? A companhia de Jukka pode ter sido Peter Wahlroos, aí sim, a Piia teria tido um motivo óbvio para matar o Jukka. Ele poderia estar chantageando o casal por causa das drogas. Havia também a Tuulia, que poderia passar por um homem no escuro, e o Antti, o mais alto e mais magro de todos eles.

Eu lia e relia os documentos. E a verdade começou a se delinear, as peças foram se encaixando. As coisas começaram a se enquadrar, mas eu não sabia que forma tomavam. Eu tinha julgado muito mal um de meus suspeitos.

Às quatro da tarde eu tive certeza. Fiz algumas ligações e verifiquei meus documentos mais uma vez para conferir os fatos. Às seis eu dei a partida. O Antti não tinha dado notícias ainda, e o pensamento de tudo que poderia ter acontecido com ele pesava sobre mim. Se o Antti estivesse morto a culpa era minha, por eu não ter descoberto a verdade a tempo.

Estacionei o carro a alguns quarteirões da casa do meu alvo. Eu não havia ligado para saber se estava em casa, mas vinha preparada para esperar a noite inteira caso fosse necessário. Subi as escadas até o segundo andar de um prédio antigo e toquei a campainha. Os passos que vieram atender a porta eram firmes. Se a mulher ficou surpresa ao me ver, não demonstrou.

— Oi, Maria ! Eu estava esperando que você retornasse a visita. Acabei de pôr uma água no fogão que já deve estar fervendo. Você também quer um chá ? Entre, entre. — Talvez houvesse um pouco de energia demais em sua voz.

— Eu aceito sim, obrigada.

Fui até a cozinha, que parecia apertada por conter uma mesa redonda um pouco grande demais para o espaço. A tonalidade das cortinas combinava com as cadeiras e a toalha da mesa, e o violeta-escuro do chá criava um contraste interessante. Sentei à mesa e pus minha bolsa no peitoril da janela.

— O Antti já deu notícias ? — perguntou Tuulia ao servir uns pedaços de bolo.

— Eu poderia perguntar a mesma coisa a você. Me conte de uma vez se sabe onde ele está e economize meu tempo e minha energia.

— Eu não tenho a menor ideia. Você acha que o Antti é o assassino ?

— Não, mas eu acredito que ele sabe quem foi.

A Tuulia serviu meu chá. Suas mãos não estavam trêmulas e nem um pingo do líquido de jasmim respingou no pires. Lá estávamos nós, como duas senhoras com duas xícaras de chá entre nós. Lá fora o sol da noite brilhava, e se ouviam ávidos gritos infantis vindo de algum lugar.

— Eu vim pegar as chaves do Jukka, você poderia me entregá-las ?

Tuulia não protestou, ela só sumiu por um instante para o outro quarto e voltou com as chaves do Vectra.

— Os Peltonen querem vender o carro ? Se for isso eu acho que eles precisam das chaves.

— Eu não sei se o carro vai poder ser vendido agora. Talvez o seguro pague pelo estrago feito no interior do veículo. Eu revistei o carro inteiro. Por que você tinha as chaves ?

— Eu tinha as cópias de todas as chaves do Jukka. Ele tinha medo de perder alguma delas e achava uma boa ideia que um de seus amigos tivesse uma de reserva.

— Suas digitais estão em todo o carro. Eu suponho que você o usava sempre ?

— Às vezes, quando precisava.

— Então quer dizer que o Mauri Mattinen era um amigo de confiança do Jukka também ? Dado que ele tinha a terceira cópia ?

Eu percebi que a mão que segurava a xícara tremeu ligeiramente.

— Mauri de quê ?

Eu olhei para as mãos de Tuulia. Ela estava usando uma blusa de mangas compridas, que pareciam um pouco alargadas nos punhos. Dava para perceber que ela tinha o hábito de puxá-las para cobrir as mãos quando sentia frio. O anel na sua mão direita facilmente teria custado o equivalente a um mês de meu salário como policial. Eu havia pensado que fosse alguma imitação de alta qualidade, mas pelo visto era verdadeiro.

— Você não conhece o Mattinen ? A última vez que você o viu foi no Dia da Mães, quando ele passou um lote de cocaína para você e o Jukka. Eu acredito que você tenha dirigido o carro do Jukka até o estacionamento do Mattinen algumas vezes, quando não dava para ele ir. Isso deve ser o que queria dizer a frase “Tuulia segunda-feira cancelado !”, no bloquinho de anotações do Jukka. Você não podia ir de carro até o Mattinen porque ele desconfiava que estava sendo observado.

— Quem lhe disse isso ? Foi o M, quer dizer Mattinen ? – Tuulia percebeu seu ato falho tarde demais.

— Isso não interessa. Apesar de você ter escondido tudo tão bem, havia várias pessoas diferentes que sabiam de partes do esquema. Jukka tinha que se meter em tudo, eu sei onde ele conheceu Mattinen, talvez em alguma boate onde ele intermediava garotas de programa. Mattinen tinha bons contatos com os fornecedores na Estônia e canais de distribuição aqui na Finlândia, mas ele precisava de alguém limpo para poder passar a mercadoria pela alfândega. O Jukka provavelmente trouxe alguns lotes de maconha durante o inverno. E provavelmente achou tudo muito fácil e resolveu encarar trabalhos maiores. Foi nessa mesma época que o Mattinen descobriu que tinha um lote maiorzinho de cocaína disponível. O Jarmo e o Peter estavam planejando a viagem teste do *Marlboro* e o Jukka os convenceu de ir junto, usando o concerto do coral como pretexto. Tudo ocorreu como planejado. Você e o Jukka provavelmente deram um sumiço pela cidade por alguns minutos, e aí encontraram o Mattinen e receberam a mercadoria.

Tuulia sorriu para mim como se sorri para uma criança que diz ter visto monstros na floresta.

— Talvez o Jukka estivesse envolvido em tudo isso. Eu só sabia que às vezes ele vendia vodca no mercado negro e que arrumava garotas de programa para seus clientes. Ele pode até ter trazido drogas do *Marlboro*, mas por que ele me envolveria nisso tudo ?

— Você era a aliada de confiança do Jukka. Eu acredito que tudo começou há alguns anos, quando o ele se envolveu com prostitutas. Você tinha uma falta de dinheiro crônica, e acabou concordando quando ele sugeriu que você fosse para a cama por dinheiro. A maioria das garotas era de fora, mas ele também tinha estudantes finlandesas, como você. Mas você se cansou quase que imediatamente. Você sabe melhor que eu como as coisas funcionam.

Provavelmente essa não fosse uma forma muito edificante de se sustentar. Mas você ainda precisava de dinheiro. Você mesma me disse lá no Elite o estilo de vida que você quer para você. Sem grandes objetivos, livre e fora dos padrões convencionais. E cheguei até a invejar você. Você falou para o Jukka das suas dificuldades financeiras mais uma vez e ele lhe ofereceu um outro emprego. Você levava maconha para o Mattinen e pelo visto às vezes você mesma vendia. Aí o Jukka precisava de uma assistente com o serviço do barco, já não é mais seguro andar por Tallin à noite sozinho. Vocês dois provavelmente tinham algum plano B, caso a alfândega se interessasse por vocês. E daí o Jukka deve ter ficado um pouco guloso. O Mattinen estava ficando com toda a cobertura do bolo, então o Jukka não entregava para ele tudo que trazia, só pequenas quantidades por comissões gordas. Ele não ia nem se encontrar com o Mattinen, e você ficava levando e trazendo o que era mandado e o Mattinen concordava porque não tinha outra opção.

— Então o Mattinen matou o Jukka porque ele tinha ficado muito ganancioso ?

— Não, o Mattinen não matou o Jukka, o Mattinen ligou para o Jukka no domingo à noite e deixou um recado. Ele estava dando o fora do país. Você matou o Jukka e por nada. O Mattinen não foi pego, ou seja, ninguém poderia ter dedurado você ou Jukka.

Tuulia parecia cansada, e imaginei por quanto tempo ela iria conseguir resistir. Tudo que eu tinha contra ela eram evidências circunstanciais. Se eu quisesse incriminá-la por assassinato, ela teria que confessar. E será que eu queria mesmo que ela confessasse ? Eu tentava pôr meus sentimentos pessoais de lado o tempo todo. Eu era uma policial investigando um assassinato. Nada mais importava.

Tomei um gole do meu chá e continuei com meu monólogo, que parecia não estar fazendo efeito algum. A Tuulia ostentava no rosto um sorriso torto, como se estivesse assistindo a um entediante programa de TV enquanto esperava para ver o que mais o comediante patético teria a dizer.

— O Jukka ficou sabendo das prisões efetuadas na quinta, presumivelmente por intermédio do Mattinen, quando seu distribuidor não apareceu – prossegui. – Ele ficou preocupado e começou a se organizar para sair do país. As notícias de sábado sobre a captura da rede de drogas foram um pouco exageradas, e o Jukka provavelmente entrou em pânico. Ele não era um bom perdedor. Vocês combinaram de se encontrar naquela noite, pois precisavam conversar. Se o Mattinen tivesse sido preso, vocês dois estariam perdidos. Durante a conversa, vocês começaram a discutir, e você golpeou o Jukka com o machado. Talvez o Mattinen nem soubesse como você se chama. Talvez você tenha achado que com o Jukka morto, não haveria mais ninguém que pudesse denunciar você.

— Eu dormi a noite inteira. E todo mundo pode confirmar isso porque eu estava roncando superalto, como sempre ronco quando fico bêbada. E por que o famoso machado não tinha minhas impressões digitais, se eu o usei para acertar o Jukka ?

— Foi justamente seu ronco que entregou você. De acordo com o Jyri, você estava dormindo confortavelmente de costas enquanto roncava. E a Mirja disse que ela virou você de bruços para você parar, mas você continuou roncando. Só

que as pessoas costumam roncar em apenas uma posição, certo ? Sua encenação não foi muito bem pensada. E quanto às digitais, é claro que suas mãos estavam frias quando você estava com o Jukka lá fora no meio da madrugada. Você simplesmente pegou o machado com as mangas, que cobriam suas mãos, e você o carregou dessa mesma forma e o largou embaixo da sauna. É claro que você pensou que eu nunca suspeitaria – eu disse sem conseguir esconder a indignação em minha voz. – Quando nós fomos ao Elite, você só estava interessada em saber o que eu já tinha descoberto. Todas as suas histórias divertidas e tudo que você disse sobre amizade e de como éramos parecidas não passou de jogo. E eu caí direitinho !

— Não era um jogo. – Tuulia fitava a janela – Eu realmente pensei que você me entendia.

— Você também achou que eu aprovaria o fato de você se sustentar traficando cocaína ?

— Eu não sabia que era cocaína ! – gritou com raiva, batendo a xícara violeta no pires.

Tuulia se levantou e se serviu de mais chá, e depois começou a falar lentamente, prestando atenção em cada palavra que saía de sua boca.

— Então é isso... talvez seja melhor para mim lhe contar toda a história para que você possa me entender um pouco. Por acaso você gostaria de mais chá ?

Eu fiz que sim com a cabeça, e ela me serviu mais um pouco. Em seguida ela colocou o bule sobre o balcão da cozinha e retornou à mesa. Seus movimentos eram pesados, como os de um animal ferido, e o tom de sua voz estava mais baixo que o normal. Tuulia fitava o jardim lá fora. Uma lavandisca branca pousou no peitoril da janela como se estivesse olhando para dentro na esperança de conseguir algumas migalhas de pão e depois partiu. Finalmente Tuulia começou a falar.

— Você estava mais que certa sobre nossas transações. Tudo aconteceu por acidente. – Tuulia se irritava com as próprias lembranças. – Uns dois verões atrás eu estava com o Jukka no Clube Kaivohuone assistindo a uma banda de rock. Eu tinha me produzido um pouco mais que de costume : muita maquiagem, cabelos presos, salto alto e uma minissaia. Lá pelas tantas da noite, um cara de meia-idade com um olhar meio perdido veio até mim e perguntou meu preço. Eu não entendi o que ele queria. Mas depois a ficha caiu e eu falei, de brincadeira, que era mil, e que ele tinha que pagar adiantado. Ele praticamente jogou o dinheiro em cima de mim. Eu mal tive tempo de dizer “te vejo depois” para o Jukka e já estava em um táxi a caminho do quarto do coroa no Hotel Meri. É claro que contei para o Jukka, e algumas semanas depois um cara do trabalho dele precisava de companhia, e o Jukka acertou de eu sair com ele, por dinheiro. Nós tentamos fazer disso um pequeno negócio, tipo uma brincadeira e só por pouco tempo. Foi engraçado. Naquela época as garotas no mercado não eram que nem hoje, e os caras pagavam muito bem. O Jukka atraiu outras garotas para o esquema, porque a fama dele ficou sendo de ser alguém que conseguia arrumar garotas bacanas e limpas como companheiras casuais. Eu continuei por uns seis meses, mas depois começou a encher o saco. No final das contas não era fácil, na verdade era difícil pra caramba. A forma como eu me relacionava com meu

próprio corpo começou a mudar e ficar estranha. Eu disse para o Jukka que não queria mais. Ele ficou de boa, porque tinha garotas o suficiente e não precisava de mim. Por mais ou menos um ano, esteve tudo bem, mas aí todo o meu dinheiro acabou de novo. Eu peguei uma soma emprestada com o Jukka por um tempo. Ele me contou que estava mexendo com várias outras coisas e fazendo ainda mais dinheiro que antes. Tinha conhecido o Mattinen por intermédio de uma garota chamada Tiina, eles estavam contrabandeando maconha. Então eu fui e vendi um pouco em algumas boates algumas vezes, mas era um negócio muito arriscado. Depois do May Day [23](#), o Jukka ligou para dizer que tinha o lote grande chegando pelo mar Báltico. Então nós tivemos a ideia da viagem no *Marlboro*. Nosso único erro foi dizer que a gente estava indo para lá para poder assistir ao Concerto Filarmônico do Coral da Estônia, porque o Antti, o Timo e a Sirkku também quiseram ir. Foi superdifícil dar um drible neles, principalmente no Antti. Eu só sabia o que o Jukka me contava, juro que pensava que era maconha ! Ele me ligou na quinta à noite e disse que a gente precisava ter cuidado. Um dos distribuidores dele tinha sido pego. E a gente sabe como é : vocês da polícia estão sempre dispostos a fazer um acordo com os peixes pequenos para chegarem até os tubarões. E no final cada um só quer salvar a própria pele. Então ele só queria descarregar tudo no Mattinen por um preço bem baixo, só para se livrar do bagulho. Ele estava em pânico na quinta. Na sexta, já tinha se acalmado um pouco, o Mattinen havia comprado tudo dele e ele estava com grana e tudo bem. Aí no sábado, quando a gente estava indo para a vila, apareceu uma reportagem no rádio dizendo que mais gente envolvida no tráfico tinha sido pega. Eu simplesmente ri, isso não tinha nada a ver com a gente. Nós não estávamos mexendo com cocaína. E eu só troquei algumas palavras com o Jukka sobre o assunto. Ele ficou tenso e começou a me evitar. A um certo ponto, consegui perguntar a ele se essa história de rede era de gente que conhecíamos, então ele admitiu tudo. Disse que se o Mattinen estivesse com a polícia nós também estaríamos fritos. – Tuulia tomou o resto de seu chá. Seus olhos queimavam de angústia e raiva, e eu pensei mais uma vez qual seria seu verdadeiro sentimento pelo Jukka. – Eu finalmente o fiz prometer que a gente conversaria naquela noite, depois que todos estivessem dormindo. Fiquei deitada acordada até as quatro, pensando em quanto o Jukka tinha me traído. Você não entende, eu sei, para você maconha e cocaína é tudo a mesma coisa. Mas todo mundo já fumou um em Roskilde ou Amsterdã. Eu pessoalmente acho que uma boa erva é bem melhor. Cocaína já é outro território. Eu não queria me envolver com nada disso, e confiava no Jukka. Eu o conhecia minha vida toda, e ele nunca tinha me traído antes.

Depois de uma pausa, ela continuou.

— Eu esperei e esperei, tinha gente andando pela casa toda. O Jukka foi para a doca e eu estava levantando quando vi a Sirkku indo atrás dele. Primeiro pensei que ele tinha combinado com ela também, ou seja, que ele estava fazendo o possível para me evitar. Quando a Sirkku voltou, eu já estava mais que furiosa. Quase não consegui me segurar para não gritar quando vi o Jukka sentado no pier balançando as pernas sobre a água e admirando o nascer do sol, como se tudo estivesse no lugar. Eu perguntei a ele por que não tinha me contado a verdade.

Ele riu da minha cara, e respondeu : “Você realmente acha que daria para fazer todo esse dinheiro vendendo maconha ?”. Como que eu ia saber ? O que eu sabia sobre o mercado de drogas ? ! Ele também estava me enganando, como enganava todo mundo. No final das contas, eu não era diferente dos outros. Tentei chutá-lo e aí, quando ele me pegou pelo pé e tentou me jogar na água, eu agarrei o machado e meti na cabeça dele, eu não estava pensando. Eu ouvi alguma coisa e ele caiu no mar. Tinha só um pouco de sangue saindo da cabeça dele.

O olhar de Tuulia alcançava além da paisagem através da janela. Eu sabia que ela estava revivendo tudo outra vez, assim como tinha feito tantas outras vezes.

— E aí ?

Tuulia acordou do transe.

— Eu lavei o machado, que estava coberto de sangue. O Jukka estava na água de barriga para baixo. “Pare de idiotice”, eu disse para ele. Ele mexeu um pouco, talvez tivessem sido as ondas que o balançaram, e eu saí correndo. Eu acho que no meio do caminho joguei o machado atrás da sauna. Eu não me lembro. Eu estava com vontade de vomitar. Fui ao banheiro atrás da sauna, me sentindo péssima. Daí eu lavei meu rosto na sauna e notei o machado, então o chutei e fui para a vila dormir. Eu tinha certeza de que o Jukka só estava de brincadeira. De manhã, fiquei esperando que ele descesse as escadas com um sorrisinho na cara, e até fui bater na porta dele. Eu tinha certeza de que ele estava lá dentro dormindo e que tudo não tinha passado de um pesadelo. Mais aí o Jyri apareceu e eu vi imediatamente, pela expressão dele, que o Jukka não estava de brincadeira coisa nenhuma.

— Você devia ter confessado desde o começo, assim só seria processada por homicídio casual.

— Você não teria acreditado em mim, como continua não acreditando.

— E importa o que eu acredito ou deixo de acreditar ? Durante todo esse tempo você tem me apresentado informações diversas. Você sabia direitinho como me enganar, e eu me permiti ser enganada. Vai ver que meus pais me criaram muito bem, eu realmente só conseguia enxergar a Tuulia que eu queria ver. Você veio até mim para saber quanto eu já sabia, e eu pensando que você queria ser minha amiga. Eu não tinha me divertido tanto há muito tempo.

Senti as lágrimas subindo pela garganta, mas não podia ceder até que tudo aquilo acabasse. Foi fácil para mim acreditar na história da Tuulia. Talvez ela se sentisse da mesma forma que eu, eu também fui enganada e usada.

— Eu não quis enganar você – disse Tuulia docilmente enquanto brincava com a xícara. – Eu gosto de você e sei que você também gosta de mim. – Tuulia me olhava suplicante. – Você veio me prender, mas por que veio sozinha ? Talvez lá no fundo você esperasse que eu me livrasse. Me dê um dia, eu posso fazer como o Jukka tinha planejado e fugir do país. Eu fiquei com todo o dinheiro dele. Enquanto a gente esperava pela polícia, consegui ir no quarto dele e pegar a grana e a agenda de telefone. Me dê uma chance.

Havia medo e súplica em seus olhos. Eu não quis olhar para ela. O plano que ela me propunha era possível de ser executado. Será que eu realmente queria prendê-la ?

— O que você fez com o Antti ?

— Antti ? Eu não fiz nada com o Antti, eu não sei onde ele está. Você pensa mesmo que eu poderia ter feito alguma coisa com ele ? – Sua voz beirava a histeria. – Você não vai me deixar fugir.

— Não, você está presa. Pegue suas coisas. Nós vamos até Pasila para que você possa fazer uma confissão oficial.

Eu me levantei da mesa, não tinha por que prolongar toda aquela agonia. A Tuulia foi mais rápida que eu. Ela pegou uma faca em cima do balcão, a mesma que usara para cortar o bolo. Ela me pegou por trás e colocou a faca no meu pescoço. Eu senti o domínio de suas mãos frias, o calculismo do aço contra a minha artéria carótida, a batida rápida de nossos corações. O tempo parou, Tuulia cheirava a limão.

— Você veio sozinha e desarmada – disse ela ofegante. – Se não me deixar ir por bem eu vou ter que fazer com que você me permita ir de qualquer jeito. Vá devagar até o quarto. – Tuulia me forçou pelo corredor.

— Não seja tola, você não tem nenhuma chance de fugir, será que você realmente acha que nós não temos guardas nos aeroportos e nos portos ?

— Fique quieta, tem sempre como sair deste país. Eu vou amarrar você agora, e depois você vai levar um golpe leve na cabeça, bem menor que o do Jukka. Quando der por si, eu já terei ido embora.

Tentei acalmar minha respiração. Eu não conseguiria nada às pressas. Tuulia passou a faca vagarosamente pelas minhas costas.

— Abra o armário na sua frente. Ótimo. Na prateleira de baixo tem umas cordas de pular, se ajoelhe e pegue... Assim. Entregue para mim. Obrigada. Agora ande até a cama, deite de bruços. A faca estará entre seus ombros o tempo todo, se fizer qualquer movimento você morre. Eu li em algum lugar que a segunda vez é muito mais fácil. – O histerismo já tinha tomado conta de sua voz, eu conhecia aquele som, o som de um animal preso em uma armadilha. Ela seria capaz de qualquer coisa.

Eu me debrucei sobre a cama. Pelo canto dos olhos pude ver que a mão que segurava a faca tremia descontroladamente. Em vez de me deitar eu chutei a coxa de Tuulia.

Várias coisas aconteceram ao mesmo tempo. A faca voou e caiu no chão e a Tuulia caiu sobre a janela semiaberta. Koivu e Kinnunen entraram no quarto às pressas.

Era óbvio que eu não iria prender uma assassina sozinha, eu tinha assistência dupla. E é claro que Kinnunen, o chefe da nossa seção, quisera fazer parte do esquema. O Koivu estava nas escadas o tempo todo, e Kinnunen havia pegado a chave de reserva com o porteiro do prédio, que eles usaram para abrir a porta enquanto eu conversava com a Tuulia. Eu quisera falar com ela a sós porque tinha certeza de que assim ela se sentiria mais à vontade para se abrir. Claro que convencer o Kinnunen disso não fora fácil.

Kinnunen apontou a arma para a perna de Tuulia, eu não sabia que ele estava armado. Parecia que Tuulia não tinha noção de que a arma estava ali, apontada para ela, pois tentava recuperar a faca. Eu vi Kinnunen puxar o gatilho, tudo pareceu durar minutos. A bala atingiu o ombro de Tuulia em vez da perna e ela

se jogou da janela, caindo no jardim. Foi só uma queda de cinco metros, Tuulia poderia ter escapado sem se machucar ainda mais, mas em vez de cair no chão ela foi parar em cima de um carro que estava de partida e que acabou atropelando-a.

Alguém gritou, eu desci correndo até Tuulia, que estava em uma posição estranha, toda retorcida, e havia sangue saindo de sua boca. Alguém continuava a gritar e a derramar lágrimas sobre o corpo de Tuulia. Eu não tinha atinado que esse alguém era eu, até o Koivu me sacudir.

— Maria ! Não vai adiantar fazer respiração boca a boca, a ambulância está a caminho.

Koivu limpou o sangue que saía da boca de Tuulia enquanto Kinnunen tentava acalmar o motorista. Vizinhos curiosos se juntavam a nossa volta. Podia-se ouvir o som da ambulância que se aproximava. Tudo acontecia em câmera lenta, e o filme ficava escuro e depois claro outra vez. Kinnunen veio até mim. Eu senti o cheio de pólvora e de um suor alcoolizado, e uma raiva incontrolável tomou conta de mim.

— Por que diabos você atirou, seu bêbado de merda ? Nada ia acontecer ! Ela não conseguia nem pegar a faca !

Eu dei um soco na cara dele, surpreso, Kinnunen caiu em cima de Tuulia. Koivu se pôs entre nós, me esbofeteando como se faz com mulheres histéricas em filmes. A dor me ajudou a esquecer tudo por um momento.

Eu me levantei devagar, a ambulância chegou e levou Tuulia. Nós prometemos que iríamos acompanhá-los para poder fornecer as informações necessárias assim que conseguíssemos acalmar a vizinhança. Eu subi para pegar minha bolsa, que continha o gravador com a confissão de Tuulia. Koivu havia ouvido tudo e Kinnunen um pouco. O caso estava resolvido.

Eu me movia como se estivesse em um sonho. Levamos Kinnunen até a delegacia para se apresentar ao capitão e deixamos a fita para ser transcrita. Ninguém falava. A responsabilidade pela falta de cálculo era minha, claro. Eu não tinha antecipado que Tuulia fosse apelar para a violência. Kinnunen tinha apontado para a perna dela, ele estava querendo me ajudar. Mulheres nunca se entendem, sabe como é.

Eu tinha certeza de que era isso que diria ao capitão.

Quando chegamos ao hospital, Tuulia já estava na Unidade de Terapia Intensiva. Ela sofrera uma contusão e uma fratura na espinha. Eles não sabiam se ela sobreviveria. Nós prometemos para os enfermeiros que daríamos a notícia aos pais de Tuulia.

— Você está melhor ? – perguntou Koivu preocupado, enquanto passávamos pela ilha Kuusisaari rumo a Tapiola Norte, onde moravam os pais de Tuulia.

— Eu vou ficar bem. Claro que fico me perguntando “e se ?”. E se eu tivesse deixado que ela me amarrasse ? Vocês dois a teriam pego de qualquer forma. E se tivesse esperado mais um pouco ? E se o Kinnunen não tivesse atirado... ? Por que até agora ninguém deu uma mesa para esse cara ? Ele poderia passar o dia todo mexendo com documentos até mesmo com resaca.

— Não dava para saber direito o que estava acontecendo lá dentro – disse Koivu na defensiva. – É aqui que a gente vira ?

— É, é a terceira casa do lado direito – eu disse olhando o mapa. – Eu mesma posso falar com eles.

Ter que explicar aos pais de Tuulia o que tinha acontecido foi tão horrível quanto eu imaginara. Também tive que contar para eles por que eu estava prendendo sua filha, e eles não acreditavam que o que ouvia pudesse ser verdade. Ao sentarem no belo sofá de couro que decorava sua charmosa casinha geminada, eu pude ver a vida lhes faltar. Não havia nada que eu pudesse dizer para confortá-los. Passei-lhes o número do telefone do hospital e saí de lá o mais rápido possível. Minha crise de choro só começou quando Koivu virou o carro da Kalevantie para o Ring I.

— Eu devo levar você para casa ? – Ele me tratava normalmente e isso era bom.

— Não precisa, e tenho que fazer um relatório, falar com o capitão e provavelmente ligar para o pai do Jukka. – Eu enxugava meu rosto com guardanapos de lanchonete que tinha achado no porta-luvas. – Você ainda tem algum trabalho para fazer ?

— Tenho que ajudar você com o relatório – disse ele bravo.

— O que acha de a gente dar uma parada para tomar no mínimo três copos para completar o dia ? Casos resolvidos têm que ser comemorados. Ou será que você já perambulou por bares o suficiente nestas últimas semanas ?

Juntos, nós costuramos o que veio a ser nosso relatório. Eu o levei ao capitão, que pareceu satisfeito com a resolução do caso, mesmo o resultado final se mostrando um embaraço para a polícia. Ele passou por cima do comportamento de Kinnunen, alegando que “essas coisas acontecem”, e eu tive energia para discutir o assunto.

Também liguei para Heikki Peltonen, que igualmente não queria acreditar no que ouvia. Ele gritou comigo dizendo que eu não sabia do que estava falando e só foi se acalmar depois que relatei todas as evidências cinco vezes seguidas. A gritaria de Peltonen elevou minha adrenalina. Eu fiquei ainda mais irritada ao receber uma ligação de um jornalista da *Iltalehiti*. Dava até para imaginar a manchete : “NEGLIGÊNCIA POLICIAL MATA SUSPEITA”. Respondi as suas perguntas sem muitos detalhes. Todas essas conversas deixaram minha boca mais seca que um deserto.

Às nove e meia eu estava sentada com o Koivu no restaurante Old Cellar. Koivu pediu uma cerveja e eu um Jack Daniels. Tomei meu primeiro numa só golada, sem ao menos sentir o gosto, e pedi mais um. O garçom, que já era de mais idade, nem piscou. Ele já tinha presenciado litros de uísque sendo consumidos por seus clientes e com certeza eu não era a mais sedenta deles.

Momentos depois um calor passava por minha traqueia chegando até o estômago, e depois de algum tempo subiu misteriosamente à cabeça. Koivu bebia sua cerveja e reclamava da fome. Nós pedimos dois *steaks* e mais cerveja. Koivu falava sobre o desempenho dos atletas finlandeses nas Olimpíadas que tinham acabado de terminar. Eu fiz algum comentário depreciativo sobre os atletas masculinos, que ele respondeu dizendo alguma coisa sobre as pernas de Ringa Ropo. Eu não via nada de errado com elas. Afinal de contas, ele batera o recorde finlandês de salto a distância, então nós discutimos

por um tempo. Conversamos sobre todo tipo de coisas triviais. Eu acho que dava para o Koivu perceber meu estresse por trás da minha aparente alegria, mas com certeza não tinha a menor intenção de se tornar meu terapeuta do momento.

Depois das duas canecas de cerveja que bebi com a comida, Koivu pareceu ainda mais atraente que o normal. A ideia de dormir entre aqueles braços afáveis e de olhar para aqueles cabelos louros e olhos azuis era tentadora. Mas eu sabia que a longo prazo essa não seria uma boa solução. E além do mais, eu iria precisar de um bom parceiro por mais alguns meses. Não havia sentido em arruinar uma parceria tão boa por uma “ficada” regada a álcool. Não tinha como nós termos algo sério. Eu sorri para ele cansada e disse que iria para casa dormir. Koivu me convenceu a pedir uma saideira de Black Jack. Passamos o resto do tempo considerando seriamente a chance de Carl Lewis de bater o recorde de salto a distância até o final do verão. Depois dividimos um táxi até em casa, e o Koivu tentou insinuar que ele deveria ficar comigo em Toolo, mas eu o mandei para sua casa em Leppavaara. Dizendo, com a autoridade que me cabia, que de manhã aquela teria se provado a melhor solução.

Independentemente do quanto eu estava bêbada, não consegui dormir sem antes ligar para o hospital. Eles tinham operado a coluna de Tuulia e sua chance de sobrevivência era alta. O álcool e a comida se reviravam em meu estômago. Tomei dois Buranas e sabia que na manhã seguinte eu me sentiria bem pior.

23 Feriado nórdico que celebra a primavera. (N.T.)

Finale

A cidade se preparava para uma sexta de outono. O tempo estava como a maioria das pessoas odiava : frio, nublado, chuvoso. Para mim, ele não passava de um convite para passear pela margem do mar Báltico. Eu queria pensar. Tinha acabado de terminar com a papelada referente ao assassinato de Jukka Peltonen, e os procedimentos do tribunal se iniciariam na próxima semana.

O problema era que a acusada não poderia comparecer. Tuulia tinha sobrevivido, mas não poderia ser deslocada para lugar algum durante muito tempo. As fraturas em sua espinha a paralisaram da coluna para baixo. Os médicos achavam que ela poderia se curar, mas para isso ela necessitaria passar por várias operações. Eu não sabia se a Tuulia voltaria a ser a mesma psicologicamente. Ela se recusava a falar. Ninguém conseguia achar nada de errado com ela que a impedisse de se comunicar verbalmente, e ela se comportava normalmente em outros aspectos : comendo, bebendo, lendo os livros que lhe eram dados, e até mesmo escrevendo algumas frases de vez em quando. Mas ela não falava coisa alguma.

Eu tentei visitá-la, e me deram permissão de entrar em seu quarto. Ela tinha assinado a confissão que Koivu havia levado para ela, a transcrição da gravação que eu havia feito de nossa conversa. Entretanto, eu tinha mais algumas perguntas para fazer. O departamento de Narcóticos e Vício tinham interesse no que Tuulia havia feito, mas eu pensei que ela talvez preferisse falar comigo. Eu não sabia que ela não estava falando com ninguém.

É claro que eu queria vê-la. Seu rosto tinha me torturado até então, sua expressão antes de pular da janela, suas risadas no Elite, suas mãos frias contra as minhas... Eu havia pensado e repensado sobre o que realmente sentia por ela, e continuava a pensar.

Fui até o final do corredor onde ficava o quarto com trancas. Legalmente, Tuulia estava encarcerada. Pedi à enfermeira que me deixasse a sós com ela. O quarto era pequeno e simples. No peitoril da janela, uma rosa vermelha estava se abrindo, na sua mesa de cabeceira havia uma coletânea de poemas de Edith Sodergran e uma vela e, em frente à cama, no canto do aposento, havia uma televisão. Seu quarto parecia um cela. Deitada na estreita cama de ferro, Tuulia, apesar de sua altura, estava pequena e fraca. Quando entrei, ela não me olhou, simplesmente continuou a fitar suas mãos sobre o cobertor. Eu pensei com uma certa ironia se suas mãos estavam frias. Eu queria segurá-las e aquecê-las, mas não tive coragem. Falei com ela tentando fazer com que me olhasse.

— Tuulia, sou eu, Maria, preciso lhe perguntar uma coisa.

Seu olhar continuou fixo no cobertor. Eu tentei por cinco minutos, sempre mantendo meu papel de oficial, enquanto que na verdade queria mesmo era ser eu, eu Maria. E então a enfermeira responsável bateu na porta e eu pedi que entrasse.

— Ela não vai falar com você – disse ela.

Ela me via como uma policial como qualquer outra. Não sabia que eu era a mulher que poderia ter sido amiga de Tuulia.

No dia seguinte falei ao telefone com o psiquiatra que cuidava de Tuulia. Ele falou uma série de palavras técnicas e disse que Tuulia só voltaria ao normal quando ela resolvesse que era isso o que queria. Percebi que ele duvidava de que ela quisesse. Para que iria querer voltar ao normal, para poder passar anos dentro de uma prisão ?

A Unidade de Narcóticos andava executando várias prisões importantes, com as quais descobriram que os rumores sobre o controle da máfia do leste não passava disso, rumores, e que a maioria dos envolvidos era mesmo de finlandeses. No final das contas o Jukka tinha sido um ator quase insignificante e a Tuulia não passara de um peão naquele jogo. As pegadas de Mattinen desapareceram em Londres. Pensava-se que ele havia conseguido um passaporte falso e desaparecido sem deixar rastros. Talvez o Jukka tivesse conseguido fazer o mesmo, e a Tuulia nunca teria sido pega se o Jukka conseguisse sair do país. Talvez ela e eu teríamos nos encontrado em algum bar e estaríamos andando pela neblina naquele momento.

Há duas semanas eu encontrara a Mirja ao sair do trabalho. Estávamos indo para a mesma parada de bonde, e apesar de a conversa não ter sido agradável para nenhuma das duas, continuamos o bate-papo até o ponto.

Mirja contou que o coral não estava planejando acusar o Jyri de nada e que eles só estavam interessados na recuperação do dinheiro. Também disse que planejava ir para Londres depois do Natal, para estudar e terminar sua dissertação. Sirkku e Timo tinham ficado noivos no dia 4 de setembro e a Piia tinha ido para San Francisco encontrar-se com o Peter. A vida continuou como era antes. Sobre o Antti, Mirja não disse, e também não perguntei.

Apesar de eu ter, de certa forma, falhado com a prisão de Tuulia, o capitão ainda queria que eu ficasse no lugar de Saarinen. Mas eu disse não, obrigada. Então eu só tinha mais duas semanas de trabalho. Nesses últimos tempos, um atrevido assaltante de taxistas tinha deixado a mim e à unidade inteira ocupados. E no mínimo um estupro andava acontecendo toda semana, e por algum motivo eles sempre acabavam na minha mesa, estando eu de folga ou não. No tempo livre, eu me dedicava ao meu condicionamento físico e estudava para a prova de Justiça Criminal. Minha intenção era me formar até o final do ano e começar minha prática na Corte Judicial no próximo outono. Eu nem ousava pensar além disso.

As chuvas me levaram a procurar as praias no sul da cidade. De vez em quando eu passava por pessoas que estavam escapando do aguaceiro, algumas riam debaixo do mesmo guarda-chuva, mas a maioria estava de mau humor, como se acreditasse que a chuva fosse uma afronta pessoal. Eu me sentia isolada debaixo da minha capa de chuva feita especialmente para ciclistas. Não estava querendo fugir da chuva, porque minha capa e minhas galochas me mantinham seca e aquecida.

A neblina era tão forte na praia do Parque Kaivopuisto que nem mesmo as ilhas a poucos metros de distância podiam ser vistas. O mar era de um cinza denso e parecia suspirar. A neblina dava um novo colorido aos sons, fazendo-os

parecer estranhos. Eu estava passeando por um país estranho e de sons desconhecidos. Estalos e ruídos distantes me remeteram ao som de um carrinho de bebê. Apesar de um carrinho de bebê não soar assim, foi justamente isso que encontrei 50 metros a minha frente. Talvez o murmúrio que vinha da praia fosse o som das ondas batendo contra a areia, ou talvez fosse outra coisa. Talvez não importasse se eu soubesse ou não o que era.

Eu havia desvendado um crime. Sabia quem o havia cometido e sabia o porquê. Também sabia muito sobre a vida de outros. Mas ao mesmo tempo, nada sabia. Eu simplesmente teria que tolerar a minha ignorância sobre o sentido da vida, e isso nunca viria a descobrir. Havia tomado algumas decisões sobre a minha vida, que poderiam se modificar a qualquer momento. Dali a alguns anos, eu poderia querer mudar a minha direção outra vez.

Pedalei até o local onde eu sabia que ficava o pier, e depois andei sobre ele. Em segundos a praia desapareceu e de repente não havia outra realidade a não ser o pier e a neblina, minhas botas molhadas e os cachos pesados de chuva que caíam sobre minha testa. Eu me senti estranhamente calma. Eu me senti sozinha e inteira.

Mais uma vez um novo som surgia na neblina. Momentos depois, esse som tomou forma e se tornaram passos. Grandes botas apoiavam uma figura longa e esguia. Um nariz de águia apareceu por debaixo de um capuz, era o Antti.

Eu não o havia visto desde o dia do funeral do Jukka. Alguns dias após a prisão de Tuulia, recebera um recado que dizia : “Eu estava acampando, me desculpe pelo transtorno. Antti”. E então não havia por que ligar para ele de volta.

Quando fui entregar as coisas de Jukka para seus pais, não entreguei a carta de Antti. Ela ainda estava na minha gaveta, pois eu não sabia o que fazer com ela. Talvez fosse melhor destruí-la e esquecer que a havia lido um dia.

— Oh, oi, Maria – disse Antti formalmente ao me reconhecer por debaixo de minha capa. – Ando querendo falar com você.

— Você tem algo importante para conversar ? – retruquei, mais friamente do que era minha intenção.

Ainda estava chateada com ele pela confusão que havia causado ao desaparecer.

— Eu acho que lhe devo uma explicação – disse ele devagar – Será que a gente deve andar para não sentirmos frio ?

Caminhamos lado a lado sem dizer nada por um tempo. O silêncio era sereno, e o Antti o quebrou quando saímos da praia rumo à cidade.

— Eu estava muito confuso depois da morte do Jukka. Eu sabia o que devia fazer, mas só queria me distanciar de tudo por um tempo e poder pensar sem muitas distrações. Peguei meu equipamento de acampamento, entrei em um ônibus e fui para o meio da floresta em Nuksio, para poder pensar melhor.

— Você sabia o tempo todo ? – Foi mais uma afirmação do que uma pergunta.

Antti pareceu sem jeito.

— Eu praticamente sabia. Talvez mais do que eu pensava. Eu conhecia o Jukka e a Tuulia minha vida inteira. Eu sabia dizer se tinha algo de errado entre eles. E também sabia sobre as transações do Jukka, mas que ele estava tão

envolvido quanto o pai dele me disse. Bobagem minha. – Os ombros de Antti encolheram por debaixo de seu casaco e gotas de chuva caíam sobre suas botas. – Minha primeira reação foi me sentir magoado por ele não ter me contado o que estava acontecendo na vida dele.

Nós andamos pelo Parque Tehtaanpuisto até o final da Albertinkatu. A neblina na cidade já não estava tão forte, dava para ver o que havia a nossa frente. Estava começando a escurecer e havia luzes aconchegantes vindo das janelas dos apartamentos acima das lojas. Em algum lugar uma janela se abriu e uma música preencheu o ambiente. Era Mick Jagger nos convidando a passar a noite com ele.

— Apesar de eu não ter certeza, achava que fosse a Tuulia. Eu não podia contar a você da minha suspeita, mesmo sabendo que era o que eu deveria ter feito. Também não tive coragem de falar nada com ela. Eu não estava receoso por mim, mas com medo de que ela fizesse algo contra ela mesma. E no final das contas, foi isso mesmo que ela fez.

— Você já foi lá vê-la ?

— Eu tentei, mas a enfermeira foi perguntar a ela se queria me receber ; ela ainda não estava falando, mas sacudiu com a cabeça que não. Você sabe qual vai ser a sentença dela ?

— Isso depende de uma série de coisas. Se ela continuar assim, devem mandá-la para Nikkila.

Nós estávamos na esquina da Isso Roobertinkatu, o apartamento do Jukka ficava a um quarteirão.

— Eu acabei de me mudar para o apartamento que era do Jukka – disse Antti, como se respondesse aos meus pensamentos. – Os Peltonen me venderam por um preço supercamarada, pois só queriam se livrar dele. Eu já não aguentava mais dividir o apartamento com outros estudantes, já não estou mais com idade para isso. E o Einstein gosta de ir passear no Parque Koff. – Antti me fitou pensativo e depois disse. – Minhas botas estão encharcadas, é melhor eu entrar. Se você não tiver nada para fazer, venha comigo.

O nome na porta agora era Sarkela, não Peltonen. O apartamento também estava diferente, tomado por pilhas de livros.

— Eu ainda estou montando as prateleiras para os livros. Mas tente ficar à vontade. – Antti ultrapassou os amontoados de livros e foi até seu quarto ; certamente procurava por meias secas.

O maior gato que eu já tinha visto na vida se espreguiçava sob uma poltrona. A poltrona era com certeza seu lugar favorito, estava cheia de pelos. Ele era branco, mas tinha manchas marrons espalhadas pelo corpo. O rabo variava entre listras cinza e terminava com listras negras. A criatura pulou do sofá e veio se esfregar nas minhas pernas enquanto ronronava. Rapidamente ele deixou um rastro de pelos na minha calça preta. Eu abaixei para fazer carinho nele e o ronronar ficou ainda mais intenso.

— Ela trata todo mundo que vem aqui como uma provável fonte de alimento – explicou Antti, que agora estava usando meias de lã cinza que pareciam grandes demais para ele. – Vou preparar algo quente para bebermos.

O gato foi atrás de Antti na cozinha. Eu fiquei olhando seus livros. O Antti

tinha um Henry Parland que eu não havia conseguido achar nos sebos.

— Você me emprestaria este livro ? – perguntei quando ele voltou segurando duas xícaras.

— Claro. Tem um pouco de álcool no chá, espero que você não se importe. – Eu tomei o chá e reconheci o gosto de anis da bebida produzida em Muuriala.

— Chá com álcool custa 12, 13, 14, 15 (dependendo do lugar) – disse eu citando Parland.

— Aqui é bem barato – disse Antti rindo ; ele havia entendido minha piada.

Eu tirei uns livros do sofá, coloquei-os no chão e me sentei. Antti se aconchegou na poltrona, e o Einstein, injuriado por ter perdido o lugar, pulou no sofá e ficou do meu lado. Encontrou uma frestinha entre os livros, onde se acomodou muito bem.

— Você poderia me contar o que realmente aconteceu no apartamento da Tuulia ? – pediu ele seriamente.

Eu tomei um gole caprichado do chá e comecei a falar. Tinha passado várias noites revivendo tudo na minha cabeça, mas ainda não conseguia falar sobre o caso sem me afetar emocionalmente. Primeiro minha voz me faltou e depois comecei a chorar. No final da história estávamos os dois chorando.

— Eu me sinto meio culpado – disse Antti. – Se eu tivesse falado tudo a tempo para você...

— Eu tenho tentado dizer para mim mesma que não adianta nada ficar pensando em se isso ou se aquilo. Mas é mais fácil dizer do que sentir. Você tem mais dessa bebida de erva-doce ?

— Ah, você reconheceu. Tenho, ainda tenho meia garrafa. Provavelmente a última do lote. O Timo reclamou bastante do tanto dessa bebida que foi desperdiçado na delegacia.

Antti foi até a cozinha pegar a garrafa e voltou com um rolo de papel para podermos enxugar nossas lágrimas. Eu tive vontade de tocá-lo e pela primeira vez na vida fiz o que me deu vontade. Nós nos abraçamos fortemente por um bom tempo.

Continuamos a beber e a brincar com o gato. Ficamos até tarde conversando sobre a Tuulia, sobre o Jukka, sobre a dor da perda, e tudo mais que tínhamos vontade. E quando a garrafa acabou, eu fiquei e dormi entre o Antti e o Einstein.

Títulos da Vertigo

SETE DIAS EM RIVER FALLS | Alexis Aubenque

Algumas garotas escondem terríveis segredos

O mundo de Sarah transforma-se num pesadelo quando suas duas melhores amigas do passado, Amy e Lucy, são encontradas no fundo de um lago terrivelmente mutiladas. Sarah parece esconder um terrível segredo. É como se um laço misterioso ainda a ligasse a elas...

MEU PRIMEIRO ASSASSINATO | Leena Lehtolainen

Uma estreia de tirar o fôlego para Maria Kallio...

Em sua primeira investigação criminal, a policial finlandesa Maria Kallio tem um grande desafio : desvendar o misterioso assassinato de um jovem que passava um fim de semana na casa de seus pais em companhia de sete outros membros de um coral. Ele foi encontrado morto, afogado. Todos são suspeitos, mas apenas um é o culpado...

OS SETE CRIMES DE ROMA | Guillaume Prévost

Roma, 1514. Leonardo da Vinci conduz a investigação...

Na Roma do século XVI, são cometidos assassinatos tão violentos quanto estranhos. Encabeçam a investigação um jovem estudante de Medicina, Guido Sinibaldi, e nada menos que o gênio do Renascimento, Leonardo da Vinci. Um romance policial diabólico que, dos mistérios da biblioteca do Vaticano aos segredos das ruínas antigas, nos arrasta num jogo de pistas eletrizante, erudito e macabro.

A FERA INTERIOR | Lotte Hammer e Søren Hammer

Podemos fazer justiça com as próprias mãos ?

Cinco corpos masculinos mutilados – castrados – e um rico empreendedor que denuncia na mídia a falta de firmeza da justiça dinamarquesa para com os pedófilos. O inspetor Simonsen, que tem experiência demais para não desconfiar das coincidências, logo compreende que está diante de um plano de grandes dimensões, cujos pormenores ainda desconhece...

ESTAVA ESCRITO | Gunnar Staalesen

O que realmente sabemos sobre nossas crianças ?

As aventuras do detetive Varg Veum o levam a um mundo obscuro onde adolescentes privilegiados são atraídos para as drogas e a prostituição. E a situação fica ainda pior quando o juiz local é encontrado morto em um hotel de

luxo, usando lingerie feminina, e pais desesperados imploram para que ele encontre uma garota desaparecida.

Copyright © Leena Lehtolainen, 1993
Original edition published by Tammi Publishers
Portuguese edition published by agreement with Tammi Publishers, Elina
Ahlback Literary Agency, Helsinki, Finland, & Vikings of Brazil Agência Literária
e de Tradução Ltda., São Paulo, Brazil.
Copyright da tradução © 2013 Editora Nemo/Vertigo

TÍTULO ORIGINAL
Ensimmäinen murhani

CAPA
Diogo Droschi (sobre imagem de M. Marcotte)

TRADUÇÃO DO INGLÊS
Salma Saad

PREPARAÇÃO
Lizete Mercadante Machado

REVISÃO
Larissa Lino Barbosa

DIAGRAMAÇÃO
Christiane Moraes

Coleção dirigida por Arnaud Vin

Revisado conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
em vigor no Brasil desde janeiro de 2009.

Todos os direitos reservados pela Editora Nemo.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios
mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da
Editora.

VERTIGO
Av. Paulista, 2073, Conjunto Nacional, Horsa I, 23º andar, Conj. 2301, Cerqueira
César . São Paulo . SP .
cep 01311-940 Tel. : (55 11) 3034 4468

Esta obra foi publicada com apoio financeiro da FILI – Finnish Literature
Exchange

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
(CIP) CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL

Lehtolainen, Leena
Meu primeiro assassinato : uma estreia de tirar o fôlego para Maria Kallio /

Leena Lehtotainen ; tradução do inglês Salma Saad . – São Paulo : Vertigo , 2013.

Título original : Ensimmäinen murhani.

ISBN 978-85-8286-007-6

1. Ficção policial e de mistério (Literatura finlandesa) 2. Ficção finlandesa I.
Título.

13-06169 CDD-848.97

Índices para catálogo sistemático :

1. Ficção policial e de mistério :

Literatura finlandesa 848.97